This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437907 8

O MUNDO DO LIVRO
L. da Trindade, 11 - 13
Tel. 2 0951 — LISBOA

# MYSTERIOS DE LISBOA

VOLUME

# MYSTERIOS

DE

# LISBOA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

QUINTA EDIÇÃO

VOLUME I

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR
18—Rua dos Caldeireiros—20
1878

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
26, Rua dos Caldeireiros, 30.

# PREVENÇÕES

Tentar fazer um romance é um desejo innocente. Baptisal-o com um titulo pomposo é um pretexto ridiculo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpil-a no frontispicio de um livro, e ficar orgulhoso de ter um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma patranha de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado.

Se eu me visse assaltado pela tentação de escrever a vida occulta de Lisboa, não era capaz de alinhavar dois capitulos com geito. O que eu conheço de Lisboa são os relevos, que se destacam nos quadros de todas as populações, com fôro de cidades e de villas. Isso não vale a honra do romance. Recursos de imaginação, se os eu tivera, não viria consumil-os aqui em uma tarefa inglória. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossivel escrever os mysterios de uma terra, que não tem nenhuns, e, inventados, ninguem os crê.

Enganei-me. É que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potencia da imaginação de um homem. Cuidei que os horizontes do mundo phantastico se fechavam nos Pyreneus, e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Cooper ou Sue. Nunca me contristei d'esta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço me acreditem, que os romances são uma enfiada de mentiras desde a famosa *Astréa* de Urfé, até ao choramigas *Jocelyn* de Lamartine.

Por consequencia, diz o circumspecto leitor, vou-me preparando para andar á roda em um sarilho de mentiras.

«E eu segui-o, como se fosses tu, como se fosse um meu irmão, que eu quizesse hospedar.

«Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado, como quem procurava alguem. Devia necessariamente encontrar-se com os meus olhos.

«Cortejou-me primeiro, e depois perguntou-me:

«— Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria afastada do centro da cidade?

«— É difficil encontral-a — respondi eu. — As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas que teem negocios, e preferem as mais proximas ao centro do commercio.

«Não me respondeu com a presteza que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquelle homem! Forte encanto!

«— Então — tornou elle — tem a paciencia de indicar-me a primeira hospedaria?

«— A primeira é esta — disse eu, apontando-lhe a minha casa.

«E o meu hospede, n'essa intelligencia, cortejou-me, agradecendo-me, e offerecendo-me o seu quarto para descansar.

«Subimos; e não foi sem me sorrir que o vi a elle bater em uma das portas, com todo o desembaraço. O meu creado parecia esperar as minhas ordens; mas o meu hospede adiantou-se a pedir um quarto, depressa.

«Entramos em uma sala, e aceitei uma cadeira que o meu hospede me offerecia: apontei-lhe o sofá, para que elle se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se, e por fim deitou-se com toda a galhardia de um oriental.

«— Fuma? — disse elle, abrindo uma charuteira.

«— Fumo — e preparava-me para pedir luz ao creado, quando o meu desconhecido acendeu um pavio de cera e tornou á sua posição legitimamente turca.

«— As hospedarias aqui — disse elle — respiram uma elegancia, que não se parece nada com a farrapagem dos hoteis portuguezes. Eis aqui uma sala que parece o *boudoir* de uma viscondessa burgueza.

«Este dito engraçado, que qualquer de nós acompanharia de um sorriso vaidoso, disse-o elle com o charuto

ao canto da bôca, sem o mais leve signal de congratular-se do seu espirito.

«Eu por mim sorri-me, e não achei de prompto uma resposta, que lhe désse de mim a alta idéa, que elle de si me tinha dado.

«— É a primeira vez que vem ao Brazil? — perguntei eu.

«— A primeira.

«— Vem como viajante?

«— Não, senhor. Acho-me aqui.

«Estas palavras pareceram-me um bello final de um acto dos dramas de Victor Hugo. Achei muita philosophia, d'esta intima philosophia da desgraça, n'aquellas quatro palavras. Lembrou-me o *Chatterton* respondendo a quem lhe perguntava a razão por que escrevia, se seus escriptos lhe não davam pão, nem consolações. Lembras-te? penso que era isto: «Escrevo, porque é preciso.»

«— Tenciona demorar-se?— perguntei eu.

«— Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

«Esta resposta fez-me córar. Olhei a physionomia d'elle: era sempre a mesma physionomia: severa e fria, triste e um não sei quê de desprezadora. E continuei a sentir-me captivo d'aquelle homem, cada vez mais mysterioso.

«Levantei-me. Abri uma porta de um quarto mais proximo, e indicando-lh'o, disse com certo acanhamento:

«— Pouco ou muito que seja o tempo que v. s.ª se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, n'este immediato uma livraria, e em toda esta casa uma residencia, que espero considere sua, como se fosse de um seu irmão.

«O cavalheiro apertou-me a mão, e disse-me com estranha frieza:

«— Espero me conceda não aceitar o seu favor. Eu sou um hospede incómmodo. Não converso, não entretenho, e sou importuno como um velho. Retiro-me penhorado das suas attenções...

«E preparava-se para saír. Fez um ligeiro esforço, e quasi o obriguei a sentar-se.

«— Antes de saír — disse-lhe eu — espero que ouça as condições com que lhe offereço hospedagem. Sou um homem só, com dois creados. Sirvo-me d'esta casa para comer e dormir. V. s.ª viverá aqui tambem como homem só com dois creados. Se, passados alguns dias, lhe for aqui penosa a sua residencia, retire-se. Não quero a sua conversação como recompensa da hospedagem. Eu tambem fallo pouco, penso muito, e quasi não posso fallar nem pensar fóra das minhas obrigações de guarda-livros. Aceita?

«— Aceito.

«E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão, e conservou-se na mesma postura familiar em que estivera desde o principio.

«Saí da sala; dei ordens aos creados, e fui para o escriptorio.

«A horas do jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hospede já tinha jantado, se assim póde chamar-se uma chavena de café, duas colhéres de marmelada, e quatro calices de cognac.

«Cumprimentei-o apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passára a manhã na livraria.

«Esperava que elle me dissesse que queria fazer sociedade commigo á mesa. Não m'o disse; e eu tambem não quiz dizer-lh'o. Convidei-o para, passados os dias do descanso, ser apresentado em algumas casas. Respondeu-me que o dispensasse d'esse sacrificio.

«Reconheci todo o melindre d'aquella situação. Respeitei-lhe a dor como um mysterio sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive por isso de córar segunda vez.

«Passados alguns dias, disse-me que queria retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão possue uma linda chacra no *Bota-fogo*. Offereci-lh'a: aceitou-a.

«Visitei-o ahi algumas vezes. Era um envelhecer que fazia dó! Disse-me que soffria muito do peito. Aconselhei-lhe que se retirasse para Portugal. Sorriu-se, e apontou-me para as cruzes do cemiterio, que alvejavam através de um arvoredo.

«Perguntas-me tu: — quem era esse homem?

«Não o sabia.

«No fim de sete mezes, achei-o com todos os symptomas de um ethico, quando as folhas principiam a caír, queimadas pelo sol do estio, lá no nosso bello Portugal.

«Vi-o então sorrir pela primeira vez. Travou-me o braço, e passeiamos no jardim.

«Eis o que então lhe ouvi:

«— Eu tenho sido um ingrato, em não lhe dizer quem sou.

«— Ingrato! nunca... — repliquei eu.

«— Ingrato, sim! O véo do mysterio devia levantal-o a mão da amizade. Mas, em recompensa de uma grande dívida, ha de a mão de um cadaver levantal-o. A febre amarella parece querer juntar-se á minha febre *negra*. Se d'esta collisão resultar em breve a minha morte, venha v. s.ª ao meu quarto, dê-se ao trabalho de ler, em horas de ocio, esses cadernos de papel que por lá estão, e poderá então dizer que o seu hospede, silencioso em vida, conversou muito comsigo do tumulo.

«E despediu-se. Estas poucas palavras principiou-as sorrindo, e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu, quando estava para caír.

«Caíu.

«A febre amarella soprou áquella luz quasi apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o ultimo adeus, porque tambem reclinei a cabeça em um leito, que suppuz ser o da morte.

«A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, á ordem do moribundo.

«O meu legado é esse que te remetto. No derradeiro capitulo verás a razão por que o faço. Adeus. Não te chames infeliz. Ninguem póde reputar-se desgraçado sem provocar da mão de Deus, ou de Satanaz, a desgraça d'este homem. Teu cordial amigo *F...*»

Agora direi eu quasi ao leitor, como o meu amigo me diz: No ultimo capitulo verá a razão por que esta biographia é publicada.

# MYSTERIOS DE LISBOA

## LIVRO PRIMEIRO

### I

Era eu um rapaz de quatorze annos, e não sabia quem era.

Vivia na companhia de um padre, e de uma senhora, que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscipulos.

D'estes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo, perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

Ora este padre parecia um homem muito virtuoso; mas nem por isso seria extraordinario eu ser seu filho.

Não o ouvira eu nunca psalmear na harpa cantares de contrição; mas é rigorosamente logico que não haja David sem harpa?! Muitas vezes senti o atrevido impeto de dizer-lhe:— «Mestre! perguntam-me se sois meu pae; deverei responder que não, para me deixarem?»

Nunca, porém, fiz isto, porque entendi que não me era uma das primeiras necessidades da vida saber de quem era filho.

Propenso para cogitações elevadas, erguendo os olhos ao céo, via eu, muitas vezes, voar um passarinho. E dizia commigo: «perguntem lá áquella creatura de Deus quem é seu pae? Como ella corta por tão alto um espaço que é todo d'ella! Que liberdade, e que independencia! O meu espirito é como aquella andorinha! Eu tenho um mundo tão amplo para voejar com elle! Se eu podér subir, subir, subir até Deus, não

terei encontrado meu pae? Isto da terra parece-me uma cousa tão pequena!...»

Seria isto uma frioleira de criança; mas eu pensava assim, e não gostava que me acordassem n'este meu berço, em que eu proprio me embalava, como se assim quizesse indemnisar-me de carinhos, que nunca recebera ao pé do berço da minha infancia.

Quem mais vezes me inquietava n'estas ociosas illusões era o padre. Eu aborrecia o latim e a logica e os livros e a sciencia. A andorinha era o meu modelo, e a andorinha não sabia latim. «Isto de que serve,— dizia eu folheando, aborrecido, o *Tito-Livio* — será necessario devorar meia existencia, consumil-a em um luxo de palavrões estereis, para no fim de tudo ficar o mesmo homem, sem ao menos ter descoberto o sexto sentido do corpo humano?»

Não affirmo que fosse textualmente assim o meu raciocinio; mas, afóra as palavras que a sociedade me ensinou, e que eu lhe não agradeço, a idéa era aquella.

Mas a idéa do padre era outra. Constrangia-me a estudar, e especialisava-me entre os meus condiscipulos. Se o carinho fosse symptoma de paternidade, nunca eu devia inspirar suspeitas de ser filho do mestre. Eu não tinha férias, nem passeios, nem premios, nem elogios. Era um pária, um bastardo de pae, de mestre, de todo o mundo.

E, comtudo, dizia-me a pobre irmã do padre, que eu era o discipulo amado de seu irmão. Explicava, a seu modo, aquella theoria de amar, e chegava á triumphal conclusão de que, sendo a sciencia o meu patrimonio, quanto mais cultivado o recebesse das mãos do mestre, mais sagrados titulos recebia para a minha gratidão.

Custava-me a perceber isto; mas, sem grande esforço de intelligencia, comprehendi que era pobre.

Não me apaixonava por isso. A andorinha passava núa nas campinas do céo; e adormecia á tarde, sem grangear o alimento da manhã seguinte.

Estas razões, dadas assim áquella boa D. Antonia, faziam-a chorar. A sensivel mulher chorava com qualquer cousa, e mais não conhecia ainda o mundo... ou parecia não conhecel-o.

Mas a andorinha não remediava todas as minhas ancias de curiosidade.

Eu queria saber quem era. Grandezas não me passavam pelo pensamento, nem eu podia phantasial-as. Sem subsidio, sem adulação, sem uma dadiva mysteriosa, que me fizesse scismar em um segredo de familia, que tinha eu com a grandeza tão eloquentemente desmentida pela minha jaqueta ordinaria!...

Um baixo nascimento, com todos os accessorios da indigencia, esse sim, lembrava-me muito, e cheguei até a vestil-o de uma poesia muito triste, mas muito filha da minha indole.

— Serei filho de um sapateiro? Serei uma cousa que este padre achou em uma esquina como acharia um gato? Serei filho de algum ladrão justiçado, que este padre acompanhou á forca?

Estas perguntas começaram a doer-me no coração; mas quizera que me respondessem:

És filho de um sapateiro;

És um engeitado, erguido da lama pela mão da caridade;

És filho de um ladrão; mas... cala-te, porque ainda vive o carrasco que enforcou teu pae, e não podes usar de um appellido, que balbuciam os que passam pela praça onde a forca está de pé.

Parecia-me que o filho do sapateiro poderia ser um primeiro ministro;

Que o engeitado poderia ser um carinhoso pae;

Que o filho do ladrão poderia ser um juiz implacavel para todos os ladrões.

Fatigado em penosas luctas de conjecturas, adormecia, acalentado pela bemfazeja idéa de que um filho sem pae conhecido, tambem podia ser um homem conhecido de todo o mundo.

D'estas altas meditações descia eu muitas vezes a cousas insignificantes. Por exemplo: Os meus companheiros tinham, cada um, quatro sobrenomes, cinco sobrenomes, seis, e d'ahi para cima.

Ora eu era só *João*.

E os meus companheiros davam uma entonação galhofeira ao meu nome. Chamavam-lhe *chato*, davam uma explicação ridicula a cada syllaba, e queriam até que o nome, além da fórma, tivesse côr pardacenta.

Estas ninharias faziam-me rir, mas era um riso que poderia litteralmente dizer-se «pranto».

Queixei-me, uma vez, muito em segredo ao padre, e tive em paga uma reprehensão severa. Chamou-me vaidoso, orgulhoso e soberbo. Lembrou-me o pouco panno que eu tinha para cortar por largo com as tesouras no amor proprio, ajuntou outras metaphoras assim sentenciosas, e concluiu com alguns textos biblicos, que me não pareceram bem applicados.

A sua doutrina estou em que era a melhor, mas, d'esta vez, o meu espirito não recebeu o grão abençoado entre os espinhos, que lá fizera nascer o desprezo dos condiscipulos e do mestre.

A irmã do padre era visitada de longe em longe por duas

senhoras idosas, e com ellas vinha uma nova, que eu faço aqui figurar em poucas linhas, porque foi ella quem primeiro achou no meu corpo indicios de um nascimento alto.

Estava eu sósinho e escondido entre as faias, que sombreavam o fundo do quintal. Vieram lá ter commigo as velhas e a nova. Esta encarou-me com interesse, e disse para D. Antonia:

— Este menino parece-me que é muito triste!...

Eu estranhei esta mostra de attenção; levantei-me do meu banco de pedra; perfilei-me como um galucho, e fiz-lhe a minha cortezia muito provinciana.

— E é tão bem creadinho!— disse uma das velhas, pondo-me a mão pela cabeça.

E outra acrescentou:

— O menino não vae, aos domingos, ver a sua familia?

— Não tenho familia nenhuma — respondi eu com um desembaraço, que não parecia meu. É porque vieram encontrar-se com o pensamento que mais me dominava, e que, á força de amargura, me cultivára, por assim dizer, a eloquencia da sensibilidade.

— Pois o menino não tem familia?— tornou a nova.

Calei-me.

E senti que os olhos se me arrasavam de lagrimas; mas, n'este momento, gorgeou um passarinho entre as faias, e eu senti-me consolado. Lembrou-me a andorinha.

E a velha continuou:

— D. Antonia não nos tinha dito isto...

— É verdade! — disseram as outras em côro.

— Eu não podia dizer tambem mais do que elle... É para mim um segredo, como para elle, o seu nascimento ..

D. Antonia, tartamudeando, satisfez assim os primeiros assomos de curiosidade ás suas hospedas, mas evitou-lhes os segundos, que deviam ser-lhes atribulados...

A rapariga, essa media-me com attenciosa reflexão, e olhava-me os pés e as mãos, como se quizesse decifrar o enigma do meu nascimento, segundo a chyromancia.

E voltando-se depois para as tias, disse com vivacidade:

— Olhem que mão e que pé tão pequenino!...

— É verdade! — exclamaram as velhas, menos D. Antonia, que diligenciava distrahir as suas amigas d'aquella analyse.

— Não! — tornou a cabalistica menina — aposto que este menino não é de classe baixa!

— Por que?— interpellou a irmã do padre, com uma visagem de pasmo.

— Não vê aquelle pé e aquella mão! os filhos da gentalha não vem assim ao mundo.

— Has de sempre fallar contra a gentalha, Isabelinha! — redarguiu a mãe, ou tia — Todos são filhos de Deus; todos tem pés e mãos.

— Eu não nego isso — tornou a gentil aristocrata com menos azedume — mas o que eu sei é que conheço uma pessoa de bem pelos pés, e vou jurar se quem vae dentro de uma carruagem puxada a quatro, é filho de um alfaiate, comtanto que leve a mão á vista na portinhola.

— Isso parece-me de mais! — retorquiu a tia com a melhor boa fé.

E eu não sei por que, sympathisava com o orgulho da tal Isabelinha. Gostava de ouvil-a, e quizera que ella encontrasse em mim alguns indicios mais da minha fidalguia.

Se isto é miseria, perdoem-a a uma criança, que, antes de aspirar a ter nascido por detraz de um reposteiro heraldico, já se contentava com ter um pae sapateiro, ou justiçado por ladrão.

A familia retirou-se.

E eu fiquei reparando muito no meu pé e na minha mão.

## II

As andorinhas, desde este dia, voaram despercebidas para mim. Desci a vista do céo para as cousas d'este mundo. A vaidade principiou a materialisar-me. Parecia-me repugnante e baixa a comparação de um homem com um passaro.

Emquanto me não disseram que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento illustre, imaginei-me filho de sapateiro, de soldado raso, e de aguadeiro. Depois, nunca mais. Aquella Isabelinha dourou-me a imaginação, engrandeceu-me o espirito, e enturgeceu-me de uma vaidade, que eu já não podia esconder aos meus condiscipulos.

Foi pessima a occasião em que elles vieram chasquear-me e nome de *chato* e *pardo!* N'esse dia, em que eu lamentava a baixeza do meu nome, e chegára a convencer-me de que *João* era um nome ignobil, um nome de carreteiro e de gaiato, vieram elles insultar-me na minha solidão.

O mais desabusado, e tambem o mais comprido em sobrenomes heroicos, cruzou os braços em postura dramatica, diante de mim, e disse com sorriso de escarneo:

— João! João! João! tres vezes João! por que te não chrismas, infeliz?! Os teus condiscipulos lamentam o infortunio

de contarem no seu gremio um companheiro chamado João! Lava-lhes esta affronta, se podes!

Encarei primeiro com desprezo este orador; depois respondi com presença de espirito e azedume:

— Não me admirava que rapazes da minha idade viessem zombar do meu nome; mas o senhor, que tem vinte e dois annos, é cousa que me faz mais compaixão, que zanga! Por que não aproveita melhor o seu tempo, tirando significados, e amigando-se com o Virgilio, seu inimigo cruel? Esquece-se que foi reprovado em latim no anno passado, e que ha de sel-o no anno que vem, se gastar o seu tempo a compôr discursos para fazer rir os meus condiscipulos á minha custa?

Esta resposta irritou o meu adulto companheiro, muito mais porque os meus condiscipulos, que tinham vindo para se rirem de mim, riram-se d'elle. Com os olhos a fuzilarem raiva, chegou-se ao pé de mim, e puxou-me uma orelha desapiedadamente. A dor sentia-a forte, mas a dor moral, a vergonha, não me pungia menos.

Conheci então, pela primeira vez, o desejo da vingança. A primeira cousa que estava ao pé de mim era um vaso pequeno com um cato eriçado e espinhoso como um cedeiro. Dei-lhe com elle na cara. E devia ser insoffrivel a dor que lhe fez, porque o taludo gracejador levou as mãos á cara, e não fez contra mim o mais ligeiro movimento.

Os condiscipulos ficaram pasmados e silenciosos. Eu passei por entre elles com um pueril orgulho de uma acção legitimamente nobre, e recolhi-me ao meu quarto a recapitular o primeiro capitulo da minha *Illiada*.

Não me deixaram só muitos minutos. D. Antonia, colerica e descomposta, entrou de repente.

O que eu colligi do seu grasnido, foi que uma tremenda justiça ia ser feita em mim, logo que o padre recolhesse.

Arrefecidos os calores do meu gentil esforço, principiei a ter mêdo do mestre. Parece que o coração se me despegava, quando soavam passos na vizinhança do meu quarto. Invoquei todos os recursos da resignação para suavisar o castigo, que me atormentava em perspectiva. Imaginei-me com um braço quebrado, com uma gonilha ao pescoço, com oito dias de pão e agua, com o odio do padre eternamente irritado contra mim. Quiz transigir evangelicamente com todas estas torturas, mas não houve nada que diminuisse a sezão do mêdo.

Senti febre! O susto parece que me pisava os ossos, e macerava as carnes. Era uma doença indefinivel aquella minha! O que eu sei é que caí sobre a cama, alquebrado e esvaído, como se uma catapulta me atirasse para alli.

Não sei o tempo que decorreu, desde que me deitei até que abri os olhos do entendimento para conhecer o padre, e a irmã, e o cirurgião da casa.

Pensei que sonhava.

O cirurgião punha-me a mão na testa e apalpava-me o pulso. O padre olhava-me com ar de bondade. E D. Antonia pregava os olhos, com anciedade, na cara do cirurgião.

— Então que tens, João? — perguntou o mestre em tom amigavel.

— Não sei, senhor padre-mestre — respondi eu, mentindo como convinha.

— Bateram-te? — tornou elle.

E eu calei-me, porque não sabia se era conveniente dizer a verdade.

— Bateram-te, João? — replicou o mestre, descendo a voz á nota baixa da severidade.

— Quasi nada — respondi eu, naturalmente a tremer uma segunda sezão.

E o facultativo, que tinha debaixo dos dedos as pulsações do meu sangue, reconheceu a influencia pathologica que tinham em mim as perguntas do padre.

E, por isso, fez-lhe um gesto de silencio, a que o padre obedeceu promptamente.

Retiraram-se ambos, deixando-me só com D. Antonia. Esta pobre senhora tinha o coração de um anjo. Devota, e caritativa com os pobres de pão, não o era menos com os mendigos de consolações. Commigo foi quasi sempre boa. Até mesmo quando o padre me condemnava a comer só pão, vinha ella, como a pomba dos eremitas do deserto, trazer-me carne. O que ella não queria era que eu fallasse em pae ou mãe; por isso que a Providencia do Senhor não engeitava os filhos, e adoptava como seus os que na terra se chamam engeitados: razão d'ella.

No pouco tempo que ella esteve commigo no quarto, rezou sempre ajoelhada a uma imagem de S. João Baptista, advogado das enfermidades da cabeça. De vez em quando perguntava-me se a cabeça me doía, e, com effeito, não era só dor, era um vesuvio que eu tinha alli a ferver, e a oscillar-me nos olhos como as entranhas de uma explosão.

E D. Antonia rezava ainda, quando entraram o padre e o cirurgião.

O padre vinha triste, e fitava-me com extraordinaria meiguice. O cirurgião trazia não sei que cataplasmas, que me embrulhou nos pés. Parece que ambos me estudavam cuidadosamente o meu menor movimento de olhos, e reparei que o facultativo me estava continuamente observando as orelhas.

Emquanto, muito depois, não soube que as oscillações das orelhas eram symptoma de inflammação de cerebro, cuidei que me estavam procurando os estragos do orelhão, que soffrera.

Não pude demorar-me muito n'estas supposições, porque caí em uma somnolencia profunda.

O que eu soffria era uma congestão cerebral, se devemos acreditar o cirurgião, que a explicou scientificamente como consequencia do mêdo.

Tive alguns dias, dos quaes não tenho lembrança alguma. Passei-os, creio eu, no delirio, e nos spasmos, que caracterisam esta doença.

Passado este intervallo de vida, que me esqueceu talvez, porque se confundia com a insensibilidade do moribundo, lembro-me que vi ao pé do meu leito uma senhora.

Era de noite, porque no quarto havia luzes. Quem alli estava era ella sósinha. Parecia-me uma figura das minhas visões da febre. Duvidei muito tempo se aquelle vulto era uma realidade; e duvidava com os olhos fixos nos d'ella, que ainda agora os vejo rasgados e negros.

Era alta, e não me pareceu nova nem formosa. Vestia uma capa escura, e tinha um lenço preto na cabeça, posto com o desalinho de uma creada de servir. Por baixo d'este lenço viam-se as curvas das tranças do cabello desatadas. E não posso com verdade dizer mais nada d'aquella figura.

Lembro-me que lhe ouvi algumas palavras, que não seriam muito diversas d'este pequeno dialogo, que tivemos:

— Joãosinho, como se sente?

— Doe-me a cabeça, e os olhos, e o corpo todo. Quem é a senhora?

— Sou uma sua amiga... sou uma amiga da irmã do seu mestre.

— E como se chama? Eu nunca a vi n'esta casa!

— É porque tenho estado fóra de Lisboa, ha muito tempo.

— Tenho sêde — disse eu como quem supplicava uma gotta de agua.

— Tenha paciencia... o menino tem febre, e não póde beber agua.

— Dê-me uma gotta de agua, senão morro.

— Não dou, porque morre, se a bebe.

E a sêde devorava-me. Vi aos pés da cama um jarro com flores. Lembrou-me que havia agua n'aquelle jarro. Fiz um esforço de desesperado. Saltei fóra da cama; mas este meu saltar foi caír em cheio no chão.

Aquella senhora soltou um grito. Lançou-me, com ancia, os braços para erguer-me, e não póde. Correu á porta; bateu

com afflicção, e, quando a porta se abriu, vi que ella se rebuçou no capote, deixando apenas meio rosto á vista do padre e da irmã, que entraram.

Levantado pelos braços robustos do mestre, fiquei prostrado na cama. Pedi agua atribuladamente, e deram-me alguma cousa, que me illudiu a sêde.

E retiraram-se, depois, menos a mysteriosa senhora. Notei que entre o padre e ella não se trocaram duas palavras. D. Antonia apenas lhe disse, quando se retirou:

— Faltam cinco minutos.

E a minha incognita enfermeira veio sentar-se á cabeceira da minha cama.

— O menino é muito impaciente — me disse ella com afago maternal.— E se morresse?

— Quem me dera morrer...

— Por quê?

— Eu não sei de que serve a vida quando se soffre tanto!

— E o menino soffre?

— Muito.

— Porque está doente, não é assim?

— E quando tenho saude.

— Pois que lhe falta? Não tem que comer e que vestir?

— Eu não tenho andado nú, nem morrido de fome: mas isso não me fazia soffrer a mim.

— Pois que queria o menino ter?

— Pae.

— Houve um silencio de alguns minutos.

— Mas este padre não lhe tem servido de pae?

— Não é meu pae, creio eu.

— De certo não.

— De certo não?— exclamei eu com precipitação.— Então sabe quem é meu pae?

— Não sei, menino; mas conheço que este bom padre, e D. Antonia são muito seus amigos. Não é ella tão carinhosa?

— Não é minha mãe...

Deu-se o mesmo silencio de ha pouco; mas d'esta vez percebi que aquella senhora levava um lenço aos olhos.

E pegando-me da mão, senti um beijo, e depois uma lagrima.

Tudo isto parecia-me extraordinario! A minha cabeça estava muito debil para estas commoções: perturbou-se-me, e senti-me tomado de um somno, que era sempre a minha salvação nas agonias do desmaio.

Ouvi ainda bater á porta. Senti ainda um beijo, muitos beijos, e muitas lagrimas. E, depois, aquella mulher fugiu-me como a bella imagem de um sonho. E, com ella, fugiu-me o alento, porque desfalleci.

Alta noite, D. Antonia afastava-me dos olhos os cabellos ensopados em suor. A boa senhora velava-me com estremecimento de mãe, porque deve ser assim, como ella era, a mãe ao pé de seu filho, varado de dores.

— E aquella senhora?— perguntei eu.

— Foi para sua casa.

— Quem era ella?

— Uma amiga minha.

— E minha, não é verdade?

— É verdade, meu filho... parece que é muito sua amiga.

— Como se chama?

— É Maria.

— E só Maria?

— Não é tão bonito nome? Não é assim que se chama a Mãe de Deus?

— Tambem o precursor de Jesus Christo se chamava João, e o seu discipulo amado tambem era João, e, comtudo, dizem que o meu nome é feio!

— Não é, não, meu menino. Deixe estar que lhe não tornam a fazer pirraça os condiscipulos com o seu nome.

— Então a tal senhora chamava-se D. Maria, na verdade?

A hesitação de D. Antonia era uma especie de reprehensão á sua mentira; mas esta observação, que faço hoje, não a fiz então, porque nem ao menos imaginava em sonhos o valor do nome d'aquella mulher.

— Tomára eu tornar a vel-a!...— disse eu com profunda saudade por ella.

— Ha de tornar a vel-a; mas peça a Deus, nosso Senhor, que lhe dê saude.

O padre entrou n'esta occasião, e disse á irmã:

— Não sabe que o pequeno está prohibido de fallar?

Caímos todos em profundo silencio.

## III

A minha congestão cerebral fizera crise; mas a convalescença era morosa e arriscada.

Padre Luiz animava-me a seu modo. Os carinhos d'elle eram como a indifferença de muita gente; eu confesso, porém, que as cuidadosas precauções, em que punha o meu restabelecimento, eram persuasivas, e depunham muito a favor da sua alma boa.

Algumas vezes perguntei pela supposta D. Maria: D. Antonia, em suas respostas, era sempre mysteriosa com ella.

Dizia-me, umas vezes, que era muito occupada, e não podia visital-a com frequencia. Contradizia-se, outras vezes, dizendo que tinha vindo saber de mim, quando a febre me não deixava vel-a.

D. Antonia era verdadeira sempre, e só um grande embaraço poderia obrigal-a a uma innocente mentira. Dera-se o caso n'este segredo, que eu devera adivinhar, se nos meus quatorze annos de então se incluissem quinze dias da sociedade de hoje.

Ergui-me do meu leito, onde padecera tres mezes, e onde, por mais de uma vez, me fora proferida sentença de morte pelo cirurgião. Infelizmente as previsões da medicina não podiam competir com os designios da Providencia. Vivi quando devera morrer.

E, comtudo, a minha posição era já outra na pequena sociedade, que eu conhecia. Deu-se-me um fato novo, deu-se-me uma nova liberdade, uma nova consideração, e até um novo quarto. O que era isto? Não m'o dizia D. Antonia, a quem eu o perguntava com infantil idiotismo. Não m'o dizia o padre, que nem sequer me permittia a ousadia de perguntar-lh'o.

Os meus condiscipulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puxára a orelha, fora expulso do collegio, alguns dias depois da nossa funesta lucta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o habito de estudar espontaneo e cuidadoso. Senti-me feliz de uma alegria, que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma cousa, que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o gosto da sciencia. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi, que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alta noite, quando bateram na porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto caiu-lhe dos hombros, e eu senti-me comprimido ao seio d'ella por um abraço impetuoso.

Era a mulher d'aquella noite da febre. Bem a conheci. Aquelles olhos negros e luminosos eram os d'ella. Eram suas aquellas faces pallidas e magras. Não podia ser de outra aquelle talhe de fórmas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas de um vigor nervoso, que parece, em algumas organisações, o galvanismo de um cadaver.

Commigo nos braços, a linguagem d'ella eram lagrimas.

Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos labios em suspiros. O mysterio aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calefrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso intimo, que me fazia ajoelhar áquella mulher. E não pude vencer-me. Curvaram-se-me os joelhos; e n'este lance de adoração extatica ouvi uma palavra... «Meu...» e quando instinctivamente collava os labios na mão d'aquella mulher, a phrase saíu completa dos labios d'ella... «Meu filho!» Não me peçam explicações do que então senti. O silencio de então não podem, hoje, as palavras decifral-o. Foi um enlevo que mata a expressão, e indemnisa com lagrimas o sentimento. A apparição improvisa da mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração, cuja existencia ignorava — uma surpreza assim, traz comsigo um terror santo, que deve ser a preexistencía do homem na presença de Deus.

Quiz balbuciar a palavra «mãe», e senti-me embaraçado: não sei se era pejo, se perturbação, se alegria! Não pude.

— Não me dizes nada, meu filho?— murmurou minha mãe, como se receiasse ser ouvida. E levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se em uma cadeira, apertou-me ao seio, e encostou ao meu hombro a sua face, que queimava.

— Lembras-te de me ter visto? — disse ella, sorrindo e chorando.

— Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

— E só me viste uma vez?

— Uma só; mas sei que esteve ao pé de mim.

— Que sentes agora no teu coração, meu filho?

— Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

— Podes ser amigo de... podes ser meu amigo?

— Amigo de...

— De tua mãe?

Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto d'ella havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o accesso de uma demencia. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, porque eu não sabia o que é a mulher, quando, abraçada a um ente que julgava perdido, póde exclamar: «este é meu filho!»

— Eu preciso ouvir-te! — disse ella com apaixonada energia — preciso que falles, pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvídas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!...

Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencivel; um pejo que me incendiava as faces; uma coacção indefinida, semelhante a outra, e essa unica, sentida em minha vida! O coração dizia-me que ella era minha mãe; e os labios convulsos e indecisos parece que recusavam proferir um nome que lá não fora escripto, na infancia, pelos labios maternos.

Com os olhos fixos no regaço de minha mãe, e com uma especie de resentimento, que o meu silencio simulava, dir-se-ia que era um filho reprehendendo o desamor d'essa mãe, que o abandonára criancinha, e viera procural-o adulto para lhe dizer: «tenho direito ao teu amor, aos teus carinhos, e ao teu respeito, porque te dei a existencia».

Mas um tal pensamento, uma tal vingança não era propria da minha idade, nem que o fosse, bradaria mais alto o grito filial, a exclamação represada, longo tempo, no coração escurecido pela orphandade.

E, comtudo, minha mãe julgou que o meu silencio era um queixume. Viu na minha supposta inercia uma accusação providencial, um castigo do céo, cujo instrumento era a minha innocencia.

E chorava com afflicção. Lia-se-lhe a tormenta do espirito na face atribulada. Lembra-me que era sublime de agonia aquella mulher, reluctando com o remorso, e encarando-me espavorida, como se eu fosse uma larva!

Era então que os olhos lhe scintillavam d'aquelle brilho sinistro da demencia. As faces pareciam aradas por um halito de fogo, que as resequira. Os labios estremeciam-lhe de crispações nervosas; e os cabellos, humedecidos pelo suor da testa, lançava-os em desalinho desesperado para traz das orelhas.

Não sei que a expressão do odio se manifeste mais rancorosa do que então era em minha mãe a expressão do amor!

Mas não era essa a commoção, que, n'aquelle transe, lhe dava ao aspecto um colorido medonho.

Emquanto os labios d'ella me beijavam em fervente commoção, a vibora do odio mordia-lhe o seio, e derramava-lhe um veneno diabolico nas arterias. Esse odio era uma sezão, uma syncope, um accesso de hydrophobia, que fazia d'aquella infeliz uma possessa.

Não me peçam já a historia d'este odio, o quadro lugubre d'este typo excepcional nas amarguras.

É cêdo ainda; porque as lagrimas são o continuado viver de algumas vidas, e, se não fossem relevadas uma a uma, a biographia d'essas existencias seria monótona e fria.

Até para as lagrimas é preciso o methodo...

Eu tentava despertar minha mãe d'aquella especie de somnambulismo despedaçador; mas o ataque já não cedia aos meus acanhados esforços; tinha de passar por algumas crises, debater-se em convulsões impetuosas, enfraquecer-se em tremuras spasmodicas, e terminar pela mortal atonia dos musculos.

Felizmente a cadeira, em que ella se sentára, estava proxima do meu leito. Minha mãe, desmaiada, pendeu a cabeça sobre a cama. Limpei-lhe da face um suor frio. Julguei-a morta. E, quando esta dilacerante suspeita me entrou no coração, corri á porta, abri-a, chamei D. Antonia, e pedi-lhe com as mãos erguidas que mandasse chamar um medico para minha mãe.

A pobre senhora, atordoada com o estado assustador de sua visita, correu a chamar o irmão. O padre, menos alvoroçado, mas com terror visivel nas feições, tomou o pulso da desmaiada, e estremeceu. Pegou de um espelho, collocou-lh'o sobre os labios, observou-o, e vendo-o embaciado, exclamou com desafogo:

— Está viva!

E ouviu-se então um signal na porta, e uma voz de fóra, que dizia:

— Já passou um quarto de hora.

N'este momento, minha mãe abriu os olhos. Sentou-se. Contemplou-nos. Fez um gesto de se retirar D. Antonia, que a tinha nos braços: e D. Antonia ia aretirar-se, quando o padre repetiu as palavras, que pareciam tel-a acordado:

— Já passou um quarto de hora.

— Já! — exclamou minha mãe.

E tomando a capa do chão, sem ao menos se despedir de mim, desappareceu, como se fugisse á deshonra d'aquelle quarto.

E em seguida ouvi o rodar rapido de uma sege.

## IV

O segredo do meu nascimento parecia-me escurecer-se cada vez mais, não obstante me ser facil conjecturar a classe a que pertencia.

Minha mãe é que estava sendo para mim um insondavel segredo. Aquelle frenesi, aquella desesperação, aquelle sobresalto pareciam-me inexplicaveis! Durante a rapida entrevista, que tivemos, taes cousas vi, que, recordando-as, depois

sósinho, cheguei a lembrar-me se o que eu vira seria um ataque de loucura!

D. Antonia, a quem eu revelava as minhas infantis suspeitas, não me tirava de dúvidas. A sua linguagem era sempre retrahida e indecisa: parece que tremia de pronunciar a palavra «mãe»; e por mais instantes súpplicas, que lhe fiz, não adiantou nada ao que eu sabia.

O padre não me fallava em nada. Ouvia-me com mais affabilidade, mas era sempre o mesmo rosto frio, e a mesma austeridade de mestre.

A meditação absorvia-me as horas do estudo, e o padre não queria que eu meditasse. Ampliou-me as lições, obrigou-me a raciocinar em sciencia, e tentou assim abstrahir-me das meditações estereis da minha vida enigmatica.

Decorreram mezes, e não vi minha mãe, nem tive quem me fallasse d'ella.

Cheguei a soffrer uma dorida saudade d'aquella mulher. Reflectia-se em meu coração a imagem que sempre vira: soava-me em sonhos o ecco das suas palavras; sentia nas faces o calor de seus beijos e a impressão estranha de suas lagrimas.

Este idealismo converteu-se em amor profundo. Senti que era filho d'aquella mulher, porque m'o dizia a voz prophetica da alma, a convicção intima de uma faculdade que tem o coração, e que não carece dos sentidos externos para funccionar.

E a não ser filho, eu deveria d'este ideal passar á violenta paixão de amante. A não poder chamar-lhe «mãe», deveria chamar-lhe «esposa». Eu não sabia então que estes dois sentimentos preenchem as mais imperiosas condições do amor; mas adivinhei-os como hoje os sei, depois que vinte annos de experiencia m'o fizeram saber. Ha verdades no mundo, que se vêem, em toda a sua luz, ou pelos olhos puros da candura, ou pelos da experiencia.

O mestre ordenou-me um dia que me vestisse para passeiar com elle. Admirou-me esta ordem, porque o dia era lectivo, e ao domingo nunca se dera uma semelhante attenção para commigo.

Saímos, e andamos muito. O padre não me deu uma palavra emquanto atravessamos a maior parte da cidade. Reparei em um lettreiro de uma rua quasi deserta, e li Campolide. Andamos ainda muito; atravessamos uma azinhaga, perdemos de vista Lisboa por algum tempo, emquanto caminhavamos encostados ao muro de uma quinta: e ao cabo d'esse muro estava um palacete sombrio, triste, e quasi escondido entre as copas das faias, dos chorões e dos cyprestes.

Defronte d'esse palacete o terraço formava uma curva por

um banco de pedra. O padre sentou-se, e mandou-me sentar ahi.

— Gosta d'este sitio, João?— perguntou o padre.

— Gósto muito; tomára eu aqui viver.

— Por quê?

— Não sei porquê: acho isto tão triste...

E o padre sorriu-se.

As janellas, excepto uma, estavam fechadas, como se a casa não tivesse moradores. Essa mesma, que não estava de todo fechada, apenas tinha meia porta aberta.

Reparei que o padre olhava muito para aquella janella. Acompanhei-o n'esta curiosidade muitas vezes.

Havia mais de uma hora, que ahi estavamos, quando, através da vidraça, divisei um vulto. O padre fez uma ligeira saudação á pessoa que apparecia, e disse-me que estivesse de pé com o bonet na mão.

Vi que a pessoa da janella fazia um signal. O padre mandou-me sentar e cobrir.

O vulto deixou caír a dobra da capa, que lhe escondia meio rosto, e eu conheci minha mãe.

Apenas recebi esta surpreza, não pude conter-me, e disse com sobresalto «é minha mãe!» O mestre mandou-me calar.

Não podia despregar os olhos da face d'ella. Acenava-me, sorria, limpava os olhos, e fazia não sei que signaes ao padre, a que elle respondia affirmativamente.

Vi que minha mãe, de instante para instante, desapparecia, como quem procura segurar-se de alguma surpreza. Pareceu-me mais cadaverica. Em redor dos olhos negrejavam-lhe as nódoas do soffrimento, como se as carnes alli tivessem sido maceradas.

Pedi ao padre que me deixasse lá ir. O padre, sorrindo, fez-lhe signal a ella do meu pedido. Vi-a tambem sorrir; mas que mortal amargura n'aquelle sorriso, n'aquella expressão ironica da desgraça!

Passaram alguns minutos. Minha mãe afastou-se, e voltou precipitadamente dizendo-nos adeus.

O mestre tirou o chapéo, fez que enxugava o suor da testa, e disse-me que não olhasse para lá.

Mas não pude obedecer-lhe. A vidraça, que minha mãe não ousára abrir, foi de repente aberta com estrondo.

Olhei, quasi violentado; e vi um homem de figura assustadora, que nos olhava com vista colerica. O padre olhou tambem por um momento, e ficou-se na postura em que estava, simulando a mais bem fingida indifferença, e não me prohibiu que olhasse para aquelle homem, porque assim talvez julgou que nos tornariamos menos suspeitos.

Mas os seus reparos no padre pareciam augmentar de interesse. Não sei o que tinha a vista de tal homem, que me incutia terror! Morto estava eu por me retirar d'alli, quando elle com a voz imperiosa, e a testa franzida, nos disse:

— Querem d'ahi alguma cousa?

— Não, senhor — disse o padre. — O que nós quizemos foi descansar um instante; mas, se somos importunos, retiramos.

O mestre levantou-se, e o homem, retirando-se, fechou a janella, e nós seguimos o caminho por onde vieramos.

Na noite d'este dia tive eu o seguinte dialogo com o padre:

— Pouco posso, por emquanto, adiantar-lhe sobre o seu nascimento...

— Mas... pouco que seja...

— Sabe que aquella senhora é sua mãe...

— Sim; mas quem é aquella senhora?

— Não tem necessidade de o saber nem de o perguntar. É uma pessoa, que lhe deu a existencia e a educação.

— E meu pae era aquelle homem, que appareceu na janella?

— Não. Seu pae já não vive.

— E aquelle homem não é meu parente?

— Não é seu parente: é marido de sua mãe.

— O marido de minha mãe!... Mas é meu inimigo, não é verdade?

— Por que pergunta se é seu inimigo?

— Porque não sabe que eu existo.

— Sabe que existe... mas... não me faça mais perguntas, que eu não lhe respondo. Mais cêdo, que eu e o menino quereriamos, saberá tudo.

Este dialogo foi interrompido por D. Antonia, que entrou no meu quarto, entregando uma carta ao irmão.

O padre leu, meditou, pareceu luctar em desejos oppostos, e por fim, retirando-se, disse-me: «Quero dar-lhe alguns traços da vida amargurada de sua mãe. Elles aqui estão escriptos por ella... Leia essa carta, e peça a Deus que se compadeça de quem a escreveu.»

A carta escripta a lapis, dizia assim:

«O conde suspeitou. Fallou-me da perturbação em que v. ficára quando o vira. Quiz arrancar-me o segredo d'essas duas pessoas. Fez-me algumas perguntas com o punhal sobre o coração. Vi-lhe os olhos injectados de sangue, e cuidei que me matava. Offereci-me, como sempre, ao sacrificio, pedindo-lhe de joelhos a morte. Cuspiu-me no rosto quando eu estava n'esta humilde postura. Saíu como furioso em procura de v.; era tarde, felizmente, para encontral-o. Deu ordens aos creados para indagarem de v. alguma cousa. Será uma diligencia baldada. Não torne a saír com o pequeno. Foi

uma imprudencia minha. Parece-me que serei privada da luz outros oito annos! Deus me tire d'este mundo, por piedade! Tenho tentações de matar este verdugo. Ajude-me a morrer com resignação. Duas linhas suas, ou de meu filho, sejam-me doces na hora da morte, sejam a minha recompensa, a minha corôa d'este longo martyrio. Adeus. Abrace, meu filho, sim? Adeus. — A.»

A dor parece que me elevou o espirito para o extremo refugio dos desgraçados! Caí de joelhos, e com as mãos erguidas pedi a Deus compaixão para minha mãe.

## V

A minha alma cobriu-se de um véo de tristeza perpetua no momento em que li a carta de minha mãe. Já não quero, como Job, datar a minha desgraça desde o ventre materno. Verdadeiramente infeliz, sei que o fui desde que conheci uma mulher que me chamava filho, mas uma mulher, cujo infortunio obrigava o padre a chorar, e justificava de mais essas lagrimas com a carta, que eu acabava de ler.

Todas as manhãs, a pretexto de saudar o mestre, perguntava por minha mãe; e, durante tres mezes, não obtive noticia boa nem má. O padre não tivera mais intelligencia com a desgraçada; e respondia-me que não se admirava d'isso, porque não seria novo deixar de tel-as oito annos.

E eu recordava-me do que fora escripto por minha mãe, a respeito d'esses oito annos em que não veria a luz. Este supplicio parecia-me impossivel; e por mais que eu pedisse ao padre a causa d'este castigo barbaro, respondia-me que não podia exceder as ordens de minha mãe, a respeito da sua vida.

D. Antonia pouco mais fingia saber que eu. O segredo parecia todo do sacerdote, e o sacerdote era um livro de sete sêllos, que só poderia ser aberto pela mão de um cadaver, como elle me disse, cuidando curar-me com veneno a ferida que pedia balsamo. Para que viera aquelle anjo limpar-me as lagrimas da orphandade? Para substituir a estas as mais amargas de um filho, que tem a consciencia das torturas mysteriosas de sua mãe sem poder acudir-lhe, sem poder suavisar-lh'as com a esperança de um futuro melhor!

Eu principiei muito cêdo a recolher o meu espirito em dolorosas meditações, improprias da minha idade. Nao soube o

que era viço de infancia, nem ideal de venturas sonhadas n'essa quadra de innocentes desejos. A realidade em mim principiou commigo, porque não ha poesia nos pezares, nem elevações extaticas para o céo, quando se pisam espinhos, onde deveram desabrochar-nos flores.

E, portanto, eu não podia distrahir os meus cuidados do viver afflictivo de minha mãe. A tristeza tornára-se uma doença, que eu sentia enervar-me a vida, e exhaurir-me de alentos para esperar-lhe remedio. Ha dores silenciosas, que nos incutem respeito, quando o que as soffre nos não pede compaixão para ellas; a minha dor era assim.

No fim de tres mezes, soube que minha mãe vivia; mas poucas linhas revelam que vida era a sua. O padre leu-me este bilhete, porque as palavras, que continha, não devia eu sabel-as todas:

«Este homem suspeitou do creado Bernardo, e despediu-o. Fiquei privada d'esse bom creado, que era a minha esperança, e que tanto me custára a movel-o em meu favor. Não tenho podido achar um meio de lhe escrever. Estas mesmas linhas escrevo-as a tremer, porque não sei se irão caír na mão do conde. Este barbaro inventa caprichos de maldade para flagellar-me. Sinto-lhe um desejo diabolico da minha morte. Não se decide a matar-me!... Será uma cobardia? Será o prazer de ver-me penar? E meu filho? Falla-lhe de mim? Tenho-o tão impresso na imaginação!... Se eu não sentisse este amor de mãe, que me abraza o coração, bastaria o reflexo do amor, da saudade... oh meu Deus!... da saudade de um anjo, que foi d'este mundo, legando-me a herança de lagrimas, que em breve legarei ao nosso infeliz filho! Snr. padre Diniz, por caridade não poupe carinhos a esse menino! Seja-lhe pae pelo amor, pela religião, pela piedade, e pelo bom coração que Deus lhe deu.»

O padre, terminando a leitura incompleta d'este bilhete, abraçou-me com extraordinaria effusão, e chorou commigo.

No dia seguinte disse-me D. Antonia, que um creado de farda me procurava; mas que, sem licença de seu irmão, não consentia que eu lhe fallasse. O creado instava que não era pessoa suspeita; mas a tímida senhora não podia transgredir os preceitos de seu irmão. Ora o padre estava fóra de casa, e não era certa a hora em que recolhia.

Quando vi entretida D. Antónia, corri para o creado, que não conheci. Perguntou-me o meu nome, porque elle tambem me não conhecia. Certificou-se de mim, perguntando-me se eu estava certo de ter sido procurado por uma senhora que se dizia minha mãe.

Esta pergunta fez-me vacillar na resposta, porque não sei

como imaginei que aquelle homem era um enviado do algoz de minha mãe.

O creado vendo-me em embaraços nada semelhantes á decisão com que viera fallar-lhe, disse-me que não receiasse dizer a verdade, porque elle era o confidente de minha mãe no tempo em que ella viera ver-me.

E, de repente, lembrou-me o escripto que ouvira ler um dia antes, e o nome do creado que minha mãe lamentava ter perdido.

— Como se chama?— lhe disse eu.

— Bernardo.

— Ah! então de certo é meu amigo!...

E tomando-me nos braços, onde eu me lançára com alegria, o pobre homem apertava-me, e soluçava não sei que palavras, que bem se via lhe vinham do fundo do coração.

— O filho da minha querida senhora! — exclamava elle — O filho d'aquella santa, que vae d'este mundo tão passada de dores!

— Então sabe a vida de minha mãe?— perguntei eu com anciedade — Diga, diga, tudo o que souber... porque eu tenho chorado muito... sei que ella é muito desgraçada; mas nem ella, nem o padre, nem D. Antonia me dizem a causa dos seus soffrimentos.

— A causa dos seus soffrimentos...— tornou elle, limpando a face, onde as lagrimas corriam copiosamente — Pois o menino não sabe a causa dos soffrimentos d'aquella pobre senhora condessa?

— Condessa...— exclamei eu — pois minha mãe é condessa!... Ah!... sim, sim... já sei porque é condessa...

E lembrou-me então o começo da primeira carta que vira escripta ao padre. Lá fallava-se de um conde, mas a minha educação, tão fóra dos usos mais triviaes da sociedade, não me disse logo que minha mãe era forçosamente condessa por ser a victima, a mulher, ou a escrava d'esse conde.

— Sua mãe, não ha dúvida, é a senhora condessa de Santa Barbara, por ser casada com esse homem, que não tem em todo o mundo quem se meça com elle em maldade. É um tigre, menino! aquelle homem é o que se póde ser! Deus o livre a v. exc.ª de lhe ver os olhos quando o sangue lhe sobe a elles!

— Eu já o vi, e tive-lhe mêdo!

— Bem o dizia eu! Não que elle, realmente, é um homem, que Deus mandou a este mundo para castigo da humanidade. Eu soffri-o dois annos, porque, se não fosse eu, sua mãesinha morria de sêde algumas vezes...

— Morria de sêde!— exclamei eu, quando principiei a ver

por mais longe os limites de um verdadeiro infortunio — Mas por quê? minha mãe que mal fazia a esse homem?

— Nenhum... pelo contrario, parecia que lhe andava alli sempre de joelhos a adivinhar-lhe as vontades.

— Mas elle sem mais nem menos...

— A fallar-lhe a verdade, meu fidalguinho, eu não sei contar-lhe a historia tal qual, porque lá em casa ninguem sabia por que sua mãesinha era tão martyrisada; mas, pelos modos, a causa principal de tudo aquillo era... o menino.

— Eu! pois que mal fazia eu a esse homem?

— Isso são outras cousas, que eu, ainda que as sei, não lh'as quero dizer, porque o menino é muito novo, e não m'as entende. Lá virá tempo em que tudo se saiba.

— Mas diga-me, Bernardo, vossemecê conheceu meu pae?

— Nada, não conheci.

— Mas sabe quem elle era?

— Tambem não, nem perguntei a ninguem por isso, porque não era da minha competencia.

— Mas eu já sei que elle morreu...

— Morreria; mas que eu saiba não. Quem póde dizer-lhe tudo é cá o snr. padre, que sabe a vida da snr.ª condessa desde que v. exc.ª nasceu.

— Desde que eu nasci?

— Pois então? O menino creio que está aqui desde que nasceu, ou pelo menos quem tem tratado sempre da sua educação é cá o snr. padre-mestre.

— Mas eu ainda ha pouco tempo sei que tenho mãe.

— Isso não admira, porque sua mãesinha esteve oito annos fechada sem ver sol nem lua...

— Por quê?

— Emquanto a mim é porque disseram ao snr. conde que a snr.ª condessa tinha um filho. Isto é, eu não affirmo, mas parece-me que sua mãesinha uma vez, estando em delirio, disse uma cousa que era isto, ou que se parecia com isto...

N'este momento, contra os meus desejos, appareceu o padre. Pedi a Bernardo que não dissesse o que me tinha dito.

O padre tratou-o affavelmente; louvou-lhe o cuidado de vir ver-me, e eu instei-lhe ternamente que viesse todos os dias, se podésse.

## VI

Eu era verdadeiramente amigo d'este Bernardo, que vinha fallar-me de minha mãe, uma vez cada semana; mas em vão

eu tentava a sua prudencia, pedindo-lhe circumstancias mais claras do passado da sua ama, da sua santa, como elle a intitulava.

Padre Diniz tinha-o talvez prevenido, impondo-lhe o silencio por condição, sem a qual não lhe permittiria fallar commigo.

Uma vez — era em agosto de 1832 — justamente no dia em que eu fazia annos, appareceu Bernardo, a suar por todos os póros, e a rir por todas as feições, e a abraçar-me com toda a vehemencia de uma alegria expansiva.

O que elle me queria dizer parecia que não lhe passava da garganta. O homem ria e chorava, e era todo elle uma vibração de contentamento!

— Que é isso, Bernardo, diga-me por que está tão alegre?!

— Deixe-me abraçal-o, que é um abraço que lhe manda sua mãe...

— Pois fallou com minha mãe? Ella quer ver-me? Já não está fechada no quarto?

— Está no quarto, mas é porque está ainda doente; não quer expôr-se ao ar, porque deseja viver agora...

— Pois que é?... diga, Bernardo... o tal homem teve pena d'ella?

— O tal homem... qual pena nem meia pena... Aquillo não é bichinho d'essas cousas... É porque o snr. D. Miguel foi para o Minho, e quiz que o conde o acompanhasse.

— Que felicidade! E não tornará tão cêdo?

— Quem sabe?... Anda para lá a guerra dos malhados com os realistas, e se viesse uma bala... Deus me perdoe... que o partisse... Olhe que se não perdia nenhum macho de cem moedas...

— Mas olhe, eu agora posso ir sem mêdo a casa de minha mãe? Ella mandou-me ir?... Eu vou dizer ao padre que vou... sim?

— Tenha lá mão, fidalgo, por ora não vae a cousa assim. Sua mãesinha mandou-me procurar á casa onde eu estava, e apenas me disseram que ella me chamava outra vez para escudeiro, aquillo foi um fogo visto, corri a quatro pés ao quarto da minha santa condessa, e pouco me faltou para me pôr de joelhos a agradecer-lhe o lembrar-se do pobre velho, que aposto eu se ha pae que ame uma filha mais do que eu a ella, e depois d'ella o meu querido fidalguinho, que ha de ainda ser muito feliz, e muito amigo do seu Bernardo, não ha de?

— Hei de, hei de... mas... minha mãe... eu queria vel-a... Se lá não está o homem que aterra a gente com os olhos...

— Ha de ir, sim, senhor; mas deixe-me agora fallar primeiro com sua mãe, porque o conde ainda hontem partiu, e

quem sabe se lhe dá algum ataque de bexiga, que o faz tornar para traz? Com prudencia tudo se fará... Adeus, meu menino, dê este recado ao snr. padre Diniz da minha parte, e diga-lhe que as cousas correm ás mil maravilhas; ponto é que o diabo tome debaixo da sua protecção aquelle algoz de sua mãesinha, e meu, porque, a fallar a verdade, ainda lhe não disse a v. exc.ª que aquelle malvado dava-me bofetão e pontapé de crear bicho, só porque eu estava prompto a soccorrer a snr.ª condessa! Má raios o partam, Deus me perdoe... Então, adeusinho. Eu cá tornarei breve; haja gaudio, e viva o snr. D. Pedro, que teve a habilidade de fazer saír de cá o snr. D. Miguel, e o snr. conde, que, se não é isto, nem o diabo o tirava de casa.

Bernardo retirou-se, murmurando uma ladainha de pragas ao conde.

Eu, tão alegre como elle, corri ao quarto do padre, e dando-lhe a nova, que deveria, emquanto a mim, alegral-o, quasi lhe não fez impressão nenhuma.

Padre Diniz disse-me que esperava as ordens de minha mãe, e acrescentou que nunca me deixasse deslumbrar cegamente por uma esperança, que só tinha em si, como verdade, os nossos bons desejos. E, com esta sentença, mandou-me retirar, porque tinha que fazer e que pensar.

E retirei-me triste.

O homem desgraçado duvida tanto das lisonjas da esperança, que, se não encontra amigos que o ajudem a phantasiar formosas realidades, descoroçôa das suas previsões, descrê de si, e recáe no seu habitual desalento.

Procurei D. Antonia, e achei-a chorando. Pedi-lhe a razão das suas amarguras, e a boa senhora redobrou de pranto, proferindo, entre soluços, uma tal ou qual prophecia do abatimento em que ella teria de ver a religião, se Deus, por sua misericordia infinita, a não chamasse a si.

No dia seguinte, Bernardo entregou uma carta a padre Diniz, e, na tarde d'esse mesmo dia, recebi a boa nova de que veria á noite minha mãe em sua propria casa.

Doudejei de alegria; mas não sei fazer entender aos outros como era aquelle meu contentamento! Parece que o meu sorriso era violento. Faltava em mim uma certa expansão intima e luminosa de que me fallam os felizes da terra, e que eu não experimentei ainda, nem já agora tenho a louca vaidade de esperar.

Ás nove horas da noite estavamos, eu e o mestre, sentados no banco de pedra fronteiro á casa do conde de Santa Barbara.

Pouco depois, Bernardo conduziu-nos por um portal de

nta, e fez-nos entrar por uma cocheira, onde vi seges desnteladas, arreios, e um não sei quê de ruinas, que fallan de uma passada grandeza.

Subimos d'ahi a um corredor, que nos conduziu a um salão. N'este vasto recinto havia um lampeão, que derramava pelas paredes pardacentas sombras phantasticas, á maneira de vultos encapotados, que davam ao logar uma solemnidade mysteriosa.

Bernardo mandou-nos sentar, e saíu.

Padre Diniz, apenas sentado, continuou no seu intimo recolhimento espiritual.

Reparei que nas paredes estavam quadros pendentes; aproximei-me, e apenas divisei traços de vultos humanos.

Não pude calar a curiosidade, e perguntei ao padre que quadros eram aquelles.

— São retratos — respondeu elle, sem levantar a cabeça da postura meditativa em que a tinha.

Contei os retratos, e vi que eram seis. Tornei a examinal-os um a um, e não pude penetrar além do vulto.

Um, porém, prendia-me a attenção mais que os outros, por isso que o bruxolear da lampada projectava ás vezes um relampago fugitivo por sobre a escuridade da moldura.

E n'esse instantaneo clarão sobresaíam feições, e essas feições pareciam-me de mulher, e essa mulher queria eu por força que fosse minha mãe.

E, dando á voz toda a inflexão do carinho, perguntei ao padre se aquelle retrato era de minha mãe.

— É — respondeu elle, e atou de novo o fio da sua meditação, quebrado um instante.

Tornava eu para a minha deliciosa investigação, quando Bernardo nos chamou.

O padre seguiu-o, e eu, conduzido pela mão, entrei no quarto de minha mãe.

Estava ella deitada em um canapé, com um tremó á cabeceira, e o cotovêlo esquerdo apoiado sobre o tremó.

A luz, que lhe alumiava o rosto, era tão escassa, que eu mal a distingui, quando entrei.

Minha mãe apertou a mão do padre, e susteve-se n'ella, querendo sentar-se; e não podendo conseguil-o, sósinha, disse-me que lhe amparasse a cintura para poder erguer-se.

E, depois que se sentára, ficou abraçada em mim, com a face pousada sobre o meu hombro.

Senti-lhe as pulsações velozes do coração, e a lavareda em que parecia abrazar-se-lhe o rosto. De instante a instante humedecia os beiços em um copo de agua, que eu sustinha na mão direita.

De improviso rebentaram-me as lagrimas dos olhos.

— Que tens, meu querido filho?— murmurava minha mãe, limpando-me a face com o seu lenço — Que tens? Não podes estar aqui feliz ao pé de tua mãe? Coitadinho! Como vaes tão depressa provando o teu manjar de toda a vida!... São as lagrimas precursoras...

Estas ultimas palavras disse-as minha mãe a padre Diniz, que nos contemplava com as mãos enlaçadas sobre o peito, procurando nas sombras, talvez, esconder o testemunho de suas lagrimas.

— Joãosinho,— disse o padre — falle com sua mãe... diga-lhe que tem soffrido muito com ella... Não tenha só eloquencia de filho quando falla commigo... mostre a sua mãe que é um homem perfeito em soffrimento.

— Não preciso que elle m'o diga, eu bem o sei...— atalhou minha mãe — Eu bem o sei, porque elle é meu filho, e já está senhor da herança... de uma alma, que subindo ao céo, devia deixar na d'este menino as dores, que são da terra... Joãosinho... tens quinze annos... não deves chorar como criança... Conversa commigo... sim?

E eu sorri-me com violencia; mas não sei que dominação moral exerceram sobre mim, n'aquelle instante, os meus quinze annos! Olhei-me com altivez, e parece que reprehendi em mim a criança que devera ser um homem ao pé de uma mulher que pedia protecção!

— Eu não choro, minha mãe... chorei um momento, mas ninguem póde dizer ao coração que o chorar é uma vergonha, não é assim?

E minha mãe respondeu-me com um beijo, e logo, encarando o padre, sorriu-se com um ar de espontanea alegria, que eu nunca lhe tinha visto.

— E não foi bem romantica a resposta, snr. padre Diniz? — disse ella.

— Eu já me não admiro — respondeu o padre.

— Não lhe pareceu ouvil-o... diga... não eram assim as suas respostas?

— As respostas de quem?— perguntei eu.

— Digo?— interpellou minha mãe, com os olhos fixos no padre.

— Por que não?— respondeu elle.

— Queres saber — tornou minha mãe — com quem te pareces nas tuas respostas, meu filho? Não adivinhas, sem que t'o digam? Não te falta na vida um ente, que, deixando-te no mundo, havia deixar-te de si alguma lembrança?

— Meu pae?— exclamei eu com energia e commoção.

— Sim, sim, sim, teu pae — bradou minha mãe, apertan-

do-me freneticamente ao seio, e estremecendo toda ella na convulsão de uma febre.

Esta situação, demorada de mais para o seu debilitamento, prostrou-a, obrigando-a a deitar-se sem me largar a face da posição em que a tinha.

O padre, pensando que eu, assim reclinado sobre a face d'ella, devia incommodal-a, quiz desenlaçar-me, e não pôde conseguil-o.

Minha mãe não chorava. Árida nas faces, e abrazada nos labios, parece que um vulcão intimo lhe queimára aquella parte do coração, onde o anjo dos allivios deve ter depositado o pranto.

Esta penosa situação, para todos nós, durou assim alguns minutos.

O desalento de minha mãe sobresaltou-me muito. O padre, que sabia que doença era a d'ella, não deu signal de perturbar-se, e ajudou a sustentar o collo da pobre senhora em uma altura em que a respiração lhe fosse menos penosa.

As faces passaram-lhe de um pallido cadaverico ao vivo rosado de uma saude vigorosa; mas aquelle escarlate, destacando-se no rosto como duas romãs, carregava o azul-escuro das sombras, que lhe desciam das orbitas. E, depois, minha mãe, estremecendo, e levando a mão ao seio, como se o coração estremecesse com ella, denunciou por gestos que tinha alli uma grande dor.

Séntou-se, sem precisar do nosso auxilio; pousou a testa na mão esquerda; comprimiu o coração com a direita, e esteve alguns minutos n'esta postura, que eu e o padre contemplavamos sem dizer uma palavra.

Por fim atacou-a uma tosse, para a qual pareciam extinctas as forças de minha mãe. Que ella era dolorosa e violenta, denunciavam-o as contorsões do corpo, e o sangue que lhe saia ás golfadas sobre um lenço, que minha mãe collocava á bôca, como se quizesse esconder-nos aquelles indicios de uma vida a extinguir-se.

Reparando na minha inquietação, a desgraçada, como a luz que bruxoleia nos seus ultimos clarões, sorria-se com a graça de um anjo e com alegria de martyr.

— Não é nada, meu filho! — dizia ella — Vive-se assim muitos annos, quando se tem um grande espirito para soffrer. Deixa morrer o corpo, meu filho, que a alma é immortal, como o amor de mãe. Terás de viver longe de mim pela vida, mas has de entrar no meu seio pela morte. As nossas desgraças devem terminar aqui... Do tumulo para dentro não está uma pouca de cinza fria; lá é que principia a vida dos que se sentiram viver no inferno variado de mil tormentos... n'este

inferno do mundo, em que a esperança da morte é o paraizo dos infelizes... Não é isto assim, snr. padre Diniz?

— Falla como inspirada, snr.ª condessa,— respondeu o padre — e não póde assim fallar-se sem presentir o premio que Deus promette aos que choram...

— Ai! — murmurou minha mãe — aos que choram!... E que lagrimas, snr. padre Diniz! e com que resignação!... Sempre é muito forte a mulher quando lucta com os padecimentos! O que eu tenho soffrido ha doze annos, aqui, n'este quarto, com aquella porta fechada, com aquella janella pregada, com esta lampada accêsa noite e dia!... Tantas vezes ajoelhei pedindo ao Senhor o fim dos meus trabalhos!... E não era vã a minha oração... O que Deus me dava era coragem para futuros martyrios; era resignação para esquecer-me dos passados... mas esperanças... no mundo... nenhuma, meu filho, nenhuma o Senhor me dava, nem ainda a de encontrar-te um dia... E, comtudo, aqui estás tu nos meus braços!... não és tu meu filho?...

— Sim, sim, minha querida mãe...

— Pois que mais quero eu? Fui ouvida, fui attendida por Deus!... Na hora das supremas angustias, antes de cerrar as palpebras para sempre, quiz Deus que eu te visse! Agora... que meus olhos se fechem, porque não tenho mais que ver, nem o coração tem outros sonhos, que devam realisar-se aqui... Um sinto eu, acordada, e dormindo... um sonho, mais que um sonho, uma anciedade do infinito, em cujo seio devo encontrar o anjo da minha mocidade, das minhas alegrias, e dos meus tormentos... Queres tu vel-o tambem, meu caro filho? queres um dia ver o meu anjo, o thesouro de tua mãe, a estrella que lhe deu a luz na infancia, que lhe mostrou o céo na terra, e que um dia se escondeu aos meus olhos, porque fora alumiar o sacrario do Altissimo?

— Quem é, minha mãe?... quem é?

— Quem é?— perguntas tu... É uma saudade, é uma imagem que se não palpa, e eu sinto-a vibrar-me em todo o corpo como sinto os teus labios nos meus... É uma imagem, que me não falla a linguagem dos homens, e eu ouço-a, noite e dia... ouço-lhe um hymno de felicidade, quando eu choro... e deixo de chorar, porque esta alegria do meu anjo é um grito de coragem ao meu espirito, que desfallece. Ainda não sabes quem é o anjo de tua mãe?

E eu ouvi-lhe aquellas palavras quasi inintelligiveis pela expressão e pela idéa. Eram novas para mim aquellas pinturas, que eu não tivera tempo de encontrar nos livros, onde se acham escriptas as historias das paixões, nos romances, onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado

por nenhuma. E, depois, minha mãe parecia fallar em um mundo que não era este. O seu rosto irradiava uma candura angelica e uma electricidade indizivel, que pareciam tornal-a superior a si mesma. Hoje é que eu vejo a menor linha de transfiguração d'aquelle rosto, onde a morte se ostentava tão bella, como se a aproximação do tumulo, a ultima quadra da vida, fosse tambem a primeira de uma nova innocencia, com todas as suas alegrias!

E minha mãe repetiu a sua pergunta:

— Não sabes quem é o anjo de tua mãe?

E voltando-se para o padre, continuou:

— Parecia que o coração devia adivinhar-lh'o, não é verdade, snr. padre Diniz?

O padre olhou para mim sorrindo-se, e encolheu os hombros, como se pedisse a minha mãe desculpa da minha pouca penetração. Mas por uma intuição que não sei explicar, lembrou-me de repente que o anjo das alegrias e das saudades de minha mãe era meu pae. Machinalmente proferi esta palavra com aquella intimativa de quem, na dúvida de adivinhar uma pergunta enigmatica, balbucia uma resposta incerta. E minha mãe, enlevada em um arroubamento de jubilo, abraçou-me impetuosamente. Parecia agradecer-me o desafogo que eu lhe dera, pronunciando um nome, que o pejo lhe abafava no coração.

Padre Diniz, organisação nervosa e enthusiastica pelo sublime, achou n'aquelle abraço incentivo para uma d'estas emoções, que electrisam o sangue, e fazem saltar as lagrimas.

— Foi a natureza — dizia-me minha mãe — quem te ensinou esse nome?... Quem te disse a ti, meu filho, que o anjo das minhas saudades devia ser teu pae?

— Ninguem me disse que elle era um anjo — respondi eu — mas já sabia que minha mãe...

— Diz, diz, Joãosinho...

— Que minha mãe soffria muito por minha causa, e que a pessoa que a fazia soffrer não era meu pae...

— Não, não! — exclamou ella com vehemencia — Graças a Deus, que não é teu pae o meu algoz... Não podia sel-o... Oh! eu te amaldiçoaria se fosses filho de um monstro... Não me recordem esse homem, que lhe vejo a sombra, e a sombra d'esse tigre tem garras que despedaçam o coração!... Não posso acordar do pesadelo agonisante a que esse barbaro habituou a minha existencia! Custa-me a persuadir que elle não está aqui, espreitando as minhas palavras, o meu gesto mais innocente, e o meu pensamento mais occulto! E eu não podia pronunciar uma palavra que não fosse uma provocação aos odios sanguinarios do meu carcereiro! Escandalisava-o o meu

silencio, quando pedia a Deus que me désse alentos. Escandalisavam-o as minhas palavras, quando lhe pedia a elle perdão de crimes, que eu não tinha! Que inferno, meu querido filho, que inferno tem sido esta lenta agonia de tua pobre mãe!... Oh! por Deus te peço, não te lembres de que entre mim e ti está esse homem, que partiu para longe, mas que deixou o seu phantasma pavoroso a vigiar-nos...

Minha mãe tinha subido a um gráu de excitação, que fazia dó e receio. Padre Diniz interrompeu-a, distrahindo-lhe a attenção para um objecto que elle suppunha distrahir-lh'a.

Fallou na saída imprevista do snr. D. Miguel, no desembarque do snr. D. Pedro, nas consequencias d'estes dois acontecimentos, e no futuro de Portugal. Penso que era isto, porque não attendi á exposição do padre, e penso mesmo que minha mãe lhe acenava com a cabeça, em ar de intelligencia, simplesmente por urbanidade.

Todavia a febre de minha mãe serenava visivelmente, como se a conversação do padre lhe suscitasse uma carinhosa esperança.

Ao toque de uma campainha appareceu Bernardo.

E minha mãe perguntou-lhe se tinha ouvido dizer alguma cousa. Bernardo respondeu negativamente, e saiu.

A tímida senhora explicou-nos, da seguinte maneira, este seu temor.

— Aqui, n'esta casa que chamam minha, sou eu quem dá explicação da sua vida aos creados, e estes receberam do conde de Santa Barbara o direito de não só espreitarem, mas até pedirem a sua mulher explicação dos actos de sua vida. Entre as creadas ha uma especialmente que vive aqui como senhora absoluta, porque meu marido não precisou da benção matrimonial para conferir-lhe a soberania de rainha. Julguei algum tempo que me convinha ser amiga aduladora, e até escrava d'esta mulher. Cuidei que, merecendo-lhe o seu amor ou a sua piedade, desarmaria as cóleras de meu marido.

— Enganei-me. O sacrificio que fiz da minha dignidade fez que eu fosse de então em diante mais ultrajada por ella, e mais escarnecida por elle. O snr. conde saiu, e a sua valida retirou-se aos seus dominios...

— Ah! — interrompeu o padre — ella saiu d'aqui?

— Retirou-se aos seus dominios... quero dizer... fechou-se em metade d'esta casa, serve-se com as suas creadas, que muita gente dirá que são minhas, creio até que recebe as suas visitas, e de vez em quando pergunta o que faz D. Angela de Lima, como ella me chama, para me não dar parte no titulo do *seu* conde de Santa Barbara. E foi com mêdo d'esta mulher que eu chamei Bernardo, porque, se elle me

dissesse que a «minha ama» suspeitava da existencia de v. s.ª aqui, eu teria de ir curvar-me humilde aos pés d'ella, pedindo-lhe que me não denunciasse ao seu amante, que tem sobre mim direitos de marido.

Comquanto eu não comprehendesse logo toda a idéa occulta d'esta ironica humildade de minha mãe, entendi o que bastava para nutrir um odio, não de criança, um odio profundo á mulher de quem se fallava. Sem pensar anticipadamente o valor de minhas idéas, disse eu a minha mãe:

— Essa mulher tem aqui alguma cousa?

— Tem tudo, meu filho; tem um poder de senhora.

— E minha mãe?

— Eu tenho a humildade de creada... pois não vês que mêdo eu tenho de que ella saiba que eu estou aqui comtigo, e com o teu mestre?

— Mas essa mulher deve ser castigada.

— Quem a castigará? Deus... não é verdade?

— Deus castiga, penso eu, no outro mundo; mas n'este mundo tambem ha castigos.

— Então que queres, meu filho... eu não posso castigal-a, porque ella é mais forte, e tem um homem á sua disposição.

— Que homem?

— O conde de Santa Barbara.

— Mas para esse,—disse eu energicamente — para esse tem minha mãe um filho.

— Pois queres defender tua mãe, meu anjo?

Minha mãe sorria e chorava, fazendo-me esta pergunta; e padre Diniz olhava o meu desembaraço com pasmo.

Á pergunta que ella me fez já eu não pude responder com a mesma resolução. Pensei que lhe desagradavam esses meus brios de homem, talvez por mal cabidos em um rapaz de quinze annos! Respondi a minha mãe com um sorriso e um gesto. Ambos me comprehenderam, e notei que padre Diniz, a meia voz, lembrava a minha mãe a inconveniencia de provocar-me em uma idade irreflectida. Conjecturei isto da resposta de minha mãe:

— Deus me livre d'essa tentação; mas não vê aqui o filho d'esse homem tão nobre como pundonoroso?

— E não será uma consolação morrer resignada nas mãos de um carrasco, quando se não morre abandonada de todo o mundo, quando se não morre sem um filho que dê valor ao sangue innocente de sua mãe?

## VII

A condessa passava do abatimento á exaltação com admiravel rapidez. O rubor febril das faces mudava-se-lhe em pallidez repentina, apenas o silencio succedia á energia da palavra. E então via-se-lhe o cansaço no latejar do seio, e na lassidão das palpebras, que desciam amortecidas sobre as pupillas vidradas de lagrimas.

Eu cuidava que chamar-lhe «mãe» era restituir-lhe o vigor perdido. Algumas vezes esta palavra fazia estremecel-a, e abrir de repente os bellos olhos, onde a luz da alegria era um relampago, que eu não podia com os meus carinhos fazer durar alguns minutos. No seu sorriso para mim, e para as minhas estereis palavras de conforto, traduzia-se a violencia e o corajoso esforço da felicidade contrafeita.

No mundo é que eu aprendi a decifrar as amarguras nos sorrisos. Eu não sabia então que minha mãe era mais feliz quando chorava, que quando ria.

Padre Diniz fallava pouco; mas cada palavra sua era uma consolação, que tinha em si um preceito evangelico, e um conselho de extremoso amigo.

Nas mais demoradas syncopes de minha mãe eu pedia ao padre que a consolasse e alliviasse d'aquelle peso. Não me respondia, e o seu silencio de então é hoje bem eloquente para mim. Aquelle homem tivera demasiado tempo de saber que o coração, devorado no intimo por ulceras insanaveis, é como o sepulchro insensivel ás lagrimas da mãe, que lhe pede o filho; é como a dor que mata, superior em lucta desigual com as debeis forças da palavra confortadora.

Minha mãe, depois de olhar-me com attenção penetrante, e vacillar em uma irresolução que parecia affligil-a, disse a padre Diniz com voz suffocante:

— O meu filho não poderia viver commigo algum tempo, alguns dias, aqui?

O coração saltou-me no peito. Olhei para o padre, com gesto não menos supplicante que a voz de minha mãe. A alegria que transpirava dos meus gestos anciosos fez sorrir o padre, e irradiou-se na face de minha mãe.

—Viver seu filho com v. exc.ª... — disse o mestre — não me parece isso um acêrto... Não acaba a snr.ª condessa de pintar-me a vigilante espionagem em que estão os seus actos?

— Tem razão...— murmurou minha mãe; pendeu a cabeça para o seio, e chorou.

— Mas o Bernardo — exclamei eu — não é bastante para esconder-me dos nossos inimigos? Eu peço-lhe, sim, minha mãe?

— Como has de tu pedir-lhe; meu querido filho?

— Digo-lhe que me deixe estar aqui de noite, quando as creadas estiverem recolhidas; e de dia esconde-me debaixo da sua cama.

O padre e minha mãe sorriram-se; mas o abalo que a desgraçada reflexão do padre lhe causou, fazia dó. A infeliz fora ferida no seu orgulho. A revelação, que ella nos fez do mêdo que tinha á sua creada, não lhe foi de certo tão pungente como a observação com que o padre respondeu á sua doce esperança de possuir-me. Foi o mesmo que dizer-lhe: «nada podes em tua casa, porque está ahi uma mulher, que tomaste como tua creada, e que teu marido revestiu de plenos poderes sobre os desejos mais santos do teu coração. Suffoca pois as expansões de tua alma, porque o amor que tens a teu filho não deve vencer o mêdo que tens a tua creada.»

E não ha affronta mais vilipendiosa a uma alma nobre!

Padre Diniz, reconhecendo a sua cruel sinceridade, procurou sarar a chaga, que só a morte podia cicatrizar.

— O menino lembrou bem — disse elle. — Com o auxilio de Bernardo é talvez muito mais facil não ser percebido aqui, e v. exc.ª bem sabe, sabe melhor que eu, os graves infortunios que podem seguir-se a uma accusação d'esta ordem feita a seu marido.

— Sei, sei — balbuciou ella.

— E com uma tal creada não é para admirar que no proximo correio o conde de Santa Barbara receba uma carta da sua... creada, em que sua esposa é accusada de ter de portas a dentro...

— Não diga mais — interrompeu minha mãe afflicta. — Eu sei todas as consequencias... e a mais funesta é de todas a que eu mais appeteço... Por Deus, snr. padre Diniz, desejo a morte como um agonisante de sêde deseja uma gotta de agua... Desejo esquecer-me dos meus verdugos, porque espero em Jesus Christo que a minha alma não vá d'este mundo com o odio, que n'este mundo lhe derramaram, á força, os malditos a quem meu marido encarregou o meu supplicio... Deixo meu filho, é verdade, deixo meu filho; mas tambem espero em Deus, que o amor, o santo amor de mãe, vá commigo á eternidade continuar-se no amor de Deus... Eu estou tão convencida d'estas verdades, que a minha fé me dicta, que começo a sentir a doçura dos padecimentos na certeza de que.

ha de vir um, e eu hei de vencel-o, e esse ha de ser o ultimo... E, depois, meu caro filho, tu ficarás no mundo com esta herança de fé, que tua mãe te deixa. Se soffreres innocente, has de chegar a beijar a mão que te ferir de morte, porque... se não fosse a morte... que triste cousa era teres conhecido tua mãe para a perderes tão cêdo!...

— Snr.ª condessa! — interrompeu o padre — Essas idéas são justas e santas; mas v. exc.ª não póde caminhar voluntariamente ao termo final da sua vida, emquanto Deus lhe der modo de salvar-se da morte. D'ahi ao suicidio não vae grande differença... É certo que seu marido tem má indole, e não se horrorisa diante da crueldade de assassinal-a lentamente; mas v. exc.ª tem a liberdade de fugir d'esta casa de martyrio, como quem foge á perseguição de um punhal.

— Que idéa! — exclamou allucinadamente minha mãe — Que idéa!... E posso eu fugir d'aqui sem que o mundo me calumnie, sem ter de envergonhar-me de algum ultraje, que desvirtue a minha vida de mulher casada?!

— Póde, — respondeu serenamente o padre — póde, porque a justiça de Deus é superior ao juizo dos homens. Que póde o mundo dizer? A condessa de Santa Barbara deixou seu marido. Por quê? Se houver uma bôca perversa que cuspa a infamia no caracter virtuoso da condessa de Santa Barbara, a voz da verdade fará calar o calumniador: e eu, homem cujos labios se não deshonraram ainda pela mentira, e que agradeço a Deus a consideração que o mundo me dá, sairei a publico, entrarei nos salões, fallarei nas praças, e, se for preciso, quando o conde de Santa Barbara ousar assentir aos calumniadores de sua mulher, eu bradarei bem alto: «este homem mente como um vil!»

Minha mãe, exaltada pelo enlevamento magestoso do sacerdote, saltou do canapé, tomou as mãos do padre, e caiu de joelhos, soluçando palavras inintelligiveis. Nem então, nem hoje posso explicar a força que me fez tambem ajoelhar! Minha mãe, vendo-me ao pé de si, lançou-me o braço esquerdo pelo pescoço, e disse-me com voz balbuciante:

— Chora commigo, meu filho, aos pés de um homem, que quer salvar tua mãe!

O padre fez-nos erguer, e conduziu minha mãe ao canapé. Ás emoções d'esta triste grandeza não resistem os caracteres ignobeis, quanto mais o de um homem, cujos labios não tinham sido deshonrados pela mentira! Padre Diniz tinha a face inundada de lagrimas, que pareciam paralysar-lhe o dom da palavra. Pelos gestos conhecia-se que o digno ministro de um Deus misericordioso nos queria dizer que a sua missão era aquella, e que o sublime d'aquelle quadro estava no Evange-

lho e não no interprete; estava em Deus, que mandava, e não no homem, que obedecia.

— Ainda posso ser muito feliz n'este mundo, não é assim, snr. padre Diniz?— perguntou minha mãe, com estranha alegria.

— E qual é o christão que não póde ser feliz n'este mundo? — disse o padre — O que são as perseguições aqui em baixo n'estes tres dias de peregrinação? V. exc.ª póde ser feliz mudando de situação, porquê, em verdade, não sei que possa peiorar de soffrimentos.

— Pois bem... eu deixo esta casa... mas...— E minha mãe n'esta hesitação foi comprehendida pelo padre.

— Mas...— acudiu elle — quer um tecto hospitaleiro, onde possa viver com seu filho... não é assim?

— Sim, sim, — exclamou ella como delirante — com meu filho... Não posso aspirar a tanta felicidade... é muito para mim, que tenho sido tão desgraçada... é uma illusão que quero nutrir sem que Deus me diga que posso realisal-a...

— Póde! — retorquiu o padre com confiança.

— Posso? viver com meu filho? em paz? sem remorsos? sem temores?... posso?

— Póde, snr.ª condessa. O mestre de seu filho não será indigno de ter como hospeda, como filha, e como irmã, sua mãe.

— Oh meu Deus!

Minha mãe, n'esta exclamação, com as mãos erguidas, exprimiu o sentimento que não posso eu descrever. Creio que aquella elevação para o céo era uma expansão do reconhecimento, porque eu tenho sentido, na minha longa vida de trabalhos, necessidade de agradecer a Deus uma ventura das que eu, habituado a soffrer, já não ousava pedir. E este reconhecimento do infeliz é, porventura, um grande testemunho a favor d'essa mão invisivel, que a Providencia dá aos desgraçados que tocam a borda do abysmo.

N'este lance o silencio era o seu mais sublime complemento. Padre Diniz contemplava minha mãe com uma santa alegria, e parecia que na viva satisfação do rosto se lhe via brilhar a gloria do homem, que póde ao pé de uma innocente desgraçada exclamar:

— Salvei-a!

## VIII

E minha mãe, animada pela esperança de melhores dias na terra, parecia rehaver o viço das faces, aquelle rosado da saude, que não é o escarlate incendiado da febre, ou a pallidez sombreada do moribundo. Até esse momento, nunca eu lhe vira outro colorido no rosto.

Era, pois, a possibilidade de abandonar aquella casa que a salvára. Não se explicará naturalmente a robustez e o desembaraço, que, tão depressa, tomou o corpo alquebrado de minha mãe! Aquella fronte, alumiada pelo sol da esperança, restaurou a nobre altivez de sua magestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como a tige da flor, que uma gotta de agua revocou á vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espirito. Era uma criança a doudejar de alegre, abraçando-me com frenesi, beijando com ternura as mãos do padre, e communicando-nos o seu contentamento como um excesso de vida, que lhe não cabia no coração.

— Se esta esperança fosse uma mentira — dizia ella — eu seria mais desgraçada.

— Eu não minto, snr.ª condessa — replicou o padre, dando á physionomia um gesto de severidade em que se revelava a firmeza das suas tenções. — Hoje mesmo — continuou elle — se v. exc.ª quer, entrará com seu filho em minha casa, com a mesma liberdade com que entraria na casa de seu pae, se o tivesse.

— Hoje mesmo!... — exclamou minha mãe — Hoje mesmo!... sim... e por que não ha de ser hoje mesmo?... Este convite que v. s.ª me faz, bem póde ser um aviso de Deus... eu devo talvez fugir hoje mesmo... O anjo protector de meu filho é o snr. padre Diniz, e talvez seja tambem o meu... Mas... hoje mesmo... que dirão... oh! minha querida mãe, inspira-me do céo!...

E uma força superior á minha vontade fez-me dobrar os joelhos aos pés de minha mãe, supplicando-lhe que deixasse aquella casa n'aquella mesma noite. Padre Diniz fortaleceu os meus rogos, pedindo-lhe que attendesse ao fervor com que eu lhe pedia. Minha mãe, irresoluta um instante, tocou uma campainha. Bernardo appareceu.

— Bernardo — disse ella — posso saír sem ser vista?

— Quando v. exc.ª quizer.

— Posso levar commigo um bahú?

— Estou eu aqui para leval-o — respondeu Bernardo.

— É aquelle — disse minha mãe, apontando para uma caixa de couro marchetada de amarello.

A minha alegria era como um alvoroço intimo, que me não deixava certificar da realidade d'aquelle bello sonho.

Bernardo saíra com o bahú: minha mãe cobriu-se do mesmo manto, que lhe vira nas duas vezes que lhe fallára; os seus passos para a porta eram firmes e resolutos; mas, voltando a face machinalmente para o interior do quarto que deixava, fraquearam-lhe os passos, cansou-lhe a coragem, e anuviou-se-lhe o brilho das faces, como se por entre as cortinas do leito lhe acenasse uma larva aterradora. Encostada ao alisar da porta, pousou a cabeça sobre a mão esquerda, e segurou-se com a direita ao braço do padre.

— Então que fraqueza é esta, snr.ª condessa?— interpellou o padre.

— Sou uma fraca mulher... a desgraça dá cabo do corpo e do espirito... nem para buscar a ventura deixa coragem a infeliz!...

— Que sente, minha mãe?— perguntei eu, beijando-lhe enternecidamente a mão gelada.

— Que sinto, meu filho? Nem eu posso dizer-te... É o peso do meu destino... É a minha consciencia que me diz que não devo tentar a felicidade, da qual não tenho direito ao menor quinhão...

— Não falle em destino, senhora — interrompeu o padre.— Deixe essa palavra ao povo, e aos impios, mais ignorantes que o povo. O destino é uma palavra vã, é uma negativa ao que Jesus Christo nos diz dos soffrimentos n'este mundo, e dos contentamentos no outro...

Emquanto o padre proseguia n'este discurso religioso, que não pude reter na memoria, abracei minha mãe pela cintura, e senti-a tremer como em uma febre intermittente.

O susto obrigou-me a interromper o padre. Pedi a minha mãe que se sentasse, e consegui, ajudado pelo mestre, sental-a no mesmo canapé, d'onde, ha pouco, a vira levantar-se com tanta energia.

Ahi, a infeliz escondeu o rosto entre as mãos, e soluçava anciadamente.

Bernardo voltava de collocar o bahú fóra do palacio. Minha mãe estremeceu quando sentiu passos estranhos no quarto. O terror habitual da sua vida afinára-lhe o systema nervoso, a ponto de figurar-lhe em cada ruido os passos do seu demonio domestico, que se aproximava com o flagello da morte lenta.

— Ah! és tu?...— exclamou ella.

— Sim, minha senhora; agora o que resta saber é para onde vae o bahú.

— Para minha casa — respondeu o padre.

— Sim, sim, para nossa casa — acrescentei eu.

— Para nossa casa!... — disse minha mãe, sorrindo ternamente para a minha franqueza.

— Pois é o que se devia ter feito ha muito... — disse Bernardo com aquella chã sinceridade, que tão bem cabe em um amigo.

Minha mãe sorriu-se ainda ao decidido applauso de Bernardo, e, vencendo um esforço que lhe sofreava o coração, ergueu-se outra vez corajosa e animada como ha pouco.

D'esta vez não voltou o rosto ao transpôr a porta do quarto. Padre Diniz, prevenindo a repetição do acto, tomou-a pelo braço, e parece que a levava por força.

E depois atravessamos silenciosos o salão por onde vieramos: era o salão dos retratos.

Ahi, minha mãe largou o braço do padre, e foi ajoelhar-se diante de um dos seis quadros, cujas feições eu não podéra enxergar.

Nem ao menos murmurava a sua oração, se era uma oração o que ella fora alli fazer com a linguagem mystica do espirito.

Pé ante pé, acerquei-me do padre, e perguntei-lhe baixinho se aquelle painel era a imagem de alguma nossa Senhora.

Respondeu-me que era a imagem de uma santa.

Perguntei ainda o nome da santa.

Respondeu-me que era minha avó, a mãe d'aquella outra martyr que estava de joelhos.

— E por que não hei de rezar tambem? — interroguei eu.

— Ninguem o priva, menino, reze tambem, peça-lhe que leve á presença de Deus as lagrimas de sua mãe.

E eu fui ajoelhar-me ao lado d'ella. Não sei quaes então foram os pensamentos calorosos, que a minha innocencia elevou á imagem d'aquella que vivia em minha mãe pelo espirito de martyrio. Sei que havia eloquencia na minha fé, e esperança na minha oração, mas se hoje me pedirem uma palavra d'aquellas, uma lagrima das que então chorei n'aquelle vehemente fervor, eu terei de pedir primeiro aos homens que me restituam a minha innocencia, a minha fé, e o thesouro de virtude que me roubaram.....

Minha mãe levantou-se, e caminhou com firmeza, mas calada, e recolhida, como se continuasse ainda a sua prática com os espiritos invisiveis.

Durante o transito do palacio á casa de padre Diniz, minha mãe careceu do nosso amparo, algumas vezes, para não

cair desfallecida. Apenas podemos arrancar-lhe algumas palavras, apesar de todas as diligencias que fizemos por distrahil-a.

Quando entramos no meu quarto, saía Bernardo de pousar o bahú. Minha mãe fez-lhe signal de acompanhal-a, e disse-lhe:

—Vae para casa, e vem ámanhã participar-me o menor incidente. Tem cuidado que te não sigam, nem te vejam entrar n'esta casa. Queria remunerar-te os teus serviços, meu amigo leal, mas sou pobre como sabes, e se fosse rica seria muito melindrosa em recompensar-te, porque o teu coração é nobre de mais para ser pago com dinheiro.

Bernardo chorava, e não podia articular os gemidos com que se despediu de nós.

Minha mãe, movida pelos carinhos de D. Antonia, passou a apparentar um socego e contentamento de espirito, que fazia a felicidade de todos nós.

## IX

Não houve algum incidente desagradavel. Minha mãe parecia feliz, e nós procuravamos, com as nossas conversações alegres, sustental-a n'aquella sua distracção.

Até á uma hora da noite, estivemos juntos no meu quarto. Depois, minha mãe recolheu-se ao de D. Antonia, onde fora preparada a cama.

Quando me levantei, na manhã do dia seguinte, vi da janella do meu quarto que minha mãe passeiava no jardim.

Corri, cheio de alegria, a beijar-lhe a mão, reprehendendo-lhe docemente não me ter mandado chamar. Respondeu-me que o somno da manhã era a unica hora feliz do dia para as pessoas pouco venturosas, e não quizera por isso acordar-me. Disse mais que se erguera muito cêdo, porque dormira quatro horas um somno socegado, o que não lhe acontecera ha muitos annos; e, como não podesse nem precisasse dormir mais, viera, com permissão de D. Antonia, recordar, sósinha, a ventura que Deus lhe concedera em umas poucas de horas, sem que alguma nova desgraça lh'a perturbasse.

Minha mãe fez-me sentar ao pé de si, e inclinou-me a cabeça sobre o seu hombro. N'esta postura, estivemos silenciosos alguns minutos.

É inexprimivel o gôso de minha alma n'aquelles rapidos instantes.

Eu, e minha mãe, precisavamos d'aquelle recolhimento, d'aquella mudez, em que o coração parece povoar-se-nos de espiritos celestes, que fallam uma linguagem, que a lingua humana não articúla.

E tanto assim é, que, se, n'aquelle momento, me perguntassem o que eu sentia, não me fora possivel definir com a palavra as vagas imagens que tanto me diziam.

E, como eu então notasse a insufficiencia das minhas idéas, para revelar a expansão de immensa felicidade que me enlevava, lembrei-me se a falta seria de mim e da minha falha de palavras. E, por isso, pedi a minha mãe que me dissesse o que sentia.

Respondeu-me que não podia.

— Olha, meu filho, eu penso que Deus não concede á palavra a soberania que concede ao espirito. As grande dores são mudas como os grandes jubilos. Em situações de infinita amargura, cheguei a um estado de não poder gemer. Ajoelhei muitas vezes, sem balbuciar uma palavra queixosa ao Deus da justiça, porque a não tinha. E já hoje ajoelhei aos pés da minha cama, com o coração a trasbordar de alegria, e tambem não tive uma palavra com que agradecesse ao Deus da compaixão os momentos de felicidade que me dá. O que sinto agora, meu caro filho, é um desafogo na alma, uma primavera na vida, um não sei quê de felicidade, que só póde comparar-se ao transporte do convalescente, que se levanta de um leito de prolongado soffrimento para respirar o aroma das flores de abril. Comprehendeste-me, meu filho?

— Sim, minha mãe — respondi eu. — Comprehendi, porque eu, se podesse fallar como falla minha mãe, não saberia responder com outras palavras; mas não somos nós tão felizes?... não parece que Deus nos está olhando n'este momento com tanto amor? A gente nunca deve suppor-se desgraçada de todo...

— Por quê, meu filho?

— Porque nós eramos hontem muito infelizes, choravamos muito, e estamos aqui agora abraçados, e tão venturosos, que nem podemos dizer por que somos tão felizes...

— E se o dia de ámanhã assim não for?

— E por que não será?! A mãe não quer levantar-se ámanhã como hoje, vir como hoje ao jardim abraçar seu filho... dizer-lhe que ha de fazer o mesmo no dia seguinte...

— Ah! sim, meu filho, eu queria como não póde querer-se mais á vida, ao amor e á salvação; mas os designios do Senhor são tão occultos... e o mundo está sempre tão acordado para não deixar adormecer a desgraça no coração de uma mulher infeliz...

— Pois que ha agora a receiar?

— O meu passado... meu filho... o meu passado...

N'este momento, vimos Bernardo descer para o jardim. Minha mãe sobresaltou-se quando o viu, e murmurou com voz trémula:

— Que desgraça virá annunciar-nos?...

Bernardo justificava o triste presentimento de minha mãe: vinha pallido, e assustado, como se o perseguissem.

— Que ha Bernardo? — perguntou minha mãe com sobresalto, saíndo-lhe ao caminho.

— Não ha boas cousas, snr.ª condessa... O demonio está da parte dos máus sempre a tecer contra os bons.

— Pois que é?

— Que ha de ser, minha senhora... Era meia noite, e bateu á porta o snr. conde...

— O snr. conde! — exclamou atribuladamente minha pobre mãe.

— É verdade. Eu fiquei sem pinga de sangue, quando lhe ouvi a voz.

Minha mãe transfigurou-se rapidamente, perdendo a vivacidade que ha poucas horas principiava a agitar-lhe as feições, de antes paralysadas pela dor. E receiando ser vista no quintal, onde realmente não podia sel-o, levantou-se precipitadamente, tomou-me pela mão, e correu a esconder-se no meu quarto.

Bernardo entrou comnosco, e em seguida o padre e D. Antonia.

— Ha algum acontecimento? — perguntou o padre.

— Era impossivel que o não houvesse... — respondeu minha mãe, e continuou com um triste sorriso, semelhante a uma ironia ás suas proprias desgraças. — «Eu não te disse, meu filho, que o dia de ámanhã não seria como o de hoje!... Enganei-me, porque a desgraça estava outra vez commigo, quando eu suppunha que ella me daria algumas horas de trégoas...»

— Pois que foi? — interrompeu o mestre, voltando-se para Bernardo.

— Chegou o snr. conde; é o que aconteceu, quando ninguem o esperava — respondeu o creado.

— N'esse caso — tornou o padre com estranho contentamento — n'esse caso, snr.ª condessa, levante as mãos a Deus, e agradeça-lhe não estar em casa para o receber.

E minha mãe fitou um olhar de profunda reflexão na face do padre, como se aquellas palavras confortadoras tivessem feito em sua alma uma saudavel impressão.

Bernardo continuou:

— O snr. conde foi direito ao quarto de Eugenia; e encontrando-me em um corredor, onde vim cumprimental-o, dis-

se-me que não era preciso que a snr.ª condessa soubesse da sua vinda. Não respondi nem uma palavra; mas sentia cá por dentro uma afflicção d'aquella casta! Em vez de me ir deitar, estive de vigia a ver o que se passava, porque eu não sabia verdadeiramente o que vinha a ser aquella recommendação de não dizer á snr.ª condessa que tinha chegado o seu marido, tão depressa, saíndo por tanto tempo. Antes de mais nada, desci á cavallariça, e perguntei ao lacaio se o snr. D. Miguel tinha voltado. Disse-me que não. Perguntei-lhe por que tinha vindo o snr. conde, que fora na companhia do rei: respondeu-me que não sabia, nem se lhe importava saber. Fiquei como de antes. Descalcei os sapatos, e vim em palmilhas até á porta da sala, onde está a porta do quarto da creada. Esta porta estava aberta, e deixava ouvir tudo o que lá se dizia. Ouvi algumas cousas, que ainda me não esqueceram, porque até as escrevi, para as vir dizer á snr.ª condessa...

— Não, não, Bernardo — interrompeu minha mãe. — Não quero saber as conversas de meu marido com a sua creada.

— Mas talvez seja util e necessario sabel-as... — disse o padre.

— E o certo é que é muito necessario sabel-as — redarguiu Bernardo. — V. exc.ª dá licença que eu as conte?

— Sim, dou, diz tudo; ainda que seja para meu mal.

— Pelo contrario — tornou Bernardo — talvez que tudo seja para bem. Foi assim: O snr. conde estava a dizer á creada, que chegando a Santarem tivera muitas saudades d'ella, e conhecera que já não podia viver sem ella; e por isso se fizera doente, e fora deitar-se, dizendo que tinha febre; e que o snr. D. Miguel, pensando que era verdade a sua doença, lhe dera licença de vir tratar-se a sua casa, e procural-o em Braga, depois que estivesse restabelecido. Que tencionava demorar-se alguns dias, e depois tornava a ir, levando a creada em sua companhia, porque não podia viver sem ella. Ora aqui está o que se passou até ás duas horas, em que me fui deitar, porque se fechou a porta do quarto.

Olhei para minha mãe, e vi-lhe o semblante prodigiosamente sereno. Esperei ouvir-lhe uma palavra, mas não se abriram seus labios, fechados por um sorriso inexprimivel.

D. Antonia tinha-se benzido duas vezes durante a narrativa de Bernardo. Eu sentira-me feliz por concluir de tudo aquillo que minha mãe continuava a ser minha mãe, e minha companheira.

— Está dito... — disse Bernardo — o snr. conde levanta-se das dez para as onze, e eu vou ver o que acontece agora.

Com estas palavras, conhecemos todos que o verdadeiro acontecimento devia dar-se quando o conde não encontrasse

em casa sua mulher. Não trocamos palavras, mas o silencio em que Bernardo nos deixou, era o susto em que todos ficavamos.

## X

Quem soffre muito, com raros intervallos de repouso familiarisa-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes ha uma renúncia voluntaria do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade de seus esforços por uma sorte melhor.

A dolorosa prática d'estas idéas, conhecia-a na presença de espirito com que minha mãe ouvira Bernardo, e esperava ainda ouvil-o, depois que o conde a não achasse em casa.

Reparei muito então, e avalio hoje mais aquelle seu sorrir indecifravel, quando o creado lhe contava os extremos de seu marido pela sua creada.

O amor proprio ferido, o orgulho senhoril aviltado, o desprezo absoluto em que seu marido a tinha, sacrificando a honra de ambos ás saudades de uma creada, estas affrontosas vexações ao coração de minha pobre mãe, arrancaram-lhe apenas um sorriso de apparente indifferentismo.

Seria indifferentismo?

Não era, não. Era a resposta mais nobre que uma senhora podia dar. Era a expressão mais leal de um espirito pundonoroso que, ainda na desgraça, recebe com magestade a extrema das vilanias.

A mulher trivial desencadearia uma trovoada de epithetos a seu marido e á sua ignobil rival. Vomitaria golfadas de maldições sobre o seu algoz; e protestaria vingar-se d'elle, obrigando-o a córar quando visse sua mulher usurariamente paga de suas infidelidades conjugaes.

Tive muitas vezes, no trabalhoso curso da minha vida, occasião de comparar minha mãe: Cheguei a ser «povo», acreditando na superstição do sangue nobre; mas quem ao depois me desilludia este prestigio eram as mulheres fidalgas, que desciam ás iras sordidas e plebeias, se o ciume lhes azedava o sangue... azul.

O que, em verdade, conclui de todas estas variantes, foi que este planeta, organisado por Deus, e entregue á administração dos homens, não podia cair em peiores mãos.

Mas não vá eu perder-me em abstracções fastidiosas para mim e para os que me lerem estas pungentes reminiscencias.

Era á tarde, quando Bernardo voltou. Esperavamol-o an-

ciadamente, eu e o padre. Minha mãe, essa parecia indifferente, ou pelo menos resignada não sei para que novos tormentos, que de seu marido podiam vir-lhe.

Bernardo contou assim o que presenciára:

— O snr. conde ás onze horas ergueu-se, e a creada poucos minutos antes veio á cozinha dar ordens para o almoço. Eu fui quem levei o taboleiro para a ante-camara da moça. O snr. conde saiu do quarto, com ella ao seu lado, e parecia muito contente da sua vida. Sentaram-se, e mandaram-me saír. Ao meio dia tocaram a campainha, e eu fui buscar o taboleiro. Quando me retirava, chamou-me o fidalgo, e perguntou-me se a snr.ª condessa já estava a pé. Respondi que não sabia. Mandou-me saber. Não estava má esta! Que havia eu de fazer n'estas entalas? Estive um bocado por alli a passar tempo, e lá quando me pareceu fui-lhe dizer que a snr.ª condessa não estava no quarto. Perguntou-me elle onde é que estava; respondi-lhe que não sabia. Disse-me que fosse sabel-o. E vae eu comecei a perguntar aos creados se sabiam onde estava a snr.ª condessa; respondiam-me que não. Forte novidade! podera responderem-me que sim... Tornei ao snr. conde, e disse-lhe que ninguem sabia dizer onde estava a senhora. E vae elle fita os olhos espantados em mim, e grita como um endiabrado:

«— Quem foi que te chamou outra vez para esta casa? Eu não te tinha mandado embora?

«Fiquei atordoado com estes gritos, e quasi que me ia engasgando!

«— Responde, — gritou elle outra vez — quem foi que te chamou para esta casa?

«— Foi a snr.ª condessa — respondi eu, com todo o desengano.

«— E onde está essa mulher?

«— Não sei dizer a v. exc.ª

«— Vou-te mandar amarrar, bregeiro, e vergalhar como a um preto, até dizeres onde ella está — disse elle. Subiram-me cá uns certos fumos á cabeça. Eu sempre fui homem prudente e temente a Deus; mas quando me querem chegar ao forro da camisa, não conheço ninguem. Não pude conter cá a raiva, e sempre lhe fui dizendo, que não seria facil amarrarem-me contra a minha vontade; que, se eu estava n'aquella casa, era porque a dona d'ella me mandára chamar; o mais que o snr. conde podia fazer era mandar-me para a rua, e pagar-me primeiro. O fidalgo pôz-se a olhar para o lado, como quem procurava com que me atirar á cabeça. O que estava mais á mão era uma cadeira, que de certo viria sobre mim, se a Eugenia lhe não agarrasse no braço, dizendo-lhe palavras

ternas. Foi o que me valeu a mim, e não sei se lhe diga, snr.ª condessa, que não foi máu para elle; porque, favas contadas, elle a dar-me com a cadeira na cabeça, e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha, Deus me perdoe! A creada levou-o pelo braço para o quarto, e fez-me signal de que me escapasse. Não foi preciso segundo. Fiz a trouxa, e mandei-me mudar, e não trouxe saudades. Ora aqui está o que eu sei.»

Minha mãe conservou-se na sua admiravel atonia moral, emquanto Bernardo fallou. Eu e o padre algumas vezes sorrimos ás franquezas de Bernardo, que não poderiam, sem a giria plebeia, causar vontade de rir. O padre Diniz offereceu acolhimento em sua casa ao fiel creado; mas nem elle nem minha mãe poderam conseguir que se aproveitasse, visto que não precisavam d'elle para o trabalho. Aquelle amigo leal chorava quando se despedia de nós; e consolava-se com a esperança de ser um dia testemunha da nossa felicidade.

Estavamos, portanto, privados de saber o que se passava em casa do conde de Santa Barbara. Minha mãe não se mostrava interessada n'isso, e parece que se esforçava por afastar semelhante assumpto das nossas conversações. Eu estimava muito esta simulada serenidade de seu espirito; mas padre Diniz conhecia melhor que eu o coração humano, quando disse a minha mãe:

— Eu vou sondar por terceiras pessoas o que se passa em sua casa, snr.ª condessa. Penso que não poderei saber cousa que mais aggrave o seu infortunio; pelo contrario, é de crer que seja a favor da tranquillidade de v. exc.ª tudo o que se tiver passado.

— A favor da minha tranquillidade!... — interrompeu minha mãe.

— Por certo... Não podemos esperar que o conde de Santa Barbara se converta em um bom marido. Eu estou persuadido d'isto, se é que a Providencia me não desmente com algum milagre. E emquanto Deus não vier directamente intervir nos negocios dos homens, eu penso que a indole de seu marido ha de ser sempre a indole do seu algoz, e perdoe-me v. exc.ª esta maneira de chamar ás cousas pelo seu nome. O que primeiro devemos pedir a Deus é a regeneração d'esse homem; e se as nossas orações não bastarem para conseguirmos tal maravilha, devemos pedir que o desvie para longe de uma infeliz senhora, que não deve deixar-se morrer, pedindo á justiça divina que a vingue. Um crime menor vae afastar esse homem de um crime maior. Seu marido, abandonando Lisboa para mais livremente saborear os amores da sua creada, deixa a v. exc.ª uma respiração mais livre, um ar

mais puro, e uma sombra de menos a perseguil-a de noite e de dia. O que elle não póde roubar-lhe é a suprema felicidade, que v. exc.ª deve agradecer a Deus, porque é innegavel que o mal é uma planta da terra, e o bem um orvalho do céo. Embora esse orvalho nem sempre nos converta os espinhos da mortificação em flores de paciencia, devemos agradecer muito ao Altissimo os pequenos beneficios, que bastam para compensar-nos grandes amarguras. V. exc.ª tem um filho e tem um pae. Este nome quero-o para mim; e se uma infeliz amiga não desdenha que eu a intitule minha querida filha, ha de seguir os dictames de um homem de cabellos brancos. Mulher, que ama seu filho, póde dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. Eu não sei que possa desejar-se na terra mais suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão santo, este reflexo da ternura de Maria Santissima, é o vinculo que prende as delicias dos anjos com as raras alegrias da terra. Que mais quer, snr.ª condessa? não tem aqui seu filho?

— Tenho, tenho,— exclamou minha mãe, abraçando-me com exaltada vehemencia — tenho aqui meu filho, e tenho mêdo que m'o roubem, tenho mêdo que Deus o chame para junto de seu pae... Oh! snr. padre Diniz! eu sou tão desgraçada, que tremo até de pedir um bem tão simples, como se tivesse a certeza de que não tenho direito ás migalhas de felicidade que sobram ás mais pobres mães, a essas pobres mulheres, que apagam com lagrimas a sêde de seus filhos. Pois não vê? Acha que esse homem não fará valer toda a sua auctoridade em Lisboa, para vir-me arrancar dos braços d'esta criança? Não sabe, meu querido pae, que este menino é a innocente causa dos meus padecimentos, ha tantos annos?

— Sei, sei-o de mais!...— respondeu o padre — mas Lisboa não é uma aldeia. V. exc.ª viverá em minha casa, desconhecida, como se, em vez de entrar aqui, se afogasse no Tejo, ou fechasse sobre si a lousa de uma sepultura. Quando fosse possivel ser descoberta a sua existencia em casa do pobre mestre de meninos, v. exc.ª acharia n'esta pobre casa os meios necessarios para transportar-se com seu filho a duas mil leguas de Lisboa. A benção de Deus não desamparou Agar no deserto. A victima que foge a um sacrificio de morte, que lhe não é necessario para salvar a honra, em toda a parte encontra a mão invisivel da Providencia a ministrar-lhe o sustento dos que padecem por amor de justiça.

Minha mãe, ajoelhando aos pés do sacerdote, regava-lhe com lagrimas as mãos.

## XI

Padre Diniz dedicára-se exclusivamente a consolar a sua filha adoptiva. A sua conversação era quasi sempre o meu futuro. Ninguem, como elle, saberia desenhar tão bellas perspectivas. E não sei que toques de certeza os seus quadros tinham! Minha mãe ouvia-lhe aquellas famosas illusões, e juraria pelas realidades d'ellas, como se o padre fosse um propheta.

Não seria propheta, mas tinha o dom mais sublime do anjo do conforto. Eu, no abatimento escuro em que hoje me vejo, n'este abandono mortal a que votei as mentiras da vida, seguiria por toda a parte a um homem, cuja linguagem arrojada em visões estranhas podesse arrebatar-me o ouvido, já que o espirito não póde tirar dos seus recursos uma illusão momentanea. Eu queria deparar esse homem, para viver alguns annos das bellas chimeras dos seus sonhos, lançar-me fóra d'este globo em que me vejo cansado em um giro de infortunio, e acabar de convencer-me que o phantastico é a cousa unicamente boa d'este mundo.

Ora o padre Diniz era um homem de suprema intelligencia, porque recebera do céo a imaginação creadora. Uma vez, sentados, á tarde, sob as sombras das faias do quintal, eu e elle e minha mãe tinhamos caído em um silencio profundo. Padre Diniz estivera longo tempo embebecido nas bellezas do horizonte, onde o sol, como a lava de um vulcão, parecia espirrar linguas de fogo á superficie das aguas.

Eu, attrahido pela meditação extatica do padre, procurava comprehender os mysterios que seriam vistos por elle na magestade do sol, atufando-se nas ondas.

Minha mãe não olhava para o céo, nem para a terra: as suas visões eram lá no interior do seu espirito, onde os nossos olhos não podem penetrar. Com as mãos entrelaçadas, e a cabeça pendida sobre ellas, minha mãe poderia chorar em segredo, se uma lagrima escorregando-lhe até os labios, não viesse dizer-nos que um grande peso de infortunio não deixa levantar os olhos para admirar os augustos quadros da creação.

E é assim; porque a desgraça é-me sempre mais intoleravel, quando vejo, fóra de mim, uma bella natureza, serena como a paz, risonha como a alegria, embalsamada como um jardim cultivado por anjos, e sinto, no meu mundo intimo, e vejo, no meu panorama de agonia, a desconsolação do passa-

do, as trevas do presente, e o terror do futuro. Não sei que alegria insultuosa á minha desgraça vejo ahi n'essas bellezas insensiveis de uma natureza limpida, onde me considero insulado como um traço negro, um proscripto da felicidade!

E talvez que minha mãe pensasse assim n'aquelle tempo em que nós contemplavamos o céo, e ella chorava. Talvez que aquella alma varonil descesse então aos abysmos de um soffrimento, que deveria ser um exclusivo de maldição para os homens de ferro, que não tivessem o direito de exclamar em lances de desesperação: «Compadece-te de mim, oh! Deus, que sou teu filho!» Porque este grito, se não é ouvido nos céos, é o precursor de uma blasphemia, que deve ser ouvida nos infernos. Porque essas lagrimas de uma creatura, que se acha n'este mundo a soffrer, n'este mundo onde uma força invisivel a collocou e abandonou... essas lagrimas, conforme vão caíndo em um chão esteril, apagam d'esse chão os vestigios da Providencia.....

.....

Estavamos, pois, na situação que descrevi, quando padre Diniz, descendo os olhos do céo, e fixando-os na face meia escondida de minha mãe, fallou assim:

— Esta hora manda recordar; e a recordação é a vida mais grata aos infelizes.

— De certo! — exclamou minha mãe, erguendo de repente a cabeça, e suspirando com desafogo.

— Recordaremos, pois — continuou o padre, pousando as mãos entrelaçadas sobre o peito. — Haverá quinze annos... era assim por uma serena tarde de verão... e lembra-me de um céo azul, e de um crepusculo saudoso, semelhante a este que nos faz reconcentrar, sentir e soffrer.

«Além, por aquella escada vi descer um homem, que me não conhecia... e eu de relance conhecera no «grande mundo». Fui a meio caminho recebel-o e cumprimental-o. Disse-me, que sabendo que eu estava só n'este jardim, antes quizera ser aqui recebido, porque tinha a fallar-me de cousas inviolavelmente secretas.

«Mandei-o sentar no banco onde agora está a snr.ª condessa; e eu sentei-me n'este mesmo banco.

«Devo aqui ceder ao desejo que tenho de ajuntar os traços da figura d'este homem, se a reminiscencia m'os der fielmente.

«Não era alto; era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros, e n'estes olhos scintillava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espirito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. N'aquelle composto de feições, dir-se-ia que a bôca era o orgão que menos

fallava. Por um contraste admiravel, a physionomia d'este homem era ao mesmo tempo severa, absorta e tristissima. O pallido e o descarnado d'aquelle rosto representaria fielmente a paralysia de um cadaver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

«Vestia de preto, como em luto rigoroso; e notava-se um desalinho no seu vestido, se bem que de prompto se conhecia que era o desprezo e não o máu gosto que presidia áquelle desarranjo de gravata, de camisa, e até de symetria na abotoadura do casaco.

«Ora eu não pude esquecer-me d'esta frivola circumstancia que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens, que pretendem distinguir-se na sociedade, seja pelo que for.

«Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que elle compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talhe que o alfaiate lhe deu. Ha ahi muita frivolidade n'esse espirito, que se considera tanto mais sublime, quanto póde manter-se direito entre os collarinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas azas do laço da sua gravata.»

Minha mãe por condescendencia, talvez, sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a critica jocosa de meu mestre. Continuou:

«E, portanto, se me perguntassem que juizo fazia eu da minha visita, antes de ouvil-o fallar, diria de antemão, como um propheta, aquillo que depois me saiu tão ao certo com o meu systema de julgar do monge pelo habito.

«Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A snr.ª condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de saber-lhe o nome: faça de conta que ouve uma lenda phantastica, em que o nome do heroe é a palavra menos curiosa do enredo.»

Vi que minha mãe empregava dobrada attenção, emquanto o padre continuava:

«Dito o seu nome... inutil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, mettendo os dedos por entre os cabellos, que atirava negligentemente para traz das orelhas. Pediu um copo de agua, pediu licença de fumar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa por que viera procurar-me. «Devo parecer-lhe um homem extraordinario!... — disse elle. — Por emquanto — respondi eu — não vejo em v. exc.ª mais nem menos que um homem. — «Muito infeliz... — acrescentou elle, tomando o copo de agua, e dizendo ao creado que o deixasse ficar.

«Passados os minutos de descanso, o cavalheiro, com voz pouco firme, porém de um timbre insinuante e sympathicamente melancolico, explicou a sua vinda da seguinte maneira:

«— Antes de fallar, poderia eu mover a compaixão de v. s.ª a meu favor, se podesse chorar. Não posso... nem jámais poderei. Se eu, ao menos, podér pintar bem a minha situação, e a de uma infeliz menina, que não posso resgatar com o meu sangue... terei conseguido da sua caridade o que as lagrimas conseguiriam.

«— Falle sem reserva. Possua-se de que falla com um homem disposto a servil-o, como se a nossa amizade fosse de muitos annos, como se v. exc.ª viesse pedir ao seu mais querido irmão um grande sacrificio.» — Estas palavras reanimaram-o sensivelmente, dando-lhe á expressão uma firmeza de confiança e intimidade.

«— Eu não procurei — disse elle — quem me apresentasse a v. s.ª Não ha difficuldades invenciveis para uma dor que não envergonha a pessoa que a soffre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito, porque leio no bondoso rosto de v. s.ª a tolerancia.

«Sou um filho segundo, e, portanto, sou um homem pobre. A lei dos caprichos humanos desherdou-me no coração, desde criança, certas inclinações que um homem pobre, um filho segundo, mal póde suffocar, quando está adulto no espirito, e forte na vontade. E já que o filho de um pobre, que não deve a primogenitura a um acaso feliz, é legalmente pobre, parece que a lei, em recompensa, deveria desvelar-se pela sorte d'esse bastardo de um matrimonio legitimo. E não lhe seria nada penoso o seu desvelo, decretando que o filho segundo de qualquer senhor de vinculos, cujos bens não bastassem á sustentação dos que vierem depois do morgado, fosse conduzido dos braços da parteira a um despejo commum de crianças. A criança cresceria ignorante e ignorada no seu nascimento. Chegada á idade de guardar uns porcos, de alinhavar umas botas, ou de esfregar uma sala, o filho segundo do illustre senhor dos vinculos seria um sapateiro, um creado de servir, um gaiato de praça, e poderia alegremente satisfazer as necessidades da sua condição. Então, sim; a lei seria generosa para o morgado, e generosa para o filho segundo.

«Desculpe-me v. s.ª estas delongas, cujo valor só eu comprehendo, porque não posso desviar a reflexão d'estas puerilidades, desde que me lançaram em rosto o meu nascimento, como *segundo*, querendo assim convencer-me que não podia aspirar aos nobres estimulos do coração de um *primeiro*.

«Era tarde quando m'o disseram, snr. padre Diniz.

«Saí de um collegio aos quatorze annos. Oito annos de um

amor celebre, d'esta celebridade, que não faz ruido no mundo, mas que devora um anno da existencia em cada dia que passa... um amor assim tem sido a minha infancia, a minha adolescencia, e a minha velhice... V. s.ª bem vê que a minha apparencia é a de um homem, que se arrasta nas vizinhanças do tumulo, como esses vermes esmagados, que não acham no ar livre, que respiram os vivos, o alimento e o repouso que tem certo entre os cadaveres.

«Encontrei, aos quatorze annos, uma d'essas mulheres fatidicas, que trazem no seu primeiro olhar de amor a ventura plena ou a desgraça absoluta do homem que encaram.

«Era criança como eu, filha segunda como eu, e predestinada, como eu, para o infortunio.

«Não sei dizer-lhe como vivi pelo amor d'este anjo. Foi, primeiro, um sonho sem sobresaltos, uma suave embriaguez do coração sem o delirio dos sentidos, um ardentissimo desejo de felicidade, sem calcular o que devia ser a felicidade para nós. Foi, depois, um acanhamento em nossas revelações, um córar sem motivo quando abaixavamos os olhos um na presença do outro, quando os levantavamos simultaneamente para o céo, como a supplicarmos coragem para podermos ao mesmo tempo soltar a palavra tremenda, a expressão comprimida que devia sellar o contrato que mutuamente faziamos de sermos ambos desgraçados por toda a vida. Foi, por fim, a lucta desabrida do coração com a cabeça, da innocencia com o calculo, da santidade das affeições com o demonio das conveniencias sociaes.

«Este é o enredo da minha tragedia, snr. padre Diniz. O que não póde ser contado é aquillo que eu calo, porque não sei como se contam as minhas angustias secretas, nem v. s.ª poderia comprehender-m'as. A serenidade da sua physionomia assegura-me que eu sou um estrangeiro, que lhe falla uma linguagem sem significação para o sacerdote, que verte o mel da religião na taça das agonias, cujo travo nunca provou.

«— Eu comprehendo-o, senhor.

«Foram as minhas unicas palavras, e elle continuou:

«— No fim de seis annos, este amor abafado pela mão da indigencia... da indigencia... Não lhe parece bem aviltante, bem ignobil, esta palavra, snr. padre Diniz?

«— Nem ignobil, nem aviltante... Acho-a exagerada... Seria talvez melhor dizer: a força das circumstancias...

«A palavra mais sincera, senhor, é *indigencia*. A mulher que eu amava, era filha do marquez de Montezellos, e eu era filho do conde de Alvações. E, comtudo, quer v. s.ª certificar-se da indigencia d'estes dois filhos de duas primeiras familias de Portugal? Espero que poderei conseguil-o.

«No fim de seis annos disse de joelhos a esta mulher, que havia no mundo uma situação santificada por Deus, e concedida ás almas que a sociedade não podia desligar. Disse-lhe que fosse minha esposa, que me deixasse colher as flores, que nossas lagrimas regaram, que me deixasse buscar na sua vida uma protecção, que eu, sósinho, não podia dar-me contra os combates de uma morte prematura.

«Recebeu-me com lagrimas de alegria. Disse-me que já fizera juramento a Deus de pertencer-me em alma e corpo, na vida e na morte. Fallou, como eu nunca a ouvira, contra a prepotencia de uma sociedade, que ousára segredar-lhe as inconveniencias de sua affeição por um homem, filho segundo como ella. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade, que a condemnava.

«Comprehendi-a.

«No dia immediato pedi ao marquez de Montezellos que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: «Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar por que eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ella. A esta condição satisfaria v. exc.ª; mas eu só dou minha filha ao homem, que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ella não tenha nunca saudades da opulencia com que foi creada. Minha filha é pobre; v. exc.ª é pobre; e nem eu, nem o conde de Alvações podemos crear para nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros.

«Eu não sei se balbuciei algumas palavras, que ferissem a susceptibilidade do marquez; é certo, porém, que me voltou as costas, dizendo-me — «que espaçasse quanto me fosse possivel as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de prohibição completa.»

«Senti-me vexado e corrido: envergonhei-me de mim mesmo, e cheguei quasi a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pae de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pae d'essa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezivel como um vilão!

«O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrivel. No rico expande-se em pompas, que deslumbram os seus inimigos. No outro respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

«Lembrou-me a vingança sordida, a vingança, nao direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalheirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os

baixos instinctos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha á cara de um pae, que primeiro o envergonhára a elle.

«Esta lucta do orgulho com a deshonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade e da virtude, meu unico patrimonio.

«Chorei muito, snr. padre Diniz, tanto por mim como por ella. Por ella, coitadinha, que contava as horas, e via soar a ultima do dia, sem que eu chegasse a consolal-a com uma esperança mentirosa d'aquellas mil que um homem inventa, quando quer consolar uma mulher, que as decepções não gastaram de todo.

«Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de collegio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguem dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze annos, parece uma phantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnostico. A consumpção rapida e sombria, que me fora na infancia o preludio d'esta morte, que hoje sinto matar-me, foi accelerada pelo golpe que recebi da unica mão que podia dar-m'o. O pae d'aquelle anjo convertera-se em um espectro torvo, que nem o reflexo do amor da filha podia desassombrar. Mas este rancor era inoffensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de quem me fazia verter lagrimas tão amargas de desesperança...

«Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantanea... Lembrava-me a America, onde ha muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o genero humano, e d'onde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir a meu pae, com a idéa da minha pobreza gravada sempre na consciencia, para que não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrupulo de honra, que resistisse á minha fome de riqueza. Era necessario que a sociedade me indemnisasse do patrimonio, que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapôr á lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas, mais ou menos astuciosas, da deshonra.

«Conheci que esta contrariedade á minha generosa paixão me fizera no espirito um grande estrago. Senti-me corroido pelo cancro da ambição, e perdoei á muitos immoraes, cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralisação do mais bem organisado espirito. A imagem d'essa innocente menina transparecia luminosa na

escuridade dos meus projectos sequiosos de ouro. Como o anjo da serenidade, parecia-me ouvil-a reprehender-me a lucta de perspectiva ambiciosa em que a minha esperança se empenhára. A recordação da minha passada independencia, e do indifferentismo, com que via o fausto dos ricos, servia-me de padrão para avaliar a riqueza de virtudes, que minha alma perdera.

«Era chegado o tempo da minha partida, tres mezes depois que fora urbanamente despedido de casa do marquez de Montezellos.

«Os aprestos de viagem não me davam cuidado, nem eu poderia tratal-os, sem ser descoberto o meu plano.

«Até á vespera do dia em que devia partir, não tivera nem procurára noticia alguma da minha infeliz companheira de infortunio. Passei a maior parte do tempo em uma quinta de meu irmão, a sete leguas de Lisboa. Quando procurei aquelle refugio, ambicionava morrer na mesma casa onde vira Angela, na mesma quinta onde este infeliz amor nascera bello e desassombrado, como as flores que lá colhiamos, e que fallavam de nossos amores ainda mais que nós.

«E, demais, desde muito criança tivera eu um presentimento, quando orava ajoelhado diante do jazigo de meus avós, que está na capella da quinta. O presentimento dizia-me que eu iria, muito cêdo, pousar a face, ainda viçosa de infancia, sobre as ossadas d'aquelles que tinham passado no mundo mais felizes que eu. E nunca este abalo prophetico me esqueceu. Quando, nas minhas enfermidades, me sentia perigar, pedia que me levassem para a quinta, onde muitas vezes convalesci com um verdadeiro pezar de não succumbir.

«Foi d'ahi que eu escrevi algumas linhas á filha do marquez de Montezellos. Meu proprio irmão, que não sabia as minhas tenções, encarregou-se do bilhete. Era muito pouco o que lhe dizia. Pedia-lhe coragem e esperança. Pedia-lhe compaixão e lealdade. Pedia-lhe segredo e condescendencia na minha partida.

«Meu irmão foi o portador da resposta. Era tambem muito simples.

«Consentia que eu partisse, mas impunha-se uma condição, que devia cumprir no momento da minha saída: o seu suicidio.

«Lendo este escripto, perturbei-me, e busquei amparar-me nos braços de meu irmão, que me pediu o segredo d'aquelle escripto.

«Não lh'o confiei. Perguntei-lhe se a vira. Respondeu-me que sim, e no estado em que a vira receiava não poder mais vel-a, porque não podia viver-se muito tempo assim.

«As minhas ambições morreram n'este momento. A generosa dor do coração venceu os calculos egoistas da cabeça. Rapidamente comprehendi que o meu plano era um crime, e o silencio d'aquella infeliz, durante tres mezes, uma violencia que seu pae lhe fazia. Doeu-me o coração, e envergonhei-me de mim proprio, comparando as nossas situações. Ella morria no silencio da sua saudade, violentada pelo pae; eu abandonava-a, buscando espairecer livremente as máguas do meu amor infeliz na conquista do ouro. Senti então necessidade de pedir-lhe perdão de joelhos; queria explicar-lhe com razões persuasivas o nobre incentivo que me fazia abandonar a patria, para mais tarde realisar as santas esperanças do meu amor. E entenderia ella as minhas razões, se eu lh'as désse? Não lhe seria uma linguagem nova a do homem que vae esterilisar o coração no amor do dinheiro, para depois lh'o offerecer, combalido pela ulcera das mercancias ambiciosas? E, se ella chegasse a comprehender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia grangear, para depois poder arrematal-a em leilão vergonhoso?

«Estas interrogações, que eu fazia á minha consciencia, se as fizesse a qualquer amigo meu dos que proferem todos os dias o epitaphio da virtude morta na terra, fal-os-ia naturalmente rir. Que importa á mulher o processo de que te serviste para enriquecer o throno em que a sentaste?— diz uma certa philosophia sordida, que se afadiga em rebaixar a humanidade ao mais raso lamaçal do sensualismo. Importa muito, creio eu; importa muito, quando a mulher, no momento de ser deixada pelo homem que vae merecel-a, ganhando uma posição, que só o dinheiro póde dar-lhe, consente a partida d'esse homem, e impõe-se corajosamente a condicional do suicidio. Ora esta mulher, em vez do throno, quer um tumulo.»

«— E seria capaz de cumprir a condição? — perguntei eu.

«— Não tenho a certeza; bem sabe v. s.ª que não posso responder-lhe.»

«— Essa menina não teve educação religiosa?

«— Penso que teve: sua mãe susteve-se, até ao extremo do longo martyrio da sua vida, ajoelhada aos pés da cruz: é impossivel que não tivesse nos braços a sua querida filha. Faz-me essa pergunta, porque não póde combinar a religião com o suicidio?

«—É verdade.

«—Eu tenho a mesma difficuldade em combinar a extrema desgraça com a resignação religiosa. Penalisa muito não vingar uma esperança das que o Creador plantou no coração, e que espontaneamente ahi nasceram. Uma inclinação virtuosa

é contrariada; as mais innocentes tendencias do espirito são punidas pela mão da sociedade, que as suffoca; é-se desgraçado sem ser-se criminoso. Quer v. s.ª que o espirito, assim calcado e repellido das suas generosas aspirações, possa levantar-se para Deus, e transigir amigavelmente com a dor?

«— Eu não quero, senhor, mas aconselho os desgraçados que procurem em Deus a consolação que não acham nos homens.

«— Não ampliemos esta questão, snr. padre Diniz, que vae muito fóra do nosso assumpto. Perdoe-me v. s.ª, mas eu fujo de argumentações religiosas, porque sou muito desgraçado. Se fosse feliz, talvez não as evitasse... seria mesmo um crente de convicções, porque não ha nada mais bello que a gratidão, e eu quereria ser reconhecido ao supremo espirito, protector da minha felicidade. Assim, convencido que o mal é todo da terra, e Deus não póde ser máu, não sei pedir a Deus consolações dos males que os homens me fazem... seria aproximal-os muito... seria talvez uma oração blasphema...

«— Respeito agora a sua dor — repliquei eu — mas não respeitarei a sua opinião, quando lhe conhecer mais serenidade de espirito.»

«O cavalheiro, após alguns minutos de reminiscencia do que dissera, continuou:

«— Escrevi logo a Angela, dei a carta a meu irmão, pedindo-lhe que me não obrigasse a fazel-o meu intimo confidente do que decorrera nos meus amores com aquella menina. Assegurei á pobre innocentinha que não daria um passo contra sua vontade. Pedi-lhe que dominasse as minhas acções e os meus pensamentos; que marcasse o meu destino; que suavisasse o meu soffrimento, impondo-me a doce obrigação de soffrer com ella.

«Estas palavras foram o orvalho do céo na florinha, que as lagrimas de mãe já não podiam reverdecer. Angela era um instrumento do egoismo de seu pae. O marquez de Montezellos conhecia os soffrimentos da filha; mas encarava-os prazivelmente, reputando-os uma febre passageira, uma crise que devia salval-a d'esse amor inconveniente.

«Meu irmão, sem que eu o auctorisasse, lembrou ao marquez que não seria prudente estalar com tanta violencia os vinculos innocentes, que a mão da infancia atára em dois corações. Pintou-lhe o meu estado não menos perigoso que o de sua filha, e acabou por supplicar-lhe que nos deixasse encontrar algumas vezes, até que a razão operasse lentamente sobre o espirito.

«O marquez recebeu mal as reflexões de meu irmão, e chegou a irrital-o no seu pundonor, lançando-lhe em rosto

que o conde de Alvações representava um triste papel, tomando sobre si uma commissão, que o não honrava nada...

«Mas as cartas de Angela recebi-as sempre; era ainda meu irmão, que, por terceira pessoa, me proporcionava seguros meios de recebel-as. Dizia elle que não queria levar mais adiante a sua vingança.

«Angela, revivendo pela esperança, justificou as presumpções do pae. Suppunha elle que sua filha, descoroçoada, se esqueceria; e, esquecida, lisongearia os seus orgulhosos calculos.

«E effectivamente, a apparencia jubilosa de Angela não poderia traduzir-se de outra maneira. Restituida, portanto, á sua plena liberdade, a pobre criança no coração não calculou os perigos que devia vencer, se a paixão lhe pedisse sacrificios, que ella não reputava *sacrificios*. Esta palavra não tem a mesma significação entre duas mulheres, uma das quaes considera o amor um contrato em que se estipulam reservas, que dão ao corpo um preço infinitamente superior á alma; e outra, que, reconcentrada no espiritualismo das suas affeições, não sabe que os vôos da alma devem ser reprimidos pelas leis do decoro, que versam todas sobre a materia, e não tem nada com o espirito. Esta mulher é innocente; a outra é a que não tem nada a perder, mas inventa diariamente sacrificios novos.

«Angela, sem que eu lhe instasse, permittiu-me entrada em sua casa. Desde o momento que pude a sós com ella enxugar-lhe as lagrimas, quatro mezes represadas, intitulei-a minha irmã. Contei-lhe os meus passados projectos de riqueza, phantasiei-lhe um bello futuro, comprado com ouro, visto que uma terceira pessoa queria fazer um contrato do nosso amor. Não me perdoava tal pensamento, por mais colorido de felicidade que lh'o apresentasse. Fallava-me na deliciosa existencia que teriamos em um deserto, ainda que não tivessemos mais alimento que o nosso amor. Voejava por esses mundos infantis, onde eu já não podia acompanhal-a, porque ninguem já poderia despersuadir-se do grande preço do dinheiro applicado ás mais subtis idealidades do coração.

«O que me fazia dobradamente feliz junto d'ella, era a esperança de alcançar um dia em Portugal uma posição, que me désse em nobreza *real* o que me sobrava em nobreza *imaginaria*. O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do merceeiro, que entra em casa do fidalgo, dota-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palacio, onde ámanhã mandará insculpir um brazão de armas, se essa loucura lhe appetecer.

«Quatro mezes, não interrompidos, em alguma de suas noi-

tes, visitei Angela, sem causar suspeitas. Este remanso de felicidade inexprimivel, depois de muitas agonias, não foi perturbado, emquanto a candura fraternal santificou as nossas puras entrevistas.

«O anjo da innocencia abandonára-nos, quando a voz impetuosa da paixão fallou mais alto que o timido balbuciar d'aquelle sereno desejo de um céo, que a terra não realisa a duas almas, que lh'o pedem, idealmente apaixonadas.

«O anjo da innocencia abandonára-nos; e eu conheci então que o mal é sempre punido pelas suas proprias consequencias, embora tardias.

«Em uma d'essas noites, ao dar as duas horas procurava eu, escondido contra o muro do quintal de Angela, o signal que, por um costume inalterado, me animava sempre a subir sem receio.

«Esse signal não apparecia. Demorei-me alguns minutos, conjecturando o que poderia ter acontecido, com os olhos pregados no ponto em que, a cada instante, esperava ver assomar o vulto de Angela.

«Vi, com effeito, levantar-se uma cabeça em um outro ponto do muro. Estremeci. Vi, ao lado d'esta, dois vultos a meio corpo: quiz esconder-me; era tarde. Ouvi a detonação de algumas armas de fogo. O relampaguear da escorva cegou-me, e uma nuvem cerrada dos vapores da polvora pôz-me os sentidos na perturbação em que tinha o entendimento.

«Senti duas ligeiras dores, que augmentavam progressivamente: uma no braço direito e outra no hombro. Vi que estava ferido. Dera uns poucos de passos machinalmente, quando me cercaram patrulhas de policia. Perguntaram-me que estrondo de tiros fora aquelle em um bêco sem passagem.

«Balbuciei na resposta, e prenderam-me como suspeito.

«Levado ao corpo da guarda, fui interrogado, mas já não pude responder. Tinha perdido muito sangue, senti banhar-se-me o rosto de um suor frio, e perdi completamente os sentidos.

«Esta syncope foi momentanea. O commandante da guarda era um homem delicado, e casualmente filho de um brigadeiro, que frequentava a nossa casa. Não foi preciso eu dar-lhe explicações da minha aventura: conheceu o melindre do acontecimento, e acompanhou-me a uma botica para eu ser curado.

«A ferida do braço, procedida de quatro balotes, era de facil cura; mas a bala que me penetrára o hombro, e me fizera estragos no peito, era mortal.

«O meu primeiro impulso, quando cheguei a casa, foi ajoelhar aos pés de meu pae e de meus irmãos, pedindo-lhes in-

violavel segredo d'aquelle acontecimento. Eu, da minha parte, não disse uma só palavra, que denunciasse o logar onde fora ferido e a razão por que o fora.

«Nos primeiros dias, nenhum medico afiançou a minha vida. Eu tinha a coragem de perguntar se eram mortaes aquelles ferimentos, e a resposta que alcançava de minha familia eram lagrimas.

«O segredo d'aquelle acontecimento devia morrer commigo. Resisti ás carinhosas perguntas de meu pae, e cheguei a negar a meu irmão a verdade, que elle devia suppôr sem grande custo. Um e outro, insinuados pelo medico, não me affligiam com as suas instancias, nem permittiam que alguem de casa me fizesse perguntas.

«Mas eu soffria o que ha de mais terrivel na escala do martyrio. Não eram as dores physicas, nem o pavor da morte. A sorte de Angela era um segredo que me despedaçava. Custava-me a reprimir nos labios aquelle nome; precisava de proferil-o com um grito de afflicção, como a súpplica do moribundo que pede uma gotta de agua, como o brado de soccorro á Providencia, quando não ha forças humanas que salvem o desgraçado de um abysmo em que se sente escorregar.

«Era impossivel vencer-me. Chamei meu irmão á cabeceira do leito, pedi-lhe a compaixão que reclama um agonisante. Contei-lhe a scena dos tiros. Atalhei os assomos de cólera que o inflammavam, supplicando-lhe prudencia para salvarmos a infeliz, se fosse ainda tempo. Abri-lhe todo o meu coração: solucei, confessando-lhe as minhas culpas, que nem uma paixão violenta poderia absolver-me...

«Ouviu-me com indulgencia, e reanimou-me com palavras ungidas de um sincero amor de irmão. Perguntou-me o que eu queria da sua amizade. Respondi-lhe que se informasse de Angela, e a tomasse debaixo da sua protecção, se a encontrasse desamparada.

«Meu irmão revelou-me que, dois dias depois de meu ferimento, fora elle, já suspeitoso, a casa do marquez de Montezellos. Achára franca entrada no quarto do marquez, onde fora encontral-o encostado a uma banca, sobre a qual estava um par de pistolas em postura que designava prevenção. Disse-me que o vira empallidecer, apenas entrára, e fora friamente recebido. Acrescentou que contára ao marquez o acontecimento dos tiros, e nem por isso lhe movera grande curiosidade em querer saber as especialidades do successo. E de tudo isto combinado concluira elle que eu fora ferido em casa do marquez.

«— E Angela?— perguntei eu.

«— Angela não a vi, nem perguntei por ella ao pae. Demorei-me alguns minutos, e, quando saía, perguntei ao guarda-portão se a menina saíra a visitas; disse-me que sim, ha dois dias, e não voltára, nem talvez voltaria. Quiz saber promenores, e nada colhi: fallei-lhe em uns tiros que se ouviram por aquelles sitios, respondeu-me que eram novidade para elle.

«Fiquei, portanto, sabendo que Angela não estava em casa. Senti-me arder em febre.

«O dialogo com meu irmão foi interrompido por uma carta, dirigida ao conde de Alvações. O sinete eram as armas do marquez de Montezellos. Meu pae não estava em casa; e meu irmão, supposto usasse d'aquelle titulo, reconheceu que a carta era dirigida ao pae, e não a elle.

«— Mas — reflectiu elle — talvez que esta carta contenha toda esta historia...

«— É preciso que o pae a não veja... — atalhei eu sobresaltado.

«— Mas — replicou meu irmão — é falta de respeito abril-a...

«— Bem o sei; mas eu nunca faltei ao respeito a meu pae: será esta a primeira e ultima vez. Dir-lhe-hei que fui eu, quando venha a saber que o marquez lhe escreveu...

«E phreneticamente lancei mão da carta; abri-a; quiz lel-a, não pude, porque de subito se me embaciaram os olhos de um véo, que parecia lançado entre mim e a vida.

«Meu irmão foi quem leu essa carta... Eil-a aqui... Tenha v. s.ª paciencia para ouvil-a:

«Snr. conde. Os tempos mudaram, e as desaffrontas cava-«lheirosas foram-se com o tempo da honra. Meu avô, se ti-«vesse uma filha, e o pae de v. exc.ª viesse a casa requestar-«lh'a contra sua vontade, intimava-o para não mais transpôr «o limiar do seu palacio; e, se seu pae insistisse descarada-«mente no seu plano, encontraria uma espada das que os «marquezes de Montezellos experimentavam no campo das «batalhas. Mudaram, porém, os tempos. A traição de um «degenerado fidalgo de hoje pune-se com um tiro, quando o «atraiçoado não quer confiar ao seu lacaio o encargo do cas-«tigo. E demais um chicote não castiga um homem sem brio: «é preciso punil-o com instrumento que lhe dôa. Dito isto, «tenho explicado a razão por que mandei disparar alguns tiros «sobre seu filho, como quem se quer livrar de um salteador «que lhe escala os muros do seu jardim.

«Seu filho foi mais feliz que a pontaria das minhas armas. «Não se persuada que eu, matando-o, faria mysterio d'esse

«attentado. Não, snr. conde. Eu tencionava que o cadaver «de seu filho fosse conduzido a casa de seu pae em uma pa«diola; e nas mãos d'esse cadaver acharia v. exc.ª a historia «posthuma de seu filho, já que elle não podia contar-lh'a com «os labios mortos.

«Tenho uma filha, a cuja posse ninguem tem direito sem «meu consentimento. Ora seu filho quiz cuspir-me no rosto, «provando-me que os direitos de um pae não podem competir «com a audacia de um amante. Enganou-se, e, se viver, póde «aproveitar muito da lição que lhe dei.

«Tambem tenho a certeza de que essa minha filha está pura «de toda a mácula com que podiam sujal-a os amores de seu «filho; e, a não ter esta certeza, nem o seductor me fugiria «no leito da doença, nem minha filha sobreviveria á sua des«honra. As minhas nódoas costumo laval-as com o meu pro«prio sangue. O corpo maculado de minha filha estaria, a esta «hora, envolto em uma mortalha.

«O fim primario d'esta carta está cumprido.

«Não preciso dizer-lhe que ainda tenho outro. Todavia é «boa toda a clareza, para evitarmos consequencias funestas. «Não consinta que nenhuma pessoa de sua familia pise os ti«jolos do meu pateo.

«*Marquez de Montezellos.*»

«Eu comprehendi muito pouco d'esta injuriosa carta, quando ouvi lel-a. Meu irmão eliminava metade das palavras, e transtornava o sentido de algumas d'estas phrases insolentes, que por aqui desmentem bastante a vergonha de quem as escreveu. Todo o meu empenho foi pedir a meu irmão que occultasse de meu pae semelhante insulto, avisando-o por qualquer pretexto, para que não fosse eventualmente a casa do marquez.

«Todas estas precauções eram pueris. O marquez de Montezellos gloriára-se do feito que praticou, e era elle o pregoeiro da sua gloria. Contava do drama a scena que mais lhe convinha: dizia que seguira muito de perto os amores de sua filha; e quando soubera que, *pela primeira vez*, eu conseguira uma entrevista no quintal, ás duas horas da noite, fora elle quem me quizera receber com descargas, segundo a pragmatica devida a pessoas reaes. O marquez ajuntava a isto a sua gargalhada cynica, e recebia os emboras de seus amigos, que vinham depois escarnecel-o com os meus.

«E, portanto, meu pae, quando entrou em casa, vinha senhor de todos os acontecimentos, segundo a exposição do marquez.

«A sós commigo, o honrado velho tocou-me no caso, com

todo o melindre. Perguntou-me se eu queria tirar alguma desforra judicial d'aquella tentativa de assassinio. Respondi-lhe energicamente que não; e meu pae recebeu-me com um abraço a imperiosa negativa que lhe dei.

«— Queres portanto — disse elle — uma desforra de homem para homem?

«Calei-me: parece-me que senti a mão de Angela apertar-me os labios, e aquietar-me os sobresaltos do coração.

«— E Angela?— perguntei eu, quando elle esperava uma resposta á sua pergunta; mas, de repente, conheci a indiscrição em que me precipitára. O silencio de meu pae confirmou este receio.

«— Perdoe-me — lhe disse eu — esqueci-me que fallava com meu pae... vi só um amigo... não me enganei... que o é...

«A vinda de meu irmão veio mudar o estado violento em que meu pae me punha, involuntariamente. Eu tinha pejo de o trazer a uma prática d'este genero, em que a intervenção de um pae é sempre ridicula.

«Meu irmão, a meia voz, disse-me que o pae sabia tudo, menos o conteúdo da carta: perguntei-lhe por Angela; respondeu-me com uma só palavra: convento.

«Esta unica palavra, snr. padre Diniz, teve em mim a influencia de um raio. Tudo o que ha de mais afflictivo veio excruciar-me no coração angustias, que deviam matar-me, se eu não estivesse reservado para maiores provações.

«— Mas por quê?— interroguei eu — Parece que v. exc.ª devia estimar de preferencia que essa menina entrasse em um convento. Onde podia tel-a com mais segurança, e com mais liberdade, ao menos de chorar?

«Liberdade de chorar, snr. padre Diniz, mas chorar lagrimas de vergonha, quando tiver de ser expulsa do convento onde está, para vestir a mortalha que seu pae lhe promette na carta, que acabei de ler...

«— Essa menina entrou como noviça ou como secular?

«— Como secular.

«— Ha, portanto, um desgraçado segredo entre v. exc.ª e ella...

«— Um desgraçado segredo, que brevemente será a infamia e deshonra de ambos nós. Deus não quiz que eu morresse das balas, para me ver punido pelo flagello das minhas paixões, que tão nobres principiaram, e tão vilipendiosas a sociedade m'as tornou.

«— Que posso eu fazer-lhe, senhor?

«— Muito... uma grande esmola... póde salval-a.

«— Como? não se acanhe... falle com a certeza de ser servido.

«— Angela está no convento de Nazareth. (1)

«— Em Nazareth?

«— Onde v. s.ª tem uma irmã secular, que é o anjo de amor da minha querida Angela.

«— Tenho, sim, tenho, e portanto vamos salvar essa menina.

A radiante alegria com que eu disse estas palavras consoladoras ao nobre moço, transportou-o a meus braços na vehemencia do seu desafogo. Eram sublimes de reconhecimento as lagrimas que acompanhavam as suas palavras agradecidas! Não o deixei ajoelhar-me, mas não pude suster que me beijasse as mãos, onde os seus labios soluçavam essas palavras, que me fizeram chorar: «Angela, a infeliz arrancada á deshonra, ha de tambem beijar esta mão!»

De repente, minha mãe, com o delirio nos olhos, com os cabellos eriçados, com o rubor da febre incendiado nas faces, ergue-se do banco em que estava, corre aos pés do padre, ajoelha, beija-lhe phreneticamente a mão, sustém com um braço a cintura d'elle, que quer levantar-se, e exclama com uma voz forte e vibrante de enthusiasmo:

— Sim, sim, a desgraçada Angela, a infeliz arrancada á deshonra, cumpriu a prophecia do anjo, que annunciára estes beijos, antes de partir d'este mundo!

E voltando-se para mim:

— Meu filho, ajoelha tambem, que ouviste da bôca do teu salvador, do salvador de tua mãe, a tua historia, a historia dos transes amargurados, que precederam a tua entrada no mundo!

Ajoelhei.

A minha cabeça estava perdida nas visões d'aquelle sonho! Eu ouvira a historia de duas pessoas que se amavam com um amor muito feliz. Não comprehendera algumas palavras que o padre dissera, fallando da deshonra de minha mãe, das suas lagrimas vergonhosas, e do seu anjo de innocencia fugido... Seriam essas palavras que eu não entendi, a significação do meu nascimento? Eram: não consultei alguem para sabel-o. Illuminou-se-me de improviso o entendimento, e comprehendi em um relance de vista intima o resto da historia de minha mãe. Os que me lerem, porém, precisam que eu lh'a diga, porque o coração de um estranho não é o coração de um filho.

O padre, commovido e fatigado, tomou minha mãe pelo braço, e conduziu-a ao seu quarto.

---

(1) Não existe tal convento em Lisboa. *Nazareth* é um pseudonymo.

Atravessamos um corredor, quando D. Antonia nos saía ao encontro.

— Já eram horas — disse ella — o ar da noite não é bom aos saudaveis, quanto mais aos doentes... Que tem, minha filha? está tão desmaiada!...

E minha mãe, abraçando-a com muita ternura, murmurou:

— Venho de ouvir a historia de Nazareth...

— Para que fallam n'essas cousas? — replicou D. Antonia.

— É para que meu filho saiba beijar as mãos da secular, que foi, em Nazareth, o anjo de amor de sua mãe.

D. Antonia não consentiu que eu cumprisse a vontade de minha mãe, e os estimulos do meu coração. Abraçou-me, chorando, e fez sorrir a todos, porque teimava em querer tomar-me ao collo, sendo eu quasi da sua altura.

## XII

Depois d'estas revelações, senti necessidade de outras. O meu nascimento, a morte de meu pae, o casamento de minha mãe com o conde de Santa Barbara, eram factos que eu não podia explicar-me, nem me sentia com o desembaraço de pedir explicações. O pudor tem um instincto, que adivinha, não os segredos, mas o embaraço da pessoa que póde contal-os. Não obstante o desenvolvimento prematuro do meu espirito, eu olhava para mim, e via-me rapaz de quatorze annos. N'esta idade parecia-me temeridade, e falta de respeito, interrogar o padre ácerca de segredos de minha mãe, particularmente aquelles que a sua linguagem soube colorir de um toque mysterioso para mim.

Mas as circumstancias do meu nascimento dispensava-as eu. O que eu queria era a historia de meu pae, cujas feições, desenhadas pelo padre, eu retivera na phantasia, profundas e salientes, como se as tivesse beijado mil vezes.

No dia seguinte, emquanto o mestre procurava satisfazer a missão que se impozera de observar os passos do conde de Santa Barbara, entrei no quarto de minha mãe, depois que debalde a esperei no jardim.

Os seus padecimentos, adormecidos em um torpor de apparente felicidade, tinha-os acordado a commoção da vespera. Minha mãe recebeu-me com alegria, se assim póde chamar-se ao passageiro sorriso, que bruxoleia a face pallida de uma luz pallida tambem. Poderei dizer que essa luz era o crepusculo da eternidade que amanhecia para minha mãe? Era, era.

— Sente-se hoje peior, minha querida mãe? — perguntei eu, beijando-lhe as faces, que escaldavam.

— Peior não, meu filho: o mesmo, sempre o mesmo. Ha quinze annos que não sinto alteração nos meus padecimentos... E tu? dormiste bem?

— Eu não dormi; scismei toda a noite... como havia eu de dormir? Aquella historia deixou-me tão triste...

— Triste!... por quê?...

— Minha mãe soffreu muito, e meu pae...

— Foi feliz...

— Feliz?! eu pensava que não podia sel-o.

— Pois não foi, meu filho? Teu pae não sabes que morreu já?

— Sei, minha mãe.

— Pois que maior ventura lhe desejavas tu? Não imaginas quanto é bom morrer quando se é desgraçado e virtuoso! Não tens ouvido dizer ao teu mestre que a peregrinação trabalhosa n'este mundo é o caminho suave do céo? Teu pae morreu como vivera, meu filho... foi um justo, que pede talvez n'este instante ao Senhor o espirito de tua mãe...

— E será verdade que eu hei de vel-o um dia?

— É, meu filho... e, se não fosse, qual seria a bemaventurança dos que se salvam? Deus permitte n'este mundo a ligação de duas almas, que nunca mais se desligam... Ah! meu filho! se me comprehendesses... se eu podesse dizer ao teu entendimento os formosos sonhos do meu coração... Quem sabe? talvez eu seja comprehendida!... Olha, meu querido anjo, a nossa alma é immortal, e os sentimentos divinos que ella tem são immortaes como ella. Tudo o que sentimos sublime e santo pertence a Deus; tudo o que sentimos rasteiro e vil pertence á terra. O que é da terra, na terra se consome: mas o que é de Deus pertence á gloria, entra no seio da eternidade, porque Deus é infinito. Aquelle santo amor com que amei teu pae, esta santa saudade com que o procuro ha quatorze annos em um mundo melhor, é a respiração da minha alma, é a vida do meu coração, é a chamma immortal do meu espirito, que não póde nunca extinguir-se, nem póde satisfazer as suas ancias sem entrar no seio de Deus a unir-se com a parte da existencia que me levou... Espera, meu filho...

Minha mãe tomou um lenço, onde salivou sangue, e enxugou lagrimas. Repetindo hoje o que então lhe ouvi, vejo confirmada a opinião dos que reputam extraordinariamente subtil a intelligencia do tysico. Minha mãe, fallando commigo, fixava olhos immoveis no céo, como se buscasse, acima da humanidade, espiritos aereos que a comprehendessem. Era tragicamente sublime o rasgo de inspiração, que lhe illumi-

nava o rosto de uma aureola, como esse toque de luz que admiramos nos retratos das martyres, a expirarem sob o alfange, e a saudarem a myriade dos anjos que lhes acenavam do céo.

Quando me disse—«espera, meu filho...» talvez uma visão inexprimivel em lingua humana lhe arrebatasse o espirito! Talvez o anjo das suas saudades, com a fronte engrinaldada das flores do céo, lhe mostrasse a corôa triumphante do seu martyrio! Minha mãe, absorta em uma adoração, qual o estatuario imprime no marmore das virgens christãs, estendia o braço esquerdo na direcção da minha bôca, como impondo-me silencio. Com ambas as mãos aproximei a sua aos labios; e duas vezes a chamei, sem responder-me.

Passaram-se minutos. Eu esperava que minha mãe caísse desfallecida, quando descesse d'aquelle doloroso enlevo de espirito. Não foi assim. Espantei-me, quando a vi passar d'aquelle arroubamento á vivacidade com que ha pouco me revelava as suas convicções sobre a immortalidade do espirito. Não se deu a mais ligeira transição, a não ser o movimento de feições, que pareciam petrificadas. Dir-se-ia que o hálito creador soprára de improviso nos labios da estatua o espirito de vida, a harmonia da palavra, afinada pela musica dos anjos, que seus ouvidos recebiam.

Foram estas as suas palavras:

— Pouco importa, meu filho, uma flor sem seiva, em um jarro de crystal... A pobresinha não respira o ar dos cortinados e dos festões dourados. Tiraram-lhe o seu céo, o seu orvalho matinal, o seu beijo da viração, e o morbido clarão da lua, que a namorava no silencio da noite. A mim não me deixaram o seio, onde eu pousava a minha face... Era o meu unico arrimo... fiquei desamparada... caí sobre a minha sepultura, onde me arrasto, ha quinze annos, até que o anjo da morte me diga—«entra no seio do teu esposo...» Meu filho, tu não podes mandar ao morto que se levante, não podes dizer ás folhas espalhadas de uma rosa que floresçam, não podes encher de vida o coração de tua mãe... Ficarás sem mim bem cêdo. Verás então o que é a viuvez de todas as esperanças n'este mundo... Desejarás a morte... has de pedil-a a Deus, como os felizes do mundo lhe pedem a vida... És uma criança, terás uma época de criança, quando o homem te chamar homem. Ai de ti, quando os teus affectos não forem moldados pelas innocentes illusões de uma criança... Ai de ti, porque então, quando julgares que succumbes a paixões de mancebo, consultarás o teu coração, e sentil-o-has cansado. O primeiro amor desgraçado envelhece o coração, meu terno filho... Sou uma louca... fallo-te... e tu não me comprehendes... Que

importa? retem na memoria estas palavras... é a pagina prophetica da tua vida... lê-a todos os dias, e um dia virá em que a comprehendas... Desde esse dia anciarás a morte: se fores religioso, tudo que o mundo tem de bom e de máu te fará feliz, quando mais vizinho te vires do tumulo. Se não fores religioso, a mesma desgraça te fará crente, não nos homens, nem nas superstições dos homens, mas em Deus... E, depois, á sombra d'esse grande principio crearás um outro mundo, e sorrirás ao infinito, onde vaes passar, transpondo a sepultura, como a avezinha que canta sobre a arvore, a cujo pé se despenha uma torrente medonha, e de um vôo transpõe esse abysmo, para depois cantar de novo sobre a arvore da outra margem... Has de recordar as palavras de tua mãe, sim, meu filho?

— Não as esquecerei nunca; mas eu quero que minha mãe m'as repita d'aqui a vinte annos... Não me diga que cêdo ficarei sem mãe... Bem sei que não posso fazel-a feliz, como meu pae poderia fazel-a; mas eu sou o filho d'esse seu amigo, d'esse seu anjo de saudades, como tantas vezes lhe chama.

Não me deixou continuar: lançou-se-me ao pescoço, beijando-me sofrega e abrazada.

Padre Diniz veio presenciar este lance.

Minha mãe desceu do seu fervente mysticismo á realidade da sua vida na terra. Padre Diniz vinha fallar-lhe do conde de Santa Barbara, e da sua serva idolatrada. A repugnancia que tinha de ouvil-o, exprimiu-a ella n'estas palavras, que acompanhou de um gesto significativo de aborrecimento:

— Quizera antes, snr. padre Diniz, que me não dissesse nada.

— Pouco poderei dizer-lhe, snr.ª condessa. Não tive tempo para informações. Dirigi-me a casa de seu mano...

— Do marquez de Montezellos? — interrompeu minha mãe como assustada.

— Do marquez de Montezellos; e, se seu pae fosse vivo, procuraria directamente seu pae.

— Com que fim?

— Com o fim de cumprir uma missão providencial: iria punil-o, acordando-lhe o remorso no coração. Dir-lhe-ia que sua filha, amarrada por elle a um poste de ouro, estava em circumstancias de esmolar um bocado de pão. Dir-lhe-ia que o conde de Santa Barbara, como desvelado algoz de sua filha, exercera cabalmente a tyrannia, que o marquez de Montezellos lhe concedeu com os legitimos direitos de marido... Mas seu pae não esperou a punição n'este mundo...

— E que disse a meu irmão?... Elle conhecia-o?

— Não era preciso conhecer-me...

— Mas que tem meu irmão commigo? Oh! snr. padre Diniz... permitta Deus que as minhas desgraças se não complicassem com esse passo que deu... que foi dizer a meu irmão?

— Muito pouco. Disse-lhe que v. exc.ª era irmã do marquez de Montezellos; que fora violentada a casar-se com um rico para manter a dignidade do seu nascimento: que esse rico a martyrisára durante alguns annos, para lentamente se desfazer d'ella: que essa infeliz senhora, aconselhada por um homem compassivo, fugira a seu marido, procurando uma morte menos trabalhosa...

— E que importava isso a meu irmão, que, ha quatorze annos, expulsei da minha presença?

— O que importava? Eu vou dizer-lh'o, e tivera-o dito já, se v. exc.ª me escutasse com mais serenidade. Lembrei-lhe que a condessa de Santa Barbara devia judicialmente separar-se de seu marido...

— Para quê?

— Para haver dos bens de seu marido quarenta contos com que foi dotada.

— De que me servem esses ignobeis quarenta contos?... Venderam-me, mas eu não me vendi...

— De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar este menino da miseria em que ha de vil-o encontrar a idade, em que a subsistencia é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem de seu.

— E por que não ha de o meu filho ser pobre?

— Para não morrer, como seu pae, suffocado pela mão descarnada da miseria... snr.ª condessa, este mundo está organisado tristemente, mas quem não quizer amoldar-se nas fórmas em que a sociedade lh'o apresenta, lucta sem forças contra um destino invencivel. As mais amargas lagrimas, que v. exc.ª tem de chorar, hão de ser as ultimas, quando, ao despedir-se de seu filho, não tiver um pão independente que legar-lhe, uma resalva com que possa atravessar a sociedade sem ser apupado das vaias que achincalham o homem pobre. A honra não é herança; é uma bella recordação que um filho conserva de seus paes, emquanto a miseria lhe não risca no coração essas cinco letras, que ninguem desconta... Adiante... Fallando com seu irmão, disse-lhe que v. exc.ª não estava em casa de seu marido. Perguntou-me onde estava: respondi-lhe que lh'o não dizia. Recebeu-me cavalheiramente esta negativa, e não instou. Disse-me que ia partir, na direcção de Braga, até encontrar o conde de Santa Barbara, que acompanhava D. Miguel. Observei-lhe que o conde voltára de Santarem, a pretexto de curar-se de uma enfermidade que subitamente o atacára. Vestiu-se, e despediu-se de mim, ordenan-

do-me que o procurasse hoje de tarde para informar-me do que passára com seu cunhado...

— Vae acontecer uma desgraça, snr. padre Diniz! — exclamou minha mãe, tocada por um afflictivo presentimento.

— Que vaticina v. exc.ª?

— Um conflicto de vida e de morte entre meu irmão e meu marido.

— Póde ser que não. O conde de Santa Barbara ha de dar-lhe quarenta contos, porque a vida é preferivel a quarenta contos...

— E, se os não dá, meu irmão...

— Castiga-o? É um dever... é um peccado, que eu absolvo, porque em uma sociedade desmoralisada, onde os preceitos de Deus são inválidos, permitte Deus que os preceitos dos homens valham alguma cousa. Não devemos deixar passar ao pé da victima, que chora lagrimas estereis, o criminoso com a fronte erguida. É preciso abater-lh'a no chão, é preciso evitar o escandalo; ora, um máu homem impune é feiamente escandaloso, porque desafia muitos a seguirem-o pelo caminho da impunidade. Seu marido ámanhã partiria com a sua creada a saborear, livre de remorsos, os frutos da sua obra. De vez em quando assaltal-o-ia a lembrança dé sua mulher, que lhe fugiu; mas tal lembrança, em um coração estragado, não doeria tanto como as saudades da creada, que o trouxera de Santarem com um lenço apertado na cabeça. Supponhâmos que o conde de Santa Barbara reputava uma infidelidade a fuga de sua mulher...

— Por Deus!... snr. padre Diniz!... Tenha compaixão de mim!... não faça semelhantes conjecturas...

— Deixe-me fazel-as, porque sou eu que as faço... Imaginando elle que a fuga de v. exc.ª era uma infidelidade, dar-se-ia por muito desforrado na sua consciencia. E quem sabe mesmo se elle diria:—«minha mulher trocou-me por outro»— para que lhe não dissessem:—«mataste tua mulher, porque ninguem sabe onde ella vive.» E o mundo acredital-o-ia; e para que o mundo não tenha de entrar na perigosa solução do problema da sua fugida, compete-me declarar que v. exc.ª fugira, que v. exc.ª vive, e quando seja necessario declaral-o para sua honra, direi que vive em casa de um padre, cujo nome, ahi n'esse mundo, pesa mais na balança da honra que todo o ouro do conde de Santa Barbara... Até logo, minha filha; vou dizer missa, que já é bem tarde, para quem está em jejum.

Padre Diniz não deu tempo a que minha mãe exprimisse uma idéa, que se lhe via tumultuar na inquietação dos gestos, e na anciedade com que ouvira as ultimas palavras.

Disse-me que a deixasse sósinha, e lhe mandasse D. Antonia.

Padre Diniz, conforme combinára, foi, na hora aprasada, procurar o marquez de Montezellos.

Na volta, contou assim a minha mãe as informações que colhera.

— O marquez recebeu-me com maneiras extraordinariamente rudes. «Fui fallar com o conde,— disse elle — encontrei-o afflicto; perguntei-lhe por minha irmã, respondeu-me que fugira de casa, durante a sua ausencia. Indaguei os motivos da fuga, respondeu-me que minha irmã vivia desde muito para um homem, que elle não conhecia.

Padre Diniz reparou em mim, quando se interrompeu n'aquella palavra ultima, e mandou-me saír do quarto de minha mãe. Conservei-me na antecamara do quarto, repisando o sentido de cada uma d'aquellas expressões. Poucos minutos se passaram, quando ouvi um grito agudo. Conheci que era minha mãe: abriu-se a porta do quarto, e vi o padre, que chamava D. Antonia para tomar minha mãe nos braços.

Devo concluir o lance que produziu aquelle grito, se bem que vou buscar-lhe a explicação annos depois, porque só então fui sabedor d'esse segredo, que não pude mais cêdo arrancar ao padre, nem a D. Antonia, nem a minha mãe.

Acrescentára o conde de Santa Barbara que sua mulher fora em solteira o que estava sendo em casada: absolutamente livre; e a prova estava em uma carta, que o conde mostrára ao irmão de minha mãe. Esta carta era de meu pae, escripta nos ultimos dias da sua vida, pedindo-lhe protecção para o orphãosinho, que era eu. O marquez de Montezellos conhecera a lettra do filho do conde de Alvações, sobre quem disparára um tiro junto a outro de seu pae. E, convencido da deshonra de sua irmã como solteira, não podia rebater as affrontas que lhe eram feitas como casada. Acrescentára o conde de Santa Barbara, que o agente das negociações adúlteras de sua mulher era um padre, cujo nome com grande mágua sua não sabia, porque muito desejava agarral-o para arrancar-lhe o segredo d'aquella infamia, e mandal-o depois azorragar pelo seu lacaio.

Padre Diniz, portanto, era o padre das negociações adúlteras, e estava na presença do irmão da adúltera, que protestára vingar a sua honra, e a honra de seu cunhado tanto quanto fosse possivel.

O padre, depois que ouvira o infamante arrazoado do marquez, tirou da sua carteira com admiravel tranquillidade um bilhete, que dizia: «Padre Diniz Ramalho e Sousa, largo da Junqueira n.º 44.»

— Dou-lhe a minha residencia, snr. marquez,— disse elle serenamente — para que v. exc.ª, não querendo receber as ultimas lagrimas de sua irmã, vá ao menos levar-lhe um obulo da sua fortuna para as despezas do seu funeral, que eu não posso supprir, porque sou pobre como ella.

O marquez impressionou-se d'estas palavras, e vacillou na resposta. Padre Diniz ia retirar-se, quando o irmão de minha mãe lhe indicou que não saisse. O inalteravel *agente das negociações adúlteras* da condessa de Santa Barbara tornou a sentar-se. O marquez fitava-o attentamente, como quem queria ler-lhe na tranquillidade do rosto muita innocencia.

— Então — disse elle — convida-me o snr. padre Diniz a que vá ver minha irmã?

— Tomo a liberdade de convidal-o, comquanto não fosse auctorisado para isso; mas a desgraçada senhora ha de querer um parente á cabeceira do seu leito de agonias... Esta punhalada deve matal-a... mas juro que ella não quer morrer sem lavar o escarneo aviltante, que seu marido lhe cuspiu na face. Trata-se de salvar-lhe a honra a ella... Emquanto a mim, serei eu o restaurador da minha honra ultrajada por um homem, que me fará esquecer que sou um sacerdote.

— Quando posso ver minha irmã?

— Já, se v. exc.ª quizer.

— Á noite.

— Até á noite, snr. marquez.

O grito de minha mãe fora arrancado por estas commoções despedaçadoras.

## XIII

Algumas paginas, que vão ler-se, não me pertencem: copiei-as do *Livro Negro* de padre Diniz, como elle o intitulava. Não fui testemunha das scenas aqui descriptas. Os meus quinze annos não poderam reter impressões então recebidas, porque o espirito debil não podia digeril-as. O encontro do marquez de Montezellos com minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mesmo sabia que tal homem viria áquella casa. E, portanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpetuando as reminiscencias amargas do tormentoso drama de minha mãe.

«O marquez de Montezellos esperava sua irmã na sala, ás

nove horas da noite. Quando o annunciei, a condessa perdeu inteiramente uma affectada coragem, que tinha mostrado. Sustive-a difficilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua innocencia.

«O encontro d'estes dois irmãos, que ha quatorze annos se não viam, não se exprime. O marquez reparava em sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe apresentava como condessa de Santa Barbara. Esta, superior ao dorido resentimento, que devia irritar-lhe a presença de um homem, que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua corôa de martyrio, caminhou para seu irmão, estendendo-lhe a mão affectuosamente.

«—Angela!...—murmurou o marquez, abrindo-lhe nos braços o amparo, que ella muito precisava para não succumbir á convulsão.

«Angela tinha a face banhada de lagrimas. Dos braços de seu irmão, onde não podiam as pernas sustental-a, passou a uma cadeira. Via-se que luctava com a exaltação dos variados sobresaltos que experimentava. Cada palavra, suffocada por um soluço, vinha-lhe aos labios esvaecida da angustia em raras articulações.

«Pertencia-me a mim quebrar aquelle silencio afflictivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se afflictivo para seu irmão.

«— O snr. marquez — disse eu — veio pessoalmente ouvir sua irmã, depois que ouviu o conde de Santa Barbara. Entre o snr. marquez e sua irmã está um padre, que deve parecer um mysterio para v. exc.ª A historia d'esse padre... a minha historia... compete-me a mim contal-a, e eu farei por que, em poucos minutos, nem eu seja reputado o *agente das negociações adúlteras* da snr.ª condessa, nem v. exc.ª tenha de ouvir da bôca de sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violencia.

«Ha quinze annos que a snr.ª D. Angela de Lima foi encerrada no convento de Nazareth, por ordem de seu pae. Na vespera d'esse dia foi ferido com dois tiros o amante d'esta senhora. V. exc.ª sabe que os ferimentos não mataram immediatamente D. Pedro da Silva, se bem que desde esse instante o desgraçado fez tréguas de alguns mezes com a morte, porque o Altissimo não o quiz tirar d'este mundo sem que expiasse, com as lagrimas de uma acção nobre, os desvarios de uma paixão generosa nos seus principios, e lamentavel nas suas consequencias.

«Conheci então D. Pedro da Silva, e amei-o, como filho, desde que o conheci. Amei-o como filho, porque nunca me sentira mais commovido por um mancebo, que queria salvar

a honra de uma menina, a quem sua familia sacrificaria de bom grado no altar da deshonra, para depois lhe fazer a apotheose no altar do ouro...

«Esta senhora, snr. marquez, quando entrou no convento de Nazareth, deixou no mundo um homem, que a sociedade não legitimára como seu marido, mas que o coração abraçára cegamente, sem reservas, sem condições, e sem os receios da opinião publica.

«Sua irmã, senhor, entrára em Nazareth, quando devia entrar na igreja, para que o ministro de Deus lhe absolvesse uma culpa, que a sociedade alcunharia... uma deshonra.

«Será necessario rastrear a phrase, para ser comprehendido?

«O filho do conde de Alvações tinha um coração prodigioso de honradez.

«Apaixonado até ao delirio, não veio consultar-me para que eu lhe dissesse a maneira decente de participar ao marquez de Montezellos que sua filha seria brevemente mãe, e obrigaria as religiosas de Nazareth a serem, por compaixão, suas parteiras. Não: este nobre mancebo o que me pedia era a minha protecção para que a sua desgraçada amante se não désse em espectaculo de deshonra ás religiosas, que a tinham recebido como uma virgem, que fora alli buscar no fervor religioso o complemento da sua educação.

«Eu tinha n'esse convento uma irmã... uma amiga...

«Dirigi-me a minha irmã. Tive de revelar-lhe um segredo, que a deixou passada d'esse singelo terror, que devia preceder uma fervente compaixão. Pedi-lhe que desde certo tempo em diante, a titulo de muita amizade, recolhesse na sua cella a pobre menina, e desviasse quanto podesse, sob qualquer pretexto, as visitas do quarto. Mas isto não era tudo, snr. marquez. Faltava ainda preparar os ultimos soccorros, para que esta senhora, por falta de assistencia, não fosse um cadaver no acto de ser mãe. Esses soccorros quem m'os daria? O meu zelo, a caridade de minha irmã, e a consciencia de uma boa acção. Procurei uma mulher das que o silencio se lhe compra com dinheiro.

«— Noto-lhe no rosto, snr. marquez, alguns signaes de indignação...

«— É uma affrontosa surpreza — disse elle.

«— Affrontosa, não, snr. marquez... chame-lhe antes uma scena de agonias surdas, a que seu pae assistia com a maior presença de espirito.

«— Meu pae?! — exclamou elle arrebatado, com os olhos injectados de sangue.

«— Seu pae — respondi eu placidamente.

«— É mentira!... meu pae, se o soubesse, apunhalava minha irmã, e despedaçava o infame que a seduziu.

«— Não é mentira, snr. marquez: seu pae não apunhalava uma filha, porque tinha de dar ao publico a razão por que o fizera, e n'essa satisfação ao publico era ferido o seu orgulho. O pae de v. exc.ª não despedaçava o amante de sua filha, porque não ha pae, nem irmão, nem marido, que não soffra uma affronta em silencio, comtanto que os seus amigos ignorem que foi affrontado.

«— É mentira... repito, e sinto que v. s.ª não esteja na condição de me dar uma satisfação plena.

«— Dar-lh'a-hei plenissima, snr. marquez, porque a minha condição sacerdotal não exclue os estimulos da honra. E começarei a dar-lh'a já, a meu modo, e, se não conforme as leis da cavallaria, ao menos com a logica rigorosa dos documentos. Queira attender-me v. exc.ª

«Vou ler-lhe a cópia de uma carta que escrevi ao snr. marquez de Montezellos. Hei de mostrar-lhe outra, depois, que o snr. marquez se dignou escrever-me.

«— Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com meu pae...

«— Quer com isso dizer-me que minto... Vejo que v. exc.ª é teimoso por indole, e não por educação... Conhece a lettra de seu pae?

«O marquez tomou a carta, que eu lhe offerecia, e não respondeu. Angela exprimia sensivelmente a repugnancia com que assistia ás grosserias de seu irmão. Eu bem a via contorcer-se na cadeira, e franzir a testa, olhando impaciente para o marquez, e envergonhada para mim.

«Condoído da sua penosa situação, procurei um pretexto para a fazer ausentar da sala. Eu receiava-lhe um esvaîmento dos muitos frequentes que a atacavam, quando recebia impressões fortes.

«E offerecendo-lhe o braço, disse eu: — É conveniente que v. exc.ª se retire. Não é bom que saiba tudo que tem relação com a sua vida... E, demais, a sua saude é muito melindrosa... Logo tornará a encontrar-me com seu mano.

«A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma ligeira mesura de despedida a seu irmão.

«O marquez olhou-a de revéz, lance de olhos muito commum na refinada malicia, ou na estupidez grosseira.

«Fechei a porta por onde saíra a condessa, e vim sentar-me ao pé do marquez.

«— Ouça v. exc.ª esta carta,— lhe disse eu — e depois lhe direi quaes incentivos me fizeram praticar este acto.

«E eu li:

«Exc.mo marquez. Encontra v. exc.ª no remate d'esta carta «um nome que não conhece. Devo dar-lhe uma definição de «quem sou, porque na simples palavra *padre*, que precede o «meu nome, não está explicada a minha importancia no mundo.

«Um padre, snr. marquez, póde exercer no coração da filha «de v. exc.ª o dominio que seu pae não exerce: ministro de «Deus, que perscruta o recondito da alma, vae sondar nas «chagas profundas da consciencia para applicar-lhe o balsamo «divino, quando as consolações humanas são impotentes. Mui- «tos gemidos, senhor, que suffocariam uma infeliz, antes que «ella, aos pés de seu pae, podésse balbuciar «perdão!» côam-se «através do confessionario, e vão pedir ao coração do sacerdote «esse conforto de esperança, que Jesus Christo legou aos re- «presentantes da sua caridade para com a samaritana.

«Eu sou, pois, o mais indigno dos que passam na terra en- «xugando lagrimas, e inspirando esperanças a quem as chora «na desesperação de uma sorte melhor.

«V. exc.ª tem uma filha, que chora assim; e eu sou o sa- «cerdote, que, ha poucos instantes, lhe ouviu entre soluços «uma confissão dos erros, que lhe absolvi em nome de Deus. «Mas não basta para a sua felicidade na terra a misericordia «de Deus; é necessario que seu pae seja misericordioso, é ne- «cessario que seu pae lhe diga: — Ergue-te, minha filha, do «abysmo de perdição onde te arrojei, cuidando que te salvava!

«Sua filha, senhor, entrou no convento de Nazareth, como «quem vae expôr o lastimavel quadro de uma paixão cega en- «tre pessoas, que menos comprehendem uma paixão, e mais «se horrorisam das suas fataes consequencias.

«V. exc.ª, quando a arrastou violentamente a essa casa, «não sabia que sua filha tinha pertencido em corpo e alma ao «homem de quem a separava.

«Era tarde para levar ao abrigo da religião a mulher que «se perdera sem saber que se perdia. Era tarde para entre- «gal-a ao culto divino, quando uma paixão invencivel, e vin- «culada á existencia de um filho, era desgraça de mais para «conceder á infeliz amante e mãe alguns minutos de oração «com espirito tranquillo.

«Estas revelações são pungentes, snr. marquez, mas aben- «çoada dor a que nos livra de uma grande vergonha. A sal- «vação d'esta menina é possivel, porque a sua união com o «homem da sua alma vae santifical-a diante de Deus e da so- «ciedade.

«Permitta, senhor, que eu seja o mensageiro do seu per- «dão. Inspire-se do grande nome de seus avós, do grande nome «de v. exc.ª e do futuro da sua reputação, para que as flores «da virtude, que começam a murchar na grinalda innocente de

«sua filha, possam reverdecer com o seu perdão, e com o seu «beneplacito n'este casamento, em que v. exc.ª faz dois entes «venturosos, poupando o vilipendioso nascimento de um ter- «ceiro, que virá depois, neto do marquez de Montezellos, pedir «talvez uma esmola de pão aos lacaios de seu avô.

«Antes d'estas considerações, todas mundanas, deveria eu «reclamar de v. exc.ª a caridade evangelica, o amor do proxi- «mo, e particularmente os deveres sacrosantos que o prendem «a sua filha. Deveria, mas eu comprehendo a grandeza da «terra, e lembrou-me que v. exc.ª não quereria amesquinhar-se «aos olhos da sociedade, caprichando na absoluta deshonra de «sua filha. Terei a honra de procurar hoje de tarde a resposta «d'esta carta, assim como a tenho desde já, assignando-me «capellão e servo respeitador de v. exc.ª

«*Padre Diniz Ramalho e Sousa.*»

«— Já vê v. exc.ª, snr. marquez, que seu pae não deixou «de apunhalar a filha, e despedaçar o amante da filha, por «ignorancia.

«A resposta confirma o facto verdadeiramente. Leia v. exc.ª

«Era este o conteúdo da resposta, que o marquez leu:

«Não me considero obrigado a dar satisfações dos meus «actos, nem tão pouco a receber conselhos. Como pae, perten- «ce-me grangear o futuro da minha filha, embora a opinião pu- «blica, com que v. s.ª me ameaça, entenda que o futuro, que «eu lhe preparo, não é o melhor. V. s.ª, como sacerdote, a «missão mais nobre, que tem a cumprir, é guardar o segredo «que lhe foi revelado em confissão. Eu vou tomar as necessa- «rias medidas para que minha filha não seja exposta á deshon- «ra, que v. s.ª receia.

«*Marquez de Montezellos.*»

«O irmão de Angela dobrou placidamente esta carta, e en- tregou-m'a com a maior indifferença. Eu fiz-me estranho á sua frieza, e continuei:

«— Bem sabe v. exc.ª quaes foram as medidas que seu pae tomou para que sua filha não fosse exposta á deshonra. Man- dou-a immediatamente saír do convento, e transportou-a para uma quinta a vinte e cinco leguas de Lisboa.

«Estavam, portanto, inuteis todas as minhas precauções. Foi então que reputei irremediavelmente desgraçada D. An- gela! A mais cruel das conjecturas, que me assaltaram, foi o temor de que a infeliz menina fosse ser morta em torturas surdas ás mãos de seu proprio pae. Eu tinha visto a carta que o marquez de Montezellos escrevera ao conde de Alvações. Essa carta promettia esconder em uma mortalha o corpo ma-

culado da amante de D. Pedro da Silva, se por desgraça o estivesse.

«Não lhe direi, senhor, as agonias d'este generoso mancebo, quando lhe apunhalei o coração com esta nova. V. exc.ª não póde talvez ouvil-as sem piedade, e eu arrepender-me de contar-lh'as, se lhe não visse uma lagrima. Basta que lhe diga que esse nobre infeliz caíu, como fulminado, no leito, onde, quatro mezes depois, proferiu uma palavra, o nome de sua irmã, e cerrou os labios para sempre.

«Não estava cumprida a minha missão, snr. marquez. Um mez depois que sua irmã foi encerrada na quinta das Alcaçovas, via-se um homem desconhecido, trajando as vestes de cigano, e sustentando a mentira do seu falso modo de vida em vendas e compras de cavalgaduras. Esse homem passára despercebido entre os fidalgos do Alemtejo, e conseguira pernoitar na quinta em que vivia D. Angela de Lima.

«Quem ahi morava, além d'ella, eram duas creadas, um capellão, um feitor e alguns creados. O desconhecido estabeleceu a sua residencia provisoria a tres quartos de legua distantes d'essa quinta.

«O cigano pretende astuciosamente vêr a filha do marquez; mas nem conseguiu vel-a, nem ousou perguntar por ella. Mas os recursos do ardiloso cigano eram immensos, porque a sua vontade era de ferro.

«Em um domingo convidou os creados do marquez para sua casa. Deu-lhes um jantar, e fez correr profusamente as canecas do vinho. Findo o jantar a embriaguez dominava os seus convivas, e o cigano folgava, não pelo vinho, mas pelo seu triumpho.

«Quando viu aquelles espiritos a doudejarem n'essas expansivas franquezas da embriaguez, pensou que tinha soado a hora das revelações. Fallou na filha do marquez, e viu que a perturbação dos seus convidados não era superior ao sigillo que lhes fora imposto. Não instou; mudou de prática, e mudou tambem de vinho. Pouco depois, quando feriu de leve o assumpto da filha do marquez, achou um só homem que lhe respondesse: os outros tinham caído aturdidos com o ultimo trago de vinho que poderam comportar!

«Mas esse unico, a quem a Providencia conservava de pé, abraçou o cigano pelo pescoço, e pediu-lhe que saísse d'alli, se queria fallar á vontade.

«Saíram, e conversaram durante um quarto de hora apenas, porque o embriagado não pôde suster por mais tempo a sua posição vertical.

«Resta saber o que se passou entre o cigano e o creado do pae de v. exc.ª

«É um lance atrozmente incrivel; mas o cigano não era homem que mentisse. Lembra-se v. exc.ª de um seu creado por alcunha o *Come-facas?*

«— Lembro — respondeu o marquez.

«— Pois bem; ouça v. exc.ª as revelações do *Come-facas.*

«Este homem fora chamado de uma quinta em que seu pae o tinha escondido por causa de umas facadas que dera em um rival de seu pae, não sei em que desordens nocturnas ahi para os lados de Belem. Seu pae estimava este homem como um arnez em que fazia resvalar a punhalada, que não podia pessoalmente suster. E, demais, o *Come-facas* era um intimo confidente do marquez de Montezellos, e uma cega machina das suas vinganças em variados lances.

«Foram estas as revelações do amigo do cigano; mas o cigano não limitava a isto a sua curiosidade investigadora.

«Chamando á conversa ao assumpto da filha do marquez, encontrou no *Come-facas* a mais cordial franqueza, e receiou não poder desfrutar-lh'a muito tempo, porque o seu interlocutor difficilmente se sustinha em pé.

«Soube, portanto, que o foragido fora mandado vir para aquella quinta, alguns dias depois que D. Angela entrára n'ella. O *Come-facas* não viera para alli sem commissão. A seu cargo estava vigiar que não entrasse na quinta pessoa suspeita; e, quando n'essa pessoa fosse reconhecido o filho segundo do conde de Alvações, podia elle confidente disparar-lhe um tiro, de modo que não houvesse grande pena em esconder o cadaver dos olhos da justiça. Era hediondamente feroz esta missão; mas o horrivel d'ella tem alguma cousa mais grandiosa em atrocidade!

«*Come-facas* fora encarregado de receber em tempo opportuno uma criança, que devia ser-lhe entregue por uma mulher. Esta criança, snr. marquez, antes de receber o primeiro beijo de sua mãe, e a palavra de Christo, que a chamava á redempção, devia soltar um vagido de morte entre as mãos do infanticida, a cujo cuidado ficava lançar-lhe em cima algumas pás de terra.

«Parece que se horrorisa, snr. marquez!... O cigano tambem recuou horrorisado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causára no seu hospede, porque dera em terra com a ultima palavra do seu programma sanguinario.

«O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o á sua cama, e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se á cabeceira do embriagado, e velou-lhe o somno profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera; e o espirito de seu commensal procurava recordar-se da razão por que alli estava.

«*Come-facas* ergueu-se prazenteiro, e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas reminiscencias da conversação que tiveram.

«Não tinha nenhuma; lembrava-se, apenas, que bebera algumas canadas de bello vinho, e confessava que se sentia disposto para uma nova bambuchata. O cigano a elle só em particular, e a titulo de especial sympathia, convidou-o para no dia seguinte ceiar com elle, depois que a sua saída da quinta se não fizesse notada.

«No dia seguinte, á noite, o cigano esperava com anciedade o homem a quem apertára a mão, e chamára amigo; não obstante, porém, este lisongeiro titulo que lhe déra, o cigano preparou-se para receber o *amigo* como quem espera luctar com um assassino; metteu duas pistolas em um cinturão, e uma faca de matto no bolso da sua jaqueta de pelles.

«*Come-facas* não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocava o appetite, e o convidado cedia galhardamente á provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-a sobre a mesa.

«— Que é isto?— perguntou o *Come-facas*.

«— E' ouro — respondeu o cigano. Conta-o, e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada.

«O homem abriu com sofreguidão a bolsa, e contou quarenta peças.

«— Diabo! — exclamou elle — tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

«— Que te importa? — tornou o cigano — É teu, se me vendes a criança que o marquez de Montezellos te mandou matar!

«*Come-facas* ergueu-se de um pulo, e cravou no cigano uns olhos, onde regorgitava o sangue da ferocidade surprendida.

«— Quem te disse isso, alma de mil diabos? — exclamou elle, levando a mão ao cabo do punhal.

«— Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a bôca de uma pistola.

«*Come-facas* estacou n'esse spasmo estupido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnancia, e cedeu promptamente não sei se á bôca da pistola, se ao espanto em que o deixára aquelle «tu!» proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espirito.

«— Senta-te, — lhe disse o cigano, mettendo tranquillamente a pistola no correão — senta-te, e conversa commigo em boa amizade. Tu bem vês que eu sei o teu passado, o teu presente e o teu futuro. Bem vês que eu se não sympathisasse

com a tua cara, podia entregar-te á justiça, e não só dar cabo de ti, mas até atirar com teu amo ás Pedras Negras. Vê lá como são as cousas! Não só te não faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma criancinha.

«— Mas que demonio te disse que eu queria matar a tal criança?

«— Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bebedo, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste hontem commigo?

«— Oh! diabo! então os outros creados do marquez ouviram!... com mil raios de diabos, estou perdido!...

«— Não ouviram nada... quando tu fallaste a sós commigo já elles resonavam como tres porcos a grunhir!... Por isso fico eu. O segredo até hontem era de tres, agora é de quatro... Tu recebes a criança: não a matas, entregas-m'a, recebes quarenta peças, e dizes ao marquez que a criança está enterrada...

«— E tu p'ra que queres essa criança?

«— Que te importa a ti? Imagina que quero um engeitado de quem hei de fazer um potreiro de primeira ordem, e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho nem filha, nem mulher, nem sobrinho que me caisse no gôto cá p'ra o modo de vida em que me vês; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros ha de ser homem de se atirar em pêllo para cima de uma faca, e saltar por cima de ti p'ra outra banda. Ora a tal criança, se for rapariga, has de vel-a d'aqui a doze annos fugir como um raio por essas campinas sobre a melhor egua do Alemtejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, ha de ser como se quer. Neto de marquezes e de condes, ha de ter costella de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não ha cigano que lhe bote agua ás mãos ahi nas feiras. Palmada que dêem na anca de um cavallo de nora, fazem-o estremecer como um ginete puritano de Alter, ferrado pelos acicates do mais habil Marialva. Ora ahi tens para que eu quero a tal criança. Se fosse teu filho não me servia de nada, porque de um optimo jogador de faca nunca póde saír um soffrivel picador. Lá do neto do marquez de Montezellos, eu te prometto que se as bexigas o não lamberem, hei de fazer o primeiro cigano das provincias do sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da criança por quarenta peças?

«— Homem! tu queres-me botar a perder!...

«— És um asno... Perdido estás tu, se eu quizer: pelo menos nem matas a criança, nem recebes quarenta peças... Eu

vou d'aqui direito a Elvas, fallo com o corregedor, e digo-lhe que a filha do marquez de Montezellos está como nós sabemos, e que tenho minhas razões para suppôr que o menino ou menina ha de ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece que fará o corregedor? Intima incontinenti o pae para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

«— E que tem lá isso?... apresenta-lh'o morto...

«— Mas isso é o que não quer o marquez. Tu pensas que vaes matar essa criança, para que não venha a succeder em alguma grande herança? qual herança, nem qual cabaça!... O caso é outro. O que o marquez não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

«— Vou-te entendendo...

«— Ora se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que elle tem em volta de si, que vem a ser escrivães, meirinhos geraes, meirinhos particulares, officiaes de diligencias, beleguins, aguazis, finalmente as escoalhas mais pôdres da humanidade... Entendeste agora?

«— Está dito! Dou-te a criança, palavra de honra!

«— E eu dou-te 300$000 réis, com que tu podes viver um anno honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma acção boa, e podes com o dinheiro que te dou arranjar um modo de vida que te resgate d'esse officio de carrasco, em que estás atrellado ás sôpas do marquez de Montezellos.

«Eis aqui, snr. marquez, a parte mais interessante do dialogo, que tiveram o seu creado *Come-facas*, e o cigano.

«No fim de tres mezes, ás duas horas da noite foi acordado o cigano para receber o recemnascido. Era um menino embrulhado nas dobras de um saco, e comprimido na bôca por um lenço, que a generosa parteira não apertou de mais, porque quiz desviar de si a maior responsabilidade do infanticidio.

«Não obstante, a criancinha vinha quasi morta, e principiou a reviver nos braços de uma ama de leite que o cigano tinha comsigo.

«Poucas horas depois, o cigano abandonava os logares onde vivera quatro mezes, traspassára a grossa manada de cavallos que tinha, e desapparecia do Alemtejo, onde nunca mais foi visto, nem mais noticia sua pôde chegar...

«— Isso parece-me uma novella, snr. padre!— interrompeu o marquez — Pois não houve mais noticia d'esse cigano?!... quem nos afiança que tal cigano existiu?

«— Afiança-lh'o o proprio cigano, snr. marquez. O padre Diniz de hoje não deixa mentir o cigano de ha quinze annos.

«— Então v. s.ª conheceu-o?

«— Perfeitamente; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu, senhor; espero, portanto, que acredite na minha existencia, se não pertence á escola dos pyrronicos.

«O marquez encarava-me com certo olhar reflexivo, em que o respeito e o espanto se combinavam.

«Eu continuei:

«—Tomei a meu cargo a criação do filho de sua irmã, snr. marquez. O pae do menino a essas horas estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos labios um beijo, para que o entregasse a sua mãe um dia, ou lh'o restituisse na presença de Deus, onde esperava encontral-o. Na minha presença, e n'esses dolorosos instantes, é que D. Pedro da Silva escreveu uma carta á mãe de seu filho, pedindo-lhe protecção para elle, se um dia tivesse proporções de dar-lh'a. Essa carta, que eu pude em tempo fazer chegar ás mãos de sua irmã, com a noticia da existencia de seu filho, é a mesma carta que v. exc.ª viu, e é justamente o alvará de algoz, que apresenta o conde de Santa Barbara, se lhe pedem explicação do direito com que martyrisa sua mulher.

«Entretanto, snr. marquez, seu pae desembaraçado d'essa criança que, sem fallar, apregoaria alta voz a deshonra de sua mãe, chamou-a para a sua companhia, tratou-a carinhosamente, e lamentou com ella a morte de D. Pedro da Silva! O cynismo de seu pae, snr. marquez, envergonharia Diogenes! Essas flores de saudades, depostas pela mão do marquez de Montezellos no tumulo do amante de sua filha, são o mais aviltante escarro que podia cuspir-lhe na face morta! É quando eu creio que o cadaver estremece no tumulo, e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!...

«D. Angela apparecia, passado um anno, nos salões. Era ahi arrastada por seu pae, quando o não seguia, silenciosa e humilde, como quem receiava desafiar-lhe as iras.

«O conde de Santa Barbara era um rapaz, orphão aos dezeseis annos, senhor de tres milhões de cruzados, e dissipador de grandes creditos, que contrahia sobre grandes usuras garantidas no futuro.

«Seu pae começou a metter-lhe á cara sua irmã; sua irmã, porém, nunca encontrou os olhos do joven conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando em seu auxilio a imagem do homem que morrera quando luctava com o pae, que lhe impunha despoticamente o amor do conde.

«A lucta era desigual. D. Angela não teve coragem de ceder a vida ás ameaças de seu pae. Quando se viu abandonada

de todos, recorreu ao proprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que a desprezasse publicamente, e ella, em particular lh'o agradeceria com as mãos erguidas.

«Fallava com um rapaz sem brios, sem nobreza de alma e sem esse amor proprio, que raras vezes se extingue na mais depravada alma.

«O miseravel revelou ao marquez as súpplicas que tivera de sua filha. O marquez prometteu-lhe organisar um novo coração á sua futura esposa, comtanto que elle estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa, e a dotar com outros quarenta sua filha.

«O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonára-se, e faltava-lhe, como já disse, aquelle nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso odio por commiseração!

«Tratou, portanto, o marquez, de organisar um novo coração á futura esposa do conde.

«Proponho-lhe o programma do seu processo, snr. marquez: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se em um quarto com ella. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas, e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia immediato achar um corpo vivo onde repetir as experiencias do processo, que elle chamava infallivel.

«Angela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pae não lh'o negou, e louvou-lhe a lembrança. Appareceu-lhe um padre, cuja consciencia o marquez amoldára pela sua. A innocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça, e convenceu-se de que era ré de desobediencia a seu pae. O padre, comicamente horrorisado, pintou-lhe uma legião de demonios de varios feitios, que vinham buscal-a em corpo e alma para as abrazadas entranhas do inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão de seu pae, se ainda era tempo de suster a vingança de Deus.

«O crime estava consummado. Com vergonha e compaixão declaro que a mão de um meu collega pôz a pedra angular n'este edificio de immoralidade!

«Effectivamente o coração da futura esposa do conde de Santa Barbara recebera uma nova organisação.

«Apenas os vestigios da maceração desappareceram da face de D. Angela de Lima, o conde, recebido em casa de seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos labios da filha.

«E que sorriso, snr. marquez! Era a fiel expressão da martyr involuntaria, a quem pintaram Deus como um tyranno, que delega em seu pae o direito de tyrannisar-lhe o coração!

«Seu pae accelerava o casamento. Vencera, com ameaças,

a resistencia do tutor do conde, e illudira a vigilancia dos parentes, que o estorvavam, chamando para um casamento clandestino o mesmo parocho, a quem pagára a confissão de sua filha.

«Não se dava n'este negocio immoral um passo que me fosse occulto. Eu travei relações com o cura do parocho, por quem o marquez repartia um quinhão de confiança intima, igual áquella que depositára no *Come-facas*.

«Consegui saber o dia do casamento, a hora, e a menor circumstancia d'esse sacramento sacrilego, embora as leis civis sanccionem a relaxidão ecclesiastica.

«D. Angela de Lima era já condessa de Santa Barbara.

«Ás duas horas da noite, o ministro de Deus, que vinculára para sempre aquellas almas por um vinculo de Satanaz, lavrava no chamado *livro dos casamentos* a acta de adjudicação de uma mulher, que fora alli ajoelhar aos pés do altar, ao lado de seu dono, mas que fora alli impellida pelo terror das penas interminaveis do inferno, que seu confessor lhe abrira.

«O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a ceremonia, o marquez e o genro entraram na sacristia para assignarem o assento do casamento.

«D. Angela ficou orando, e eu, pouco distante, orára tambem por ella.

«Quando vi o conde curvado sobre o livro, luctando naturalmente com as difficuldades de escrever o seu nome, pé ante pé aproximei-me de Angela, e entreguei-lhe uma carta.

«A pobre menina, assustada, deixou-a caír. Disse-lhe o meu nome, e ella trémula como a haste de uma flor que não supporta uma commoção ligeira, tomou a carta do estrado, e vacillou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse.

«Chamada para assignar, a condessa de Santa Barbara, ao perpassar por mim, murmurou estas palavras:

«— Perderam-me... para sempre!

«Ás portas da igreja fecharam-se. Uma carruagem, cujo fremito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do Justo, receber na fronte o estigma da sua escravidão. O codigo de Jesus Christo, interpretado pelo seu ministro, santificára esse estigma com o pomposo titulo de sacramento! E eu, sósinho no adro do templo, com o peito varado de agonias, que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma:—Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o atheismo fosse a suprema razão da humanidade, aquella infeliz não seria agora escrava. Porque o altar é uma irrisão

á fé, o templo foi constituido um escriptorio de venda de alma e corpo; e o padre é ahi como a porteira do lupanar, que conduz pela mão o primeiro, que lhe paga, á camara da mulher perdida, que se vende.

«E, levantando os olhos para o céo, tremi horrorisado dos meus juizos. Pareceu-me que a minha blasphemia fora insculpida no astro da noite, como uma nódoa negra, atravéz da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me os joelhos, quando a palavra «perdão!» se me desprendeu dos labios como um grito atribulado do remorso.....

.....

«A carta que eu entregára á condessa de Santa Barbara era a do pae de seu filho, escripta nos transes do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residencia, onde poderia alguma vez receber noticias de seu filho.

«Não sei dizer-lhe, snr. marquez, o acolhimento que sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pae a vendera. É certo, porém, que no dia immediato ao do casamento, a condessa de Santa Barbara, no cumulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, desprezou as penas do inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediencia a seu pae. Tanto assim foi, que ella prohibiu tanto ao marquez de Montezellos como a v. exc.ª a entrada em sua casa.

«E como seu pae lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçára, sei que ella teve a coragem de responder-lhe, que, escrava de seu marido, estava isenta de ser escrava de seu pae, porque o não podia ser de dois senhores. É isto verdade, snr. marquez?

«— Foi assim; e eu por isso ha quinze annos que não via minha irmã, nem meu pae tornou a vel-a, nem mesmo á hora da morte conseguiu que ella o visitasse.

«— Eu lhe digo, snr. marquez... quando seu pae se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro mezes, estava a condessa de Santa Barbara fechada em um quarto, privada de luz, privada de alimentos, e incommunicavel para todas as pessoas, que não fossem o verdugo que seu pae lhe escolhera, e um creado fiel que a Providencia lhe deparára.

«Seu pae, senhor, morreu sem que sua irmã o soubesse, porque o conde lhe não deu tal nova, receiando com isto dar-lhe prazer.

«— E por que estava minha irmã fechada em um quarto?!

«— Durou oito annos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe...

«— Pois não se explica essa atrocidade?

«— Todas as atrocidades se explicam. Medite bem v. exc.ª, e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que sua irmã fora amante e mãe, antes de ser esposa...

«— Não o comprehendo bem...

«— É incrivel!... V. exc.ª crê que a benção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

«— Não.

«— Basta, pois: se me não comprehende agora, deixe-me dar-lhe uma segunda explicação, que vem confirmar a primeira.

«Poucos dias tinha sua irmã de casada, quando o conde de Santa Barbara, revistando-lhe os livros das suas orações, encontrou a carta que D. Pedro da Silva lhe escrevera. As suspeitas do marido já não podiam ser illudidas por algum defeito de organisação. Da carta constava em plena luz que sua mulher fora amante, e fora mãe, e tinha um filho, vivo, entregue á educação de um padre, e recommendado, á hora da morte, pelo pae aos desvelos de sua amante. Tudo o mais que eu disser para explicar-lhe a reclusão de sua irmã durante oito annos, é uma ociosidade em mim, e uma impertinencia no snr. marquez.

«— Comprehendo perfeitamente; mas v. s.ª, que é padre, e sabe das cousas de Deus, me dirá se minha irmã não estava sendo providencialmente punida da sua falta...

«— Não blasphême, snr. marquez! Deus não permitte que o instrumento da sua justiça seja um homem, que dá um tiro no generoso amante de sua filha, que lhe manda esganar o filho, que a vende por quarenta contos de reis, e que a faz passar do thalamo, onde subira deshonrada, a um potro de torturas, onde seu marido a faz expiar a traição que o sogro lhe fizera... Eu detesto a hypocrisia, ainda mais que a estupidez. V. exc.ª deu-se agora um ar beatifico n'essa profunda veneração á Providencia, que me fez descoroçoar de colher os frutos que esperava d'esta sementeira de palavras, arrancadas com difficuldade ao coração...

«— Franqueza, senhor! Que impressão lhe tem feito a historia de sua irmã? Quer entregal-a ao marido?

«— Não, senhor.

«— Quer abandonal-a á miseria?

«— Eu, por mim, de certo não posso dar-lhe uma opulencia que não tenho. A minha casa está empenhada...

«— Pois seu pae não a endireitou, como elle dizia, com os quarenta contos da mercancia da filha?

«— Não sei que fim levaram esses quarenta contos! Meu pae morreu devendo oitenta, e eu devo cento e vinte.

«— E que lhe parece, snr. marquez: chegaria agora a occa-

são de eu fallar-lhe da punição providencial, sem para isso fazer tregeitos beatificos?

«— Será a punição providencial; mas eu não posso ser responsavel das injustiças de meu pae com minha irmã...

«—V. exc.ª n'esse drama sanguinario tem a sua scena, e é preciso que se lave com alguma acção, que lhe não deixe ver aos meus olhos a face borrifada de sangue...

«— De sangue?!

«— Que dúvida, senhor. Já se esqueceu da facilidade com que desfechou uma clavina sobre D. Pedro da Silva?

«— Quem lh'o disse, para affirmal-o tão audaciosamente?

«— A terceira pessoa d'essa covarde emboscada. *Come-facas*, quando estava bebedo, era verdadeiro como Epaminondas Thebano... O crime passou, snr. marquez: a sua pouca idade desculpa-o; mas o remorso é o nobre sentimento de um criminoso. Condôa-se das gottas de fel que lançou no calix de sua irmã: lembre-se que lhe ulcerou o coração de chagas profundas, cujas dores só o amor póde mitigar-lhe. Dê um pouco de amor de irmão a esta infeliz senhora. Estanque-lhe as lagrimas com palavras ungidas d'esse balsamo de esperança, que ella, coitadinha, pede, porque o seu espirito não póde nutrir-se de agonias sómente.

«— Que posso eu fazer-lhe, snr. padre Diniz? Não me dirá?

«Ainda as ultimas palavras d'esta glacial pergunta não estavam proferidas, quando a porta da sala se abriu, e a condessa de Santa Barbara, formosa de um nobre orgulho, que lhe reverberava no rosto, exclamou:

«— Desprezar-me!... É o maior serviço que póde fazer-me meu irmão: é uma justa recompensa do sentimento que me inspira ha quinze annos!

«A energia d'estas palavras, e a nobre soberba do gesto que as acompanhára, envergonhou o marquez, e encheu-me a mim de satisfação.

«Parece que um fio electrico fizera voar o meu pensamento ao espirito de D. Angela! Era justamente aquella resposta, que eu quizera dar-lhe; mas a consciencia accusava-me de ter eu sido o conductor d'aquelle homem á presença de sua irmã.

«O marquez, impassivel, depois da surpreza que o envergonhára, e rapidamente se desvanecera, ergueu-se, tomou o chapéo, e fazia uma despedida em retirada, quando a condessa, soberanamente altiva, tragicamente bella d'esses grandiosos rasgos de um orgulho corajoso, lhe estendeu a mão, indicando-lhe a cadeira em que devia sentar-se.

«Nunca eu vira, nem verei, situação real na vida, que me-

lhor nos faça comprehender as posturas heroicas, em que o sinzel grego aprimorava a gloria da arte! Senti os calefrios do enthusiasmo! Cuidei que os lances da tragedia não podiam naturalisar-se fóra da scena; cuidei que a mulher, fraca e pobre de valentia moral nos grandes padecimentos, não podia, sem muito estudo, impor-se magnifica e magestosa, apesar de acurvada sob o peso da affronta e do desprezo!

«O marquez sentára-se, como se um braço invisivel o obrigasse. Fascinára-o talvez o olhar de sua irmã! Em mim pelo enthusiasmo, e n'elle pelo ascendente do remorso ou da vergonha, a fascinação era real.

«A condessa sentou-se tambem; cravou no irmão os seus bellos olhos colericos; limpou as bagas de suor que lhe banhavam a testa, e deu a cada uma d'estas palavras um tom de angustia, de severidade, e de arrogancia, que eu apenas posso recordar, e não insisto em descrever:

«— É preciso que me ouça, meu irmão. Ha quinze annos que nos não vimos: fui eu que o afastei com indignação da minha presença: lembro-lhe este facto, porque não duvido que o marquez de Montezellos tivesse a cynica audacia de procurar ver-me no fundo do abysmo a que me atirou com a ponta do pé. O odio silencioso é um cancro que devora o coração. O martyrio que me infligiram meu pae e meu irmão foi-me tanto mais dilacerante, quanto eu sofreei em mim o grito de desgraçada que elles deviam ouvir-me. Calei-me. Deixei-me arder n'este inferno intimo, onde as esperanças em Deus parece que se extinguem no fogo da desesperação nos homens... Nunca fóra do meu quarto se ouviu um gemido! nunca pedi consolações aos meus nem a estranhos! Bebi silenciosa o meu trago de fel, na taça que meu marido me chegava violentamente aos labios. Aprendera assim a humildade, quando me ensaiei por flagellos que recebi de meu pae. Bem sabe, meu irmão, que eu soffria os seus desprezos com o rosto risonho. Lembre-se que recebi insultos seus, quando lhe chamava «irmão», porque, dizia o mano... era injuriar-lhe o nobre sangue que lhe girava nas veias. Eu injuriava-o, porque não queria ser mulher do conde de Santa Barbara, de quem o mano esperava receber quarenta contos de réis para desempenhar o seu vinculo. Eu injuriava-o, porque não queria pagar com o meu corpo os desperdicios de meu pae, nem a herança de meu irmão. Eu injuriava-o, emfim, porque receiava ser a victima expiatoria da traição que meu pae e meu irmão fariam a meu marido, entregando-lhe ardilosamente uma mulher que não podia ser sua... porque fora de outro... Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de *nobre* que era, degenerou para servil. Enojou-me quando

o vi sentado a meu lado nos salões da condessa de Santa Barbara, a quem chamava affectuosamente irmã, e a quem pedia perdão de a ter trazido á força ao throno de opulencia em que a via sentada. Lembra-se muito bem que o encarei com uma certa compaixão, que se doe do caracter rasteiro. Ao pé de mim estava o conde de Santa Barbara, por quem meu irmão repartia as suas baixas adulações, visto que estava proximo o dia de receber os quarenta contos de réis estipulados na venda da escrava, cuja liberdade era injuriosa ao nobre sangue que girava nas veias de meu irmão. Quando soube que estavam em seu poder os quarenta contos, e que a minha repulsa já não podia tolher-lhes o ganho da sua veniaga, mandei retirar da minha presença um barbaro que se chamava pae, e um filho digno d'esse homem, a quem eu me envergonhava de chamar irmão.

«Certo que os não vexei, porque lhes reputo o caracter invulneravel ao mais cortante vexame. Durante quinze annos não pude esquecel-os, porque de instante a instante cá sentia no coração profundar-se a chaga que elles me abriram. Depois do odio, viria o desprezo; mas o odio perpetuava-se com as dores do flagello, que passou das mãos de meu pae e de meu irmão para as de meu marido. Saiba, senhor, que não fui eu que o mandei chamar depois de quinze annos. Foi o voto espontaneo d'este meu bemfeitor, a quem, pela primeira vez, tive de reprehender uma acção. A sua presença recebi-a como um ultraje; e ainda assim tive a fraqueza de apertar-lhe a mão. Quando ouvi perguntar que poderia o marquez de Montezellos fazer em meu favor, respondi, mas não respondi plenamente. Saiba, pois, meu irmão, que sou a condessa de Santa Barbara, vendida por oitenta contos. O preço do meu corpo é todo meu, comprehende-me, senhor?

«— Não — respondeu rapidamente o marquez, fixando no chão os olhos rancorosos.

«— Não?— tornou ella — Pois eu lhe digo. Poucos dias antes da minha fuga de casa do conde de Santa Barbara, disse-me este homem que fosse a casa de meu irmão receber quarenta contos de reis que lhe emprestára ha quinze annos, e que vivesse d'elles longe da sua vista; e dizendo-me isto, atirou-me com um titulo de dívida... Eil-o aqui... preciso ser embolsada... A mulher vendida reclama o preço de seu corpo.

«A condessa proferiu as ultimas palavras já de pé, com o titulo de dívida aberto, e voltado para o marquez. Este, immovel e estupefacto, vin-a virar-lhe as costas, e sumir-se pela porta, por onde ha pouco entrára.

«Eu quiz ainda atalhar o ultimo lance d'esta scena; mas fiquei surprendido com aquelle titulo. A condessa era tão no-

bre, que não quizera, mais cêdo, mostrar-me tal documento, receiosa de que eu lhe aconselhasse que o pozesse em juizo.

«O marquez, superior a todas as affrontas, depois do primeiro choque, reanimou-se dos espiritos da sua herdada depravação, e sorriu-se como por desprezo.

«— Não me parece justo que se ria, snr. marquez! — lhe disse eu — Essa valentia moral com que v. exc.ª affronta desprezivelmente as afflicções de sua irmã, não lhe é honrosa, nem mesmo proveitosa. Eu, pela minha parte, declaro-lhe que esta senhora não precisa de alguem que a proteja no caso de querer embolsar-se judicialmente dos quarenta contos que v. exc.ª lhe deve. Eu, que lhe salvei o filho, hei de ser um tão bom procurador, como fui cigano, e como tenho sido ministro de Deus ao pé de seu pae, de v. exc.ª, d'ella, e do pae de seu filho.

«— O que v. s.ª quizer — disse o marquez desenfastiadamente; e desceu as escadas trauteando não sei que estribilho galhofeiro, dos que se ouvem nas orgias taverneiras do bairro alto.»

Suspenderei aqui a cópia do *Livro Negro* de padre Diniz.

## XIV

O conde de Santa Barbara era um d'esses muitos maridos corajosos, que recebem, sem vacillar, o golpe de uma affronta que suas mulheres lhes dão. Essa coragem não é, porém, uma qualidade nobre. É o cynismo, o extremo opposto da honra, que, por uma d'essas analogias dos extremos, se parece muito com a virtuosa resignação. O conde não fora affrontado por sua mulher; mas, emquanto não soubesse os passos que ella dera fóra de sua casa, devefia julgar que o fora. Não é preciso que um homem seja honrado para calar em si o vexame de uma preferencia, que lhe fere o orgulho; mas é rigorosamente preciso que seja de indole estragada, até á lastima, o marido que proclama a deshonra da mulher para justificar a sua. Tal fora o conde de Santa Barbara. Quando a consciencia lhe dizia que sua mulher fugira debaixo d'aquelle tecto, onde á desesperação e a tortura lhe golpeavam a vida em um vagaroso paroxismo, esse homem excepcional vingava-se da infeliz, que não quizera morrer ás suas mãos, apregoando-a adúltera, e adúltera das que abandonam seus bondosos maridos para se hospedarem em casa de seus amantes. Se minha virtuosa mãe se suicidasse, o

conde de Santa Barbara talvez dissesse que uma paixão violenta por um amante, que a desprezára, a impellira a esse vergonhoso delirio.

Padre Diniz promettera espreitar os passos do conde. As revelações feitas pelo conde de Alvações poupam-o a diligencias. O caracter do primeiro estava definido, e o do segundo tambem.

O conde não alterou o programma com que voltára de Santarem. Poucos dias depois que entrára em casa, viram-o saír com a galharda presença do um homem, que leva no rosto a paz da consciencia. Algumas horas antes saíra uma traquitana com as portinholas cerradas. Quem dentro ia era a creada, o anjo da sublime paixão do conde. Anjo sublime lhe chamo eu, e não é por ironia que o digo. Para certos caracteres são aquellas mulheres os anjos, e nem eu sei se é judicioso criticar um homem, que viu a sua felicidade onde nós veriamos a nossa desgraça... Quem preveria então o que esta mulher foi depois?...

Antes de partir, o conde recebera a visita das primeiras pessoas de Lisboa, que por ceremonia se interessavam na sua saude. Para este culto respeitoso muito concorria a valiosa importancia que o conde tinha ao pé de D. Miguel. As illações que um politico poderia tirar d'esta sympathia, d'esta aproximação, d'esta importancia, não importam nada ao romancista que escreve uma historia contemporanea; mas tantas são ellas, e de tanto alcance na perda inexplicavel das instituições politicas em vigor até 1833, que muito valia a pena dissecal-as, sem receio de resvalar com o escalpello pela face de alguns que ainda vivem.

Ora o conde de Santa Barbara a cada amigo que lhe perguntava pela condessa contava-lhe, com ar de constrangimento, a historia de sua mulher emquanto solteira, a má vida que lhe dera como casada, e, por fim, o seu aviltante e inqualificavel procedimento no abandono em que o deixára, refugiando-se não sabia elle aonde, com o homem por quem fora preferido.

Minha mãe, portanto, era o alimento ignobil das conversações das salas e das praças, quando o conde de Santa Barbara, contente de si, e firme com todo o peso da sua perversidade, abandonava Lisboa, e sonhava voluptuosamente uma quadra de venturas novas, que tão risonhas lhe promettia o terno sorriso da sua amada Eugenia.

Padre Diniz, com o coração cheio de amargura, e os labios cerrados pela compaixão que tinha de minha mãe, calou a vil reputação em que a pobre senhora estava sendo conceituada. Era fulminal-a, talvez, uma semelhante denúncia.

Mas o padre não podia, com mais ancia, zelar a honra de uma filha, cuja innocencia lhe fosse uma convicção tão intima como a probidade de minha mãe.

O primeiro passo dado pelo padre foi o unico que podia dar-se em favor de minha mãe. Apresentou no tribunal, onde se tratam sevicias, e castigam calumniadores, uma petição que não era só petição, mas um appêllo que a condessa de Santa Barbara fazia a seu marido para repetir as infamias que lhe imputára na presença das pessoas que as propalavam em Lisboa.

Este requerimento de minha mãe produziu uma profunda sensação de remorso n'aquelles que a arrastaram ao pelourinho das praças, segundo a vontade de seu marido.

Era necessario que voltasse o conde para responder á interrogação, ao grito afflictivo, ás sagradas exigencias de sua mulher. Minha mãe tinha uma protecção unica; era o padre, que, apenas lhe pedira a sua assignatura, em um papel em branco, porque não queria fazel-a sabedora do estigma que lhe cuspiram na face, senão depois que ella já o não sentisse.

A' hora em que o requerimento era despachado, o conde de Santa Barbara chegava a Santarem. Ao apear-se do seu cavallo, chegou á portinhola da traquitana, offerecendo o braço á creada, que se viu embaraçada com o cortejo das pessoas, que a reputaram condessa de Santa Barbara.

O conde entrou melancolico no quarto da hospedaria, e queixou-se de uma dor physica, que o não deixava respirar. Esta dor cresceu com symptomas assustadores, e os facultativos que rodeavam o leito do conde, olhavam-se mutuamente com esse olhar de desconfiança que aterra um enfermo. A idéa da morte apresenta-se a um perverso com um cortejo de flagellos, que não sabemos se lhe mordem a consciencia varada de remorsos, se lhe despertam a anciedade da vida para novos crimes.

Algumas horas depois que a dor parecera apertal-o em seus braços de ferro até suffocal-o, o conde sentira allivio, contorcia-se menos, mas desfallecera em uma completa atonia do corpo. Uma febre violenta sobreveio-lhe immediatamente, e os medicos declararam-o perigoso.

Vinte e quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escrivão e um meirinho geral, perguntando, não pelo conde, que o não suppunham alli, mas pelo tempo que lhes seria necessario para alcançal-o. Entre estes homens de justiça via-se um outro. Era padre Diniz, que se despedira de nós por dois ou tres dias indispensaveis para negocios seus.

Outro qualquer vacillaria, antes de levar uma citação vilipendiosa á cabeceira de um enfermo gravemente perigoso. O

padre não. Os enviados do juiz de fóra pareciam hesitar, encarando a farda agaloada dos lacaios do conde, que, encostados á porta do quarto de seu amo, esperavam as ordens que lhes eram transmittidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porém, instigava-os com a lei, e com o seu ar de soberania, menos facil de ser desobedecido que a lei de ser sophismada pela simples vista das librés do nobre conde de Santa Barbara.

A antecamara do illustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarem, que vinham respeitosamente depôr nas mãos da creada, como costuma dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incommodos do conde.

Padre Diniz, o escrivão e o meirinho atravessaram a sala d'estes senhores, maravilhados do que viam. Já com a mão no fecho da porta, que abria para o quarto do conde, padre Diniz, voltando-se para os grupos de fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadeza e intimativa:

— Peço a vv. exc.as que se demorem alguns minutos, porque a sua presença vae ser necessaria para uma obra honrosa.

E entrou no quarto do conde de Santa Barbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o hombro da creada, que recebia, em uma postura graciosa, o doce fardo de seu senhor.

Surprendido pelo ruido da porta, que rapidamente se abrira, o febricitante abriu os olhos, e cuidou ver mais tres fidalgos da comitiva, que não cessavam de visital-o.

Padre Diniz cortejou ligeiramente o conde, e olhou de revés com estudado desprezo a enfermeira, que, pela indifferença, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia á cabeceira do doente.

— Quem são vv. exc.as?— perguntou o conde, esforçando-se em receber com a gravidade heraldica, que o caso pedia, os recem-chegados.

— Pelo tratamento que nos dá — respondeu o padre — bem se vê que não temos a honra de ter relações com v. exc.a Eu sou um padre, que n'este momento, contra os canones, accumula de alguma fórma as funcções de procurador de causas. Este senhor é escrivão da terceira vara, est'outro é um meirinho.

— Que pretendem de mim?— interpellou o conde, franzindo a testa.

— É aqui ao snr. escrivão que compete responder — disse o padre tranquillamente.

— Citar v. exc.a— acudiu o escrivão — para o fim conteúdo n'este requerimento.

— Não devo nada a ninguem — exclamou o doente, com a face duplamente abrazada pela febre e pelo orgulho irritado.

— Não se trata de dívida, snr. conde, — tornou o escrivão — v. exc.ª perdoará se venho involuntariamente mortifical-o. Sou mandado aqui a requerimento da snr.ª condessa de Santa Barbara.

— Que tem essa mulher commigo?— interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabellos, que se lhe empastavam no suor da testa.

— A snr.ª condessa — proseguiu o inalteravel escrivão — queixa-se de ter sido atrozmente calumniada por seu marido, e requer que v. exc.ª seja chamado a juizo para provar a calumnia, ou desdizer-se.

— Desdizer-me! — vociferou raivosamente o conde — Desdizer-me!... eu?... Vossê sabe com quem falla, su beleguim, su miseravel, que o mando azorragar pelo meu boleeiro!...

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos, que estavam na antecamara, a entrarem atropelladamente no quarto. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso, e assustariam qualquer homem que não fosse um escrivão de juizo. Não ha nada mais heroico que a impassibilidade com que o razoavel funccionario respondeu ás ameaças do enfermo.

— Snr. conde de Santa Barbara — disse elle, sorrindo bondosamente — a lei, cujo executor eu sou, exerce o seu dominio sobre os membros da sociedade no estado normal. V. exc.ª não póde ser autuado, porque as suas faculdades intellectuaes reclamam a enfermaria de S. José, e não podem achar o balsamo no Limoeiro. E se isto assim não fosse, creia v. exc.ª que o autuava. Esperarei um intervallo lucido, para que v. exc.ª assigne a citação, que vou lavrar na presença d'estas testemunhas.

Emquanto o escrivão experimentava na unha os bicos da penna, que o meirinho lhe ministrava do seu tinteiro de osso, o conde, com os olhos torvos e esgazeados, fixava diabolicamente a physionomia de padre Diniz.

— Eu já vi este homem... outra vez!...— murmurava elle. — Era esta mesma cara... lembras-te, Eugenia?...

O conde não achou resposta a esta interrogação. Eugenia não podera supportar a vista fulminante do padre, e fugira sobresaltada, quando viu pelo quarto dentro a irrupção dos cavalheiros attrahidos pelos gritos desentoados do seu amante.

O conde, espantado de não ver a seu lado a inseparavel companheira das suas agonias d'aquelle dia, rodava sobre o tronco, e procurava-a anciadamente em todas as direcções.

Padre Diniz, que ouvira a pergunta, e não vira a creada para responder-lhe, aproximou-se lentamente do travesseiro do enfermo, e disse-lhe quasi ao ouvido:

— Sou eu effectivamente o homem que v. exc.ª viu...

— Defronte das minhas janellas...—atalhou o conde.

— Defronte das suas janellas,— continuou o padre — justamente, quando v. exc.ª me mandou retirar, ameaçando-me.

— E comsigo estava um rapaz...

— Não ha dúvida... estava commigo um rapaz...

— Quem era?

— Que lhe importa a v. exc.ª saber quem era? era um orphão, supponha, era uma criança inoffensiva...

— E com que direito vem o senhor aqui acompanhando este escrivão?

— Eu sou o protector unico da snr.ª condessa de Santa Barbara. Sou a sentinella vigilante da sua honra, e posso, sem escrupulo, dizer que o sou tambem da honra de v. exc.ª

— Da minha honra!... o senhor zomba de mim!...

Este curto dialogo passou despercebido para os que estavam alguns passos distantes da cama do enfermo. O escrivão acabava de lavrar o auto de notificação, ou como é que se chama, e offerecia attenciosamente ao conde a penna, para o indispensavel effeito da assignatura.

O conde não hesitou aceital-a; mas, apenas a recebeu, deixou-a caír, como se a mão lhe paralysasse n'esse momento. Á quéda da penna succedeu a quéda das palpebras, e uma somnolencia profunda lhe deu ás feições a placidez cadaverica de um moribundo em paroxismos.

Esta transição improvisa levou o terror ao espirito do proprio escrivão, que, de bom grado, se retiraria, se uma lei ferrenha lhe não infligisse em perda de officio a imperfeição do solemne mandato.

N'este momento entrou um dos facultativos, que tomou o pulso ao doente, e disse:

— É uma syncope; os symptomas não são aterradores; mas após esta póde vir uma que o mate.

— Snr. doutor, que doença é esta do snr. conde?— perguntou o padre.

O doutor encolheu os hombros...

— É um caso novo na minha clinica, e na dos meus collegas — disse elle.— Temos esgotado ha quarenta e oito horas todos os recursos, e esperamos um diagnostico mais caracteristico para capitularmos este caso extraordinario.

O doutor iria espraiar-se em um manancial de palavras arrevezadas e tumidas; mas o conde de Santa Barbara abriu os olhos impetuosamente, e cravou-os ainda no padre, como se

acabasse de vel-o em um sonho pavoroso, para encontral-o ainda na realidade de acordado.

Esperava-se d'aquelles labios convulsos e semiabertos uma imprecação, uma blasphemia, uma injuria, ou pelo menos um brado pelo boleeiro, armado do afidalgado chicote, quasi sempre instrumento preferido nas desforras fidalgas.

Não aconteceu assim. O conde, com olhos serenos, e o rosto quieto, olhou em derredor de si, e murmurou a meia voz:

— Antes que eu assigne este papel... peço que me deixem só com este senhor.

A pessoa que elle apontava era padre Diniz.

Os circumstantes retiraram, e padre Diniz fechou-se por dentro.

## XV

Padre Diniz, sem acertar com o assumpto d'aquella entrevista extraordinaria, fechou sobre os que saíram a porta do quarto, e aproximou-se respeitosamente da cabeceira do enfermo. O conde, sem levantar os olhos das mãos, que tinha cruzadas sobre o peito, em devota postura, depois que humedeceu com a lingua os labios resequidos do calor da febre, fallou assim pausadamente, dando a cada palavra o tom lúgubre de uma solemne revelação, feita á hora da morte:

— Snr. padre! eu se escuto a minha consciencia, ouço accusações, que me affligem; mas se consulto o meu coração, absolvo-me dos meus peccados, isto é, d'aquelles que commetti em aggravo da condessa de Santa Barbara.

Padre Diniz cortou depressa o silencio em que ficára o conde:

— Antes escute a consciencia, snr. conde, porque o coração apaixonado é um máu conselheiro, que, depois de instigar o crime, não tem dúvida alguma em absolvel-o.

— Mas a cabeça, senhor, inclina-se para o coração... Eu precisava vingar-me... vingar-me, sim!... Zombaram de minha innocencia... fizeram a minha alma victima da minha riqueza... Se eu fosse um pobre, não viriam os especuladores tolher-me a felicidade de toda a minha vida...

— Não o comprehendo bem, snr. conde... Visto que v. exc.ª me faz a honra de querer ouvir-me, quizera eu que me aclarasse as suas idéas de modo que eu possa responder...

— Pois sim, responderá, mas eu é que tenho poucas... ou não tenho nenhumas perguntas a fazer-lhe... Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se o não forem, ouça-as repetidas por

mim, que são ditas como na presença de Deus... Ha de ouyil-as com paciencia, e eu hei de dizel-as com repugnancia, mas com verdade... Eu era uma criança, quando o marquez de Montezellos, mascarado de uma hypocrisia astuciosa, me veio perturbar nos meus desvarios de rapaz, que não faziam mal senão a mim, que os comprava á custa do meu dinheiro... O impostor lamentava os meus desperdicios, e doía-se, dizia elle, de ver tão mal encaminhado o roteiro do representante de uma das mais illustres casas de Portugal.

«Primeiro ouvi-o com paciencia; depois afiz-me áquelle pertinaz perseguidor, que se deu a liberdade de entrar em minha casa a toda a hora, de mandar os meus creados, de intervir nos meus negocios, e de zelar os meus interesses com affecto paternal.

«O seu primeiro trabalho foi indispor-me com os encarregados da minha tutela, convencendo-me de que era uma cabilda de ladrões, que medravam no banquete da minha fortuna, e me davam a mim os sobejos d'elle. Fazia-me concordar na ladroeira que me faziam, porque me não davam quanto eu lhe pedia, e se eu replicava mostrando que a receita era maior que a despeza que me arbitraram, respondiam-me com as suas contas futuras no acto da minha emancipação. Estas *contas futuras*, dizia o ardiloso marquez, que eram palavras escolhidas para contemporisar o roubo, e organisar um saldo que tornasse ainda por cima os ladrões meus credores.

«A continuação d'estas calumnias estudadas capacitou-me. Era necessario estorvar o progresso do roubo, e para isso dizia o meu habil conselheiro que o meio unico era o meu casamento.

«Eu detestei esta palavra, cuja realisação nem em sonho me tinha vindo á cabeça. Era a primeira vez que se me impunha como necessidade um estado que eu aborrecia nos outros, porque bem cêdo estudei os outros, e bem gravadas tinha ainda na memoria recordações de minha propria casa.

«O conselho do marquez tomei-o como um dito banal, não obstante a seriedade grave com que me foi dado. Ainda assim o importuno recalcitrava, e queria que eu lhe respondesse alguma cousa. Uma vez, por me desfazer de uma conversa fastidiosa, despedi-me d'elle, dizendo-lhe que o melhor conselheiro de casamento era uma boa mulher solteira.

«O marquez sorria-se com não sei que ar de alegria, que me fez scismar! Eu não era tão simples, que não visse n'aquelle riso uma expansão de calculo mal comprimida!

«Eu bem sabia que o marquez tinha uma filha. Lembrava-me de a ter visto dois annos antes, muito linda, muito cortejada, mas muito dedicada a um filho segundo do conde de Alva-

ções. Lembrava-me tambem de uns tiros que, a horas mortas, foram dados sobre o namorado de D. Angela, dos commentarios que a sociedade fizera ao acontecimento, e da entrada violenta que o pae lhe obrigára a fazer em um convento.

«Todas estas recordações, quasi desvanecidas, porque nunca mais vi D. Angela, eram ainda assim razões de mais para que a filha do marquez não merecesse a pena de um namoro, quanto mais a loucura... de um casamento! A existencia d'ella para mim era uma cousa tão indifferente, e mesmo tão sem poesia, que, durante alguns mezes de familiaridade com o pae, nunca me deu para perguntar-lhe por ella; e se algumas vezes me lembrava que o meu inseparavel mentor tinha uma filha, julguei que devia não fallar-lhe d'ella, porque talvez a sua melindrosa susceptibilidade se magoasse.

«Como poderia eu lembrar-me seriamente de ser o esposo eleito da filha do marquez de Montezellos!...

«Fui a um baile do conde de Collares. Entrei por alli dentro, deixe-me dizer-lhe a verdade, com tenção feita de namorar uma mulher que viesse equilibrar a desenvolta paixão que eu tinha por cães e cavallos de raça. Parece-me que um rapaz não estava bem sem uma mulher, que morasse em uma rua espaçosa, onde podesse um bom cavallo arabe saltar em corcovos mortaes, que dessem uma alta idéa do cavalleiro á sua namorada. Aqui tem, snr. padre, como em mim principiaram as chamadas idealissimas aspirações da mocidade. Vaidade de admiração, desejo de assustar uma mulher, e de extasial-a, mostrando a superioridade das minhas pernas aos galões e solavancos de um cavallo. Triste definição do amôr, por mais exclusiva que seja!... Vamos adiante...

— Sente-se talvez incommodado com o esforço que faz em fallar? — interrompeu o padre.

— Pelo contrario, senhor... estou melhor, quando recordo épocas em que fui menos feliz... Como lhe disse, entrei nos salões do baile, e fitei com avidez muitas mulheres. Mal entrára, o marquez estava commigo. E, depois das impreregaveis frioleiras de um cumprimento, travou-me do braço, e disse-me que queria apresentar-me a sua filha.

«Fui, não sei se de boa vontade, se machinalmente. O caso é que fui, e vi ao cabo de uma fileira de cadeiras uma formosa mulher, uma figura deslumbrante, um mixto de riqueza e formosura que me pasmou. Era necessario atravessar vagarosamente a multidão de homens, e eu anciava por avizinhar-me d'aquella mulher, muito contente, por suppôr que a filha do marquez lhe não estivesse longe.

«A minha curiosidade não me deixou tempo de a reconhecer ao pé. — Quem é áquella mulher que está sentada na ul-

tima cadeira? perguntei eu ao marquez. É minha filha, respondeu elle. Sua filha, interrompi eu com um espanto idiota. Sim, senhor; pois nunca a viu? — Creio que não... pelo menos nunca a vi com os olhos que tenho hoje...

«O marquez tornou a sorrir de mim com a alegria da outra vez, e foi commigo abrindo as massas cerradas de homens até nos aproximarmos da bella rainha da festa.

«A minha illusão desmereceu um pouco com a vizinhança; mas nem tudo era illusão; a mulher, vista de perto, augmentára em valor de coração o que perdia no quilate dos olhos. Era mulher para ver-se, mas era mais para amar-se... Como eu pude em um momento jogar com todas estas idéas!... O amor tem estas intuições illuminadas, que podem fazer calar a mais frenetica paixão por cães e cavallos de raça.

«Commigo deu-se o caso!

«Angela recebeu-me com frieza, mas sem orgulho. Pareceu-me triste. Na face não tinha a frescura da innocencia feliz. Não me espantou. O homem que aquella mulher amára muito, tinha morrido, e quem sabia se ella lhe amava ainda a memoria?

«Eu disse-lhe logares communs, e ella respondeu-me com monosyllabos. Fallei-lhe em cousas do coração, respondeu-me com o silencio. E a verdade é que eu estava amando-a. Sentia uma energia de alma, um incendio repentino, que me fazia superior a mim. Que miseria! até d'essa imagem que eu suppunha viver-lhe na alma, como a sombra de um cadaver, d'essa mesma tinha eu ciume! Notei-lhe a difficuldade que lhe sentia em responder-me. Angela sorria-se, e eu tomei-lhe por escarneo aquelle gesto de distracção, talvez, se é que elle não era uma leal expressão do seu infortunio...

«Retirei-me azoado com a gelada recepção que me fez. O pae parece que nos contemplava de longe. Mal me separei da filha, saiu-me ao encontro. Vinha perguntar-me delicadamente o valor da filha, como eu pergunto a um picador o valor dos meus cavallos. — Então, disse elle, esteve entretido? — Sua filha é muito economica de palavras, respondi eu. — Então ella não fallou? perguntou elle em ar de zangado. — É que não estava bem commigo, rematei eu, para ir cumprimentar algumas tias minhas, que me acenavam.

«Eu não podia, a despeito do amor proprio, desviar os olhos de Angela. Se ella tivesse dito torrentes de eloquencia, amava-a naturalmente pelo espirito. Como não disse nada, amava-a pelo silencio. O coração do homem é como o paladar dos pobres: tudo lhe sabe a comer.

«Vi que o marquez foi direito como um raio á filha; inclinou-se um pouco ao ouvido d'ella, e disse-lhe cousa que a fez

pôr os olhos no chão, e, apenas o pae voltava as costas, Angela levava um lenço aos olhos, enxugando lagrimas.

«Fez-me impressão isto! Que lhe diria elle?

«O homem estava outra vez de volta commigo, chamando o assumpto da conversação para a filha. E eu não me enfadava com tal. Dizia que Angela tinha indisposições momentaneas, que elle não sabia se eram romanticismo, se temperamento melancolico; mas que estava pela primeira conjectura, attendendo ao coração de sua filha, que tinha sêde de um amor puro e santo como a sua alma. Não podia dar-se um melhor corrector de corações sequiosos!... Mas a verdade é que estas informações de tão bom canal enthusiasmaram-me a vaidade. O marquez era experimentado como todos os homens gastos! Sobejava-lhe em maldade o que a natureza lhe não dera de cavalheirismo. E, portanto, o homem adivinhava uma a uma cada sensação que as suas palavras me imprimiam. Sempre me disse cousas da filha!... Eu hoje estou corrupto, snr. padre, e penso que não ha salvação para esta alma perdida no abysmo do mundo; mas ainda assim não sei explicar o impudor do marquez, quando me dizia que tornasse ao pé da filha, que talvez a encontrasse já de outros humores. E pareceu-me tudo tão bem, tão natural então!...

«E, em verdade, quando timidamente me aproximei de Angela achei-a docil e risonha. Uma cadeira vaga junto d'ella proporcionou-me uma conversação, que, n'este momento de confissão geral, lhe digo, snr. padre, que é a reminiscencia que em todo o tempo me susteve o braço, para que eu mais tarde não enterrasse um punhal no seio da filha do marquez de Montezellos...

«Sentado ao pé d'ella, apesar da minha desenvoltura, sentia-me sopeado de entendimento, e falho de expressões, como um parvo dos meus mais parvos foreiros. Chegou a hora da coragem, e eu disse-lhe que a amava até ao delirio. Á fé de cavalheiro, que lhe não mentia! Que cousas eu lhe disse, e que resposta ella me deu! Basta que eu lhe diga, meu caro senhor, que de todo o conteúdo na nossa prática resumida, resultou-me um decidido *não* da parte d'ella, que me fez dar em terra com a alma do amor, para me levantar até á furia a alma do orgulho...

— Eu já sabia essa historia — acudiu o padre.

— Já sabia esta historia? contou-lh'a ella?

— Sei-a, não sei se d'ella, se de quem; sei que é uma das mais bellas flores da corôa de martyrio da snr.ª condessa. Uma tal confissão feita por v. exc.ª priva-o de encaminhar a sua narração até encontrar justiça para o seu máu procedimento com a desgraçada filha do peior dos paes...

— Não acho conveniente — atalhou o conde — que v. s.ª se metta a juiz antes de ouvir o depoimento do réo...

O doente, por mais de uma vez, acompanhára de um sorriso ironico certas expressões que o leitor terá notado.

Era esse o seu caracter, e seria mais facil fazer sorrir uma estatua, que tirar o sorriso aos labios do conde.

O padre admirava aquella incoherencia, mas explicava-a melhor que eu posso explical-a. Dizia elle no seu *Livro Negro*, que o rir do conde de Santa Barbara era um acto tão natural e espontaneo na sua organisação, como as lagrimas em outras organisações. E acrescentava elle, que tanto devia julgar-se máu o rir de uma, como bom o chorar de outras, porque ha homens, e especialmente mulheres, que têem um reservatorio de lagrimas sempre á bica, uma machina de risos com as rodas sempre azeitadas. A expressão tem de verdadeira o que lhe falta de bonita.

O conde, que conhecia os seus costumes, e não era hypocrita, atalhou as reflexões mentaes do padre, com esta justificação plena dos risos equivocos:

— Rogo-lhe que, por bondade, não traduza mal estas minhas expressões galhofeiras. Eu fui sempre assim, ainda no mais apertado de minhas desgraças. Quando não tinha com quem fallar, escrevinhava enredos de chistosas novellas, que poderiam muito bem revelar um homem de espirito truanesco. Pois não é assim, snr. padre? Por minha salvação lhe digo que entranhei até ao fundo da alma o horror da minha posição moral n'este mundo.... Basta de reflexões, não lhe parece?

— Não se prive de fazel-as, snr. conde... É pena que...

— Que é pena?...

— Que v. exc.ª não seja perfeitamente feliz! Sel-o-ia, se no baile do conde de Collares tivesse um amigo que lhe dissesse: olha que te aviltas, perseguindo uma mulher que te repelle.

— Não tive amigo, não tive ninguem... ao menos n'essa noite. O meu segredo não podia eu confial-o, porque me envergonhava. Onde o meu orgulho podia desabafar era nas revelações feitas ao pae de Angela... mas, é tão natural que me custasse então... fazel-as!... É preciso que eu já amasse muito aquella mulher, para me envergonhar de fazer seu pae meu confidente!...

«Se eu não fosse muito criança, deveria ter sido muito escasso de timbre e de dignidade! A repulsão tinha sido gravemente senhoril; mas eu quiz capacitar-me de que D. Angela era muito grosseira. Amuado, e frenetico como um rapaz de collegio, em quem deram duas palmatoadas, ia retirar-me do baile, quando o marquez, vigilante espreitador de meus passos, me saiu ao encontro.

«— Então que é isso? — disse elle — retira-se?

«— Retiro-me, — lhe respondi — porque não estou bem. Eu não sou homem de bailes, porque não sei fallar com esta gente: creio que sou muito estupido, ou muito feio!... parece que não valho um caracol, quando desço do meu cavallo preto para o chão, onde toda a outra gente anda!...

«— Não estejas assim zangado, — tornou o meu nobre amigo e snr. marquez de Montezellos, estreitando-me cordialmente ao seu sensivel peito — és ainda muito rapaz, meu conde, e eu quero fazer-te homem á força, para que se não diga que tal és tu como eu.

«A este abraço expansivo, e ao *tu*, que o acompanhou, devia seguir-se o trato, a confiança, e a familiaridade, a que eu, até esse momento, difficultosamente me afizera. Desde então o marquez, com os seus quarenta e quatro annos, parecia-me um rapaz, tratavamo-nos por *tu*, contava-me as suas rapaziadas, pedindo-me segredo inviolavel, e de todas que me contava tirava sempre esta gloriosa conclusão:

«— E tudo isto que fiz, meu conde, são aventuras do tempo de casado... Já vês que o casamento é um contrato politico, civil, economico, e hygienico até certo ponto. Emquanto gostei de minha mulher, gostei; depois que a vi muitas vezes sempre com a mesma cara, com a mesma cintura, e com a mesma mão e pé, que me fizeram endoudecer de enthusiasmo, desejei que ella tivesse uma grande mão, um pé inglez, uma cara saloia, e uma cintura mais larga que as espáduas. Como a estatua não se transfigurava, detestei-a... não digo bem... não a detestei como um bello traste dos meus aposentos, mas sim como excrescencia matrimonial á minha vida. Ora ahi tens, meu conde... a mulher com quem se casa é de todas as mulheres aquella com quem menos se casa. Sabes por que eu te digo, por que te conto estas saudosas bambuchatas?

«Eu sabia perfeitamente... O *virtuoso* marquez dava-me prelecções que deviam alentar-me o espirito, se a idéa do casamento me intimidasse com o seu captiveiro de toda a vida.

«Que generoso sogro! Dispunha-se a levar-me pela mão até ao altar com sua filha; mas de antemão, attendendo á grandeza do meu sacrificio, resgatava-me da servidão, e desquitava-me de todos os respeitos devidos a minha mulher! Como não ha de ser solida a belleza da sociedade, com sustentaculos da força do marquez de Montezellos!...

«Mas tornando ao baile: como eu fosse muito instado do marquez pelos motivos da minha apoquentação, respondi-lhe com a mais estupida singeleza, que sua filha não gostava de mim. Envergonho-me hoje d'esta simplicidade!... hoje!... pois já é preciso muito, snr. padre! Vejo que tenho ainda a

atravessar longos estadios de immoralidade, para correr parelhas com o meu defunto sogro!... não acha?

— Deus é que vê os corações; e permitta Elle que seja assim! — respondeu o padre tão enjoado da historia que ouvira, como compadecido da baixeza a que póde vir um homem dos que a sociedade considera mais altos na nobreza do sangue!...

Oh! se a nobreza de sangue importasse a idéa de nobreza de espirito!...

O padre continuou:

— Naturalmente o marquez foi de novo intimar a filha, não é assim?

— Nada; então fui eu que não consenti, porque o homem nem ao menos soube fingir-se; largava-me o braço como um furioso de comedia, quando eu o sustive, dizendo-lhe que não tornava a sua casa se elle désse á filha uma palavra só a meu respeito, emquanto estivessemos no baile. Portou-se bem: nunca o vi fallar com ella; mas esse mesmo silencio a castigava, e annunciava-lhe, talvez, os carinhos paternos que tinha a prodigalisar-lhe em casa... Pobre Angela! Deus sabe o que ella soffria... eu creio que muito!...

O conde suspendeu alguns minutos a sua narrativa. As ultimas palavras eram balbuciadas com a tremida inflexão do dó. O espirito do bem pedira áquelle coração uma lagrima de mágua, e um espinho de remorso. A lagrima denunciou-se, e o conde, como envergonhado d'ella, cerrou as palpebras; mas o espinho esse não podia esconder-se... aquelle silencio tinha em si a afflictiva mudez forçada pela mão que nos suffoca as palavras na garganta.

Decorreram esses cinco minutos de silencio, unicos talvez de vida, de consciencia, e de dignidade humana, que tivera o conde até aos seus trinta e dois annos.

Padre Diniz, assustado com a transfiguração do enfermo, passou-lhe a mão pela testa, sondou-lhe o pulso, e chamou-o com sobresalto. O conde abriu os olhos, e fixou-o com um certo ar de brandura, que impressionou religiosamente o padre.

— Sente-se mais doente?

— Sinto-me fatigado... — respondeu o conde sem aquella energia de voz e de exposição que admiravelmente empregára até áquelle momento.

— Assim devia acontecer — tornou o padre Diniz. — Esquecemo-nos ambos do estado de v. exc.ª... Devia eu lembrar-lh'o; mas, snr. conde, eu tinha tanta necessidade de ouvil-o para combinar os lances d'esta sua tão desgraçada vida domestica!...

— Muito desgraçada... muito...

O conde continuava, quando bateram á porta. O medico instava por que o doente tomasse uma porção de remedio; mas o doente fez-me signal de que não abrisse: elle mesmo respondeu que não podia a porta ser aberta, e continuou:

— Deixe-me, senhor, ceder a uma sensação, que nunca na minha vida experimentei... É uma cousa nova... É uma apparição melancolica, um não sei quê de luz celeste que me transparece de além, de tão longe, através d'esta minha longa noite de quinze annos... Estou-a vendo ainda no baile!... Como eu hoje vejo com os olhos do espirito aquella mulher, que me faz tão desgraçado, e eu tão desgraçada fiz!... Como eu era feliz se o meu coração tivesse sido assim!... Angela era tão bella quando me pedia que não a amasse! Oh! ninguem viu como ella era uma mulher que devesse mover tanto á compaixão!... Acarinhavam-a tanto as mulheres... iam e vinham tantas vezes a consolarem-a... murmuravam não sei que desgraçada prophecia de seu destino! Agora, sim, agora é que eu ouço e sinto as palavras de um homem, que o mundo chamava poeta, e que eu não sabia o que era!... Esse homem, vendo-me tantas vezes ao pé de Angela, fallou-me d'ella com tanto espirito, com tanta ternura, e com os olhos embaciados de lagrimas! — Conde, dizia-me elle, repara bem n'aquella mulher... é uma flor meia sêcca, supplicando que a desfolhem, porque não póde, no outomno das lagrimas, supportar as saudades da sua linda primavera! Tu não sabes o que aquillo é... Vae d'este mundo retalhada de agonias... Tinha na alma um saorario de amor... converteram-lh'o em taça de fel... Queres tu, conde, verter a tua gotta no coração d'essa infeliz?!... Deixa-a, porque a memoria de um primeiro amor... o cadaver de um primeiro amante alimenta aquella existencia de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não póde dar-lhe... Deixa-a por piedade, não a compres a seu pae, que compras uma escrava morta...».

Padre Diniz, com o enthusiasmo radiante nos olhos, interrompeu o silencio ás ultimas palavras do conde:

— Esse homem, esse poeta, nunca mais lhe fallou a mesma linguagem?

— Nunca mais o vi, nem encontrei quem me fallasse d'elle mais.

— Pois não era conhecido na sociedade?

— Dizia-se que era um mysterio... Fallei só com elle duas vezes. Na primeira folgava de ouvil-o, como folgo de ouvir cantar os passaros nas olaias da minha quinta! Que fallar elle tinha! Na segunda vez que o encontrei, na minha quinta de Almada, um dia depois do baile, foi que elle me fallou de Angela... Procurei-o depois... nunca mais o vi... Era um homem

de quarenta annos, tinha um bigode negro, e uma estatura delicada... Fallava como nunca ouvi fallar a alguem... Foi uma pena perdel-o... Hoje, mais que nunca, o fallar d'aquelle homem devia ser um hymno, a cujo som as minhas desgraças adormecessem.

— Era admiravel! appareceu-lhe como um anjo de salvação, e abandonou-o, quando v. exc.ª mais necessitava dos seus conselhos!...

— Abandonou-me quando viu que eu lhe escusava os seus desvelos. Pareceu-me uma maravilha! Appareceu, como milagrosamente, no seio de uma sociedade que o não conhecia. Não disse de quem era filho, mas foi apresentado na sociedade por um marquez das primeiras familias de Lisboa, talvez o unico que o conhecia. Quando repentinamente se escondeu, muita gente indagou o descaminho de Sebastião de Mello, que assim se chamava. As informações tardaram, e suppozeram-o cavalheiro de industria. Disse-se que era filho bastardo do conde do Vizo, que residira no Minho, e morrera. Muitas outras cousas se disseram a respeito d'elle. Uns attribuiram-as á mania de romantisar os homens mysteriosos, outros acreditaram-as, e farejaram o rasto d'este homem, que não poderam encontrar. Naturalmente morreu.

— Morreria. Mas que poderia então dizer-lhe Sebastião de Mello, que não possa hoje ser-lhe repetido por qualquer homem de coração, de intelligencia e honra?

— Tudo que me disserem vem tarde. Caí... Á beira do abysmo é que me valiam amigos. Hoje, senhor, os amigos o mais que podem é lastimar-me. Lastimas é que eu não agradeço, nem sei de que sirvam. Nunca disse a ningnem os desgostos secretos de minha casa. Nunca me apparentei desgraçado, para me fazer interessante á compaixão dos outros. É natural que o mundo adivinhasse o horrivel segredo do meu inferno domestico, pela solidão a que me dei, desde que me vi manietado a D. Angela de Lima. Nunca vim com ella a publico. Não poderia vir sem me denunciar pela face. Ha certas vergonhas que fazem córar as caras mais superiores aos risos sarcasticos da sociedade. Parecia-me que o mundo, ao ver-me associado tranquillamente a uma mulher... assim, motejaria a minha boa fé, e me daria, por commiseração, o suave epitheto de pobre homem...

— E por consequencia — atalhou padre Diniz — as nódoas da sua soberba queria v. exc.ª laval-as nas lagrimas de D. Angela de Lima, fechada oito annos em um quarto, com a fome e a sêde por companheiras, e o desespero da alma como consolação!? Era um expediente barbaro, snr. conde! A sua alma de certo não se sentia alliviada. O systema de affrontas vilãs

e covardes, com que v. exc.ª atormentava sua senhora, não podia fazer-lhe menos suavel o arrependimento, nem mais supportavel a vergonha. Qual era o seu fim?

— Matal-a lentamente...

— É verdade, matal-a lentamente. Se v. exc.ª não tivesse a franqueza de me responder tão lealmente ás suas intenções, eu mesmo me responderia em nome da sua consciencia. O snr. conde queria que sua esposa morresse, mas não queria matal-a... Suavisemos um pouco a linguagem d'este modo. A cousa dita assim, é menos revoltante, e mais verdadeira talvez. O que v. exc.ª queria era que D. Angela de Lima morresse de modo que o mundo dissesse: «morreu de pezar, de vergonha, de remorso, por ter enganado um homem que a comprou muito cara, porque a reputava uma joia de innocencia, um coração immaculado, e uns labios por onde nunca passára um riso de affeição, que não fosse conquistado pelo seu comprador.» Era isto que v. exc.ª queria que o mundo dissesse, não é verdade?

O conde de Santa Barbara olhava estupefacto para o padre, como se cada uma d'aquellas palavras lhe fosse rasgando fibra a fibra o coração, para devassar-lhe o segredo da sua consciencia, que elle fechára para todo o mundo. Silencioso á pergunta que lhe foi feita, o conde levou a mão direita aos cabellos, que lhe caíam na testa humida de uma transpiração repentina, inclinou-se um pouco sobre o braço esquerdo, cerrou as palpebras, e pareceu assentir á pergunta do antigo cigano da quinta das Alcaçovas.

De novo bateram á porta, intimando o illustre enfermo, da parte da incansavel medicina, para tomar uma tisana. Padre Diniz, sem consultar o conde, abriu a porta, recebeu o copo, conduziu-o ao doente, e perguntou se tinha algumas ordens a dar. S. exc.ª respondeu negativamente com um aceno. A porta foi de novo fechada pelo padre, que continuou, em pé, com os braços cruzados diante do seu interlocutor, que o encarava espantado, sem comprehender a fascinação que o humilde padre exercia sobre a sua arrogancia.

— Snr. conde, vamos arrancar alguns espinhos da sua consciencia. Não ha desgraça absoluta debaixo do céo. Todos somos infelizes, quando olhamos a medalha por uma só das faces. V. exc.ª é um problema. Cheio de vaidades da sua honra, apurado no timbre da sua dignidade a ponto de imaginar que todo o mundo lhe adivinhava os reconditos segredos da sua deshonra, como pôde atirar ao mundo com sua mulher, proclamando-a adúltera, para se justificar das accusações que ella poderia fazer-lhe? Isto não tem solução; é o problema da insondavel prevaricação do homem!... Vamos adiante. Eu

não quero fazel-o feliz. Isso é impossivel.' A hora de Sebastião de Mello passou. Agora é-me necessario imaginar que a sombra de Sebastião de Mello me está aqui segredando ao ouvido as consolações que esse homem inspirado poderia dar-lhe, se vivesse.

— Se vivesse... fugiria de mim — interrompeu o conde, agitando-se febrilmente.

— Talvez não... eu creio que não. O propheta do infortunio viria, como Jeremias, chorar nas ruinas, que predissera, quando a opulencia de Jerusalem meditava o crime, que a fez caír para sempre. O seu amigo viria lastimal-o; e embora as lagrimas do amigo pareçam estereis, creia que o não são, snr. conde. Confortam, quando não restituem ao infeliz o vigor da alma, a crença em um melhor futuro, e a tranquillidade no meio do assedio de desgraças, que n'este momento parecem empenhar-se em escurecer-lhe a vida. Sebastião de Mello fallar-lhe-ia assim: — «Conde, ha quinze annos que eu te disse: essa mulher tinha no coração um sacrario de amor... converteram-lh'o em taça de fel. Queres tu verter a tua gotta no coração d'essa infeliz? Deixa-a, porque a memoria de um primeiro amor, o cadaver de um primeiro amante alimenta-lhe a existencia de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não póde dar-lhe...»

— Quem lhe disse essas palavras?! — interpellou o conde, convulsivamente agitado.

— Foi v. exc.ª, ha momentos. Recorde-se que me fallou do homem, que o mundo chamava poeta. É, pois, esse homem, que eu consulto n'este solemne momento. É em nome d'essa mysteriosa apparição, que eu lhe fallo: — Conde, diria elle se estivesse aqui presenciando esta paragem da sua atribulada existencia, conde, a segunda vez que fallei comtigo na tua quinta de Almada, foi na vespera do teu casamento. Tu estavas radioso de felicidade: enlevavas-te em arroubamentos de uma poesia, que eu não pude conceber, porque D. Angela de Lima te dissera um dia antes: *Snr. conde de Santa Barbara, eu vos ser desgraçada, e v. exc.ª, se não encontrar felicidade em ser o meu verdugo, será desgraçado tambem, e sem remedio...*

— Essas palavras, senhor, não lh'as repeti ha pouco! — interrompeu o enfermo, encostando-se com violento esforço aos bilros do catre.

— É verdade, não m'as repetiu: mas permitte Deus que eu, n'este instante, escute os eccos do passado por um milagre de audição. Imagine v. exc.ª que eu sou um illuminado, que a Providencia conduziu ao seu leito da dor.

O conde encarava-o com estranha visagem de espanto, e padre Diniz, inalteravel, proseguiu:

— Sebastião de Mello diria: — Conde, quando te dei o ultimo abraço, comprimi-te muito ao meu seio, e murmurei ao teu ouvido, para que teu futuro sogro, o marquez de Montezellos, me não ouvisse, estas palavras: É o ultimo abraço que te dou, na tua época de felicidade; ámanhã, se te encontrar, apertarei a mão ao mais desgraçado dos homens.

— Conheceu Sebastião de Mello? — interrogou o conde, cada vez mais alvoroçado.

— Conheci — respondeu o padre friamente, e continuou: — Esse homem, pois, que ambos conhecemos, diria a v. exc.ª: — E nunca mais te vi, conde. Não fui aos salões, onde nos encontravamos: mas informei-me de ti, e soube que a tua casa, sombria como o terror, e deserta do trato do mundo como o crime repulsivo, estava sendo um potro de torturas de tua mulher... um circo onde tua alma, transfigurada em instincto sanguinario de tigre, se sevava na desvalida victima, que dias antes te vaticinára o destino de ambos. Quiz procurar-te... Não sei para quê... N'essa época, Sebastião de Mello era cruel como a cólera suffocada, e robusto como a alavanca que se não torce debaixo do peso dos edificios que arruina. Se te elle mandasse retirar o pé do pescoço de tua mulher, e tu não o retirasses, esse homem punha-te uma pistola ao peito, tu obedecias-lhe, naturalmente; mas tua mulher, desde esse momento, era dobradamente desgraçada. E, depois, não sei se o supposto filho do conde do Vizo recuaria diante d'esta sua primeira intenção, se a sua vida não soffresse um revés, que tu não precisas saber. Sebastião de Mello desappareceu da sociedade, onde o reputaram cavalheiro de industria, uns, e grande personagem, outros. O passado, passado. O mundo ficou, e Sebastião de Mello seguiu o seu destino. Ha quinze annos és tu talvez, conde de Santa Barbara, o unico homem que se lembrou da existencia d'esse enigma, que ahi passou dois dias, envolto em um mysterio, e alimentou os ocios da alta sociedade de Lisboa com o conceito da sua charada...

— É possivel, senhor! — interrompeu o conde allucinado, e estendendo os braços convulsos ao sacerdote.

— Possivel... o quê, snr. conde de Santa Barbara?...

— O senhor é Sebastião de Mello... Agora sim... Esses olhos brilham como os d'elle.., a sua voz era esta que estou ouvindo... era assim este corpo... quantos annos tem?... deve ter cincoenta e tantos... Justamente o mesmo... Diga-me quem é... é Sebastião de Mello, não é verdade?...

Padre Diniz estendeu solemnemente a mão direita. Brilhavam-lhe os olhos vidrados de lagrimas. O escarlate do enthusiasmo tingia-lhe as faces. Os cabellos, raros e brancos, parece que se lhe eriçavam. Notava-se-lhe nos labios uma cris-

pação, como agitados pelo abalo do ar que não podia ser articulado na aspiração, que sobejava aos estos do peito arquejante. Estavam ambos suspensos, silenciosos, sublimes, e recopilando em um rapido pensamento uma synthese de dores cruelissimas acordadas na reminiscencia por aquelle encontro.

## XVI

Reanimára-se a physionomia do conde. Eram de momentaneo emprestimo aquellas forças, mas o enfermo persuadiu-se que a sua morte estava na alma, e que a presença de um homem, que lá se lhe insculpira como um typo de eterna saudade, devia rejuvenescel-a. Padre Diniz, abalado pela commoção de tantos sentimentos suffocados, sentiu-se fraco para tanto. Sentou-se. Encostou os cotovêlos á cama do seu antigo companheiro de poucos dias, deixou cair a face entre as mãos, e esteve alguns minutos n'esta posição, que o conde contemplava com sobresalto.

— Mello!... — murmurou o conde.

— Mello!... — respondeu o padre, sorrindo-se — chama-se padre Diniz Ramalho e Sousa... é como o mundo me conhece.

— És padre!... tu!... que saltos a tua vida não daria para chegar a isto!... E estás velho!... O que é o homem! como se póde ser o que tu és depois de ter sido o que foste, Sebastião de Mello!... Conta-me a tua historia...

— Não se trata da minha historia... Fallemos de ti, conde. Deixa fallar esse homem do teu passado, visto que ainda tens para a sua memoria um culto em tua alma. Respeita-o, que a desgraça é veneravel. Não te recommendo os meus cabellos brancos, nem te fallarei como o homem do Evangelho, que falla em nome de Deus, porque não póde ser obedecido como homem...

— Falla... que queres de mim? Faz-me um homem bom, se podes.

— Não posso nada, conde... Se a tua consciencia não for ferida pelo estimulo da honra, as minhas palavras passarão por teus ouvidos como as que te disse ha quinze annos.

— Passaram-se quinze annos, Mello! A desgraça que eu alimentei nos meus braços quer hoje indemnisar-me, ensinando-me o que é a vida. Diz, amigo, o que devo eu fazer?...

— Não t'o direi eu... Vae dizer-t'o a tua consciencia.

O padre ergueu-se magestosamente, apertou a mão do conde, e com um ar de intimativa inexplicavel, disse a meia voz:

— Sê honrado e verdadeiro.

Depois abriu a porta do quarto. Na saleta proxima estavam não só os fidalgos, que o padre encontrára na camara do enfermo, mas outros que vieram informar-se das melhoras do amigo intimo do snr. D. Miguel. Ao darem de frente no aspecto estranho do sacerdote, pareciam accusal-o da estirada reclusão em que tivera o seu amigo, com grave incómmodo de ss. exc.as O padre, direito como o batente da porta, curvando levemente a cabeça, a que as mesuras fidalgas se dignaram corresponder, disse no tom d'aquella voz modelada em tom seraphico:

— O snr. conde de Santa Barbara encarrega-me de annunciar ás pessoas, que o honram com a sua amizade, que podem entrar no seu quarto.

E, dando um passo para o exterior do quarto, cruzou os braços, com postura hypocrita, e recebeu com ligeiras reverencias os fidalgos que o saudavam como a um cardeal embryonario, ou pelo menos ao director da consciencia do bispo de Vizeu.

O padre seguiu o ultimo, e voltando-se para o escrivão, que esfregava as mãos impaciente, disse:

— Espere.

A porta foi outra vez fechada. A aristocracia de Santarem rodeava o leito do enfermo. O corregedor, vestido de grande uniforme, desfez-se em zumbaias aos fidalgos, que o acotovelavam para que fosse elle o interprete dos cuidados que a saude de s. exc.a inspirava aos seus numerosos amigos. E, com effeito, o illustrado corregedor começava a gaguejar um improviso, que poderia render-lhe uma cadeira no Desembargo do Paço, quando padre Diniz, instado pelos olhares repetidos do conde, tomou o logar mais proximo do doente, e disse com intimativa sinceramente apostolica:

— O snr. conde de Santa Barbara, supposto não se julgar em hora proxima de levar a Deus as rigorosas contas da sua vida, quiz desaggravar a sua consciencia de mortificações, causadas pela inconsideração de um máu pensamento, e de uma pessima obra. S. exc.a, bom de caracter, pôde reagir contra o instincto do mal, que deturpa as melhores indoles, quando o sentimento religioso se não apresta para as luctas quasi sempre triumphantes da parte do erro...

Padre Diniz consultava, e de relance, na physionomia do conde o momento em que devia calar-se para o deixar a elle

«ser honrado e verdadeiro», como lhe tinha aconselhado. Esse momento cortou as ultimas palavras do sacerdote. O conde, reanimado pelo tocante exordio do enigmatico Sebastião de Mello, possuindo-se do magnetico prestigio que amollecia em docilidade de criança toda a dureza do seu orgulho, fallou, e fallou sem balbuciar, sem refugir um momento ao pavor de um vergonhoso desmentido a si proprio:

— Deshonrei-me, senhores, cuspindo uma affronta na face da snr.ª condessa de Santa Barbara, minha mulher: infelicitei-a pelo violento casamento em que a comprei a um pae desmoralisado. Quiz que ella expiasse as infamias de seu pae, e dei-lhe durante quinze annos uma vida de incriveis amarguras. A desgraçada soffreu de joelhos, silenciosa, humilde, e votada ao sacrificio com a santidade de martyr. Arranquei-a á tranquillidade das suas lagrimas. Não quiz acreditál-a, quando ella me disse que o seu coração tinha morrido no momento em que Deus a fizera viuva de um homem, quo o seu espirito adorava na eternidade. Meditei supplicios, affrontas, humiliações ao seu amor proprio, ultrajes á sua dignidade, levei-a perto da sepultura e quando a vi fugir, indignei-me de que a victima se não deixasse arrancar o ultimo gemido, sem que a sociedade a ouvisse. A condessa de Santa Barbara fugiu, ha dias, de sua casa. Previ que ella viria contar os flagellos, que ninguem adivinhava. Quiz justificar uma infamia com outra infamia.

«Fiz correr que D. Angela de Lima era adúltera, e que, para saborear o crime com mais desafogo, abandonára seu marido. Este boato foi bem recebido. A desmoralisação acolheu-o, sem estudar o meu caracter nem o da infeliz. É uma atroz calumnia, senhores. Minha esposa, cujo destino ignoro, poderá estar morta, poderá, a estas horas, ter descido á vil condição de uma creada de servir, mas a sua honra, se está manchada, é da minha perversidade, é do contacto a que a forcei com um homem de instinctos degenerados, que deshonram o nome de meus avós...

A excitação exhaurira a ultima aspiração das suas forças. O conde quizera continuar, e caiu da posição violenta em que fallára. A surpreza pintava-se nas physionomias, que o rodeavam, com as côres que simulam a indignação. O corregedor, homem honrado, franzia a testa, e roçava a ponta do nariz com o labio superior. O decano dos fidalgos de Santarem, D. Christovão Vaz, carregava o sobr'olho, e alongava os beiços em ar de nojo. Em todas as outras physionomias, mais ou menos expressivas de surpreza, observou padre Diniz o predominio da moral sobre a corrupção. Quem apresentou um aspecto franco, sem esgares, festivo como o jubilo da con-

sciencia, e soberano como o imperio da honra sobre as vilanias que se retorcem no razo da hypocrisia, era o ministro do altar, o maior entre todos aquelles, o typo da grandeza do homem, investido da missão de acurvar orgulhos á força prestigiosa da palavra.

Padre Diniz chegou-se á cabeceira do leito, limpou o suor, que escorria gelado na testa do conde, ageitou-lhe os travesseiros, tomou-lhe o pulso, e acenou aos circumstantes que se retirassem. O medico entrava quando elles saíram. Ao ver assim o doente, que poderia, com a vida, eleval-o ás funcções de physico-mór do reino, assustou-se, e perguntou ao padre se o accesso durava ha muito, se o suor seria critico, se os spasmos eram diaphragmaticos, e as titilações intermittentes. O padre sorriu-se ao palavriado estridolo do doutor, e respondeu que não estava habilitado para ver tantas doenças juntas; que lhe parecia aquelle accesso uma commoção toda do espirito, que passaria ligeiramente. O doutor, que tinha larga experiencia, fechou o olho direito, arreou um pouco a commissura esquerda dos labios, franziu a aza esquerda do nariz, e começou a dar estalinhos nos dentes com a unha do polex. Ora, tudo isto queria dizer que a medicina tinha momentos de consciencia em que tristemente pensava no pouco que póde. Aquelle era um dos casos; e aquellas visagens do medico douto, e farto de restituir ao pó os que vieram do pó, eram sempre fataes.

O conde desmaiára. Estava da côr do lençol. As palpebras tremiam, e as fontes pulsavam-lhe impetuosas. As mãos, frias e lividas, roxeavam nas extremidades. Padre Diniz assustou-se, e perguntou ao medico a sua opinião.

— A minha opinião — disse elle, compassando as syllabas, e trauteando os sorvos da terceira pitada — a minha opinião é a da sciencia n'estes casos. Aqui ha suppuração pulmonar ou alteração em qualquer outra viscera importante. Os medicamentos antipsoricos devem esclarecer-nos sobre o tratamento que mais convem seguir, no caso que a psora tenha traduzido a crise moral por que está passando o enfermo. Sabe-me dizer se estes accessos são apyreticos? Tem conhecimento dos habitos hygienicos do snr. conde? Estas intermittencias são typicas?

Padre Diniz queria sorrir ás perguntas do sabio de Santarem, mas realmente a occasião não era opportuna. O conde acabava de abrir os olhos, que pareciam toldados de uma nevoa cinzenta. O sangue, que lhe refluira ao coração, injectava-se-lhe agora em salientes cordões ao correr da testa. O pallor da face avermelhou-se de improviso como a flor da romã. Os symptomas de uma congestão cerebral, no entender

do padre, eram assustadores. O medico compulsava o doente, tacteava-lhe o systema circulatorio em toda a economia, e propunha-se sangral-o, quando o conde, desafogando um gemido profundo, exclamou, estendendo a mão ao padre:

— Sinto-me melhor!

O doutor, contentissimo do resultado, ainda assim contrario ás suas previsões scientificas, fez algumas perguntas ao enfermo, receitou variadas receitas para variados symptomas, e foi derramar beneficios com mão profusa sobre a humanidade.

Achavam-se, portanto, face a face o salvador da reputação de D. Angela de Lima, e o homem, que, horas antes, se reputaria feliz, se lhe dissessem que a condessa de Santa Barbara se precipitára dos Arcos das Aguas-Livres.

Padre Diniz disse affavelmente, levando a mão do enfermo aos labios:

— Fallaste do coração, conde; mas o corpo não podia tanto. Caiste extenuado; a tua alma, porém, elevou-se muito alto. É ella que te ha de restituir o vigor dos trinta e dois annos. Que te diz a tua consciencia?

— Abençoa-te... Sente-se grande, omnipotente contra todos os vexames do infortunio, promette-me uma vida mais tranquilla, dá-me a todas as cousas do mundo um colorido novo, expande-se e vê horrorisada, mas sem remorsos, o que deixei de tôrpe na minha viagem até aqui... Remorso tel-o-ia, se não me abrisse tão francamente diante de homens, que se aterravam das minhas confissões. Eras tu o unico, em cujo semblante eu via a minha absolvição... Não importa... Para amigo bastas-me tu... Elles que me deixem... tu nunca me deixarás... A solidão, agora, seria a minha morte... Preciso de ti...

— E d'ella...— atalhou o padre.

— Sim... d'ella; mas não ouso chamal-a aqui. Ninguem acredita na transfiguração dos grandes perversos. É necessario que ella se aproxime de mim, sem terror. É muito cêdo...

— Não é. D. Angela é superior a todas as mulheres. Se lhe disserem que é nobre e grandioso o sacrificio de se ajoelhar, pedindo-te perdão de ter desmentido a calumnia com que lhe fulminaste a reputação, virá ajoelhar-se aqui.

— Ella não póde amar-me.

— Ha quinze annos que eu t'o disse. Não póde amar-te... não te amará nunca. Era impossivel!

«Que queres de uma mulher, que te foi atirada aos braços quando chorava as primeiras lagrimas por um homem, que do leito da morte lhe dissera: «morro martyr, não me cuspas

na memoria!? Que queres, conde, d'essa mulher, que tu no segundo dia de casado atiraste com a ponta do pé para o canto escuro de uma alcova, e mandaste reconcentrar bem no inferno d'aquella situação, que nem tu mesmo eras capaz de avaliar!?

— Não me falles assim, que me atormentas!... — disse o conde, levando-lhe a mão á bôca.

— É uma necessidade, porque eu quero dar-te a felicidade possivel. Tu não podes viver uma hora com a condessa de Santa Barbara. O que podias fazer-lhe de bom está feito. Se a queres humilde e soffredora, ella virá humilhar-se e soffrer. Se a queres morta, morrerá. Amiga, pela vontade e pelo enthusiasmo, é impossivel. Não te julgues o assassino da muita vida d'aquelle coração. Morta para o amor já ella veio ter a teus braços. O mais que fizeste foi macerar-lhe o corpo. Tua mulher deve entrar em um convento. O que ella necessita é uma pouca de paz, o contacto com a virtude, que lhe dê ás crenças religiosas a solidez, que a desgraça lhe abalou. Precisa de respirar o aroma do céo; e cá fóra o ar está putrido, a dor materialisa, e o desengano quebra o unico amparo a que póde encostar-se a mulher cortada em todos os laços, que a prendem ao mundo. Pois que suppunhas tu? Pensavas que D. Angela viria acarinhar-te com astucias de um amor sobreposse? O seu caracter não é esse. Aquella mulher, se em vez de a aviltares até aos chinellos das tuas creadas, a fizesses sentar em um throno, rodeada de aias, e invejada das mais felizes, choraria sempre. Alli não ha ambições nem de amor, nem de fausto. O que ella pede, isso peço em seu nome, é compaixão e soledade. Quer-se só.

— Só!... — interrompeu colerico o conde — e o filho... sim, já que me fórças a esta nova vergonha... e o filho!

— Que tens tu com o filho de D. Angela de Lima? Com o filho de uma mulher, que se desquitou de todos os compromissos comtigo, um dia antes de rubricares o contrato de compra por quarenta contos em metal sonante?

— Não me declarou a existencia d'esse filho...

— Com que obrigação? Que é que tu querias d'ella? Amor? Negou-t'o. Um corpo? Compraste-o. Que mais? Querias forçal-a a confessar a sua deshonra? Para quê? Uma mulher que diz a um homem «não posso amal-o», não tem obrigação de explicar os motivos por quê. E demais, em 14 de junho de 1821, na quinta de Almada, sentado debaixo dos chorões do portal, que te disse Sebastião de Mello?

— A tal respeito... não me recordo...

— É falso... a tua reminiscencia é feliz... Mostrei-te uma flor, era a primeira que brotára no vaso...

— É verdade...

— E disse-te: Aquella planta valia menos antes de produzir uma flor. Dizem que as mulheres são flores, é bem diversa a sua estima no mundo. A planta morre, quando produz a primeira. E tu disseste «morre!» Pensas assim? repliquei eu? — Penso... Deus me livre de pensar o contrario, respondeste com soberba intimativa. — Não te cases... tornei eu. — Que queres dizer? — interpellaste-me com azedume, que me pareceu propicio. — Não te cases... D. Angela de Lima é como a planta que produz a primeira flor.

— Não te comprehendi.

— Comprehendeste.

— Mentes! — bradou o conde exaltado, e sentou-se no leito.

O padre sorriu-se, e continuou placidamente:

— Eu não menti nunca. Duas horas depois recebias um bilhete.

— Anonymo.

— Anonymo... que importava? Não se te diziam ahi cousas que um falsario não saberia!?

— Cuidei que era uma calumnia!

— Foi, portanto, uma calamidade a tua conjectura... Recapitulemos esta longa sessão. Não tens nada a perdoar a D. Angela de Lima...

— Tens razão...

— O marquez de Montezellos é o unico que deve fallar á tua compaixão.

— Infame!

— Julgue-o Deus. A pedra do tumulo é sagrada. Profanem-se as cinzas dos mortos, quando precisarmos de justificar os vivos. D. Angela já perdoou a seu pae; aquelles labios, roçados pela esponja de fel, amaldiçoaram. Hoje não. Se lhe disserem que seu dono renuncia os direitos de supplicial-a, perdoa-te.

— E eu preciso que me perdoe... Entre em um convento, se assim o quer; mas que eu a veja uma só vez. É impossivel?

— Não.

— Onde está ella?

— Em minha casa.

— Onde é a tua casa?

— Em Lisboa.

— És incomprehensivel!... Chega a atormentar-me o mysterio da tua existencia!... Que relações tinhas com a condessa de Santa Barbara?... Como podeste fazel-a aceitar a tua casa? Tens familia?

— És mais novo que eu vinte annos. Morrerei, naturalmente, antes de ti. O mais que posso fazer-te é conceder que

leias as minhas obras posthumas. Verás bem descarnado o mysterio da minha existencia, e as minhas relações com D. Angela de Lima antes de ser condessa de Santa Barbara. Como pude fazel-a aceitar a minha casa? perguntas tu. Facilmente. A minha casa é o santuario da honra, e o asylo do infortunio. Se tenho familia? Tenho uma mulher de quarenta annos. Diz o mundo que é minha irmã... Que mais?

— Ès rico?

— Não. Sou independente.

— Ès padre Diniz, ou Sebastião de Mello?

— Ambas as cousas. Fiquemos ahi. Deixa suspensas essas perguntas, até que o tumulo te responda.

— Queres deixar-me, não é verdade?

— E' necessario. D. Angela precisa, n'este momento, de mim, muito mais que tu.

— Quando voltas aqui?

— Só?

— Não... com ella.

— Depois de ámanhã ao nascer do sol. Sairemos ao escurecer de Lisboa.

— Vem depressa, que a minha vida...

— Que tem a tua vida?

— Apaga-se. Tenho na cabeça um vulcão. Nunca me queixei, mas ha dois annos que sinto a morte aqui.

O conde punha a mão no lado esquerdo do peito, e tanto se possuia do presentimento da morte, que, de repente, se lhe anuviou o semblante de uma pallidez cadaverica.

— Mas a tua vida — tornou o padre — tem sido, n'estes ultimos annos, desenvolta. Ha dois dias ainda te era necessario fingir uma doença, e voltaste a Lisboa, cheio de vida, de alegria, e capaz de desperdiçar o vigor, que te sobejava com...

— Tôrpes miserias do coração humano...

— Tu o disseste, conde... Não será o que tu vaticinas. Ès novo, e tens força de vontade. Repelle a morte com valentia moral, e viverás. Adeus.

Padre Diniz abraçou o conde. Choravam ambos. Não ha corações gastos, quando a commoção é nobre.

O medico entrava, quando saía o sacerdote. Ao despedirem-se, o doutor disse ao ouvido do padre algumas palavras, que o deixaram pensativo.

## XVII

O thema fecundo de todas as conversações em Lisboa, era a fuga de minha mãe. A maledicencia, mascarada com os momos e tregeitos da religião, criminava o inqualificavel procedimento da condessa de Santa Barbara. As illustres primas de minha mãe lastimavam-a por tamanha nódoa no brocado dos seus brazões. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!... O sangue azul regorgitava indignado nas arterias heraldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquellas physionomias limpidas e serenas como a virtude.

O anathema contra a adúltera roçava todos os labios! O hediondo facto era um escandalo original!

A casa do marquez de Alfarella convergiam as potencias mais auctorisadas do sangue puro. Alli era o forum da infamação. N'aquelles salões caprichava a satyra em empalar a victima do dia. Desde muito que os serões infalliveis, á quarta feira, n'aquella casa, eram o Golgotha onde a illustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, crucificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a depôr no processo, de modo que a ré accusada de uma imprudencia não podesse nunca appellar para a commiseração generosa, ou para a tolerancia dos que perdoam lapsos, que são, muitas vezes, o elogio do coração. Aquillo era o summario. A suspeita era um diploma de devassidão; a devassidão era uma cousa horrivel; todos os epithetos obscenos eram permittidos n'aquelles pudicos labios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permittido, menos, na occasião d'esse moralissimo desforço, saír da sala a marqueza de Alfarella, para, na sala immediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho de Almeida. A impudencia abstinha-se religiosamente n'esses momentos. Era uma convenção tacita, em que a mais immoral das casadas corria parelhas em virtude com a amante de seu marido.

Foi, pois, ahi n'esse amphitheatro, onde a dissecção no cadaver moral não deixava uma fibra inteira, foi ahi que minha mãe, em uma quarta feira das predestinadas, devia ser julgada, com toda a solemnidade das leis vigentes, na jerarchia pundonorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Arosa, e Picanhol, oradoras encartadas no conventiculo. As marque-

zas de Santa Eulalia, e Simães tinham voto definitivo, no correr dos depoimentos; logo que estas disseram: «pouca vergonha!» bradavam todas em tom pávido e cavernoso: «pouca vergonha!»

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisbonense, e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exercito. Entre todos, porém, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que, na sessão da ultima quarta feira, tinha sido o assumpto da detracção.

Este homem, ha poucos mezes apparecera em Lisboa, ostentando maravilhas de uma riqueza fabulosa. Os seus trens deprimiam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza magica, e arreado das mais soberbas invenções do ouro, irritára a dureza insolente dos senhores donatarios.

Alberto de Magalhães viera do Brazil. Quando, e d'onde fora, ninguem o sabia, nem elle dava logar a perguntarem-lh'o. A propensão para o mysterioso encarregára-se de o celebrisar. O homem apresentava-se bem. Não era melindroso nas fórmas, mas no todo agradava pela harmonia. Representava quarenta annos. Contra o uso, caprichava em um espesso bigode negro, que lhe aprofundava os sulcos da face, mais terrena que macilenta. O seu olhar era soberano, e ao mesmo tempo assustador. Fixando com attenção, franzia a testa, e apparentava um doloroso aborrecimento. Fallava pouco; mas ninguem disse que o seu silencio era calculo na estupidez. O que fallava era correcto e sentencioso.

Fizera-se interessante na côrte, porque viera do Rio de Janeiro recommendado por uma notabilidade, que vigiava de perto as intenções de D. Pedro a respeito de Portugal. O governo, preoccupado com a certeza de uma guerra demorada, abraçava todos os recursos para alimentar a coragem do exercito. Alberto de Magalhães deu, á primeira instancia que lhe fizeram, uma avultada quantia. Proclamaram-o benemerito, e abriram-se-lhe os salões da aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e d'onde vinha. Não tinha alguem que lhe chamasse irmão ou parente. Era só. A curiosidade ralava-se com este segredo. Era necessario dar pasto ás conjecturas. Uns queriam que fosse um espião de D. Pedro, dispondo de uma fortuna, que devia ser empregada em arruinar o throno e o altar. Outros tinham-o em conta de um aventureiro, que enriqueceu na mercancia ignobil da escravatura. Este afiançava que ouvira dizer a pessoa fidedigna, que esse homem fora pirata nas costas brazileiras. Aquelle, com ares mysteriosos, dizia que Alberto de Magalhães era filho bastardo de D. João VI e de uma açafata de D. Maria I. Quando este boato extravagante circulou, alguns physionomistas celebres juraram

que o beiço inferior de Alberto era um beiço genuino da casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marqueza de Alfarella, na quarta feira anterior áquella em que a condessa de Santa Barbara, com o gravissimo processo do adulterio, veio substituir a syndicancia natalicia do homem celebre, desde a degradação da espionagem até á genealogia de reis. Achava-se elle presente, mas ao que parecia, estranho á discussão. É o que não podiam supportar as illustres damas empenhadas em dar a possivel elasticidade á maledicencia.

A condessa de Penacova, que acabava de expor não só o que ouvira a respeito de sua indigna prima, a condessa de Santa Barbara, mas até o que podera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães, e disse com azedume:

— De que está a sorrir-se, snr. Alberto?

— É de v. exc.ª — respondeu elle, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpellára rudemente.

— De mim!? — redarguiu ella, vermelha de raiva.

— Do mundo, snr.ª condessa.

— Não o comprehendo...

— Nem nós... — disseram em côro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

— Não tenho eu culpa, minhas senhoras — replicou o imperturbavel Alberto de Magalhães, sem mudar a vista dos pés da condessa de Penacova.

— É celebre este senhor!... — tornou ella, dilatando os labios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa, como zombeteira, capaz de dar em terra com o orgulho de um hómem.

Alberto sorriu-se outra vez, olhou-a de revés, como quem se previne dos dentes de um gozo que ladra, e disse maviosamente:

— V. exc.ª quer que eu diga que a condessa de Santa Barbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade?

— Não lhe peço a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadeza de não rir, quando eu fallar seriamente.

— V. exc.ª não falla seriamente.

— Por quê?

— Porque v. exc.ª disse entre muitas maximas da sua eloquente indignação, que bastavam as intenções, embora malogradas, para mancharem a melindrosa reputação de uma senhora de nascimento.

— E então?

— V. exc.ª zombava comnosco.

— Ousa muito, snr. Alberto!...

— Em quê, minha querida snr.ª condessa de Penacova?

— Em suppor que não consagro um sincero culto aos principios de moral que estabeleço.

— Eu não disse tanto... O que eu disse é que v. exc.ª não era capaz de sacrificar, como Santa Luzia, os seus bellos olhos a esses principios.

— Isso é um insulto! — exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogancia.

— Áquella senhora — respondeu o incognito serenamente, indicando a condessa — digo que não é. A v. exc.ª digo... que o tome como quizer.

— É uma provocação? — interrogou D. Martinho.

— É ociosa a pergunta. Eu não o provoco, senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer que v. exc.ª não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.

— Mas, snr. Alberto, se é cavalheiro, dê-me uma explicação do seu sorriso.

— Não queira, minha senhora.

— Quero, exijo, e empraso a sua honra para que o faça.

— O que, em boa honra, podia dizer a v. exc.ª, disse-o já. É uma cousa simplicissima. A condessa de Santa Barbara não póde ser julgada aqui. Os aphorismos moraes de v. exc.ª são exequiveis. A samaritana póde passar, que ninguem levantará uma pedra contra ella.

— Snr. Alberto de Magalhães, hei de pedir-lhe uma explicação! — disse D. Martinho, tocando-lhe no hombro.

— Fez mal em me tocar, snr. D. Martinho de Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na physionomia de bronze. Pegou do chapéo, aproximou-se da condessa de Penacova, e murmurou-lhe, quasi ao ouvido, com suave sorriso:

— V. exc.ª tem a seus pés uma carta. Se não é de seu marido, que está nas linhas do Porto, póde ser um ultraje aos seus principios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monosyllabo. Os circumstantes ficaram perplexos, e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o proprio Satanaz disfarçado. Saíu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortezia. Entretanto, a condessa, com habil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fora assim. No exordio da sua oração con-

tra D. Angela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe désse o seu lenço, que estava sobre um bofete. O cavalheiro, que não a tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no enthusiasmo da mimica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento, em que podesse avisar a dama do abysmo que tinha aos pés, quando tão convicta parecia fulminar a immoralidade do adulterio. E Alberto riase d'este episodio de farça, quando a timbrosa condessa, representando o centro na tragedia, o interrogou. O riso era legitimo, santo, e até evangelico, se me dão licença.

## XVIII

No dia immediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo o estylo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duello.

— Commigo — respondeu Alberto.

— Essa não é a praxe. V. exc.ª deve sujeitar-se ás condições que lhe forem impostas por dois cavalheiros da sua confiança.

— É o que eu não concedo a ninguem. Obrigações da honra sou eu que m'as imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncío o direito de me dirigir. Respondo por mim: não me bato.

— Não se bate?

— Já respondi.

— E tem ponderado as inconveniencias d'essa resolução?

— Não encontro nenhuma.

— Ha muitas.

— A mais grave de todas?

— É arriscar-se a um encontro, que póde ser muito funesto.

— Opto pelo encontro.

— Não temos mais nada que fazer?

— Darem-me as suas ordens.

Os padrinhos gelaram diante d'este laconismo. Olharam-se com ar de assombro, e entenderam que a sua missão estava concluida.

Alberto pareceu esquecer aquelle episodio, logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura, e

escreveu, até que lhe annunciaram o snr. José de Campos Salema.. Este senhor era quasi familiar n'aquella casa. Entrou para o gabinete, despiu o casaco, vestiu um «robe-de-chambre» de seda rôxa, e estendeu-se em uma poltrona de molas.

O snr. José de Campos Salema é um rico negociante, proprietario de nove navios, que permutam um opulento commercio entre Portugal e o Oriente, entre Inglaterra e o Brazil, entre a Turquia e a França. É o que se diz em Lisboa, a seu respeito. A sua fortuna orçam-a em quinze milhões solidos, afóra um credito de mil e duzentos contos sobre o Estado, dívida contrahida por D. João VI, de quem era compadre, na sua retirada para o Brazil.

O snr. José de Campos Salema era portanto o primeiro capitalista de Lisboa, e, ao que parecia, o unico amigo intimo de Alberto de Magalhães.

— Onde passaste a noite? — perguntou Salema, limpando o suor com a aba do «robe-de-chambre».

— Em casa da marqueza de Alfarella.

— Está arruinada. Deu com a casa em pantana. Hypothecou-me por vinte annos a quinta de Alvarães. Traspassou-me por quinze os fóros das commendas da Beira-Alta. Está pobre. Quem a reduz a este estado é D. Martinho de Almeida. Estes filhos segundos querem que as mulheres casadas lhes sirvam de vinculos. Quem estava lá?

— A condessa de Penacova, a de Picanhal, a marqueza de Santa Eulalia, a...

— Basta, basta. São boas! A Penacova já podia deixar o mundo para desmentir o Nicolau Tolentino. É quasi do meu tempo. Ha vinte annos era interessante, e promettia muito. Deu mais do que prometteu. Ainda por lá me andam dois contos de réis, que me derreteu como um raio á queima roupa. Não sabes esta historia?

— Não.

— É rica. Eu t'a conto. A rapariga estava casada de fresco, e apenas acabou a lua de mel começou outra de oleo de ricino. Namorou-se de um tal Antonio Pisco, escudeiro da casa. Era uma especie de gallego, largo dos hombros, e vermelho como uma lagosta. Costumava ir ao meu escriptorio buscar dinheiro das propriedades de Cascaes, que o pobre conde vendia pelo barato. O bruto não apreciava a conquista. Um dia appareceu-me com um recibo do conde para levar dois contos de réis. Dei-lh'os. Horas depois, recebo um bilhete do conde, perguntando-me se o seu creado Antonio Pisco não viera receber dois contos de réis á sua ordem. Respondi-lhe que sim, e que o recibo estava em meu poder. Passaram-se vinte e

quatro horas, apparece-me a condessa desfeita em lagrimas. Diz-me que é amiga do desgraçado Antonio Pisco, que jogou os dois contos de réis, e que está no Limoeiro. Pede-me com as mãos erguidas o emprestimo d'esta quantia, para que o pobre rapaz não vá pela barra fóra. Dei os dois contos de réis. Lá como se arranjaram, não sei; o caso é que eu fiquei sem o dinheiro, e o meu amigo o snr. Antonio Pisco appareceu-me com uma hospedaria na rua do Arsenal, onde um amigo meu, amador de petiscos, me disse que reconhecera uma noite a condessa de Penacova, saíndo, quando elle entrava. De resto é uma boa senhora. Dá que fazer ao capellão com os seus escrupulos. Dizem-me que jejua toda a quaresma, e reza a via-sacra com as creadas.

O snr. Salema arredondou o periodo com uma gargalhada, e estranhou a seriedade de Alberto.

— Em que pensas? Aposto que não me ouviste?

— Ouvi tudo. A historia é interessante de nojo... vamos ao importante.

— Vamos lá. Os navios *Raio* e *Lucifer* ancoraram nas alturas das Antilhas. Esperaram dezoito dias em calmaria. Ao dezenove houve vento de servir. Levantaram, e fizeram-se de vela até vinte milhas de Cuba. Os navios hespanhoes appareceram. Eram tres. Foram abordados com pequena resistencia. Carregavam sedas e porcellanas. O Lima andou optimamente... fez-se ao mar; içou bandeira portugueza, pregou as baterias, e aportou a sete milhas de Cadix. Deve ahi chegar na proxima semana. Calcúlo a prêsa em cento e vinte contos. Ha carestia de seda. Mandei alijar o lastro, e recommendei para Cadix a D. Pedro Gusmão que lhe fizesse boas e correntes as guias.

— Bem. E do Baltiço?

— Não ha noticia. É cêdo.

— E do Panamá?

— Uma abordagem pouco interessante. O commercio do Perú está quasi acabado.

— É necessario remover os dois navios.

— Por ora, não. Espera-se uma boa carga para a America do Sul. Dado este golpe, diz-se adeus ao Oceano Pacifico.

O dialogo progrediu um quarto de hora n'este sentido.

Alberto viu o relogio, tocou uma campainha, e mandou preparar a traquitana. Salema mandou chegar a sua sege, e despediu-se.

A traquitana do intimo amigo do snr. José de Campos parou defronte da igreja de S. Vicente de Fóra.

Alberto apeou, e atravessou duas ou tres ruas tortuosas até metter-se em um bêco, e na melhor casa que ahi se des-

tacava, com o seu primeiro e unico andar, acima das esfumeadas soleiras dos casebres.

A porta fora-lhe aberta por um homem alto, de figura repugnante, meio vestido á hespanhola, com uma jaqueta de botões brancos de metal rendilhados, uma larga faxa de seda escarlate, e uma gôrra vermelha.

O supposto filho de D. João VI, ao transpor o limiar d'aquella porta parecia um outro homem. De entre as muitas sellas pendentes de tornos, tomou uma, ageitou-a em fórma de travesseiro, fez um canapé de quatro cadeiras, e deitou-se na genuina postura de um arreeiro cansado.

— Tens ahi vinho, José? — disse Alberto, limpando o suor ás franjas de um cobrejão.

— Para embebedar quinze marujos — respondeu o cigano, vasando uma garrafa em um corpulento copo com aza.

— Dás-me alguma cousa de comer?

— Bacalhau frito com ovos, e camarões, servem-lhe?

— É o melhor manjar d'este mundo. Emquanto cômo, diz lá o que fizeste.

— Trabalhei muito, e não fiz nada.

— Peior.

— Eu lhe digo. Estive tres dias em Elvas. Fallei com quantos ciganos e troquilhas vivem por aquelles sitios ha vinte annos. Ninguem me dava relação do tal Sabino Cabra. Depois dei commigo na quinta das Alcaçovas. Encontrei um creado velho, que pelos modos está alli ha mais de vinte e cinco annos. Já viu morrer o avô, e o pae do marquez de Montezellos, que vive agora.

— Como se chamava?

— João Alves.

— Fui-me ter com o homem, e disse-lhe assim: «vossê não está certo de ver por aqui ha cousa de quinze annos um cigano chamado o Sabino Cabra?» O homem esteve lá a congeminar com os seus botões, pôz-se com as ventas no ar como um garrano de criação, e disse que sim, que se lembrava do tal cigano, que por signal lhe pagára uma ceia a elle e mais dois, onde beberam até não saberem de que freguezia eram. Até aqui vae a cousa como se quer; mas depois o cigano mirrou-se, e o tal João Alves nunca mais lhe pôz o olho, nem teve novas d'elle. Ora aqui tem o que mais pude saber. Emquanto a mim, isso não era cigano... Era algum trampolineiro da borda de agua. Mas que berzabum de conhecimento tinha o senhor com esse diabo alma que nos tem dado que fazer? Ahi, por mais que me digam, anda dente de coelho... não me dirá?

— São cousas, meu caro José... Não ha remedio senão perder d'ahi o sentido.

Alberto ergueu-se para saír.

— O teu vinho e os teus camarões são deliciosos — disse elle. — Aqui fica dinheiro para outros, que qualquer dia te virei comer.

— Oh senhor! com esse dinheiro compram-se todos os camarões, e pescadinhas, e linguados que nascem no mar de Deus. Faz favor... eu não sou usurario; tenho escrupulo em receber tanto ouro por tão pouco trabalho...

— Adeus, José, até outro dia.

E, reconcentrado na sua habitual tristeza, Alberto de Magalhães saiu, entrou na carruagem, e mandou tocar para casa.

Ao caír da tarde, o mysterioso investigador do cigano das Alcaçovas montou a cavallo, e picou a trote largo para o Beato Antonio, onde fizera construir uma linda casa de campo, ao gosto oriental.

Em frente do convento dos Antoninhos viu que o seguiam a galope rasgado tres cavalleiros. Reparou e reconheceu D. Martinho de Almeida, acompanhado dos dois cavalheiros, que de manhã tinham sido os commissarios do duello. Alberto lembrou-se, n'esse momento, da provocação. Consultou as suas forças, e estava inerme. Nem sequer uma sombra de commoção lhe veio ao rosto. Sofreou as redeas. O cavallo reprimido ladeava em corvetas, que o cavalleiro de proposito lhe concedia, para, de lado, perceber as intenções do amante da marqueza de Alfarella.

Este, abandonado de improviso da coragem impetuosa, ou affectando o sangue frio da verdadeira valentia, susteve a desfilada do cavallo. Os companheiros, cerrados com elle, pareciam empenhados em insufflarem-lhe uma nova alma para alguma grande tentativa.

Alberto de Magalhães fizera ladear o seu alasão, de modo que, a poucos passos de distancia, os tres cavalleiros acharam-se com elle, face a face, sem que o reprovador de duellos se descompozesse uma linha na firmeza da sella. D. Martinho cortejou ligeiramente o seu adversario, que recebia a mão do conde de Cavez, e respondia ao sorriso affavel de D. Pedro de Alvim, com outro sorriso.

D. Martinho de Almeida, irritado pela affrontosa indifferença com que fora recebido, cobrou alentos, e pôde dizer com entono e afouteza, que elle mesmo não esperava:

— Snr. Alberto, eu disse-lhe hontem á noite, que a sua honra lhe impunha o dever de uma explicação.

— O snr. D. Martinho fez mais alguma cousa; tocou-me com a mão no hombro, acto a que eu dei a importancia muito grave e séria de uma ameaça.

— Enviei-lhe hoje os meus padrinhos. O snr. Magalhães rejeitou a proposta do duello.

— Rejeitei. Diga alguma cousa nova, snr. D. Martinho.

— Entendi que um cavalheiro, digno d'este nome, quando rejeita o desforço pelas armas, em leal contenda, quer satisfazer o seu adversario com honrosas explicações.

— Entendeu mal. Não tenho explicações a dar-lhe.

— N'esse caso devo consideral-o um covarde...

Alberto de Magalhães, sem ironia, sem sarcasmo, soltou uma gargalhada conscienciosa. Depois, voltou-se para os amigos do pallido esgrimidor, e perguntou-lhes que partido tomavam n'aquella pendencia.

— O de cavalheiros — responderam elles. — A neutralidade, visto que v. exc.ª não aceita as condições do duello.

Alberto apeou, e prendeu o cavallo aos varões do portico do convento. D. Martinho, affectando tranquillidade que o rosto desmentia, apeou tambem, e entregou o seu a D. Pedro de Alvim.

— Coragem! — murmurou-lhe este, quando Alberto voltava placido e risonho, como quem vae lançar-se nos braços de um amigo. Diante do desfigurado espadachim, o mysterioso defensor de minha mãe cruzou os braços, fixou-o com uma superioridade de desprezo, e perguntou:

— Então?

D. Martinho, aguilhoado de vergonha, não da sua consciencia, mas de dois homens, que o consideravam corajoso, levantou a voz, quanto a bravura do pulmão lhe permittia.

— O senhor é um infame covarde!

— Não estafemos o vocabulario das injurias.

Estas palavras de Alberto foram acompanhadas de uma acção ignominiosa. D. Martinho sentiu na face o roçar da pita de um chicote. Recuou alguns passos, sem que o inimigo o atacasse. É porque receiava ser preza de Alberto, antes de tirar uma pistola, engatilhar, e disparar-lh'a.

Feriu-o.

Aquelle aspecto, ha pouco natural e sereno como a physionomia inalteravel do estoico, desfigurou-se em traços ferinos de tudo que o rancor póde pintar no rosto do homem. Parece que se lhe viam laivos de sangue no bronzeado das feições. Dilataram-se-lhe as palpebras, e as pupillas vidracentas de um brilho, que só a furia póde dar-lhe, saíam das orbitas.

D. Martinho recuava aterrado; mas, a não o ter morto, a salvação era-lhe impossivel!... Alberto arcou-o pela cintura, comprimindo-lhe os braços. A mão esquerda, inflexivel como a gonilha, deslocava-lhe as vertebras do pescoço. Erguido em todo o peso, no braço esquerdo do musculoso athleta, o fran-

zino fidalgo esperneava como um frango nos dentes do gato montezinho. Os fidalgos contemplavam silenciosos e aterrados a ferocidade do homem problematico. Escravos da sua honra pontual, não quebrantaram os votos de neutralidade, quando viram Alberto de Magalhães correr com o fardo á beira do Tejo, e precipital-o pela ribanceira, da altura de seis ou sete covados.

A transição da physionomia de Alberto foi momentanea. As fórmas do tigre cederam ás feições do homem. Era o mesmo que dez minutos antes. Passando por diante dos companheiros do seu infeliz contendor, saudou-os urbanamente. Ao montar a cavallo, reconheceu que o seu ferimento era grave, porque não pôde levantar o braço esquerdo á altura das redeas.

O conde de Cavez e D. Pedro de Alvim apearam, e debruçaram-se no precipicio. Esperavam encontrar um cadaver, e viram o seu amigo entalado entre duas rochas, com a face arregoada de sangue. Chamaram-o, e elle pediu que o soccorressem. De uma taverna proxima, que o curioso encontra ao lado esquerdo da estrada, vieram homens, que desceram o despenhadeiro, e com grande custo transportaram D. Martinho a um barco. A mencionada taverna tem uma entrada pelo Tejo. O destroncado fidalgo hospedou-se ahi. As dores dos braços e pernas desarticuladas arrancavam-lhe gritos que commoviam a compaixão.

D. Pedro de Alvim corre a Lisboa em busca de medicos. Vieram, e declararam que nenhuma ferida era mortal.

Á porta da taverna, os habituaes frequentadores philosophavam sobre o acontecimento. Quasi todos se accusavam de não terem arrancado os figados ao patife que reduzira a tal estado o bom fidalgo, muito conhecido n'aquelles sitios. Alguns frades tinham vindo á taverna colher informações do attentado horrivel. A opinião publica estava a favor de D. Martinho; e a vozearia contra o homem do cavallo negro era estridorosa. Alguns propozeram incendiar-lhe o kiosque, um quarto de legua distante, a que chamavam caranguejola, no seu odio ás innovações chinezas.

## XIX

N'este conflicto chegavam padre Diniz e o escrivão, de volta de Santarem. O tumulto excitava a curiosidade. O escrivão, obrigado pelo instincto, farejando no rasto do sangue

um processo, perguntou o que era aquillo. Responderam-lhe que um malvado atirára com o snr. D. Martinho de Almeida ao rio, e fugira.

Padre Diniz não colhera dos frades informações mais amplas. Apearam, e entraram na taverna. Subiram ao primeiro andar, e esperaram na varanda que alguem os esclarecesse. O doente estava no quarto proximo. O medico veio á varanda lavar as mãos ensanguentadas do curativo, e conheceu o escrivão.

— Que é isto, snr. doutor? — perguntou o funccionario.

— Uma desordem entre um tal Alberto de Magalhães e D. Martinho de Almeida. Picaram-se de palavras em casa da marqueza de Alfarella, por causa da condessa de Santa Barbara.

— Da condessa de Santa Barbara? — interrompeu padre Diniz.

— Sim, senhor. D. Martinho fazia côro com as damas, que reprovavam o procedimento escandaloso da condessa. O tal Alberto, que uns dizem ser espião de D. Pedro, e outros filho de D. João VI, defendia a condessa de Santa Barbara. Não sei mais nada... o que sei é que o pobre fidalgo está com um braço quebrado, duas costellas partidas, a cabeça contundida, a articulação femural deslocada, e não sei que mais.

— Esse tal Alberto de Magalhães — interpellou o padre — não é um sujeito que veio, ha um anno, do Brazil?

— Justamente.

— Eu não o conheço, — tornou o padre — mas ouvi dizer que era um homem mysterioso.

— Um homem diabolico, é o que eu penso que elle é. Disse-me D. Pedro de Alvim, que tomára D. Martinho debaixo do braço, e atirára com elle ao rio como quem atira um sagui morto á rua.

Padre Diniz, atordoado com o inconcebivel d'aquelles acontecimentos, despediu-se do medico. O escrivão, convencido da inutilidade dos seus serviços ao decoro da lei postergada, visto que se não lavrára auto de exame, com grave escandalo da justiça, retirou-se.

Padre Diniz veio encontrar minha mãe na situação afflictiva em que a deixára. Eu não saíra de ao pé do seu leito. D. Antonia, extremosa e inseparavel consoladora dos seus receios, poucas horas, das quarenta e oito decorridas, desde que seu irmão saíra para encontrar-se com o conde, deixou de ajoelhar-se á Mãe de Deus, supplicando-lhe o seu divino auxilio na commissão arriscada do sacerdote.

A apparição do padre, tão depressa, assustou minha mãe; comtudo, o seu semblante era alegre, e no sorriso, raro aberto

nos labios d'elle, fallava a esperança, e animava-se o coração.

— Acho-a doente, não é verdade? — disse elle a minha mãe, tomando-lhe o pulso.

— Doente do espirito... estava triste... adivinhava trabalhos... sempre um presentimento do peior.

— Enganou-a d'esta vez o seu anjo máu...

— Como, snr. padre Diniz?

— O conde é um milagre da Providencia dívina. A compaixão, o remorso e a honra nasceram de repente n'aquella alma. Seu marido pede-lhe perdão: quer vel-a...

— Por Deus! snr. padre Diniz — exclamou minha mãe impetuosamente — sabe as intenções do conde de Santa Barbara?

— Sei. Pedir-lhe perdão, justifical-a no pelourinho onde a infamou; restituir-lhe a felicidade, não, que é impossivel; mas conceder-lhe uma vida de paz e de descanso...

— Na companhia d'elle?

— Não, minha filha. Na companhia das suas saudades, e das suas esperanças...

— Esperanças!

— No reinado dos que soffrem. Ha muito que amar fóra do mundo. Verá o que é a tranquillidade do amor de Deus. Quer entrar em um convento?

— Ah! sim, um convento, a minha ambição mais querida... um convento, meu bom amigo... Elle concede-m'o?

— Concede.

— E meu filho?

— Entregue-o a Deus, e Deus me dirá o que déve ser de seu filho... Vê? não lhe parece que principia uma nova época na sua existencia? A roda desanda. Cansou-se a desgraça. Agora é crer muito, confiar muito, e muito esperar. Ámanhã iremos...

— Aonde?

— A Santarem. Seu marido está doente...

— Doente?!... perigoso?

— Deus o sabe. É necessario ir com tempo. A vida é uma luz desamparada, e o vento da morte sopra de todos os lados... Tem força para ir?

— Deus m'a concederá... iremos... e depois?

— Voltaremos, logo que o conde de Santa Barbara possa seguir jornada.

— Diga-me, minha filha... Está certa de ouvir pronunciar este nome — *Alberto de Magalhães?*

— Vi-o escripto.

— Onde?

— Em um bilhete, que tenho no meu bahú.

— Por que motivo?

— Cuidei que esse bilhete era uma disciplina de que o conde se serviria para me flagellar. Eu mostro-lh'o.

Minha mãe tirou de uma caixa de marfim uma carta, com fecho de lacre, e leu o seguinte:

«Á condessa de Santa Barbara. — Ha quinze annos que «o marquez de Montezellos mandou matar um filho de sua fi-«lha, D. Angela de Lima. O infanticida encarregado d'essa «commissão, não matou a criança, vendeu-a. A actual con-«dessa de Santa Barbara tem conhecimento d'este facto? «Responda a *Alberto de Magalhães*, residente em Lisboa.»

— O quê, senhora?... — acudiu o padre, alvoroçado — queira ler outra vez... deixe-me ler esse escripto!... Santo nome de Deus, que confusão na minha cabeça...

— Que é? — disse minha mãe assustada.

O padre leu o escripto.

— E depois?... respondeu-lhe? — interrogou elle com vehemencia.

— Nada. Já lhe disse que me julguei o ludibrio de um novo genero de crueldade de meu marido...

— Não recebeu mais nenhum escripto?

— Nenhum.

— Snr.ª condessa, tenha a bondade de escrever...

O padre dobrou o papel, e offereceu a penna a minha mãe, que escreveu:

«A Alberto de Magalhães.

«A condessa de Santa Barbara, infamada no seu infortu-«nio, agradece com lagrimas ao coração generoso, que lhe «defendeu a sua honra...

Minha mãe parou de escrever.

— Não concebo isto, snr. padre Diniz.

— Escreva, minha filha. Esse homem puniu hoje á tarde um dos seus detractores, e tem uma bala em um braço...

— Que me diz, senhor?... Arrastam-me assim no mundo?

— Exaltam-a, snr.ª condessa... Escreva:

«Ella quer conhecer o cavalheiro que quiz lavar-lhe as nó-«doas com o proprio sangue. Não póde ser já. Um dia, e «breve será. D. Angela de Lima quer pessoalmente respon-«der a uma pergunta que lhe foi feita, ha dez mezes, por *Al-«berto de Magalhães.*»

Era meia noite. O padre Diniz saíu, e dirigiu-se para a rua dos Romulares, onde morava Alberto de Magalhães.

Nas cavallariças havia luz. Bateu, e o guarda-portão respondeu-lhe que áquella hora não abria a pórta sem licença do patrão. O padre instou, pois, que lhe ouvisse uma pergunta, sem abrir a porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Res-

pondeu o creado que os medicos disseram não havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma carta para entregar ao dono da casa. Tomaram-lh'a por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, aproximavam-se da porta dois vultos, que pararam. O padre escondeu-se no escuro de uma esquina proxima. Viu que um toque de convenção fizera abrir a porta. Os vultos entraram com precipitação, e o padre, receioso de algum salto traiçoeiro, coseu-se com a parede do palacete para escutar. No limiar da porta tocou com o pé em um objecto, que tiniu. Levantou-o. Viu que era uma pulseira.

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo silencio. Minha mãe adormecera encostada ao meu hombro. Eu tinha adormecido sobre um canapé, chegado ae leito de minha mãe. D. Antonia, que eu deixei ajoelhada no oratorio, seria a unica que ouviu os passos cautelosos do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encaminhal-os ao seu quarto, onde, depois da meia noite até ás tres horas, D. Antonia muitas vezes escutou o fremito da penna sobre o papel.

Padre Diniz, sentado na escrivaninha, reparou na pulseira, demorou-se a decifrar os caracteres de uma legenda na face interior, abriu o *Livro Negro*, e escreveu algumas paginas com a seguinte epigraphe, que parece ser do auctor:

30 DE AGOSTO DE 1832

*E as filhas dos grandes, pela calada da noite, patinhavam no tremedal das torpezas, e deixavam após si o seu nome escripto em laminas de ouro, cravejadas de brilhantes, para que as somenos em jerarchia se animassem a trilhar a senda da corrupção opulenta.*

.....

.....

## XX

Uma hora antes de amanhecer, o auctor do *Livro Negro* bateu á porta do quarto de D. Antonia, e mandou-a preparar com a condessa de Santa Barbara. Depois, saíu, e voltou acompanhado de duas èeges.

Quando elle chegou, estava minha mãe lançando sangue! D. Antonia quiz avisar seu irmão, para obstar a jornada: mi-

nha mãe não consentiu. Habituada aos grandes padecimentos do espirito, as dores do peito nunca lhe deram cuidado: os golfos de sangue com que borrifava os lenços, nunca ella se lembrou que podiam ser symptomas de morte.

Com o padre entrava o velho Bernardo, o nosso amigo. O mestre entregou-me a elle, e minha mãe inundou-me a face de lagrimas na despedida.

Partiram. Com o balanço da sege os soffrimentos de minha mãe augmentavam. Antes do Beato Antonio, pediu que a deixassem ir a pé, porque receiava morrer. O padre quiz retroceder, mas a infeliz era capaz de sacrificar um desejo da sua alma ao gôso da saude, que ha quinze annos não conhecia. Deu alguns passos a pé, e sentou-se extenuada á porta da taverna, onde se achava doente D. Martinho de Almeida.

D. Antonia perguntou-lhe se queria tomar um caldo de gallinha, e ella aceitou a lembrança.

Padre Diniz vacillou um momento na irresolução de a deixar entrar n'aquella casa. Venceu a necessidade de fortalecel-a, e o receio de a ver exhausta de forças, quando a coragem da alma lhe sobrava. Entraram.

Os primeiros raios do sol de agosto douravam o castello de Palmella. O céo limpido, o Tejo azulado, e o murmurio matinal da natureza encantavam a alma n'aquelle recolhimento intimo, remanso providencial de suavissima tristeza.

A condessa de Santa Barbara, na varanda sobranceira ao Tejo, levantou ó véo negro para respirar uma columna do ar, que até alli lhe fora cerceado entre quatro paredes suffocantes. Padre Diniz, ao pé d'ella, como um pae estremecido ao pé de sua filha tocada pela aza da morte, acompanhava-lhe o espirito nas suas elevações, e adivinhava-lh'as. D. Antonia, essa, por suas proprias mãos, cozinhava o caldo para a sua companheira de Nazareth, e sua filha adoptiva desde que a desgraça lh'a lançou no regaço, como engeitada da fortuna.

De repente se abriu a porta que abria para a varanda, e appareceu a marqueza de Alfarella, cujas intimidades com D. Martinho de Almeida eram muito conhecidas do snr. José de Campos Salema, o proprietario dos nove navios e dezoito milhões.

D. Angela de Lima quiz descer o véo; mas era tarde. A marqueza quiz recuar, e era tarde tambem. Fixaram-se, cada uma luctando com o pejo, mas por differentes motivos.

A marqueza rompeu o silencio, titubeando:

— A prima Santa Barbara!... tu por aqui?

— É verdade!... o nosso encontro é estranho!... Chegaste agora, ou já aqui estavas?

A marqueza fez-se de sete côres, e tartamudeou outros

tantos monosyllabos, que minha mãe não comprehendeu. Padre Diniz estava perturbado. Queria remediar o conflicto, e não via saída. Arrependeu-se do seu laconismo em demasia mysterioso.

Retirou-se, por entender que a sua presença poderia augmentar os embaraços; ou por temer que a marqueza o provocasse a dizer-lhe ironias tremendas, que lhe saíam sempre dos labios, picantes e certeiras como a frecha do arco.

A marqueza, a sós com minha mãe, abraçou-a carinhosamente.

— Conta-me os teus infortunios, prima! — lhe disse ella, modelando a voz compassivamente — Ainda hontem a prima Lencastre, e a prima Natividade lastimaram a tua sorte, indignadas contra um boato infame, que fizeram correr, a teu respeito.

— Que queres, prima? A calumnia nem a desgraça respeita...

— Isso é verdade... Eu que o diga!... Tenho sido victima como ninguem, e Deus sabe a minha consciencia e o meu coração.

— E que diziam de mim? que eu era adúltera, não é assim?

— É verdade; vê tu, Santa Barbara, como se ha de viver n'esta sociedade de detractores, e detractoras, que muitas vezes se retiram dos nossos salões, atirando com a nossa reputação ao charco da canalha...

— Eu não me queixo, prima, nem da sociedade, nem da Providencia, nem de mim. Sou desgraçada, porque devo sel-o. Deus quer que eu soffra... e então? O vérme ha de revoltar-se?

— Coitadinha! como estás definhada!... Ha quinze annos, não te tenho visto quatro vezes... E agora para onde vaes?

— Para meu marido.

— Sim?! para teu marido?! Ora vejam o que é o mundo!... E a dizerem que elle propalára a tua fuga...

— Não sei, prima marqueza... Será tudo assim... O peior é que elle está doente em Santarem... Vou visital-o, e ver se elle póde transportar-se para Lisboa. De mais... o mundo que falle... Se as tuas amigas te disserem que eu sou má, diz-lhe que lhe perdôo de todo o meu coração...

— As minhas amigas!... Essa é boa, prima! Imaginas que em minha casa ousa alguem deprimir o teu nome?...

— Não imagino; mas eu sei que a minha honra é disputada em duellos...

A marqueza empallideceu. E minha mãe continuou sem reparar na turvação de sua prima:

— Não soubeste do duello, creio que foi duello, entre D. Martinho de Almeida e...

O resto foi interrompido por D. Antonia, que conduzia o caldo. Padre Diniz acompanhava-a, e reparou na physionomia da marqueza. Adivinhou-a. Emquanto a condessa tomava o caldo, a amante de D. Martinho procurava um pretexto para retirar-se. Padre Diniz, porém, não era homem de eliminar, por ignorancia, o ultimo promenor dos assumptos, que mereciam ser archivados no *Livro Negro*. E perguntou:

— A snr.ª condessa de Alfarella como passa, minha senhora?

— Bem; obrigadissima.

— Sempre exemplar de bondade, e de virtude.

— De certo... eu não tenho o gosto de conhecer v. exc.ª...

— Ha ahi demasiada fineza de tratamento, minha senhora... Eu não passo de um padre...

— Naturalmente capellão da prima Santa Barbara...

— Capellão, não, snr.ª marqueza... um simples creado...

— Um pae... — interrompeu a condessa, olhando-o com ternura de filha.

— Pois não tinha o gosto de conhecel-o... E meu marido conhece-o?

— Não, minha senhora... Não vivo ao alcance da sua vista... Eu é que lhe conheço as virtudes, que são do dominio publico. E, se não me engano, creio que o vi na janella do outro lado...

— Sim... — gaguejou a marqueza — elle está tambem aqui...

— Vão de jornada? — perguntou o padre, afiando o gume de uma sarcastica simplicidade.

— Esperamos uma familia... vamos ao Farrobo...

— Ah, sim?... Então madrugaram...

O dialogo foi interrompido por uma carruagem. Era o medico, conhecido do padre, por intermedio do escrivão. O doutor, suppondo que as tres senhoras eram parentas do enfermo, ao entrar na varanda, perguntou:

— Como vae o snr. D. Martinho... naturalmente tem gemido?

Ninguem lhe respondeu. A marqueza voltou as costas para o grupo, e olhou para o Tejo. D. Angela de Lima consultou, espantada, a physionomia do sacerdote. Este sorriu-se, cravando os olhos no chão. Ora o doutor julgou que a má sorte o trouxera ao centro de uns poucos de idiotas. A unica pessoa que parecia querer responder-lhe, mas não sabia o quê, era D. Antonia, que entrava n'aquelle jogo com a innocencia com que entrava em todas as intrigas. O que acabou de conven-

cer o doutor da demencia d'aquelle grupo, ou de uma embrulhada indecifravel, foi o padre impôr-lhe silencio com o dedo no nariz, quando se viu, segunda vez, interrogado sobre as melhoras de D. Martinho.

A crise era penosa para todos.

Padre Diniz deu o braço á condessa, e cortejou as costas da marqueza, que, ao voltar-se para responder á saudação, não tinha nas feições uma fibra, que não estivesse da côr do marroquim.

Minha mãe, reanimada pelo excesso de vida, que taes commoções lhe deram ao espirito, achou-se mais confortada no corpo, ou mais esquecida das dores do peito. Entrou na sege, e quiz que o padre se sentasse ao seu lado.

Aquelle segredo, dizia ella, que a ia atormentando. Foi forçoso ao padre contar-lhe tudo; e, se lh'o não contasse, o *Livro Negro* não seria enriquecido pelo dialogo da marqueza de Alfarella com a sua calumniada prima, dois dias depois que a retalhára a golpes de infamação, e propozera para o celebre congresso o adulterio de sua «indigna prima» como materia da noite.

D. Angela de Lima sentia rasgarem-se as nevoas, que lhe occultavam a face torpe do mundo. O ulceroso, o esqualido da sociedade parecia-lhe impossivel pelo asco, pela repugnancia, em acredital-o. Padre Diniz viu que a hora de desvendar aquella pobre mulher tinha soado, por isso que a traição, a impostura, e a infamia lhe assediavam a existencia. A condessa de Santa Barbara, segredada desde os dezesete annos do fóco da grandeza no vicio e no luxo, suppunha que seu pae era o primeiro homem perverso, que seu marido era o segundo, e que estes dois homens, arrancados á familia humana, deixariam a sociedade purgada de fézes.

E o padre no decurso de sete ou oito leguas, pôz-lhe diante dos olhos o facho da experiencia. Primeiro a luz era muita, e a desditosa senhora soffreu. Depois, os ouvidos habituaram-se a ouvir o anathema pelos labios de um virtuoso, e creu que o mundo era pessimo. Foi então sublime! Quando o padre lhe perguntou o que achava aqui de bom para a virtude, que se debate em um continuo paroxismo sobre a cama de flores e espinhos que a infamia lhe faz, D. Angela de Lima apontou para o céo, e illuminou-se de uma alegria sobrenatural.

.....

Descera a noite. Santarem estava a um quarto de legua. A espaços, a viração trazia de lá um murmurio, cada vez mais debil. Era a população que retirava das praças, e a alta respiração da villa populosa que desfallecia no cansaço da agitação diurna.

O padre cedera o seu logar, na sege da condessa, a D. Antonia, que murmurava fervorosamente o seu rosario, offerecendo-o á Virgem, que ella exorava, como protectora da sua infeliz amiga. Minha mãe, embebecida na transparencia estrellada do céo, recordava melancolias, que lhe filtravam lagrimas de saudades, amargas sempre quando as esperanças são impossiveis.

Padre Diniz ia triste das tristezas eternas do genio, e da virtude, em revolta com a ignorancia e com o crime. Aquella formosa natureza, que, em redor o chamava á paz, era-lhe um incentivo de mais funda dor. O silencio da noite fazia mais doloroso o tumulto, que dentro lhe alvoroçava o coração. A sua alma era um abysmo. Aquelle homem, ha quinze annos que vivia a morrer em cada hora. Ao declinar da existencia, com cincoenta e tantos annos, sentia-se robusto de um vigor providencial, que devia consumir em luctas atormentadas. A face cadaverica, e o espirito arrojado em aspirações de moço! O corpo a alquebrar-se nas vizinhanças do tumulo, e o ether da alma o abrazar-lhe em redor um vasto horizonte, povoado de paixões grandes, mas generosamente grandes! «O que tenho eu sido?» perguntava-se elle, cravando os olhos lá em baixo nas orlas do céo, profundas como o segredo do seu destino. O que tenho eu sido? A condemnação! Um mytho de soffrimentos, mesclado de prazeres, que o mundo reputa excentricidades! Um ambicioso de glorias, segredadas ao mundo, e recolhidas no templo da consciencia, como trophéos, que o mundo afastaria do seu caminho com a ponta do pé!...»

A absorpção d'aquella dor invejavel continuava em um dialogo entre Deus e o homem, quando um dobre de finados, eccoando, pelas quebradas das charnecas, em melancolica toada, arrancou o espirito do pensador para o positivo doloroso da terra.

A sege de minha mãe parára, á sua ordem. O padre perguntou o que acontecera.

— Nada... — disse ella — não ouve aquelles sinos?

— Ouço... e então? É muito triste aquelle som, não é verdade?

— Tive um abalo no coração...

— Tranquillise-se, minha senhora... Estava muita gente viva em Santarem... Bastava que morresse uma pessoa.

As seges continuaram. A poucos minutos de jornada estavam em Santarem.

A condessa disse a D. Antonia que sentia pular-lhe o sangue nas veias. O presentimento pintava-lhe com as vivas côres da realidade a idéa, que lhe passára, como sombra de

mortalha, diante dos olhos, quando o primeiro gemido do bronze lhe foi dos ouvidos ao coração. E, comtudo, não podia dizer precisamente o seu receio. Era o torvo impenetravel do agouro o que ella sentia. A noite, o silencio, o céo, e a solidão, davam as fórmas ao que a philosophia desprevenida chama abusões de almas fracas, phantasmas do espirito desenfadado, e outras injurias com que a materia se viaga de tudo que é superior, até no soffrimento!...

Entraram em Santarem. A sege de padre Diniz passou adiante para parar na pousada do conde de Santa Barbara. Estavam perto. Á porta da hospedaria avultavam grupos. O padre respondeu ao presentimento de minha mãe. O coração pulsou-lhe tambem com sobresalto. Quiz parar alli. Para quê? Se as suspeitas eram a verdade, a verdade, alli, não podia esconder-se. Chegaram ao pé dos grupos. O padre perguntou que novidade era aquella. Responderam umas poucas de vozes:

— Morreu o snr. conde de Santa Barbara.

Minha mãe ouviu-as. D. Antonia ouviu-lhe um gemido, e tomou-a nos braços.

— Não é necessario... — murmurou ella — tenho forças e coragem para mais... Quero apear-me.

O padre abriu a sege. D. Angela saía. Nem uma palavra de afflicção. Padre Diniz estranhou-a.

— Onde está elle? — perguntou minha mãe, tomando o braço do sacerdote.

— Aqui n'esta casa.

— Quero vel-o...

— Para quê?... Pois não sabe...

— Que está morto... sei... sabia-o já... Disse-m'o Deus... já lhe rezei por alma...

— Pois bem... continue a rezar; mas não vamos lá... v. exc.ª recolhe-se a outra hospedaria.

— Respeite a minha vontade, snr. padre Diniz.

A viuva subiu as escadas com estranho desembaraço. Atravessou a multidão de fidalgos, que não cabiam na antecamara. Entrou no aposento, onde vinte minutos antes expirára seu marido.

Estavam ainda accesas as velas, ao lado do crucifixo. O cadaver não tinha sido tocado ainda. Estava descoberto da cintura para cima. Os collarinhos da camisa, empastados pelo suor frio da morte, pareciam identificados com a peile esverdeada dos hombros. Um braço pendia arregaçado até ao cotovêlo. O outro ficára atravessado sobre o peito. Os cabellos uns pegavam-se ensopados na testa, outros, em desalinho, entremeavam-se nas rendas da fronha. Os olhos tinha-os meio-

abertos. Circulava-os uma zona de um amarello salpicado dos bagos da transpiração da agonia. O nariz afilado na base, e dilatado nas azas, projectava raios escuros até aos cantos dos labios, onde as sombras se continuavam por dois traços de sangue negro. A extremidade da lingua, arregoada de sulcos pardos, via-se justa-posta aos dentes superiores, cobertos de carla, e raiados de sangue gelado. A crescida barba, em pastas humidas, e como glutinosas, caía sobre o pescoço, onde as veias, regorgitadas ainda, pareciam offegar os ultimos arquejos.

Tal era o quadro que a condessa de Santa Barbara tinha diante de si. Estremeceu? Recuou? Não. Afastaram-se de ao pé do leito os que se preparavam para transportar o finado a casa de seu primo D. Christovão Vaz. E ella aproximou-se. Ajoelhou entre o leito e a banqueta das luzes, que cobriam aquelle ambito de um clarão pavoroso. Levantou as mãos. Cravou os olhos, brilhantes de lagrimas, na face de Jesus Christo. Os seus labios não se moviam. As mãos tremiam de uma convulsão quasi imperceptivel. Não levantára ainda o véo. Ninguem lhe vira a physionomia, e reconheceram-a todos. Aquelle lance era respeitavel. Aquella ângustia não podia ser presenciada por indifferentes, nem interrompida por consolações banaes. Aos pés da cama ajoelhára o padre. Ao pé d'elle, D. Antonia. Os outros retiraram-se. Era profundo o silencio.

E todas as torres de Santarem vibravam esse gemido clangoroso, que dá em terra com as soberbas illusões dos que calculam com o presente para conquistarem novos estadios de felicidade futura.

## XXI

Passados vinte minutos, padre Diniz não podia respirar os miasmas d'aquelle quarto. D. Antonia, esvaída, retirára-se encostada ao irmão. A condessa parecia estranha a todos esses movimentos.

Receioso do que veio a acontecer, o padre pediu a minha mãe que se retirasse; que a oração era ouvida no céo de todos os pontos da terra; que o ar impuro d'aquelle quarto, se teimasse em respiral-o, lhe augmentaria gravemente os padecimentos do peito.

Arroubada na sua dor, ou indifferente ás razões do extremoso amigo, não lhe respondeu. Alguns minutos depois fez-se livida, como deve ser o aspecto de quem se escoasse de san-

gue. Vacillou sobre os joelhos e caiu de bruços com a cabeça sobre a banca, e as mãos sobre a peanha da cruz. Só então no declinar do corpo, os labios obedeceram ao impulso do espirito.. O padre ouvira estas palavras:

— Senhor! perdoae-lhe a elle, e a mim não me condemneis...

Algumas senhoras das primeiras familias chegavam a convidar a condessa para suas casas. Foi transportada, em braços, para a mais proxima.

O cadaver, amortalhado, foi d'alli conduzido para a igreja. Os medicos recommendavam a maior brevidade na sepultura.

Padre Diniz assistia, com sua irmã, á convalescença de minha mãe. O repouso restituiu-lhe o alento. Em roda d'ella as pessoas estranhas mortificavam-a. Pediu delicadamente alguns momentos de silencio e solidão. Retiraram-se, menos o padre, a quem ella não consentiu a saída. Foi elle que quebrou o silencio afflictivo de alguns minutos:

— A sua alma é angelica, snr.ª condessa... devia soffrer... Perdoou... devia perdoar...

— Perdoei... Quando assim se pede, com tanta confiança e tribulação, é impossivel que Deus não attenda...

— Attende, e mais ainda ás súpplicas da victima que pede o perdão do...

— Desgraçado, que a matava, porque não a comprehendia...

— Elle o sabe... nunca lhe dei um desgosto... Nunca me revoltei contra o martyrio... Quando a dor excedia as minhas forças, odiava-o, mas não seria capaz de me pagar de tantas com fazer-me chorar uma só lagrima da amargura das minhas... Elle o sabe... o seu espirito não me assusta... não vejo phantasmas accusadores da minha consciencia... Eu vinha perdoar-lhe, e soffrer mais, se a sua vontade o quizesse... Perdôo... Perdôo-lhe tudo. Que Deus lhe não dê um momento de expiação... que elle nunca sinta o amargor do meu fel... O seio de Deus se lhe abra, se as minhas lagrimas tem algum peso na balança das suas iniquidades...

Minha mãe soluçava, debulhada em lagrimas, com os cabellos desgrenhados, e a face escondida entre as mãos. Padre Diniz, conhecedor de todas as vicissitudes do soffrimento, e dos soffrimentos de todo o genero, não lhe abafou a respiração da alma. Deixou-a fallar e chorar. Feriu-lhe todas as cordas da sensibilidade. Estimulou-lhe todos os sentimentos que podiam ser delidos por lagrimas. O homem de coração poderia alli parecer um cynico, experimentador do quilate dos padecimentos alheios. Qualquer outro viria alli refutar uma dor legitima com frivolidades de consolação piegas. Elle

não. Applicava o ferro candente á ferida, exacerbava-lhe a dor, para queimar-lhe as excrescencias, e curar com o maior tormento de instantes o mal que os palliativos, muitas vezes, e com espaço longo de soffrimentos menores, deixam entrar a morte nas entranhas.

A prática a sós, com minha mãe, fora longa, e farta de lagrimas. Ninguem se entremettera no segredo de duas almas, que precisavam de solidão para se abandonarem a dolorosas expansões. Tinham passado horas, quando foi annunciado á viuva que o juiz de fóra e um padre dominicano desejavam fallar-lhe. Padre Diniz conjecturou que a vinda de taes pessoas era urgente.

Entraram.

O juiz de fóra depositou nas mãos de minha mãe um testamento, que dizia ser do defunto snr. conde de Santa Barbara.

O frade, magestoso da sua humildade, acurvou-se, entregando á condessa de Santa Barbara uma carta, que precedeu d'estas palavras:

— Eu fui o ministro da penitencia, que assistiu vinte e quatro horas aos paroxismos do snr. conde, que Deus terá chamado á sua divina presença. A carta, que tenho a honra de depositar nas mãos de v. exc.ª, foi dictada por seu marido, e assignada com seu proprio punho. Devia eu ámanhã conduzil-a ao seu destino; mas o Altissimo quiz que v. exc.ª viesse chorar ao lado do cadaver, já que não pôde presenciar um justo pela contrição, exhalando a alma, que o perverso mundo tolhera. A minha missão não está ainda cumprida. Preciso saber se está presente o reverendo padre Diniz Ramalho e Sousa.

— Um seu servo — disse o padre, adiantando-se um passo para o dominicano.

— Sois? — instou o padre, abrindo os braços.

— Sou eu.

— Pois bem. Este abraço recebi-o dos braços quasi gelados pela morte, para transmittir-vol-o. Recebei-o como um galardão. Não o tendes de certo maior em todas as vossas virtudes. É o abraço de um homem, que vós quizestes ensinar a viver... não podestes... mas as lições não se perderam... Ensinaste-o a morrer. Vós semeastes, e eu colhi. Mandastes para o meu tribunal um homem purificado, e eu absolvi-o. Aquelle triumpho é vosso. Sei que sois um homem superior... O vosso poder vem de cima. Sede amigo de todos os infelizes, como o fostes do conde de Santa Barbara. Sede meu amigo, que sou o ultimo dos homens, e o primeiro entre os que pedem a Deus que nunca o vosso auxilio seja desconhe-

cido aos desgraçados, que se perdem por não terem um amigo. Abraçae-me agora, já que eu fui o portador da herança que vos legou um moribundo!

Os dois homens veneraveis, abraçados, confundindo as lagrimas, era um lance dos que vibram no sangue o gêlo e o fogo do enthusiasmo. D. Angela, com as mãos erguidas, contemplava o quadro, e sentia-se caír insensivelmente sobre os joelhos. O juiz de fóra, alma esterilisada para as scenas do sentimento, tremia nervosamente, e não desdenhava em si uma lagrima, que elle disse ser a unica, ha quarenta annos. Á voz sonora do monge acudira a familia; correram todos que o reputavam santo. Era grandioso o toque visivel do fervor religioso em todas aquellas physionomias! Estas glorias, estes conflictos sublimes são um exclusivo da religião. Alli ha divindade, ha flamma do céo, ha a elevação, que não é d'aqui!

O dominicano, apartando-se dos braços de padre Diniz, saudou a condessa, em despedida, dizendo-lhe:

— Senhora, tem v. exc.ª necessidade de mim?

— A sua companhia ser-me-ia sempre grata.

— Aqui lhe deixo padre Diniz. Ouça-o, e o que elle disser não poderei eu dizer-lh'o... Sou frade, senhora, (e acrescentou, sorrindo) a minha cella está viuva do seu esposo foragido ha vinte e quatro horas... É necessario fazermos pazes. Fiquem todos na graça de Jesus Christo.

Quando elle desappareceu, padre Diniz, com a sua consciencia, murmurou: «quanto sou pequeno!»

O juiz de fóra, esgotada a impressão que o fizera esquecer a sua vinda, chamou testemunhas para assistirem á abertura do testamento. A viuva pediu que o não lessem na sua presença. O magistrado retirou urbanamente, e com elle as pessoas que adivinharam os desejos da condessa. Ella anciava por ler a carta. Sósinha e D. Antonia, abriu-a com mão trémula, e leu, soluçando:

«Angela

«Escuta um grito de ao pé do tumulo. Os meus labios, «d'aqui a pouco pasto de vérmes, chamam por ti. Angela, o «coração diz-me que virás tarde. Logo, talvez, ajoelharás alli, «ao pé d'este corpo frio, d'estes olhos apagados, d'estes ou«vidos surdos ao perdão de teus labios. Angela, ajoelha e «perdôa, que eu espero á porta do céo a palavra da minha «redempção! Não fujas aterrada d'este cadaver. A sombra do «teu algoz está aqui. Se tinha inimigos, venham cuspir n'este «espolio dos meus triumphos; mas tu não cuspas, minha unica «victima! tu não, Angela, porque eu morro com a tua imagem

«no coração, e terei de responder a Deus, quando me disser:— «Réprobo! que fizeste da tua esposa? Angela, amaldiçoaste «teu pae, e elle morreu sacudindo as larvas que o suffoca- «vam. Ouviram-o pronunciar o teu nome, apontando para os «pés do leito, que rangia n'aquelles estertores, que gelavam «o sangue dos que o viram. É que o amaldiçoaste, quando «eu te disse: — Serás a victima expiatoria da infamia de teu «pae!

«A mim não me amaldiçoes, Angela! A mim, não, que me «fizeram desgraçado, e sordido, e desprezivel! A mim, não, «minha pobre esposa, porque reconheço que devo morrer no «momento em que me sinto lacerado pelo remorso! Morrer «da cholera, ou de vergonha, este destino devia Deus conce- «der-m'o para que eu não levantasse mais os olhos diante de «ti. Angela, ouço dizer que me perdoaste. Ao pé de mim está «um homem que me promette o teu perdão. E ao pé de ti está «um justo que te dirá que me perdoes. Escuta-os a ambos, «Angela! Não feches o teu coração a nenhum, para que os «supplicios do condemnado me não sejam eternos... Ange- «la!... adeus! Salva-me tu, e que o mundo insulte a memo- «ria do

«*Conde de Santa Barbara.*»

As ultimas linhas da carta já não as leu minha mãe. Convulsa, suffocada em soluços, vertendo em cada linha uma lagrima, a exaltação febril, com que principiára, descaiu em apparente paralysia. Tremeram-lhe as palpebras, como se um golpe de gotta serena lhe escurecesse os olhos. Queria ler, e não podia; lia, e não comprehendia já; deixou cair a carta, e ergueu as mãos; não lia, mas orava. Aquella oração, tão fervente, tão elevada na augusta santidade do momento, trazia-lhe aos labios todo o coração, os fervores todos de uma fé que lhe pintava Deus alli, a ouvil-a, a consolal-a, a receber-lhe o perdão dos labios, como a «palavra da redempção», qual lh'a pedira o agonisante criminoso.

Padre Diniz encontrou-a n'este extase. Levantou a carta do chão. Passados minutos, minha mãe perguntou:

— Viu-a?

— Ainda não.

— Veja, e peça a Deus commigo.

Foi assim. Quando D. Angela se recolhia ao seu quarto, padre Diniz, fechado no seu, começava uma oração por estas palavras:

«Grande Deus! déste-me um raio de fé: illuminaste o meu «coração; convenceste-me de que o crime e a virtude não é «sómente punido, ou premiado na terra;

«Deus de misericordia! recebei a súpplica fervente do neo-«phyto!... Perdoae ao vérme, que não pôde mais tempo arras-«tar o peso das suas iniquidades;

«Perdoae-lhe, que, n'este momento, ninguem o accusa... «Solvei-lhe as tremendas contas, que as lagrimas choradas na «agonia, são como as que na terra chora a martyr nos espi-«nhos da sua corôa.»

.....

.....

## XXII

Frei Balthazar da Encarnação, o dominicano, confessor do conde de Santa Barbara, ao nascer do sol do dia seguinte procurou padre Diniz.

— Vim cêdo — disse elle — porque adivinhei que o sol vos não encontraria na cama, padre Diniz... Olhae... não repareis no tratamento que vos dou. A um frade, com setenta e sete annos, permittem-se estas liberdades. Ao pé de mim, sois criança nos annos, embora velho, mais velho ainda, na prática da virtude.

— Vossa reverencia tem setenta e sete annos?

— Nasci em 14 de abril de 1755: estamos em 2 de agosto de 1832. Contae...

— O que é viver no remanso da tranquillidade!... Vossa reverencia tem a bonança no rosto, a alegria de uma consciencia immaculada nos olhos... Os annos o mais que fizeram foi dar-lhe as cans, que são a magestade de um semblante sereno... Assim a velhice não pesa, e o caminhar para a ultima paragem d'esta peregrinação não enfada... Ha quantos annos professou vossa reverendissima?

— Ha cincoenta e tres, e tenho cincoenta e quatro de claustro. Sou o mais antigo do mosteiro. Fechei os olhos a todos os monges que encontrei, a todos os meus companheiros de noviciado, e a muitos que vieram depois. Tenho, pois, vindo até aqui, padre Diniz, direito no corpo, mas acabrunhado no espirito. Olhae que é doloroso ver caír, ao lado, um a um, os companheiros que abraçamos ao entrar na curta viagem... Bem curta ella é aos que não se assentam cansados de soffrer, e desejosos de repousar no seio do nada. Para esses o desalento e o inferno incomportavel da dúvida. Para os que vão chorando e semeiando frutos de benção a vida é curta sempre... Que annos tendes, padre?

— Cincoenta e quatro.

— Pareceis mais velho. Tendes muita ruga extemporanea. Maceraes o corpo, ou o espirito vos anda atribulado. Se vos mortificam cilicios, lançae-os de vós, que o sacrificio da carne é inferior á elevação do espirito. Os que não podem dominar-se pela vontade, cingem os rins. Deixae a maceração ás almas tibias, que precisam castigar o corpo... Se vos dóe a consciencia... não posso imaginal-o... mas se póde vingar o joio na seara dos frutos abençoados, arrancae-o pela raiz. Vigiae-vos, descei com a alampada ao mais escuro. *Si ignoras, egredere.* A lucta do homem com o homem, o pelejar incessante dos dois inimigos que se armam no coração do homem... tudo vem de cima. O que é bom, recebamol-o com as mãos erguidas. O máu não amaldiçoemos. Não ha triumpho sem batalha agra de desconfortos. *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?*... disse o mais mortificado dos homens... Ora aqui tendes o pobre frade em missão!... Desculpae-lhe os seus setenta e sete, e dizei-lhe alguma cousa de vós... Quero a vossa amizade, e não a ha sem confidencias... Quereis que vos diga, padre? O vosso amigo conde de Santa Barbara, quando me fallou de vós, ia allucinado por não sei que magnificas visões com que a vossa imagem lhe apparecia... Julguei-o em delirio...

— Seria delirio... Bem vê vossa reverencia que em mim é tudo insignificante, a não ser o que podia engrandecer-se aos olhos de um amigo de muito tempo...

— Sabeis o que elle me disse? *Entrae-lhe no coração... Achareis um santo, ou um homem superior, incomprehensivel aos outros homens...*

— Tresvariava na febre... O que sou e o que tenho sido nem eu o saberia dizer a vossa reverencia. O seu olhar é penetrante, as suas palavras descem com a luz ao coração, mas as trevas aqui dentro são o abysmo de toda a sciencia de conhecer o homem. Vossa reverencia é um justo... adivinhae-me...

— Quem vos disse que eu era um justo? N'este homem, que vêdes, não ha senão longas dores, e longa experiencia... lagrimas, que se não exhaurem... é a sciencia das lagrimas... Vêdes o que é Balthazar da Encarnação? É um homem encanecido no barro, que o queimar das paixões endureceu...

— O queimar das paixões!... Vossa reverencia falla assim a linguagem...

— Dos homens que não podem balbuciar a palavra «céo» sem que lhe venha uma nuvem da terra escurecer a luz do seu arroubamento... Vêdes o que é a amizade?... é a confiança... O meu coração vae-se-vos abrindo... disseram-me

que ereis um sêr superior, e eu busco-o, ha muito, porque me não basto a mim proprio. Tenho necessidade de vós...

— De mim?!

— Sim, padre... E toda a noite vos tive no pensamento. Tenho vivido setenta e sete annos. Este meu vigor, na decrepitude, é providencial. Batido das paixões, não fraqueei. Tres vezes a braços com a morte, ergui-me como o paralytico da porta do templo. Quando me disseram: ha ahi um homem superior ou um justo, tive um abalo, e disse em mim: éjo homem que eu esperava...

— Que posso eu ser para vossa reverencia?...

— Um amigo, um instrumento de força nas mãos enervadas de um velho, que vos espera ha cincoenta e quatro annos.

— Diga, frei Balthazar.

— Direi... agora não. Voltae um dia ao meu convento, e vinde breve. Não vol-o recommendo muito, porque sei que vireis, logo que vos disser que está aqui um desgraçado á vossa espera... Sabei-me da viuva, dae-lhe a minha benção, e vinde dizer-me como ella está.

Principiava o dobre a finados. Minha mãe, que, ao amanhecer, caíra no aturdimento d'esse apparente somno, despertou sobresaltada pela toada plangente dos sinos. Ajoelhou-se no leito, e orava, quando padre Diniz encontrou D. Antonia, que saía do quarto da condessa. Voltou ao padre Balthazar, e encontrou-o de braços cruzados, com a vista profundamente mergulhada na capa escura de um livro. O frade levantou os olhos, que pareciam passar-lhe sobre o mysterio d'aquelle livro, e disse:

— Então, como está ella?

— Reza. Dormia ha meia hora, quando dobraram os sinos. Acordou espavorida, e ajoelhou.

— Ficae com Deus, irmão.

— Ides hoje para Lisboa?

— Se a saude da condessa m'o permittir...

— Idê em boa hora. Vireis quando podérdes.

— Muito breve. Marque o dia.

— Ámanhã estarei eu morto, e vós tambem... Quem póde contar com o dia seguinte? Vinde quando podérdes. Adeus.

Abraçaram-se.

Padre Diniz escreveu algumas paginas. Interrompeu-o sua irmã, que o chamava ao quarto da condessa. Encontrou-a vestida e preparada para partir.

— Não temos aqui mais nada que fazer? — perguntou ella.

— Mais nada. O snr. conde já foi sepultado.

— Já?

— Os medicos exigiram-o. Morreu de cholera, e receiam que o contagio se desenvolva.

— Podemos partir?

— Já, se v. exc.ª o determina.

— Snr. padre Diniz, o meu estado dispensa-me de agradecimentos... Se é possivel agradeçamos a esta familia, e encarreguemol-a de nos desculparem.

.....

## XXIII

O conde de Santa Barbara deixára sua mulher universal herdeira de todos os seus bens livres, incluindo o credito de quarenta contos a haver de seu cunhado o marquez de Montezellos. Encarregára-a de dotar com um conto de réis duas raparigas da plebe, cujos nomes e moradas estavam escriptos em uma carteira, que devia encontrar-se em indicado logar da escrivaninha. Deixava uma avultada esmola a uma creada, por nome Eugenia, com a condição de recolher-se a um convento, como creada, onde desfrutaria, e só ahi, os rendimentos d'essa esmola, que por sua morte seria applicada em missas por alma d'ella. Queria que o seu corpo fosse conduzido por quatro pobres, e enterrado na valla commum, sem letreiro, nem distincção. Ao seu creado Bernardo Pires deixava uma generosa esmola, pela amizade com que tratára sua esposa, e pelos sacrificios e trabalhos que a nobreza de sua alma lhe custou. Ao padre Diniz Ramalho e Sousa legava o seu retrato, a sua farda nupcial, e a camisa com que morresse. Este legado extravagante foi o assumpto fecundo das conversações. Quizeram todos decifral-o, e só o legatario pôde comprehendel-o. O mais do testamento eram suffragios por sua alma, e muitas missas por alma de seu sogro o marquez de Montezellos, que seriam pagas por sua esposa.

Esta clausula, só de per si exprime o grandioso ascendente da religião no espirito do moribundo.

O testamento era escripto por frei Balthazar da Encarnação. Algumas palavras estavam embaciadas de lagrimas. Os olhos do ancião tinham chorado sobre o fruto, como elle dizia, da semente lançada por padre Diniz.

Eu esperava anciadamente minha mãe. A ausencia de dois dias era para mim como perdel-a. Alta noite, no segundo dia, quando ella chegou, estava eu na amurada do jardim, pedindo a Bernardo que me fallasse d'ella.

Corri-lhe ao encontro, quando ouvi as carruagens. Minha mãe apeou, em uma reconcentração, que parecia arrefecimento para commigo. Olhei-a com ar de espanto. Ella comprehendeu-me, e chorou.

— Mais separados que nunca! — me disse ella, abraçando-me freneticamente.

— Separados... por quem? — exclamei eu.

— Pela desgraça!... — balbuciou minha mãe, arfando em chôro com a face entre as mãos.

— Que é isto? — perguntou o padre, tomando a mão da condessa, e acurvando-se para lhe ver o rosto.

— E meu filho?... — exclamou ella.

— Não o vê?... — disse o padre, sorrindo.

— Mas não o verei mais...

— Quem a priva?

— A memoria do conde de Santa Barbara...

— Sempre este homem entre nós! — bradei eu com rancor.

— Já não, meu filho... Esse homem morreu... Agora é a sua sombra, e a sombra dos mortos é sagrada... Respeita o seu nome, se queres que eu te consinta dar-me o nome de mãe.

Fiquei perplexo, e corrido. Retirei-me do quarto, e tudo soube de D. Antonia. Encontrei Bernardo a chorar, quando lhe disseram a clausula do testamento. E, como póde ser que não torne a fallar d'esse homem, não me esqueça o quadro mais honroso da sua vida obscura. A esmola avultada, que recebeu, despendeu-a em missas geraes por alma de seu amo.

Minha mãe nunca eu a conhecera tão reconcentrada. A porta do seu quarto abria-se raras vezes. Os momentos fugitivos em que me admittia eram quasi silenciosos. Nunca mais se expandiu commigo. Reprimia-se visivelmente, quando a vivacidade lhe luzia nos olhos, e o rubor do enthusiasmo lhe abrazava a face. Aquella contracção intima de sentimentos recalcados devia ser-lhe muito dolorosa, ou então aquella mulher gelára no coração. Impressionava-me tristemente aquella coragem. Perguntei ao padre a explicação d'aquella indifferença; elle respondeu-me: — Não censure sua mãe, que está na ultima phase do seu martyrio. Não o entendi! Comecei a duvidar das calorosas expansões que lhe vira. Pareceu-me mentira o amor de mãe que repudiou seu filho. Tive momentos de a ver pequena, vulgar, e indigna de mim. Estes sentimentos, varonis aos quinze annos, revelam que se acaba cêdo o homem que assim pensa.

No fim de tres dias, a condessa de Santa Barbara chamou-me ao seu quarto. Entrei com a impassibilidade no coração, e a ironia no rosto. Vi-a sentada, e sentei-me. Vi-a chorar,

cruzei as pernas, e roí as unhas com o donaire de um cynico enfastiado.

Ella reparou em mim, e empallideceu.

— Pedro da Silva,— exclamou ella — parece que vens cuspir na face de tua mãe!...

— Se tivesse mãe, não lhe cuspia na face — respondi eu, confuso com aquelle nome, que, pela primeira vez, me era dado.

— Se tivesses mãe!... Tens razão... Não tens mãe... Está aqui esta mulher, que te chamou filho; mas esta mulher... morreu!... Punida por todos e por tudo, seu filho devia punil-a tambem!... Corta n'este coração, Pedro, que ainda tenho uma fibra que se dóe... Mereço mais... Não tens mãe, filho do crime... Se a tivesses, devias conhecel-a desde o berço, devias amal-a desde que a tua primeira palavra fosse o seu nome, e quando, aos quinze annos, a visses no chão... levantal-a-ias com carinho, e não lhe darias com a ponta do pé... Não tens mãe, e, comtudo, infeliz criança, tu és meu filho!... Abandonado ha quinze annos por mêdo e vergonha, sacrifico-te hoje á sombra de um homem, que perdoei!... Sacrifico-te, Pedro, porque a minha vida será curta, e tu ficarás ahi pobre como nasceste, orphão como viveste, e calado com o nome do teu nascimento, para que a piedade dos grandes te não insulte!... Vês que mãe eu sou, e tenho sido? Hontem escrava do terror, hoje escrava da honra! Detesta-me, filho!... repelle-me d'este mundo com uma injuria que me abrevie o meu desterro... Mata-me com o desprezo, que eu acabarei abençoando-te...

Eram quasi inintelligiveis as ultimas palavras. Eu senti emoções variadas, desde a indignação até ao amor, desde a indifferença até ao arrependimento. Ao cabo d'aquelle afflictivo desforço, em que as palavras lhe vinham como gemidos, senti uma explosão na minha alma... caí de joelhos aos pés de minha mãe, beijei-lhe a mão, sem articular uma palavra, abracei-a convulsivamente, e experimentei, pela primeira vez em minha vida, o remorso.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

# LIVRO SEGUNDO

## I

Á portaria do real convento de Odivellas parára uma carruagem. As madres, afeitas á concorrencia dos melhores trens de Lisboa no seu espaçoso atrio, vieram pressurosas ás janellas, como a buscarem estimulo que as desanojasse da ociosidade fastienta em que viviam.

Não conheceram a libré da carruagem, que parára. Não era o primo conde, nem a tia marqueza, nem o tio monsenhor. A dúvida mortificava-as, emquanto não ouviram o guincho da moça-porteira repercutir na extensão dos claustros: *Santa Barbara!*

O leitor, ignorante dos usos monasticos, imagina que a desconhecida carruagem conduzira alguma trovoada! Pelo contrario. A tarde de 15 de setembro de 1832 era bella, o céo transparente, o sol a descaír purpureava o horizonte, e as folhas murchas das flores, tão gratas aos desvelos das benedictinas, em horas vagas de outros desvelos mais gratos ainda, apenas ciciavam roladas pela tépida viração.

O grito repenicado da moça-porteira, aquelle nome, que socegára meia curiosidade das freiras, era o appellido por que a creada da condessa de Santa Barbara vinha ao palratorio. Todas as madres, cujo instituto lhes permitte serem servidas, dão o seu appellido á creada, que responde sempre com agudo *sim*, de longa distancia, ao brado que lhe vem da porteira em agudissimo falsete.

Veio, pois, á portaria a creada grave da condessa de Santa Barbara, e conduziu para sua ama um bilhete de visita com este nome: *Alberto de Magalhães.*

Breve, a creada voltou, dizendo que a snr.ª condessa mandava subir o cavalheiro para determinada grade.

O desconhecido apeou. Então é que as esposas do Senhor, descuidadas do seu marido como as celebres esposas da parabola, convergiram sobre o cavalheiro todos os raios negros, castanhos, e verdes dos bellos olhos, olhos que não eram para alli, ou se o eram, em pouco se occupavam do que era de lá. Viram-o, e, quando o não conheceram, a curiosidade desatinou-as de tal modo, que pouco lhes faltou que não perguntassem quem era, e a que vinha.

Alberto cortejou-as, com aria de cortezão amestrado, que poucos sabem remedar, quando a educação lh'o não ensinou.

As lisongeadas senhoras deram-lhe unanimemente diploma de fidalgo, e convieram de que fosse algum dos poucos titulares de provincia, que praticaram na côrte, ou leram a *Côrte* de Rodrigues Lobo.

Foi esta a opinião de soror Thomazia do Céo, a mais lida em classicos, que se occupava então a refutar uma obra de sua tia-avó, Maria do Céo, intitulada: *Aves illustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros.* Comquanto a refutação, por desnecessaria, não viesse a lume, o influxo das suas doutrinas, expendidas lá dentro em sessão secretá, era tal, e tão revolucionario, que em 1832 não havia de suas companheiras uma só que não mostrasse, na prática, que detestava cordial e scientificamente as theorias da devota Maria do Céo, triumphantemente refutadas por sua sobrinha.

E, seja dito de passagem, não podiam ellas transigir com as restricções seraphicas da religiosissima abbadessa do mosteiro da Esperança, no que era do fôro do coração, que principiava então, como dizem, a *palpitar de actualidade*. E refutavam-a com as proprias armas, repetindo, em chacaras ao piano, as seguintes quadras da muito ascetica auctora da *Vida de Santa Catharina Virgem*, que era ella, e de outras muitas obras, como a *Fenix renascida*, e a *Preciosa*.

As quadras eram estas, extrahidas das *Aves illustradas* e do *Discurso XII*, intitulado: *A pomba á enfermeira:*

El que de amor no adolece
No diga que enfermo está,
Que la dolencia es melindre,
Quando no es amor el mal.

Del enfermo, que no ama,
Inocente el pulso está,
Porque con coraçon tibio
Ardiente pulso no ay.

El que muere, y no es de amor,
Quando en pensamiento está,
No sabe lo que es morir
Aunque se veya espirar.

Aquel, que sin amor geme
Delinquente llega a estar,
Pues para dar un suspiro
El amor le roba un ay.

Era isto, justamente, o que se repetia no grupo das mais incendiarias, quando a carruagem entornou a erudição fecunda de soror Thomazia do Céo, que poderemos, sem escrupulo, appellidar um Luthero de touca e escapulario.

Alberto de Magalhães entrou na grade, e esperou alguns minutos. A condessa de Santa Barbara appareceu com D. Antonia. O cavalheiro diplomatico tinha um aspecto que inspirava confiança. Era um homem, como poucos, em animo frio. Esperava a condessa como quem esperaria uma pessoa familiar. Tinha o que se chama consciencia de superioridade, ou indifferença natural para tudo, em que os outros homens, mais ou menos, se sentem embaraçados e surprezos.

A condessa nunca o vira. Vinha, coacta pela delicadeza, áquella grade, tratar, face a face, um homem celebre pelo incognito, e pelo mysterioso nascimento que lhe attribuiam.

Entrou acanhada como uma educanda.

Alberto não sabia os logares communs. Sentava-se, olhava, fallava, sorria, e até jogava as armas, como se viu, excepcionalmente. Eis aqui a sua resposta á saudação da trémula condessa:

— Já vê v. exc.ª que sou um homem muito natural... Falle-me com toda a tranquillidade, e tenha a benevolencia de dizer-me se estas freirinhas, que me pareciam canarios a quererem partir os arames do viveiro, são boas companheiras.

— Eu mal as conheço,— disse D. Angela, sorrindo, contrafeita — mas tenho-as em muito boa conta... N'estas casas ha excellentes senhoras...

— Assim me pareceram. Na solidão fazem-se os bons corações, e familiarisa-se o espirito com o silencio, em que a consciencia diz o melhor, e ignora o que é o mundo, d'onde v. exc.ª fugiu.

— É verdade... é que mundo!...

— Eu sei-o por todas as faces... Deixal-o... Fallemos de v. exc.ª e da sua amiga, que não tenho a honra de conhecer.

— É mana de um meu bom amigo.

— Sei... o padre Diniz Ramalho...

— Conhece-o?

— De tradição... É um homem extraordinario... V. exc.ª dizem-me que lhe deve muito...

— Tudo.

— E tudo se sabe... Ha desejos immensos de conhecel-o, e eu não quero ser dos ultimos que o admirem.

— Darei a v. exc.ª a sua morada, se quizer encontral-o.

— Aceito, snr.ª condessa. A mana de padre Diniz deve ser amiga de v. exc.ª...

— Intima.

— E, portanto, podemos fallar como irmãos...

— De certo. Mas...

— Diga, minha senhora...

— Vae fallar-me de um assumpto...

— Que lhe é penoso tratar... Não fallarei.

— Padre Diniz póde...

— Responder-me?! Bem... procural-o-hei.

— Rua da Junqueira n.° 44.

Alberto escreveu em uma carteira, e ao fechal-a, perguntou familiarmente:

— É feliz, snr.ª condessa?

— Quanto posso sel-o... na minha triste condição de mulher, fadada para soffrer.

— E, aqui, não ha uma esperança que ensurdece o coração ás saudades do mundo?

— Não as tenho... as saudades... Não sei se lhe falto á verdade... Tenho-as, e profundas e insupportaveis...

— Eu sabia-o...

— Sabia-o?...

— Sim, minha senhora... Disseram-me que a imagem do anjo que v. exc.ª perdeu, ha quinze annos, existe na terra...

— Disseram-lh'o... quem?!

— Os meus presentimentos... Eu tenho a historia do seu coração, snr.ª condessa.

— Devo acredital-o, snr. Alberto?

— Deve... e, se não me acreditar, fará de mim uma triste idéa... Pois não viu v. exc.ª que o homem, que ha um anno lhe escreveu, era um reflexo da sua consciencia, um forasteiro, que lhe vivia na alma? Como póde ser-se o que eu fui, sem ser-se muito verdadeiro?

— É a primeira vez que o vejo, snr. Alberto de Magalhães?

— Não, minha senhora; já me viu...

— Quando?

— Ha quinze, ha dezoito, ha vinte annos.

— Onde?

— No mundo, n'este valle de lagrimas, n'esta miscellanea de grandeza e miseria, onde as physionomias se perdem, e as reminiscencias se vão... Não se canse, que me não conhece. Aqui, do homem passado, não está nem uma linha...

— Que mysterio, meu Deus!

— E' verdade... que mysterio!...

— E não me diz?...

— O quê?... quem sou?

— Sim...

— Não, minha senhora... Permitta-me esta grosseria... não digo...

— E sabe tudo?!

— Absolutamente tudo.

— Não devo instar mais... O que eu sei é que lhe devo muito...

— A mim?... nada, nada... desgraçadamente.

— Muito... Ainda ha pouco arriscou a sua vida...

Alberto sorriu-se, e continuou:

—V. exc.ª não sabe o que é arriscar a vida... O que houve não é gloria de nada... defendi-me de um homem pequeno na alma e na coragem. Nem elle aprendeu, nem eu me glorio de o ter ensinado... O que se deu, não se refere a v. exc.ª Foi uma questão toda minha, um desforço pessoal... Não fallemos d'isto mais... V. exc.ª ordena-me?...

— Retira-se?

— Anoitece, e ouvi uma voz que manda retirar d'aqui, se me não engano... Ver-nos-hemos, snr.ª condessa... Não perca a noite a martyrisar a memoria... Digo-lhe que me não conhecerá, porque me não conhece.

— Deixa-me um vivo interesse... É pena ignorar o nome da pessoa, que tão intima nos é, e tão credora de gratidão...

— Já lhe disse, minha senhora, que eu sou o homem, a quem v. exc.ª menos deve...

— Não comprehendo isto...

— Tanto melhor para ambos... Boas noites, minhas senhoras...

— Snr. Alberto de Magalhães — disse a condessa, anciosa de interesse por aquelle homem original, ou pelo segredo extraordinario de tal apparição — não se esqueça... peço-lhe eu... de fallar a padre Diniz...

— Ámanhã, snr.ª condessa.

Alberto, entrando na carruagem, reparou e viu, a postos, os canarios, como elle definia as curiosas filhas de S. Bento, que faziam das respectivas cabeças um lindo grupo em algumas janellas. A carruagem rodou. D. Angela de Lima seguia com o ouvido o rumor, que se esvaía na distancia. É descul-

pavel a curiosidade, que lhe não deixou, em toda a noite, um minuto de descanso. Ao amanhecer tinha escripto todo o dialogo, que remetteu a padre Diniz.

## II

O cigano de 1817, e Sebastião de Mello na sociedade d'essa época, escrevia no seu livro confidente a ultima palavra do dialogo, que lhe fora enviado pela secular de Odivellas, quando uma carruagem parou á sua porta.

Ao annunciarem-lhe Alberto de Magalhães, estremeceu. Este nome parecia-lhe associado a algum segredo de consequencias más. Por quê? O presentimento assustava-o; mas os temores eram confusos.

Entrou na sala em que o cavalheiro mysterioso o esperava. Fixando-se, aquellas duas physionomias paralysaram: Alberto, com os labios meio abertos, e a vista cravada nos olhos do padre; dava ares de idiotismo. O padre, menos estupefacto, participava d'aquelle pasmo, e não sabéria resolver a causa da sua surpreza. «Aqui ha fascinação no olhar d'este homem!» dizia-se elle, quando Alberto lhe perguntou em voz reconcentrada:

— Conhece-me?

— Não o conheço... pelo menos, já não me recordo.

— Vou fazer-lhe uma pergunta, que deve acabar com as minhas suspeitas... Diga-me, snr. padre Diniz, em 1817 conheceu um cigano chamado Sabino Cabra?

— Essa pergunta — respondeu o padre, balbuciando — só dois homens... podiam fazer-m'a... Um morreu... o outro...

— É *Come-facas*...

— Justamente! — exclamou alvoroçado o padre, com a anciedade nos olhos, e a respiração accelerada.

— Conhece-me?— repetiu Alberto, com sereno sorriso, e a mão estendida para o padre.

— O senhor!...— disse aturdido o sacerdote — o senhor!... Eu creio que imaginei agora uma loucura... Não entendi bem... Ainda não sei com quem fallo... v. exc.ª conhece-me... ou conheceu o *Come-facas*?

— Conheci o cigano, que hoje se chama padre Diniz... Sabino Cabra é um desmemoriado... *Come-facas* leva-lhe grande vantagem n'esta faculdade da alma...

— O senhor atordoa-me!... Em uma palavra..., é...

— Sou...

— *Come-facas*... um homem...

— Encarregado de matar um recemnascido.

— Zomba de mim!... N'essa physionomia não ha traços d'esse homem...

— Todos, e outros que então não existiam. Estas rugas vieram depois de quinze annos... Estes bigodes escondem metade do homem; a outra metade desfigurou-a o ouro... Não concebe que o ouro desfigure?... Tambem o Sabino Cabra não tinha cabellos brancos, nem os olhos amortecidos, nem uma corôa no alto da cabeça, nem uma batina a esconder-lhe as bellas fórmas, que lhe iam maravilhosamente com uma jaqueta de velludilho azul, e uma faxa de seda vermelha. Nem a minha voz lhe falla pelo som do antigo confidente do marquéz de Montezellos?

— Agora sim!... — exclamou o padre sem adiantar-se um passo para o capitalista, a cuja porta, como elle escreveu, *as filhas dos grandes deixavam seus nomes gravados em laminas de ouro*...— Agora sim! vejo-o todo... qual foi... Creio-o... Era impossivel... que eu não viesse a conhecel-o... Como isto é possivel?!...

— Isto quê?... o ouro?

— Não... o espirito, a intelligencia, a sciencia de apresentar-se no grande mundo, onde sei que o reputam grande na alma, no talento...

— Grande na alma... fui-o desde que me conheci... A indigencia converteu-me a grandeza em coragem para o crime... As propensões nobres morrem entaladas na gonilha do infortunio... O talento nasceu com a altivez do espirito. O ouro aproximou-me das fontes da sciencia... Tratei os grandes homens da Europa... Não me forcei por imital-os... Em sete annos de viagens adivinhei tudo que faz o homem distincto em uma sociedade de frivolos... Os vicios, consubstanciados á força na minha organisação até aos vinte e cinco annos em que me conheceu, padre, não me violentei para os expellir... Bastou-me uma vez envergonhar-me do meu passado, e acreditar que o espirito se rehabilita... Quer saber? A minha alma reage tanto contra o que fui, que muitas vezes chego a imaginar que fui sempre o que estou sendo agora...

— Parece, n'esse caso, que devia esconder o seu passado aos meus proprios olhos.

— Não quiz; revelei-me, porque lhe devo o que sou...

— A mim?!

— A si... Sem o cigano, que comprou por quarenta peças uma criança a um assassino, *Come-facas* seria hoje um perverso saturado no sangue, ou um nome que recordaria uma grande atrocidade e um cadafalso... Da minha vida digo-lhe

só duas palavras, porque detesto a curiosidade, e não entendo que padre Diniz aproveite com a minha biographia de quinze annos... Com o seu dinheiro sai de Portugal. Sem esse dinheiro eu não seria o rival dos mais opulentos de Lisboa. Toda a minha fortuna nasceu d'essa mercancia que fizemos... Basta... Tambem lhe não pergunto como o cigano se transfigurou em padre... O que eu me não dispenso de saber é se existe o filho de D. Angela de Lima e de D. Pedro da Silva.

— Existe.

— Aqui?

— Aqui.

— Desejava vel-o.

— Póde.

Fui chamado. Vi um homem de bello aspecto, que me estendeu a mão, e me chegou á sua cadeira. Fitou-me, sem dizer-me uma palavra. Senti que a sua mão queimava e o seu olhar apertava o coração. Sympathisei, não obstante, com os seus bigodes grandes, e negros como os olhos.

— Eil-o aqui!...— Foram as unicas palavras que lhe ouvi, murmuradas como um segredo. Depois, a um aceno do mestre, retirei-me.

Na minha saida, Alberto de Magalhães levantou-se, tomou o chapéo, e, já com a mão do padre apertada na despedida, disse:

— Este menino é pobre?

— Necessariamente. Seu pae era-o; sua mãe sacrifica-o á honra. Da herança de seu marido... não lhe dá umas sôpas, nem lhe recebe mais que uma subsistencia muito parca.

— Ahi está a virtude de braço dado com o crime. São os extremos a tocarem-se. Deixal-a ser virtuosa a seu modo... Padre Diniz, receberá hoje quarenta contos de réis. Será o administrador d'esse capital, que entregará ao filho de D. Pedro da Silva, no dia em que elle completar vinte e cinco annos. D'isto, um religioso sigillo para a condessa de Santa Barbara. O que eu fui é um segredo de nós ambos. Quando um terceiro o souber, tratarei padre Diniz como um inimigo.

.....

No dia immediato, disse-me o mestre:

— Escreva a sua mãe uma carta de despedida.

— Pois para onde vou?

— Para Paris. Vae entrar em um collegio. Isto aqui é muito estreito para quem póde respirar mais puros ares. Tudo vae levar um tombo em Portugal. Vem perto o dia em que a vida aqui para muitos será aborrecida e enojada. Os principios desorganisam-se, a guerra civil não se accommoda com um pequeno tributo de sangue, não ha vencidos nem vencedores;

a anarchia depois da guerra, entrará no governo, qualquer que elle seja, e os alicerces do novo edificio serão cadaveres, e as ruinas de muitas fortunas. Felizes os que podem ver de longe a patria nas garras do abutre.

O padre parecia dizer-se a si proprio esta melancolica prophecia. A guerra, que devia ser n'essa época o movel de todas as conversações, foi assumpto raras vezes tratado pelo padre. Aquelle espirito era alto de mais para pascer-se na lucta de sordidas ambições, em que o timbre das bandeiras era o sangue, que desperdiçavam, uns como rezes levadas ao açougue do «patriotismo», e outros como aventureiros devorados de uma fome que legitima quaesquer principios, quando a vida é o mais que póde perder-se em comparação ao muito que póde ganhar-se. O padre tinha razão...

Minha mãe, recolhendo-se a Odivellas, despediu-se de mim por muito tempo. Era o mesmo que prohibir-me visital-a. D'aquelle adeus recordo hoje os menores incidentes, e concebo, experimentado no que é soffrer, as aperturas do coração d'aquella pobre mulher! Santificada pela morte de seu marido, tomou da mão do cadaver os espinhos que faltavam na sua corôa de martyr, e recebeu como santos os flagellos e violencias, que devia inflingir-se para que o conceito, que o conde, na hora final, fizera d'ella, não fosse desmentido.

Na sua presença erguiam-se duas sombras, a de D. Pedro da Silva, que se perdera, amando-a; e a do conde de Santa Barbara, que morrera supplicando-lhe perdão, e respeito ás suas cinzas. Eu, amado pela condessa, como filho, era um insulto ás cinzas do marido. Afastado de minha mãe era um quasi perjúrio ás derradeiras súpplicas de D. Pedro da Silva.

Venceu o marido. O christianismo continúa a fazer martyres. Os leões do circo foram-se; mas os casuistas vieram...

.....

Escrevi a minha mãe. A resposta foi simplicissima: «Vae, «meu filho. Não dês um passo que te lance fóra da estrada da «honra. Não digo que consultes o meu espirito nas tuas em«prezas juvenis... Sou mulher... e caída da primitiva gran«deza, expiando o lapso da primeira mulher... Fita os olhos «no céo, meu filho. Caminha sempre, elevando-te para lá. «Isto aqui é um dia... e o meu vae no fim... Se Deus quer «que eu mais te não veja, recebe a minha bênção, todos os «dias, e á hora da minha morte.

*Angela.*»

Padre Diniz, poucas horas antes da minha entrada a bordo de uma escuna ingleza, chamou-me ao seu quarto. Fui encontral-o com os cotovêlos sobre a mesa, e as mãos entrela-

çadas sobre o rosto. Esperei alguns minutos. Não quiz acordal-o d'aquelle dormir da vida exterior. O excesso da vida intima, muitas vezes obrigava-o áquella posição, dolorosa fadiga do pensamento, em que as dores embaralhadas atordoam e embrutecem.

Como assaltado por uma idéa inesperada, o mestre encara-me de improviso, com o olhar penetrante da estupefacção, e demora-se n'este silencioso pasmo alguns minutos. Eu estranhava-o, queria-me longe d'alli. Depois, desfranzindo a physionomia assombrada, com um ligeiro sorriso, parecido á alternativa da demencia para a lucidez, apontou-me uma cadeira. Sentei-me, sempre receioso d'aquella extraordinaria manifestação de uma cousa nova no homem com quem me conhecia desde que eu tivera conhecimento de mim.

— Snr. D. Pedro da Silva,— disse elle, solemnisando o entono da palavra — acabou-se o *Joãosinho*, que castigava os detractores do seu prosaico nome com as espinhas do cato. Agora... logar ao direito. Tenho diante de mim a vergontea de troncos illustres! D. Pedro da Silva deixou de ser o meu educando. A flor sáe da estufa, onde a esconderam, para rescender em clima proprio. A obscuridade até aqui não lhe tolhia o muito que é, e virá a ser porventura. De ora ávante, o homem quer outro mundo, a alma quer outra nutrição, e o neophyto da sociedade precisa de outro mestre. Antes, porém, de entregal-o ao mundo, preciso, e devo, e quero, deixe-me assim fallar, ler-lhe o prologo do segundo acto do drama em que v. exc.ª entra, porque o primeiro termina aqui n'este pobre theatro de padre Diniz.

«Eu sou o depositario dos seus bens. Aqui está um enigma. V. exc.ª não sabia que tinha bens. Tem quarenta contos de reis n'esta gaveta. D'onde elles lhe vieram, não me peça que lh'o diga. O juro d'este capital ha de alimental-o até aos vinte e cinco annos. De hoje a dez annos, v. exc.ª é o depositario d'esta herança, chamemos-lhe assim, para não inventar palavras. Eu terei morrido... diz-me o coração que sim. Acreditemos o meu coração, que nunca me foi desleal. Deixé-me anticipar-lhe algumas reflexões, que não poderei reservar para então. Attenda:

«Em Lisboa, quarenta contos de réis é uma fortuna menos que mediocre. Posto ao serviço da ostentação, exhaure-se em tres mezes. D. Pedro da Silva, estimulado pelo orgulho do seu nascimento, e levado de invejas e vaidades, póde empobrecer no meio da sua carreira, e d'ahi para o fim arrastar uma vida de ignominia, ou metter uma bala em um ouvido.

«A suprema desgraça é o coração grande, a riqueza dos brios, o instincto do sublime, quando estes generosos senti-

mentos esterilisados no embryão pela pobreza, são como se não existissem.

«Vem ahi um tempo em que a vaidade de jerarchia será uma irrisão. Os louros, preciosos aos netos dos conquistadores, tocaram o seu outomno, ao cabo de seculos. As folhas murchas, como o ultimo braço da arvore secular, que veio a terra, irão, pisadas por todos, sumir-se no abysmo da historia, e lá mesmo cobertas de lama do improperio. Virão philosophos que zombem de seus avós, D. Pedro da Silva, porque seus avós eram sanguinarios, talavam a ferro e sangue o ninho de povos inoffensivos, e vinham depois acolher-se aos seus paços feudaes, comendo e desperdiçando o espolio dos indios. Esses philosophos, desgraçado arremedo de outros que passaram apupados pelos discipulos, rirão de v. exc.ª se o virem com uma casaca velha celebrisar o arnez de seus avós. Ser pobre, portanto, será uma infamia.

«Esqueça-se do seu nascimento. Appareça na sociedade sem appellido eufonico, sem allianças que lhe imponham o fausto como condicional de bom acolhimento. Engrandeça-se materialmente. Se não podér subjugar o instincto vicioso, seja ao menos rico. Se o não for, o seu peccado não terá perdão na terra.

«O seu coração é bom. Hão de perverter-lh'o necessariamente em Paris, em Lisboa, em Constantinopla, ou em Pekin. A serpente da desmoralisação abraçou o globo com as suas roscas. Respira-se a morte da alma em toda a parte. O mpsteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno; mas a corrupção entrou no claustro, e o mosteiro cairá. A época que vem é outra. Principia a virtude da cabeça; a do espirito passou, porque o homem será definido «materia que pensa».

«Quem decide do futuro do homem, fóra do commum das massas, que se mexem como machinas, é a primeira mulher que se ama.

«Não sei que diga n'este lance mais imprevisto da sua vista. O que posso é vaticinar-lhe que a mulher das suas primeiras affeições ha de salval-o ou perdel-o. Ha de fazel-o recuar á innocencia dos seus primeiros annos, ao suave perfume dos seus desejos immaculados, ou, de um lance de olhos, mostrar-lhe todas as torpezas, e, de um só impulso, atiral-o a todos os abysmos. Penso que lhe digo uma cousa nova. Não encontrei ainda quem assim pensasse. É moda santificar os primeiros amores. O homem gasto, que é sempre o mais immoral, fatigado de amores, incapaz de espiritualisar-se, não diz quem o cansa, quem o materialisa, e quem o immergiu no charco dos baixos appetites.

«Abra-me o seu coração; quero gravar ahi uma súpplica. Recompense-me tudo que fui para si, não a esquecendo. Seja orgulhoso na renúncia da sua alma. O amor de um homem é um incenso que desce para o chão, quando o idolo é de barro. Não o prostitua. A primeira mulher do seu amor procure-a com a resignação de uma pobreza honrada, sem uma nódoa, sem o rubor de uma vergonha. Seja pobre, seja obscura, seja humilde, e tenha sempre diante dos olhos a felicidade, que v. exc.ª lhe dá, como a recompensa da virtude em que viera antes de a mandarem entrar no seio da abundancia. A sua casa seja como um santuario impenetravel. Se o appetite invencivel o impellir á communhão dos manjares, que a sociedade digere, á custa de um penoso trabalho do coração, vá, mas deixe-a a ella no segredo da sua vida, como anjo depositario do balsamo das feridas com que v. exc.ª refugirá do tumulto de paixões degeneradas para o abrigo da amizade intima, sem a qual o amor é impossivel.

«Eu fallo a uma criança, mas o homem d'esta época é muito cêdo homem. Aos quinze annos adivinha-se tudo pelos livros, e, aos dezoito, principia o magisterio do ensino, diz-se tudo que ha a uma geração que capricha de tudo saber.

«Meu amigo. É a hora da partida. Abrace-me... Não me esconda a sua vida. Fuja de me dar o desgosto de ter criado um ingrato. Pouco me deve; mas a ninguem deve mais... Vê esta lagrima? É o mais que póde dar-se em um homem como eu... Não tenho outra, talvez, para tudo o mais que está sobre a terra... Basta... O homem é de barro, quando lhe toca a mão pesada do soffrimento... Não posso...»

Eu suffoquei todas as palavras com soluços. Saímos silenciosos. O que eu pensei e senti d'alli, a bordo do navio, era o que ha de mais triste, de mais apertado no doer do coração, de mais escuro e incomportavel no que é saudade, no que é apartar-se uma criança, só, entregue a estranhos, do homem, que lhe fora tudo.

O navio fez-se ao mar. Procurei padre Diniz ao pé de mim, para lhe pedir por Deus, por tudo, que me não deixasse. Não o vi. Olhei para o Tejo. e reconheci-o, sentado á pôpa de um bote, com as costas viradas para o navio, curvada a cabeça entre as mãos. Então; sim! Provei todas as amarguras em um instante... Segui aquelle bote com os olhos turvos de lagrimas, chamei padre Diniz no silencio do meu coração, pedi a Deus que me restituisse aquelle homem, pedi ao espirito de minha mãe que me désse alma para tamanha dor... Desejei a morte, e consultei os meios que eu tinha para acabar commigo aquella saudade, que me endoudecia...

E em roda de mim eram tudo indifferentes... Pareciam-o...

E não era. Ao saír da barra, uma senhora portugueza travou-me da mão, e disse-me ao ouvido:

— É chorar de mais... O coração está desafogado... Agora, coragem varonil, e esperança, que é o melhor que tem o mundo, e o thesouro mais querido do infortunio. Venha conversar commigo, e com meus filhos, que vão ser seus companheiros do collegio.

## III

A condessa de Santa Barbara vivia na sua cella, quasi retirada do trato das freiras. Segundo a primorosa civilidade usada nos mosteiros, a secular foi visitada pela communidade. D. Angela, porém, apenas pagou a visita á prelada, e desculpou-se com as outras religiosas. Resentidas no seu apuradissimo melindre, deixaram-a como selvagem, e vingaram-se seraphicamente, picando-a com os alfinetes de uma arguciosa mordacidade, em que era mestra encartada a muito espirituosa e litterata, e antiquaria, a sobrinha de soror Maria do Céo, auctora dos vilhancetes hespanhoes, capazes de mortificar de inveja o sensualismo de Anachreonte.

Um dia annunciaram á condessa, que uma religiosa, que não a visitára por estar fóra do convento a ares, pedia licença para cumprir os seus deveres.

Entrou, e lançou-se nos braços da secular com estranha cordialidade. D. Angela recebeu aquella effusão com pasmo e receio.

— Não me conheces, Angela? Eu tambem te não conheceria, se não tivesse a certeza de que eras tu!...

— Não conheço! — balbuciou a condessa.

— Eramos, ha dezoito annos, tão amigas... tão irmãs!

— Ai! — exclamou D. Angela, apertando-a nos braços com anciedade — Tu aqui, Adelaide... tu, minha querida Adelaide!... aqui...

— Não sabes que sou freira?!

— Sei; mas o teu convento não era este...

— Não... o meu convento era em Santa Apolonia. Vivi lá pouco tempo. No anno em que te casaste vim para Odivellas. Ha quinze, não é verdade?

— É... Mas disseram-me que eras tão feliz, que vivias tão amiga de Francisquinha Valladares, que não tinhas ambição que não satisfizesses com Deus e com ella...

— Assim foi... mas Francisquinha...

— Morreu, bem o sei... e tu choras ainda assim por ella... Que amizade lhe tinhas...

— Muita... Morri, quando ella morreu. Envelheci d'este modo... Tenho trinta e cinco annos, e os cabellos brancos... Angela, só por milagre se vivem dezeseis annos, com a saudade no coração, queimando, devorando, em sonhos, e acordada, sempre, e a toda a hora... E sem esperança... chamando-a todos os instantes; pedindo-lhe um signal de que me ouve, e ouvindo apenas os meus gemidos e a minha saudade, que nem o amor de Deus me allivia... E vivo, Angela!...

— Como soffres... Adelaide! Falla-me d'ella... Talvez que o silencio te tenha feito mal... Talvez!... Não tens aqui amigas?

— Não... não me comprehenderiam... Temo-as... São muito superficiaes em tudo... Para a leviandade não ha dor que mereça a pena de pensar muito... E eu queria quem chorasse commigo, e me dissesse: Essa pobre menina é digna das nossas lagrimas...

— Morreu thisica, não foi?...

— Não sei, minha filha... Morreu, como se deseja morrer, quando se é infeliz...

— E ella era infeliz... não foi freira por sua livre vontade?

— Não... arrastaram-a pelos cabellos... Quando pronunciou os votos saíam-lhe do peito golfadas de sangue... E viveu dois annos ainda... para a purificação do martyrio...

— E, assim que ella morreu, não podeste viver n'aquelle convento, não podias ver os logares onde a viras, a sepultura da tua querida amiga, a imagem d'ella em tudo, que te fora alegre em outro tempo, e fugiste d'alli para este convento, não foi assim?

— Fugi... não podia presenciar o quadro mais atribulado, o soffrimento mais despedaçador que póde imaginar-se... Quero contar-t'o, minha Angela, mas a ti só, só a ti... tenho-o escondido no coração ha tanto tempo, não quero profanal-o... A ti digo-t'o... Soffres, sabes o que é atormentar-se a gente... has de ouvir-me com todo o sentimento, e chorar commigo... sim?... Fecha-me esta porta... Ninguem virá aqui, pois não?

— Ninguem, menina... Diz tudo... soffremos ambas, e que ninguem nos veja... Basta-nos aquelle crucifixo, por testemunha... O que vamos dizer não será do desagrado de Deus?

— Ai... penso que não... Deus é bom... o que eu temo é o mundo, que faz da justiça divina um cilicio violento... Escuta, minha filha. A Francisquinha Valladares amava com todo o amor de criança um cavalheiro de provincia, que vivia entre os grandes, supposto que apparecesse raras vezes. Tinha viajado até aos trinta annos; era independente, fascinava,

tinha uma signa extraordinaria, dominára-lhe á pobre menina o espirito com bem poucas palavras, bem poucos d'aquelles seus olhares, que pediam mais do que póde dar o coração de uma mulher.

— Quem era elle? — interrompeu a condessa.

— Talvez te não recordes, menina... Chamava-se... não te digo o nome... tu não o conheces de certo...

— Talvez conhecesse...

— Creio que não... Francisquinha, até ao momento da sua perdição por aquelle homem, queria ser freira, esperava anciosamente os quinze annos para entrar no mosteiro, e assim satisfazia a vontade do pae, que desejava dotar o filho segundo com a legitima d'ella. Chegada a suspirada occasião da entrada, conheceram a frieza, e a melancolia de Francisca. O pae suspeitou a mudança d'aquella vontade de alguns mezes antes, e consultou-a. Francisca respondeu que seria uma filha obediente, mas não poderia ser nunca uma boa religiosa. Isto não fez impressão n'aquelle homem! Como pae, fez os seus calculos sobre a humildade da filha, e não os alterava por motivo nenhum...

— E esse cavalheiro por que não a pedia?

— Porque ella nunca lhe disse que o fizesse, penso eu, e elle nunca tentou um passo, que poderia abater-lhe o seu orgulho.

— Pois elle não era nobre e rico?

— Rico... parecia-o; nobre, não sei... Elle não dizia de quem era filho; corriam uns boatos de nascimento muito distincto; mas, ao certo, ninguem dizia cousa nenhuma. A pessoa que o apresentára em algumas casas, não decifrava o enigma, se é que o sabia. O incognito, por si, mostrava-se tão pouco interessado nas relações que lhe davam, que nem as procurava, nem se deixava aproximar por ellas. Tudo isto era máu para Francisquinha, que não ousou nunca revelar o segredo do seu amor a seu pae, ou a alguma amiga, que não fosse esta desgraçada, que tu encontras a chorar, depois de a perder ha dezeseis annos...

— Mas... como era essa paixão? Não se correspondiam, não sacrificavam um ao outro a obediencia e o orgulho, que os separava para sempre?

— Correspondiam-se... era eu a desventurada confidente d'aquella infeliz paixão! E perguntas como era essa paixão! Ai, Angela! era muito nobre, cheia de sublime resignação, de sentimentos elevados, de sacrificios d'ella e d'elle, que só eu os avaliei, e só elles, talvez, eram capazes de os fazer... Não era paixão de cegar a razão, e morrer, ou matar em poucos momentos de febre... Não era assim... D'aquelle amor mor-

re-se sempre, mas de vagar, sentimento a sentimento, lagrima a lagrima... primeiro começa a morte pela esperança, depois o coração apertado, sem ar, sem desabafo...

— Morre... Eu seio-o, Adelaide... sei o que é morrer a esperança...

— Mas a fé... não sabes, Angela... Soffrer tormentos a que o cego acaso nos condemna... pensar que ha de aqui forçosamente penar-se, sem recurso para Deus, com os olhos na pedra do claustro, que tem de esconder a historia dos nossos padecimentos suffocados aqui... sem ecco...

— E ella morreu assim?... sem fé!

— Sem remorso... sem transigir com a tyrannia que a matou, sem perdoar... porque... dizia ella... perdoar para quê?... Se a justiça de Deus não fosse uma chimera, eu não soffria assim...

— Meu Deus!... que blasphemia!... Ella disse-a?!...

— Nunca foste desgraçada, Angela!... Não te espantarias tanto...

— Se o tivesse sido?... Fui, Adelaide... fui, e blasphemei... e o remorso veio, depois...

— Por que foste depois menos desgraçada?

— Sim...

— E ella não... Foi desgraçada cada hora mais, e até ao fim... Não teve tempo de arrepender-se...

— E nunca mais se viram?... nem se corresponderam?

— Não se viram um anno... escreviam-se; mas as cartas d'elle, durante o noviciado, levaram-a a tal ponto de desalento e paixão, que já te disse, creio eu, na ceremonia da profissão, a infeliz lançou muito sangue pela bôca, e veio em braços para a cella da prelada... Esta religiosa era um anjo... recordou-se do seu coração, sem vergonha do escapulario que vestia... Comprehendeu a dor da pobre menina, e fechou-se com ella, dias e noites...

— Para quê?... dissuadil-a?...

— Não... isso era matal-a...

— Então? os votos estavam feitos...

— Estavam; mas o coração não tinha nada com as palavras, que o ouvido recebera dos labios da mestra de noviças, e a cabeça decorára da regra do Patriarcha.

— Disse-lhe qué annullasse os votos?

— Era impossivel... Disse-lhe que amasse o homem que a prepotencia lhe roubou...

— Mas não a salvaram com isso...

— Não, porque era tarde... A flor tinha a morte na raiz... nada poderia reverdecel-a. O mais que poderiam era suavisar-lhe o fim da vida.

— Como?

— A prelada aconselhou-a como amiga... Disse-lhe que repartisse entre o céo e a terra o immenso amor da sua alma... que recebesse, como se recebe um irmão, na grade, esse homem, que nascera para lhe dar a felicidade, assim como o claustro se fizera para a felicidade de outras almas, de outros genios, e de outras organisações, para as quaes o mundo era um supplicio... Francisca chorava, de gratidão, nos braços da virtuosa religiosa, que, talvez, alli escondera, n'aquella cella, torturas semelhantes... Desde esse dia, o cavalheiro vinha todos os dias ao convento. Para elle e para ella, não havia outra existencia, outra ambição, nem outro dever a cumprir. Francisca, deixa-me confessar-t'o, não podia cumprir os conselhos da prelada. Os encargos divinos da sua profissão não lh'os exigiam, nem ella os cumpria. Cheio de fel e de amor, o seu coração não serenava com a presença do amante todos os dias. Com a paixão impotente, esteril, e reprimida n'aquelles varões de ferro, crescia a desesperação e o desconforto. Eu sei que elle, contrafazendo a sua propria dor, inventava todos os recursos do talento e do coração, para lhe persuadir a ella que os soffrimentos n'este mundo eram de um dia, que os esposorios de dois martyres, á beira do tumulo, eram o consorcio de dois anjos para a eternidade... A desgraça parece que mata o poder d'estas elevações para o infinito, que se não conhece... O positivo, o certo, é o tormentoso n'esta vida... Francisca saía sempre da grade com os olhos arrasados de lagrimas... Um viver assim devia durar pouco... E durou dois annos...

— E o pae não a prohibia de receber o cavalheiro?

— Tentou-o, mas retirou-se envergonhado da sua empreza. Francisca recebeu-o uma vez, e nunca mais. Respondeu-lhe que não era do mundo, que não tinha familia, que comprára com a sua liberdade uma cella, e uma sepultura, que não tinha responsabilidade perante a sociedade, e que apenas podia encarar seu pae como auctor de uma existencia, que lhe não agradecia... Ameaçaram-o, mas elle não era homem de se intimidar. Olhou com silencioso escarneo para o pae de Francisca, e desde esse dia visitou-a de manhã e de tarde. Por fim, a minha desgraçada amiga já não podia vir da sua cella á grade. Escrevia cartas que cortavam o coração..., e elle, não sei se mais lastimavel que ella, lia-as na grade, e ahi ficava absorto em que tormentos, meu Deus! dez horas que costumava passar com ella... Um dia, nos fins de setembro, disse Francisquinha que estava tão boa, que se julgava salva. Ergueu-se, e foi á grade... Demorou-se ahi algumas horas, e retirou nos braços das creadas. No dia seguinte, ao amanhe-

cer, mandou-me chamar, porque eu saíra da cella quando vi entrar o padre para lhe assistir na agonia... Fui, chamou-me muito ao pé... o seu hálito era de fogo, as mãos estavam de neve, os olhos vidrados, e todas aquellas feições, tão bellas, resequidas e esbranquiçadas... Cheguei o ouvido aos seus labios, ouvi estas suas palavras, que foram as ultimas... «dizlhe que se conforte... que me não esqueça... que viva da saudade... que me perdoe, se o fiz desgraçado... se o matei...» E mais nada... Depois...

A benedictina, suffocada pelos gemidos, não articulou a ultima palavra. A condessa chorava com ella, e orava no fundo do seu coração por alma de Francisca Valladares. Aquelle espirito subordinado á austera devoção do confessor, que escolhera, não podia condoer-se das tribulações temporarias d'aquella freira, sem receiar a vida eterna na presença de Deus.

Adelaide, desafogada da maior dor da sua inconsolavel saudade, continuou:

— O desgraçado ouviu-me a recommendação da agonisante... quando ella acabava de expirar... Não me disse uma unica palavra... Estava de pé, com os braços cruzados, e os olhos no chão, e assim permaneceu... Que magestade na dor aquelle homem tinha, Angela! Parecia que os cabellos lhe branqueavam, e as rugas da velhice lhe vinham ao rosto... Tive de lhe dizer que se retirasse, porque eram prohibidas as grades, emquanto se faziam os officios á defunta. Saíu d'alli, machinalmente... nem uma palavra lhe ouvi... Fez-me compaixão! Esqueci-me de mim, e d'ella, para espreitar a maior das dores... O mais desgraçado dos homens deve ter aquella maceração, aquelle andar, tudo que se via n'aquelle homem, no instante em que lhe dei as derradeiras palavras de Francisca.

«Passaram-se seis mezes. Estava eu no côro com a communidade, esperando um padre que devia dizer uma missa por alma de Francisca Valladares, e pedira a concorrencia das religiosas. Vi-o entrar. Ao mesmo tempo entre nós levantou-se um murmurio. Eu fui a primeira que soltei um grito de espanto, de surpreza, e não sei que de sublime terror!... O padre era elle!... Não te posso fazer sentir os lances d'aquella missa! Ouviram-a todos com as lagrimas na face, e com as mãos erguidas a tremerem de fervorosa devoção e enthusiasmo, que não tem nome fóra do espirito. Umas poucas de vezes suspendeu elle o sacrificio, e ficou suspenso com os olhos no crucifixo. Na elevação do calix, ajoelhou como forçado, lentamente, em um tremor que se vê de longe, e esteve minutos em um extasis, em que todas nos enlevavamos, em que muitas se sentiram fracas para tamanha commoção, e encostaram a cabeça esvaecida ás grades do côro. Junta a tudo

isto, minha querida Angela, o orgão, tocado pela dorida inspiração de uma extremosa amiga de Francisca: ai! filha, que tristeza, que nuvem no coração, que saudade alli vinha de desenganos, como a voz da que morrera, a dizer-nos que a nossa existencia não era melhor do que fora a sua!

«No fim da missa, seguiamos o padre com os olhos e o coração... queriamos vel-o, e ouvil-o. Eu, mais que todas, que nunca podera alcançar novas d'elle, eu, a sua confidente, queria ouvir dos labios d'aquelle martyr palavras de consolação... Elle só poderia dizer-me se aquelle anjo estava no céo... Pedi licença á prelada para o mandar chamar a uma grade... «Não necessita — disse ella — d'essa licença. O padre vem á minha grade, e deve vir ahi todos os dias, porque foi nomeado segundo capellão n'esta casa!

«— Conhece-o? perguntei eu. — Perfeitamente, me respondeu ella. É um justo, um exemplo para os que soffrem, um predestinado, que faz honra á humanidade, e que nasceu em um seculo, em que o não comprehenderam.

«Estava transfigurado: cabellos brancos, pouco brilho nos olhos, quasi perdida a mobilidade ardente das feições, até parece que o metal da voz insinuante se lhe mudára!... Não se fallou nem o mais ligeiramente em Francisca Valladares. As palavras d'elle eram poucas, e essas arrancadas pelas perguntas da prelada.

«Agora, Angela, comprehende esta grande lucta, em que vaes ver este padre... O capellão entrava, duas vezes por semana, no convento. Depois, ia ao claustro... ajoelhava aos pés da sepultura de Francisca... cruzava os braços sobre o peito, fixava os olhos na parede...

— E orava?

— Não sei... Estava assim uma hora, duas, e mais... Durante esse tempo ninguem o perturbava. Aquella dor era sagrada para todas. De longe, quem quer que o via, orava tambem... Depois, entrava na igreja, dizia missa por alma d'aquelle anjo, assistiamos a todas com a mesma commoção que nos causára a primeira... Mas, filha, o que eu soffria era insupportavel... Não podia viver alli... A imagem da minha querida amiga, e d'aquelle homem, alli, sempre, todos os dias... eu não podia com tanto...

Soror Adelaide foi interrompida por uma creada, que disse fóra da cella:

— Snr.ª condessa, está na portaria o snr. padre Diniz.

— Padre Diniz! — exclamou Angela.

— Sim, padre Diniz... que é?... que espanto é esse, Angela!?

— Padre Diniz Ramalho e Sousa... é este, Adelaide?!!

— Este!... quem?...

— Sebastião de Mello!...

— Que dizes, Adelaide!... pois padre Diniz é esse homem, de quem me fallas?!

— Sim, sim!... deixa que eu o veja da janella do dormitorio...

D. Angela acompanhou a religiosa, que, ao primeiro lance de olhos, voltou-se para ella e murmurou alvoroçada:

— É elle... d'onde conheces este homem?.....

.....

## IV

A condessa de Santa Barbara ía passada de espanto, quando entrou na grade, onde encontrou padre Diniz. Aquelle homem apresentava-se-lhe outro, agora. A grandeza do seu passado, as mysteriosas desventuras da sua vida, o heroismo do sacerdote ungido pelas lagrimas de uma paixão eterna, gravada sempre n'aquella physionomia macerada, o mysterio, emfim, acobertado no silencio de dezeseis annos, era o que faltava n'aquelle homem para inculcar-se prestigiosamente a D. Angela de Lima.

O padre, mais triste que o seu costume, olhos fixos na vista reflexiva da condessa, percebeu uma inquietação extraordinaria, que não a deixava fallar com a segurança e placidez do costume.

— Que tem, snr.ª condessa?... sempre triste... mas hoje, de mais a mais, parece-me sobresaltada... Cuidados por seu filho?

— Saudades... sim.

— A saudade pelos vivos é dor suave... Saudade insoffrivel, sem desabafo, ha uma só... a sem esperança, a saudade que lhe falla ha quinze annos... não avivemos. Umas poucas de dores reunidas enfraquecem a força de cada uma. Todos estes desgostos, que vieram em tumulto, ha menos de um mez, parece que lhe paralysaram a sensibilidade, snr.ª condessa... Mercê de Deus!

— Snr. padre Diniz, a saudade não paralysa assim... Que outro m'o dissesse... mas quem sabe tudo... quem provou o fel de todas as paixões.. Eu não estou insensivel... essa mercê espero devel-a a Deus... perto vem o dia; mas por ora sinto, sinto muito, e sinto mais ainda, porque o homem, que mais

devera conhecer a minha alma, é aquelle que parece condemnar friamente a minha insensibilidade...

— Eu não a condemno, snr.ª condessa de Santa Barbara... Observo-a, e vejo-a mais corajosa do que a suppunha para obrigar-se ás condições, que a razão lhe impõe. Isto é muito; é mais do que póde o coração da mulher; faz-se, quando não ha seiva de paixões, quando a alma parece envelhecer com a materia, quando se recebem todas as dores com a cabeça, e ha força para constranger o coração, que reage...

— Que faço eu?! — interrompeu D. Angela com anciedade.

— Suicida-se. O amor de Deus não é o quebrantamento de todos os laços, que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena como a paz da consciencia; tem jubilos, e não se nutre só do ermo e da oração; apparece nos olhos em lagrimas, quando o remorso é entranhado, e rebelde á contrição; vem aos labios, em sorrisos de amor para o genero humano, quando a alma está gosando a quietação da virtude. V. exc.ª procurou com avidez um confessor, que lhe apertasse os cilicios. Achou-o entre os capuchinhos, que passam por santos, mas não gosam tão bom conceito a respeito da sua instrucção. Snr.ª condessa, duvide da santidade, que se lhe apresenta a fazer santos, desfazendo o barro de que saíu o homem de entre as mãos do Creador. Se o seu ministro da consciencia lhe diz que v. exc.ª deve ser o que está sendo, não se preste a santificações, que mais tarde são fatigantes, e o espirito violentado por ellas, como o arco do Evangelista, estala, e inutilisa-se por demasia de compressão. A graça de Deus é alegre, expansiva, e vem á luz do dia, e á publicidade dos homens mostrar-se qual ella é...

— Que quer que eu faça, snr. padre Diniz?... que me retire do convento?

— Sim, se não ha outro meio de a fazer comprehender a virtude.

— Não me aconselhou a vinda para esta casa?

— Aconselhei, como remanso de repouso para os trabalhos em que a sua nobre alma tem sido provada. Fui máu conselheiro... é o que se segue... Suppuz que v. exc.ª encontrava desafogo entre pessoas que a receberam carinhosamente, e em parte nenhuma, como n'estas casas, o balsamo dos soffrimentos é prompto, e a vontade de allivial-os sincera. Deu-se o contrario. V. exc.ª reconcentrou-se e afastou-se de si...

— Pessoas, que não conhecia e que o meu confessor...

— Lhe disse que não devia conhecer: por quê?

— Porque a verdadeira virtude é tão rara no mundo, como no claustro...

— O frade tinha razão... — atalhou o padre, sorrindo — A

verdadeira virtude, pelos modos, nem entre os capuchinhos se encontra... Sincero e legitimo franciscano é o seu confessor, snr.ª condessa!

— Mas, se até aqui tenho vivido sósinha com sua irmã, hoje encontrei aqui uma amiga de infancia, religiosa... de Santa Apolonia...

— Sua amiga de infancia?! — atalhou o padre com agitação.

— De certo... é a Adelaide Maldonado...

— Essa! — exclamou o padre.

— Sim, senhor — disse a condessa, com ar de simplicidade mal fingida.

Padre Diniz, habil em dominar os seus abalos, perguntou tranquillamente:

— Têem convivido muito?

— Pouco... Ella chegou hontem do campo, onde esteve a ares. Conhece-a, snr. padre Diniz?

— Sim, minha senhora... Tenho idéas de a ter visto...

O padre não podia esconder a perturbação. D. Angela não sabia representar um papel, que estivera violentamente ajustando ao seu caracter. Escrupulisava em fingir-se ignorante, mentindo á boa fé do seu amigo, que adoptára como pae. As meias revelações inconsideradas, que fizera, causavam-lhe remorso. Para remedial-as, era tarde; para suspendel-as alli, era reserva indigna da sua sincera alma para com tal homem, o anjo bom, que, desde a juventude, não a abandonára nas mais angustiosas crises. O padre lia-lhe nos olhos o temor do coração. Em si, sentiu-se tranzido de dor; por ella, fallava-lhe uma especie de compaixão, e um receio de a deixar atormentada com o desgosto de não saber calar o que, talvez, lhe não foi dito como segredo.

— Fallou em padre Diniz á sua amiga? — disse elle, sorrindo.

— Não, senhor; foi ella que me fallou...

— É admiravel!

— Quando me contava a razão por que viera do mosteiro de Santa Apolonia para aqui...

— Basta... Eu concebo tudo...

— Soffre, snr. padre Diniz?

— Se soffro?!...

— Sim... soffre, por que eu involuntariamente entrei no segredo da sua vida?

— Não, snr.ª condessa... O meu egoismo na dor não vae tão longe... Se tivesse vindo um momento em que eu por necessidade lhe devesse contar o que fui, para v. exc.ª comprehender o que sou, não lhe esconderia esse segredo... Contar-lh'o sem motivo, seria uma frivolidade, inutil para ambos...

— Seria sempre um exemplo de resignação, um estimulo para receber o soffrimento com animo.

— Pois bem... fallemos da sua amiga Adelaide... Não a vi ha bons quinze annos... Era n'esse tempo muito triste... Tinha a formosura de um anjo, e o coração tambem. E hoje?

— O coração parece-me bom, como era; a tristeza é de lagrimas incessantes, uma saudade de tantos annos sem allivio!... A face está mudada; não tem nada da Adelaide que conhecemos!... Os mais dos cabellos são brancos, e quem lhe não souber a idade, dirá que a pobre Adelaide é velha.

— Pois não é... Ha quinze annos, ultima vez que a vi, tinha dezoito annos... Envelheceu... devia ser assim: mas não se explica como isto foi...

— Tal foi a paixão... a saudade...

— A saudade... por ella?

— Sim... por aquella infeliz...

— Não lhe chame infeliz!...— disse o padre com os olhos cheios de lagrimas, e um suave sorriso de indefinivel sentimento — Francisca Valladares não foi infeliz. Morreu? Abençoados são os que morrem assim!... Grande na alma, grande no sacrificio de todas as suas ambições! Infeliz é a mulher, que transige com a perseguição, humilhando-se. Ella não. Feriram-a, sem a ultrajarem. Mataram-lhe o corpo, sem lhe tocarem na alma. E, depois, aquelle anjo poderia despenhar-se, e não se despenhou. Purificou-se pela agonia, surda, submissa e confortadora para os que soffrem. Subiu sempre para a sua origem. Quando morreu, ao cabo da atribulada noite da sua curta existencia, já tinha na face a luz do crepusculo da bemaventurança... Senhora... quando se amou assim... uma vez, e se perdeu tudo n'um momento... o coração fica vinculado ao tumulo... cheio de saudades e de vida até á decrepitude... Adelaide tem razão... devia envelhecer... Quando embranquecem os cabellos do homem em quinze dias, ao cabo de quinze annos, a mulher, que foi verdadeira amiga, deve ter envelhecido... Diga-lhe que a sua dor é sagrada... e que a sua alma se santifica pelo martyrio nobre da saudade... Choramos ambos, snr.ª condessa... Por que não? V. exc.ª vê um velho a chorar. Compadece-se do pobre, porque sabe o coração que elle tem. N'este instante, recapitula os aturados tormentos de tantos annos, que me reduziram a isto!... Ver nascer o sol de cada dia, como um novo signal de que o meu captiveiro se prolonga... entrar no silencio de cada noite, com ella sempre aqui... e as palavras d'ella, as ultimas, o convulso adeus da moribunda... é um peso, que verga toda a valentia moral, senhora! Sem a fé, esta existencia era um ludibrio do Creador...

Os soluços abafaram-o. Levantou-se subitamente, chegou á janella, que se abria para a cêrca, e respirou a fundos sorvos o ar, que parecia reanimal-o da suffocação com que exprimira aquella enlevada reminiscencia de todas as horas, mas pela primeira vez denunciada pelos labios. A condessa, incapaz de inventar lenitivos para a mágua inconsolavel, chamava-o com ternura, pedia-lhe que se não reprimisse assim, que expandisse em franco desafogo a sua paixão... O padre ouvil-a-ia? talvez não! Com os olhos, lá em baixo, nos horizontes, com as mãos enlaçadas sobre o peito, aquelle homem de negro, com as vestes magestosas do levita, era grande alli n'aquella lucta de paixões terrenas, era maior que a magnificencia do seu ministerio ungido entre o barro quebradiço do amor mundano, e o perpetuo amor de Deus!

— Snr.ª condessa,— disse elle, assumindo o habitual caracter de fria austeridade, como se as paixões, subjugadas pela sua vontade de ferro, lhe não deixassem leve traço de agitação — snr.ª condessa, seu filho saiu hontem. Confiei-o á viuva do general Almada, que foi levar seus filhos a Londres. Ella será como sua mãe, e elle como seu filho.

— Mas, snr. padre Diniz, meu filho, na sua carta, não me diz os meios que hão de sustental-o no collegio...

— Seu filho não podia dizer-lhe o que não sabe. A Providencia deparou-lh'os...

— Sempre um segredo...

— Pedido á minha honra. Os meios não lh'os dou eu... Apresso-me a despersuadil-a d'essa conjectura...

— Pois quem?

— Desculpo a sua curiosidade; mas eu não posso dizer-lhe mais que seu filho.

— Não sabe?!

— Sei, snr.ª condessa.

— Não devo a tal respeito perguntar mais nada?

— Dê-me essa prova de estima... Os legados de seu marido foram cumpridos, á excepção da esmola deixada a Eugenia, sua creada.

— Por quê?

— Ella não quiz aceital-a: repelliu-a, dizendo que se não vendera ao conde de Santa Barbara vivo, e menos se vendera ao conde morto. Dois dias depois encontrei-a em uma carruagem. Fez parar os cavallos, chamou-me á portinhola, e offereceu-me a sua casa na praça da Alegria n.º 19. Hei de visital-a um dia... O mysterio é provocador... Outra cousa... Ámanhã parto para Santarem. O confessor do snr. conde de Santa Barbara pediu-me uma visita de amigo. Não sei que tempo me demorarei. Não me despeço de minha irmã...

— Sua irmã?
— D. Antonia...
— É sua irmã?
— Que pergunta!... por que m'a faz, snr.ª condessa?
— Não me disseram que Sebastião de Mello tivesse uma irmã...
— Snr.ª condessa... mais tarde responderei. Por emquanto consideremol-a minha irmã, e boa amiga de v. exc.ª

## V

Padre Diniz annunciára-se a frei Balthazar da Encarnação, á portaria do mosteiro de dominicanos em Santarem, e foi conduzido á cella do frade, que o recebeu nos braços, como quem abraçava suspirado amigo de muitos annos, e com extremos do coração esperado. A enrugada face do monge parece que o jubilo a remoçára. O sorriso n'aquelle aspecto venerando, se lhe vinha do coração e do presentimento, como em verdade vinha, bem podera dizer-se que era um dos raros sorrisos que se abriram nos labios do septuagenario.

Alli, no claustro, onde a terra lhe escondera quantos elle encontrára, e quantos comsigo foram noviços, por mais de cincoenta annos, ninguem lhe vira um raio de alegria nas sombras eternas do rosto.

A melancolia imperturbavel, a abstracção profunda, a solidão escura d'aquella alma, reputavam-a o effeito do cilicio, da disciplina e da maceração moral, em que a devoção, e, para muitos o fanatismo, trazia aquelle espirito avexado.

Frei Balthazar era um sabio dos velhos tempos, em que o erudito, aos cincoenta annos de fadigas estudiosas, recebia esse titulo, que os netos d'aquelles homens, na sua raiva pueril ao passado, não ousam negar-lhe.

A ordem de S. Domingos acatava-o como oraculo em todas as sciencias, e denominava-o, sem deshonra para o termo da comparação, o S. Thomaz da igreja lusitana, o sustentaculo da boa sciencia, e ultima vergontea do tronco venerando de frei Bartholomeu dos Martyres.

Em grande elogio á sua capacidade, dizia-se que o illustrado bispo de Vizeu, então secretario de Estado, não se dedignava de consultal-o em melindrosos casos de politica. E supposto que, por esta especialidade, frei Balthazar soffresse injusta censura de alguns escrupulosos, que não apoiavam a

interferencia do ministro do céo nos negocios da terra, o dominicano, cheio de humildade, apontava aos seus detractores um tratado in-folio *De re politica*, producção de um jesuita, que o santo padre canonisára. Era, portanto, invulneravel a virtude do monge ás arguciosas insinuações do beaterio, primo co-irmão da má fé, e, pelo menos, amigo intimo da ignorancia audaciosa. Bastam as poucas linhas escriptas, para esboçar os traços, que, mais á superficie, os olhos dos que vêem apenas a crusta exterior encontravam na physionomia impenetravel do frade.

Com fundadas razões, padre Diniz vira-o por outro prisma, e definira-o de diverso modo. Frei Balthazar pareceu-lhe um homem, com dois homens em si diversos, que o punham em dilacerante antagonismo de consciencia. Reputava-o sabio, mas curtido no espirito de lições amargas da experiencia, com que viera do mundo acolher-se no extremo refugio do desgraçado. Julgára-o bom d'essa bondade, que não vem ingénita com o coração, mas que se faz, e se adquire como um fruto bom de arvore má, que, sem rega de muitas lagrimas, não vingaria. Padre Diniz não acreditava nos cilicios e disciplinas e jejuns como machinas de fabricar santos. Frei Balthazar inspirava-lhe de sua illustração um conceito muito elevado. A fama das suas penitencias, flagellos e mortificações, na fé do antigo Sebastião de Mello, era uma crendice popular, que o dominicano desmentia com os seus setenta e sete annos. O espirito poderia extenuar-se em reconditas amarguras, mas a carne, se não opilada e succolenta como a de um frade de Alcobaça, estava sadia e vigorosa, *quantum satis*, e o mais e melhor que podia, n'aquella idade, ambicionar-se.

Dito isto, observemol-o na occasião de melhor se avaliar.

— Esperava-vos com anciedade e sofreguidão — disse o frade, abraçado com o hospede. — Vae não vae, estive para escrever á snr.ª condessa de Santa Barbara, pedindo-lhe que vos dispensasse algumas horas em beneficio do velho frade de Santarem... Agora sois meu; vou mandar trancar a portaria, e pedir uma ração vitalicia para vós... Rides? Vereis... Hei de encantar-vos com bruxarias de frade, que são peiores que as de velha. Eu herdei a nigromancia do veneravel Gil, que os pagãos do christianismo beatificaram em honra dos seus feitiços... Parece que me estaes chamando herege!... Ora sentae-vos, e entremos, como bons christãos, em santa harmonia no ágape de um jantar de dominicano, que vos não será indigesto, porque o nosso padre S. Domingos é melhor advogado contra indigestões, que os beatissimos patriarchas Bento e Bernardo...

Como vêem, frei Balthazar era chistosamente satyrico sem

maledicencia. Os assumptos celebrados por graves pensadores do seculo anterior, e pela tradição veneranda do povo, como S. Gil, com quem o divino Garrett brincou depois, eram objectos de mofa para o frade philosopho, não da negativa philosophica da escola franceza do seculo XVIII, mas da critica pensadora, desprevenida, em que os abusos são joeirados e o facto indestructivel e acrisolado das fézes, que lhe apoucam o quilate.

Padre Diniz, sympathisando cada vez mais com aquelle caracter especialissimo no mosteiro, sentia-se impellido para aquelle homem, com toda a effusão de franqueza, que, em poucos minutos, ata em vinculo apertado duas indoles semelhantes. Liga maravilhosa! O padre aborreceu sempre o frade!...

Durante o jantar, na cella do nosso velho, que, por sua auctoridade, se isentára das condições do refeitorio, fallaram em politica, materia fastienta e abstrusa, que, trazida para aqui, seria uma ingloria usurpação ao jornalismo, calamidade imprevista por Guttemberg.

Findo o frugal repasto, frei Balthazar indicou a padre Diniz um quarto para descanso, e entrou no seu. Em uma hora, dormiu, orou e pensou.

Padre Diniz escrevia, quando o incredulo chronista de S. Gil lhe eccoou pela fechadura um *benedicite*, em lugubre clave. Saíram juntos a passeiar na cêrca; ampliaram a questão do jantar; concordaram em graves cousas sobre legitimidades dynasticas; duvidaram ambos das côrtes de Lamego, sem as desauctorisarem da sancção juridica, disseram outras muitas cousas rotundas e salobras, e recolheram, emfim, á cella, quando o signal de vesperas os mandou recolher. Abriram os breviarios, murmuraram os versiculos em monótona toada, e rezaram ambos, de joelhos, a *Salvè-Rainha* do costume. A sua illustração não era, pois, tão illustrada que os desquitasse das obrigações de orarem.

Sentaram-se depois. Padre Diniz encetava uma nova conversação sobre qualquer assumpto trivial, quando frei Balthazar, por um aceno cheio de magestade, lhe impôz silencio.

— O assumpto é outro — disse elle, e sobre-esteve em um recolhimento de minutos, como quem procura de um lance da alma recapitular os toques essenciaes de um discurso estudado. Não era isso. O improviso vinha-lhe prompto aos labios; mas o coração parecia retrahir-se represo de uma expansão, que tão cara lhe devia ser.

— Meu amigo — disse elle, apertando a mão do hospede — o meu coração tem tanta vida... Estes tecidos de setenta e sete annos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma op-

pressão... parece-me um temor de propheta... Estou constrangido... Ter-me-hei enganado com o homem, que escolhi para o segredo da minha consciencia?

— Não ouso responder-lhe...— disse o padre com resentida dignidade — Eu sou o que sou.

— Nunca me responderam assim! Vós sois o homem que eu imaginei... Não me illudi... Agora ouvi-me. Eu nasci no Minho. Meu pae era um fidalgo mais antigo que os reis d'esta terra. Sem os patriarchas da minha familia, Portugal seria hoje uma nesga de Hespanha, e Affonso VI de Castella sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique, e Jesus Christo não viria no Campo de Ourique prophetisar a derrota dos cinco reis mouros. Bem vêdes que a ironia salva-me da imputação, que farieis á balofa vaidade do meu nascimento.

«Eu fui educado livremente. Nasci com máus instinctos, e franquearam-me carta branca para dispôr á larga do ouro com que servia prodigamente as minhas immoralidades.

«Tive tedio de mim, quando cheguei aos vinte e tres annos com o estimulo de uma paixão nobre, sem uma affeição pura por uma só de tantas mulheres, que atirei á deshonra, como fardos insupportaveis, supposto que na consciencia me não pesassem nada.

«Por esses tempos o conde de Viso... reparae que vos não escondo circumstancia nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo vol-o direi... o conde de Viso veio viver na casa de sua mulher, com quem casou no Minho. A condessa fora educada em Lisboa. Vi-a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem. Era de uma formosura peregrina, e de um espirito enriquecido por tal arte com os dotes da intelligencia, que, pelo amor de tal mulher, pelos affectos desperdiçados ao homem boçal com que a casaram, eu seria um anjo, e um demonio, seria um virtuoso humilhado a todo o mundo para dominal-a a ella, seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu dominio fosse tal. Um homem, que sente assim, não é seu, nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... É d'ella... é o que ella quizer que elle seja.

«O conde de Viso era general. Rustico e aspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artificios para fingir-se com a melindrosa mulher, que as conveniencias sociaes lhe escravisaram, nunca se lembrou de medir o abysmo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condemnação de um captiveiro, em posse de um sultão, auctorisado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuistas de boa fé.

«O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões, como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a idéa de que ha homens que vieram organisados para generaes; que o seu officio na guerra, é matar e morrer: e na paz, recordar batalhas, pedir uma commenda para cada ferida, apontar as paredes atraz das quaes os seus collegas se esconderam em tal refrega, e procurar uma mulher, sem a qual não ha outra machina de crear representantes de glorias, que a patria agradecida jámais esquecerá.

«O conde de Viso era assim, e sua mulher era uma alma anhelante, abrazada, cheia de chimeras, conspirando contra tudo que ha, porque as suas ambições eram tudo que não ha.

«Eu entrei em casa do general como quem vae estudar o terreno de uma batalha infallivel. O meu orgulho dava-me de antemão os emboras do triumpho. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse alli, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros ciumes do conde, e indispôr a fina sensibilidade da condessa.

«A estrategia era torpe. Na presença d'aquella mulher os meus planos caíram. Olhou-me de um modo que parecia dizer-me: Recúa, miseravel! Recuei. Queimava-se-me a cabeça, cheia de phantasias ardentes, e doía-me o coração de máguas nunca sentidas, de esperanças, que me pareciam desenganos ao meu amor proprio... de ancias que não tinham desafogo sem ella, silenciosa e impassivel como um sarcasmo á minha vaidade, uma expiação das baratas vanglorias, que me dera a habil perfidia.

«Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lagrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos ternos, á compaixão pelos pobres, á meditação dolorosa e prestante para com os infelizes. A natureza, tudo isto que nos rodeia e nos não captiva um affecto, porque o tumulto de paixões sordidas nos separam do bello, pareceu-me formosa e esplendida de um reflexo d'aquella mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

«Estranhaes esta linguagem calorosa no velho de setenta e sete annos? A impressão deixou um sulco indelevel. Esta suave reminiscencia em minha alma é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lagrimas. Teria morrido, se a paixão succedesse á paixão. Não era possivel. Foi unica... O corpo envelheceu, mas o espirito nutriu-se para sempre.

«O conde de Viso era rancoroso inimigo do marquez de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu pae morrera, onze annos antes no castello de S. João da Foz,

onde tragou supplicios da invenção carniceira de Sebastião José de Carvalho.

«O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na intelligencia curta do conde. Nasceu d'ahi a sympathia com que elle me acolhia em sua casa, e a confiança inteira, que eu pude hypocritamente captar-lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de cevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe, mas que não era capaz de desaffrontar-se, face a face, das affrontas que lhe fizera Pombal nos salões do Paço, abraçou-me freneticamente, exclamando: — Amigo para a vida e para a morte!

«N'esse anno, era em 1777, morreu D. José. A noticia d'esta desejada morte implicava a quéda do valido. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando D. Maria o chamou a assistir á sua acclamação, na qualidade de gentil-homem da sua real camara, para que fora nomeado.

«O general partiu para Lisboa. A sua paixão unica era aquella. Realisavam-se-lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu as insignificancias do amor, que o rodeavam, olharia para a mulher como um impecilho ridiculo, se lhe dissessem que a levasse comsigo.

«Foi. D. Silvina despediu-se de seu marido com azedume, que elle não conheceu. Doeu-se da desconsideração, sem proposito, natural á rudeza do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

«Eu adivinhei-a. Felicitei-me de um triumpho e desabafei o desespêro, que acabára por pintar-me aquella mulher invencivel.

«A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Luctára contra o coração, contrariára-o nos impulsos, que a deviam finalmente... perder. Viu-me soffrer na humildade... soffrer calado, dando-me voluntario a maiores desenganos, ennobrecendo-me até de soffrer por tal mulher... Mas era fraca... sel-o-ha sempre toda a mulher, que combate dois poderosos inimigos... inimigos, sim, a indifferença do marido, o cansaço imprevidente da posse, os extremos do estranho, e o carinho mais fervoroso do desejo. Fossem ellas virtuosas até ao martyrio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas á tentação do amante... Renegariam, despojando-se das glorias do seu orgulho esteril; da sua consciencia, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Succumbem todas... Succumbem, padre Diniz, quando a paciencia do amante se aproveita das impaciencias do marido... Era assim o mundo, é, e sel-ô-ha sempre... Serão todas como aquella, quando uma verdadeira paixão, fertil de recursos, as inquietar na sua

tranquillidade semsabor, n'aquella sua intima ambição de viver com um outro homem, que lhes saiba colher as flores da alma, e não as aprecie sómente pelas fórmas exteriores...

## VI

«No fim de onze mezes o gentil-homem ordena bruscamente á condessa que parta immediatamente para a côrte. Sentimos o effeito de um raio. O general devia ter sido forçosamente informado por cavalheiros, vizinhos meus, reservados em velhos odios, e espiões solicitos da minha intimidade com a condessa. Em todas as cartas para sua mulher, o conde incluia uma para mim, ou uma qualquer recommendação, menos na ultima. A phrase d'esta era selvagem, imperiosa, e semelhante a uma ameaça. A partida da condessa, padre Diniz, era impossivel. A desgraçada não tinha defeza nenhuma. Occulta, ha tres mezes, aos olhos dos estranhos, como poderia apresentar-se em face de seu marido?!...

«A resposta, que o conde recebeu, escreveu-lh'a o seu mordomo. Participava-lhe o desapparecimento de sua esposa, aggravando o facto com a coincidencia de eu ter desapparecido, com cavallos, creados, e a maior parte da minha fortuna, que realisára em uma venda repentina.

«Assim fora. Recobrado do torpor em que me deixára a ordem do conde, pedi ao coração um conselho, um lance de coragem com que podesse reanimar Silvina. Foi instantanea a inspiração. Não a teria nunca, se aquella mulher não fosse a minha suprema alegria, a minha paixão nobre, tudo que sobre a terra póde impôr-nos o sacrificio da fortuna, do sangue e da honra.

«Disse-lhe que a sua vontade não podia obedecer ao general: respondeu-me que, antes de obedecer-lhe, tinha o recurso do suicidio. Senti, n'esse momento, a melhor sensação da minha vida. Realisára-se a esperança: um absoluto dominio sobre aquella mulher.

«Dois dias depois, da fronteira de Hespanha davamos a Portugal um adeus para sempre. Do meu patrimonio, tudo que eram bens livres, vendi-os por mais de cem mil cruzados. A minha felicidade era ella; mas em qualquer ponto do mundo, com aquelle dinheiro, encontraria a felicidade, que se compra.

«Silvina não quinhoava do meu contentamento. Em mim

era tudo expansão das intimas alegrias, de quem não tem no coração espaço para os outros desejos. N'ella, uma tristeza sombria, uma reconcentração muda, um scismar continuo, que parecia distrahil-a de mim, insensibilisal-a aos meus extremos de mimo e cuidado da sua felicidade.

«E, comtudo, eu não podia queixar-me do seu amor. Aquella tristeza era providencial. O grito do presentimento fallava-lhe mais alto que os meus alentos.

«Chegamos a Veneza, onde imaginei que o céo influiria na enfermidade moral da condessa. Viviamos obscuramente, com apparencias que não excitavam a curiosidade, sem estado, sem um symptoma que podesse denunciar a qualidade dos forasteiros.

«A melancolia da pobre senhora augmentava. Por fim, vieram as lagrimas, e as prophecias da sua morte proxima. Abraçava-me convulsivamente, e dizia-me: — Cêdo ficarás sem mim. Vou com a gloria de ter sido verdadeiramente amada; e deixo-te na consciencia uma voz eterna, a dizer-te que o mereci... Perder-me... seria pouco; não me sacrifiquei, porque indemnisaste o que fiz com muito amor. Por este amor, quero dar-te a vida... esta sim, que t'a dou... não tardará...

«Padre Diniz, bem vê que fallo, e choro francamente... Desculpe-me estas lagrimas... Na presença de outro, acho-as doces... sósinho, como as tenho chorado sempre... queimavam-me...

«Veio o momento da prophecia.

«Silvina, alvoroçada por uma dor que nunca sentira, e reconheceu ser a ultima, que devia sentir, revelou-me um segredo, que os medicos lhe revelaram a ella, quando seus paes a arrastaram ao casamento. Recebi-o cheio de terror! Communiquei-o ao primeiro, ao segundo, a uma junta de medicos, que chamei para ao pé do leito da minha voluntaria victima. Arrefeceram-me todas as esperanças, pelo gesto receioso com que me responderam. «Pois é impossivel salval-a? perguntei-lhes com as mãos erguidas. — Impossivel, não, me disseram elles. A sciencia faz milagres muitas vezes.»

«Agora, padre, compenetre-se d'esta agonia. Eu estava com os ouvidos collados á fechadura do quarto da minha infeliz amiga. Ouvia-lhe os gritos vibrantes, os gemidos suffocados á custa do peito que lhe estalava, as animadoras consolações de um medico, que ella não ouvia estorcendo-se no leito, que parecia desconjuntar-se... Ouvi tudo, padre Diniz... ouvi o meu nome... o nome, que todos ignoravam... D. Alvaro de Albuquerque!... Julgavam-a delirante quando eu entrei... Estendeu para mim os braços, debateu-se pendente do meu pescoço em convulsões freneticas... Mandaram-me retirar em

favor á salvação d'aquella senhora... Saí cheio de lagrimas e esperanças... Escutei ainda... Conheci, pelo tinido de ferros, que se tentava o derradeiro esforço... Os gritos redobraram mais agudos, e de subito enfraqueceram, até se ouvirem como gemidos abafados. Abriram a porta, e um medico me disse: «Faça entrar a mulher, a quem ha de ser entregue a criança, que felizmente está viva... — E ella? interrompi eu. — Morre, responderam sêccamente. — Esqueci a recommendação do medico; entrei no quarto; corri ao leito; vi Silvina com o rosto escarlate, banhado em suor frio, e os olhos fechados. Respirava, parecia mesmo que sorria... Chamei-a, respondeu em delirio, balbuciando o meu nome. Chamei-a de novo; repetiu o meu nome ainda. Bradei com afflicção «Silvina!» ouvi-lhe pela terceira vez pronunciar «Alvaro!» Estremeceu... arrancou um longo gemido, o ultimo, abriu os olhos, cobria-os uma nevoa branca... estendeu o braço direito, convulso, robusto do ultimo accesso de vida... Beijei-lhe a mão... Senti nos labios o frio de um cadaver... Estava morta.

«Padre Diniz, as minhas crenças religiosas nasceram n'aquelle instante. Sem Deus, ha punhaladas incuraveis. Não caí morto!... espantei-me da minha coragem, e conheci que não podia tel-a sem conforto do céo. Lembrou-me o suicidio... olhei em redor de mim, como quem procura uma pistola, um abysmo, e vi uma criança, que vagia ao peito de uma mulher.

«Fallo com um homem de intelligencia e coração. Concebá-me e condôa-se, sem que eu lhe conte os meus tormentos minuto por minuto. A desesperação abriu-me um inferno aos pés. Se me dissessem então que desafogasse o aperto da minha alma com orações... responderia com insultos á impotente piedade. Trovejavam-me dentro do coração todas as furias. Aquillo era a expiação mais atormentada que póde contar-se desde que a Providencia prepara o abysmo para os criminosos. Foi necessario convencer-me que o dedo de Deus estava alli... Foi necessario convencer-me de que luctava com Deus, para retrahir no coração as blasphemias inventadas para minha desesperação...

«Silvina dormia o somno eterno... Os sinos dobravam por ella, quando me retirei de Veneza. Meu filho vinha alli ao meu lado. Cheguei a Roma. O terror ia commigo. Debaixo d'aquelle céo arrastava-me, como reptil esmagado. Não tinha coração para nada, nem intelligencia que divertisse o meu espirito da sua angustia entranhada. Foi ahi, na basilica de Santa Maria dos Anjos, encostado á pia baptismal, procurando aturdir-me com a funebre toada dos orgãos, foi ahi que me feriu de repente o pensamento de ser frade. Não era o amor á religião, não era adjudicar-me aos cilicios, e á Thebaida

mortificada de jejuns e disciplinas... era a necessidade de realisar em mim a derivação da palavra *monge*... TRISTE E SÓ. Isto era maior valentia que o suicidio... Esta mortalha, que vesti ha cincoenta e quatro annos, tem mais heroismo que a covarde aniquilação de um corpo, incapaz de supportar as tempestades da alma.

«Concebi de um relance todo este drama de dores escondidas aqui, não sei ha que tempo, ha que seculos... O tempo da minha alma não se conta... Decrepito aos vinte e quatro annos, não sei como tem sido este durar... É um prodigio de organisação... um milagre, talvez...

«Dominava-me o indomavel desejo de voltar a Portugal... Queria o martyrio aqui no meio dos meus, mas só commigo... Parecia-me mais afflictivo este genero de insulação... Lembrou-me até bater á porta de Tibães; mas ahi era impossivel. O dom abbade era meu tio, conhecia-me, conheciam-me todos; e a alguns tiros de distancia estava o palacio do conde de Viso... Vim, sem fixar o tumulo onde devia sepultar-me... Antes de saír de Roma, procurei pela primeira vez um meu primo, encarregado dos negocios de Portugal. Denunciei-lhe a minha alma. Em vez de censuras captei-lhe a commiseração. Encarreguei-o de velar pela criação de meu filho. Deixei-lhe toda a minha fortuna, excepto o patrimonio com que devia entrar no convento. Pedi-lhe inviolavel segredo sobre o meu destino; parti, não direito a Portugal; fui a Veneza, recebi o cadaver meio dilacerado de Silvina, puz a meu lado aquelle cinerario de chumbo, vinha alli como um *memento* implacavel do meu crime... pesava-me no coração... Eil-o alli... é o meu genuflexorio... A lampada, que, durante a noite, alumia aquella cruz, treme sobre a cobertura d'esse caixão em sombras, que me fazem sentir aqui dentro o frio da morte... E isto todas as noites!... Levanto-me, ajoelho, oro com muita fé, chamo-a, reproduzo-a com todos os traços, vejo-a, quando era bella, quando era virtuosa, quando se contorcia no trespasse, suspensa no meu pescoço, quando livida e regelada, e cerrando para sempre os olhos, em que li o meu perdão... Ha cincoenta e quatro annos assim!... E vive-se, padre Diniz!... Vivo d'esta vida... Intitulam-me santo... querem-me para tudo que é tribulação de consciencia, invejam-me a santa paz da alma, pedem-me a sciencia, que encaminha ao céo... A mim, padre Diniz!... É este o mundo... Santificam-se assim os homens...

— Com vossa reverencia não se engana o mundo... — interrompeu o padre.

— Engana. A consciencia do justo não é perturbada...

— Pelo pezar de passadas culpas, é... e sempre.

— Aqui não ha só o homem, que foi, a flagellar o que é. Sinto desesperações... e a consciencia do justo espera sempre...

— Com resignação novos tormentos, que possam vir experimentar-lhe a coragem.

— Tenho-a para todos; mas não posso sofrear uma ancia toda d'este mundo... Por ella esqueço-me de Deus e do céo... É um desejo impotente, impossivel de realisar-se...

— Que deseja?

— O impossivel... não me adivinha?... Esqueceu a minha historia... não vê que deixei em Roma...

— Um filho?...

— Sim, o meu filho, o filho de Silvina...

— Pois não o deixou entregue a um seu primo?...

— Deixei. Correspondi-me com elle durante dois annos, com grandes intervallos... Ao cabo de dois annos, meu primo morreu quasi de repente, e com elle a unica pessoa sobre a terra que sabia da minha existencia. Eu não podia declarar-me, não podia escrever a alguem... e a quem? era frade... morrera para todos... Inventei um escrupulo de consciencia. Saí d'esta casa com o bordão de peregrino. Fui a Roma, achei-me enganado nas minhas esperanças, ninguem me conhecia. Fui a Veneza. Procurei a ama a quem fora entregue meu filho. A pobre mulher, quando me conheceu, não podia calar os soluços. «Morreu?— perguntei-lhe eu, com a serenidade da resignação. — Não morreu emquanto o eu alimentei ao meu seio, me respondeu ella. — E depois? — Não sei, dizia a chorar a unica pessoa que conhecia um coração de pae a bater debaixo d'este habito.

«— Não sabe? — lhe tornei eu anciosamente — pois não estava em seu poder meu filho? — Estava, mas, momentos antes de expirar o seu amigo, fui chamada á sua presença. Estava ahi um senhor, que recebeu o menino dos meus braços, e saíu. Nunca mais os vi... Ainda perguntei ao seu amigo se o menino me era tirado por eu não ser uma ama digna... Já me não respondeu... Morreu com o segredo do destino que levou o meu querido menino.

«Aqui tem o que é um mysterio afflictivo, insupportavel. A quem foi entregue meu filho? não sei! Quem me diz o que se ha passado em cincoenta annos, que pesam sobre este segredo? Ninguem, padre Diniz! Nem uma inspiração!... nem um vislumbre... nem a mais pequena suspeita!... Homem extraordinario, podeis levantar-me de sobre o peito esta barra de ferro, que me não deixa elevar a Deus um suspiro bem contrito dos meus crimes? Daes-me um longe de esperança, que me conforte até morrer, ainda que nunca se realise?»

No semblante de Sebastião de Mello transparecia o clarão do espirito que se illumina por força sobrenatural. Se os oraculos fossem verdadeiros, o aruspice, consultado nos grandes conflictos, devera annunciar a resposta por aquelle afogueamento de rosto, como acceso pelo jorro de luz, que lhe vinha do céo.

Frei Balthazar contemplava-o, e dizia na sua consciencia que o homem de Deus, o propheta, o santo, ia apontar o ponto do globo em que, a essa hora, se achava o filho de Silvina.

Fixavam-se com não sei que fascinação, que os assemelhava, na penetração dos olhares, a dois adversarios que se medem para arcarem em lucta rancorosa.

Depois da pausa, padre Diniz, com a mão direita na testa, como se os frontaes se lhe partissem, perguntou:

— Conheceu o marquez de Luso?

— Conheci.

— Sabe se esse homem, quando morreu seu primo, estaria em Roma?

— Deixae-me recordar... O marquez de Luso... estava!... Sei que estava... Foi enviado extraordinario a Sua Santidade para sanar as desintelligencias da Curia com o marquez de Pombal... Por que me fazeis essa pergunta?..,

— Sabe que destino teve, depois, o marquez?

— Esperae!... Sei... Terminadas as negociações foi mandado substituir em França o embaixador que caira no desagrado da rainha...

— Oh! Santo Deus!... — murmurou o padre, escondendo, como era costume seu, o rosto entre as mãos.

— Que é? — acudiu o dominicano, erguendo-se, e correndo para elle — Não me digaes meias palavras...

— Ainda outra pergunta...

— Dizei... depressa... oh!... fallae, por piedade...

— Que capital me disse vossa reverendissima que deixára para ser administrado para seu filho?

— Cem mil cruzados...

— Era só dinheiro?

— E algumas joias...

— Só?

— Só... não me recordo de mais nada...

— Não havia ahi um grilhão de ouro...

— Com um punhal...

— E na lamina — interrompeu padre Diniz, com os cabellos eriçados de enthusiasmo — e na lamina não tinha uma legenda esse punhal?

— Tinha... — tornou acceleradamente o frade — tinha... de um lado... *Mucio Scævola*, do outro: *morte a Porsenna*...

— Senhor! — exclamou padre Diniz, estendendo-lhe o braço trémulo.

— Dizei... ieis fazer-me outra pergunta?!

— Basta... É tudo que podia dizer-se, e saber-se...

— Pois quê?!... — balbuciou o monge, tomando o padre entre os braços — sabeis... conjecturaes que é possivel encontral-o?... Vive?... uma palavra vossa... uma só...

Deu-se um phenomeno, que o coração não explica. Padre Diniz não respondeu á ultima pergunta do frade. Olhou para a cruz, como a invocar o testemunho de Jesus Christo. Os olhos do dominicano instinctivamente seguiram os do clerigo. Sem se consultarem ajoelharam ao pé do caixão de chumbo, que formava a peanha do crucifixo.

— Oremos! — disse o padre...

Era um extase, sem murmurio... Um como quebrarem-se os vinculos do corpo para que a alma subisse a Deus... Correram minutos... De improviso, Sebastião de Mello estremece em convulsões, empallidece debaixo das vagas do suor, cáe com a face sobre o tumulo, e exclama:

— Minha mãe!...

## VII

O homem endurecido pelos desgostos pequenos, mas successivos, adquire tempera de coração para vencer a suprema das dores. Não cáe por fraqueza de alma. Póde sentir-se morrer de vagar em cada fibra; mas ahi, n'esse deslaçar dos vinculos da materia, não ha debilidade de espirito. O que morre é o corpo, cujas condições de vida não subsistem com a maceração incessante da alma. O homem, pois, que muito soffre, e não se furta ás dores, aniquilando-se, é a continuação do Filho de Deus sobre a terra; é porventura o eterno Christo expiando a primeira culpa do tronco verminoso da humanidade.

Na alegria é que o homem é para pouco. Não tem frieza nem superioridade de alma para abençoar os grandes lances de ventura; que o surprendem. A dor naturalisou-se-lhe na vida, converteu-lhe todas as aspirações em desalento, envenenou-lhe o ar que respirava, e tornou-o invulneravel pelo veneno. De subito fende um raio de luz as suas trevas. O ar puro de jubilos inesperados expande-lhe o pulmão em sorvos de esperança reanimadora. O homem então é fraco. A dor, que o não vencera, enervára-lhe o coração, não lhe deixára o

orgão do prazer, mata-o, porque o abandona, e porque a seiva, que alimentava esse homem, era o fel da desesperação.

Frei Balthazar foi assim. Quando o padre, inclinado sobre o cofre das cinzas de Silvina, invocava sua mãe, o dominicano ergueu-se como de um pulo, recuou com o pasmo e o terror nas immoveis pupilas, com as mãos convulsas afastava dos olhos o véo d'aquelle sonho, e dos labios, crispados nervosamente, apenas lhe caíra uma exclamação, que tanto poderia exprimir o jubilo como o terror.

Sebastião de Mello, volvendo o rosto a procurar o frade, cujas commoções não percebera logo, viu-o n'essa postura. Foi direito a elle, offerecendo-lhe o peito para abraçal-o. O frade recuava. Seguiu-o, pronunciando um nome que devia aquietal-o d'aquelle delirio, e o frade, encostado á parede da cella, com os braços estendidos, parecia afastar horrorisado o espectro que o perseguia. Padre Diniz assustou-se do resultado da impressão. Cruzou os braços diante de seu pae, esperando uma palavra, que revelasse o contrario de tristes suspeitas. Essa primeira palavra confirmou os desgraçados receios. Passados minutos, o frade soltava uma estridorosa gargalhada, e exclamava, entre frouxos de riso, particulares no idiotismo:

— Padre! vieste zombar do pobre velho!... Ha cincoenta e quatro annos que deixei em Roma uma criancinha, e appareces-me tu, velho de cabellos brancos, a dizeres que és meu filho!... Impostor!... O meu filho é uma criança de cabellos louros, olhos negros como os de Silvina, e tinha uns labios que vagiam como sua mãe suspirava. O meu filho... tu... o meu filho!... Por que te não lembras dizer que és el-rei D. Sebastião, que volta do encantamento em que o tiveram as fadas do Chrysus?!... Aproveita-te do *si vera est fama* do tumulo do rei, em Belem!... Diz que és elle...

Endoudecera. Padre Diniz, emquanto o monge com horriveis esgares acompanhava a zombeteira apostrophe, fixava os olhos na cruz, supplicando-lhe, como de recurso extremo, o remedio para tal conflicto.

Nos dormitorios ouvira-se a exclamação virulenta do monge. Pela primeira vez, era assim quebrado o silencio da alta noite. O prelado, avisado do extraordinario incidente, veio á porta da cella, e escutou. Dentro, era profundo o silencio. O frade caíra esvaído em uma cadeira, e padre Diniz contava-lhe as palpitações do pulso, como quem receia a morte depois da demencia.

O prelado, não querendo recolher-se sem averiguar o estranho successo, murmurou pela fisga da porta:

— Frei Balthazar sente-se incommodado?

Não lhe responderam. Repetiu, mais alto, a pergunta, e, suspeitoso da continuação do silencio, abriu a porta, como lhe era permittido, e entrou.

Ao mesmo tempo, o dominicano abria os olhos, e fixava-os pavidamente na physionomia do padre, e logo depois na do prelado, que parára perplexo diante do grupo.

— Que tem vossa reverencia? — perguntou elle, tomando-lhe carinhosamente a mão, que lhe offerecia.

A resposta foi uma lagrima e um sorriso.

O prior voltou-se para o desconhecido clerigo, e interrogou-o pelo acontecimento. Padre Diniz respondeu:

— Era necessario que frei Balthazar estivesse no uso da sua intelligencia para responder... Eu não posso satisfazer á pergunta de vossa reverendissima.

O frade cortou as instancias do prior com uma outra risada, mais significativa que a primeira, porque já não era o delirio de uma surpreza de felicidade; era a confirmação da loucura.

— Frei Balthazar está doudo? — perguntou o prelado a padre Diniz.

— Doudo... eu! — exclamou o frade, saltando para o pé do caixão dos ossos de Silvina — Doudo... eu!... por querer guardar este thesouro... (e apontava para o cinerario) o sepulchro do meu coração... este penhor que conservo ha cincoenta e quatro annos para legal-o a meu filho... Chamaes doudo ao velho, que vos póde dar lições na sciencia do soffrimento?!... Doudo!... Chamae-me antes desgraçado... rematae os meus supplicios, cuspindo-me n'estas cans... Cuspi... mas olhae que cada cabello branco, que me vêdes, é uma hora de vida golpeada, triturada, esmagada debaixo do pé de um demonio!... Cuspi... impios! que aquelles ossos heis de ouvil-os ranger no seio d'aquelle esquife de chumbo... Cuspi, phariseus da virtude, que todos os dias chegaes a esponja de fel e vinagre aos labios do manso cordeiro representado pelo bom em que soffre... cuspi...

— Frei Balthazar, — atalhou o prelado — olhe que falla com amigos... Não me conhece, não conhece frei João de Deus, o seu discipulo querido, como me chamava ainda hontem?

— Esse... morreu!... — balbuciou o dominicano, soluçando e passando pelos olhos a manga do habito.

— Não me conhece a mim? — interrogou padre Diniz, levando-lhe a mão ao coração.

— Conheço... Tu és o homem a quem eu contei a minha vida... Prometteste dar-me conta de meu filho, andaste por lá tantos annos, e ao cabo vieste dizer-me que meu filho era um padre de cabellos brancos, com as rugas da velhice na

face macilenta, com o lume dos olhos amortecido, e com o aspecto do malvado, que se faz interessante pela hypocrisia...

— Isso é verdade?! — interrompeu o prior, dirigindo-se ao padre.

— É verdade, senhor, que o filho de frei Balthazar é esse homem, que elle descreve, mas não é o malvado, que se faz interessante pela hypocrisia.

— Cada vez estou mais confuso!... — tornou o prelado — preciso que fallemos, snr. padre.

O frade, extenuado dos violentos embates, não susteve a postura vertical, que sustentára minutos a par com o caixão das cinzas. Viram-lhe o sangue arroixado do delirio escoar-se em pallidez repentina, as palpebras caírem, e os braços, como alquebrados, desceram a procurar encosto. Tomaram-o nos braços, transportaram-o á cella, onde esperavam encontrar um leito, e viram uma enxerga. Deitaram-o, pozeram-lhe um leigo á cabeceira, saíram, e recolheram a casa do abbade, onde conversaram vinte minutos.

Voltaram depois. Frei Balthazar dormia. Tristes visões deveriam povoar-lhe o somno convulso: de vez em quando resoava palavras inintelligiveis e soturnas d'aquelle som cavo, que aterra, quando vem quebrar o profundo silencio da noite. Padre Diniz com a alma atormentada no marulho das idéas excruciantes, que lhe restavam ainda na ultima scena da sua vida, cruzava os braços diante do espectaculo, que se lhe afigurava um sonho. A demencia de seu pae estava justificada pelo estranho abalo que elle, corajoso alvo de todas as impressões, soffria na razão. Admirava-se de si. Attribuia ao estado de Alvaro de Albuquerque a presença de espirito, que, por indemnisação, lhe concedera o Altissimo. Padre Diniz succumbiria, a não distrahir a sua força moral nos recursos inuteis para salvar seu pae.

Os medicos, chamados a curar o effeito da causa mysteriosa, capitularam de congestão cerebral o accesso. Sangraram copiosamente o ancião, que vivia mais pelo espirito que pelo sangue. Ao amanhecer, a lanceta, rasgando de novo as veias exhaustas do enfermo, abrira por assim dizer a sepultura ao moribundo.

Frei Balthazar não dava esperanças. Raro abriu os olhos para ver em redor de si a consternada communidade, que lhe beijava a mão, quasi gelada. As preces, no côro do templo, de hora a hora, supplicavam a Deus a vida do ultimo homem virtuoso como o primeiro frade. O povo de Santarem agglomerava-se na portaria, perguntando pela saude do pae, do bemfeitor, e apostolo. A ultima prece da communidade foi suspendida pelas badaladas da agonia. Rodearam o leito do

frade moribundo, que, só na insensibilidade dos paroxismos, consentiu um leito... para morrer. Acabava de ser ungido. O ministro da extrema-unção entoava: «Senhor Deus, misericordia!» e os circumstantes, afogados em soluços, respondiam: «Senhor Deus, misericordia!» Foi então qne o dominicano abriu os olhos. O seu semblante era sereno. Um clarão de vida, como ella é na robustez da adolescencia, illuminou-lhe o rosto. Por entre os labios, meio abertos em um sorriso, saíram as palavras: «Senhor Deus, misericordia!»

— Milagre! — exclamaram os monges. O moribundo fixou padre Diniz, acenou-lhe para a cabeceira do leito, e murmurou-lhe aos ouvidos estas palavras, tardias, entrecortadas pela necessidade de repouso em cada palavra que balbuciava:

— Morro... quando devia morrer... Precisava de entregar o meu deposito... Meu filho, herdas de mim os ossos de tua mãe... Aquelle caixão deve, por fim, entrar commigo na mesma sepultura... Cumprirás... não pergunto... sei que cumprirás o legado de teu pae.

Padre Diniz ajoelhou. O frade estendeu-lhe a mão sobre a cabeça... Quando a retiraram, estava fria.....

.....

Rezavam-se os responsos em volta do ataúde de frei Balthazar da Encarnação. O abbade empenhára-se com os prégadores da casa para recitarem uma oração funebre, que solemnisasse as exequias do santo varão. Não houve um frade, que tivesse animo para sustentar, quinze minutos, em palavras o sentimento, que só as lagrimas exprimiam.

Á hora em que devia surgir no pulpito o orador, que ninguem esperava, convergiram para alli todos os olhos. Viram, magestoso de incutir terror, enthusiasmo e devoção, o levita de vestes negras, os raros cabellos eriçados, a maceração no rosto e tremor convulso nos labios. Era padre Diniz.

Antes da palavra, vieram as lagrimas. Ás lagrimas succedeu a eloquencia dos gemidos, o hymno do anjo da dor cantado sobre o tumulo. Tremiam a sezão do fervente enlevo os que, mais corajosos, poderam ouvil-o. Alguns retiraram-se com o lenço nos olhos, e arquejantes no coração. A oração expirava, quando principiou o orgão. O padre demorou-se no pulpito com a fronte pousada no parapeito. Assustaram-se. Foram, e conduziram-o á cella, esvaído, como se, com a ultima lagrima, exhaurisse a derradeira gotta de sangue.

# VIII

Na *Praça da Alegria*, á porta de uma casa de tres andares, decorados de persianas verdes, e opulentos cortinados nas janellas, parou uma carruagem.

No mesmo quarteirão, á janella de uma casa de dois andares, com sacadas de páu, muito expressivas da debilidade financeira dos seus locatarios, estavam uma mulher de meia idade, e um homem de cabellos brancos, com a barba justamente apoiada sobre a cabeça da mulher, que fixava attentamente a pessoa que apeava da carruagem.

— É o mesmo das outras vezes... — disse a snr.ª D. Emilia do Loreto, recolhendo-se, ao que parecia, contente de satisfazer a sua innocente curiosidade.

O marido seguiu-a, desceu da testa para a base do nariz os seus oculos prodigiosos de metal, e abancou, continuando silenciosamente a sua tarefa de copiar musica.

— Tomára eu saber — disse elle, passados alguns minutos — que nos importa a nós quem entra ou sáe de casa dos vizinhos!...

Sua mulher, aparando hostias, que acamava em um cylindro de lata, não respondeu. O snr. Joaquim dos Reis, ao dobrar a folha do papel pautado, olhando por cima dos oculos para sua mulher, que não erguia a vista do seu trabalho, continuou:

— Sim... dizia eu que me importa a mim ou a ti que n'aquella casa das persianas verdes viva uma bonita rapariga, que é visitada todos os dias por um homem que não sabemos se é pae, se irmão, se marido, se amante?!

E a snr.ª D. Emilia calada.

— E o caso é — proseguiu o inexoravel — que me tenho deixado ir comtigo á janella, como se a cousa me désse muito que pensar! Valha-vos Deus, filhas de Eva... Haveis eternamente de convidar os filhos de Adão a comer do pomo prohibido!...

D. Emilia suspirou profundamente.

A leitora, ciosa das suas regalias do *dom*, custa-lhe a conceber a razão por que aquella mulher, que vive de fazer hostias, não ha de ser simplesmente a snr.ª Emilia, casada com o snr. Joaquim dos Reis, obscuro copista de solfa.

É por motivos que vamos annunciar-lhe.

D. Theotonio de Mascarenhas, monsenhor da patriarchal,

e filho segundo de uma das tres mais antigas familias de Lisboa, era o pae de D. Emilia do Loreto, de D. Antonia dos Prazeres, e (suppomos que era) de D. Maria Amalia. A mãe d'estas meninas era uma mulher de baixo nascimento, que principiára vendendo peixe na Ribeira Nova, que passára aos dezoito annos com uma barraca de fruta para a Ribeira Velha, e que se estabelecera aos vinte e cinco annos com loja de bacalháu á Conceição Velha, na casa que faz esquina para um bêco que conduz ao bairro de Alfama.

O estabelecimento de bacalháu, abundante e acreditado, revelava um rapido impulso, dado por favor estranho, ou milagre de Santo Antonio, aos cabedaes da snr.ª Anacleta, abaixo de mediocres. É que, a esse tempo, estava ella adscripta á poderosa fortuna de monsenhor, que a tomára como sua, desquitando-a, á custa de muito dinheiro, da posse de um beneficiado da sé, que a mudára dos linguados e tainhas da Ribeira Nova para as melancias e castanhas da Ribeira Velha.

Os do seu tempo diziam que a bacalhoeira era uma desenvolta mulher, capaz de encadear em uma apostrophe nervosa quantas obscenidades inventaram as gerações de peixeiras, que lhe legaram uma barraca na Ribeira. Acrescentam, porém, que não podia conceber-se mulher nem mais formosa, nem mais elegante.

D. Theotonio de Mascarenhas era invejado, e tinha orgulho de sel-o. Não escondia a sua paixão, nem sacrificava a vaidade da sua conquista aos brazões de seus avós, nem á dignidade ecclesiastica que exercia.

Só assim se explica a imprudencia, se não impudencia, com que elle perfilhava as filhas, lindas crianças, que a snr.ª Anacleta lhe dava, como frutos da sua fidelidade, porque, sejâmos francos, as duas primeiras eram o pae pintado na finura da organisação, e no bello castanho dos olhos vivos.

Mas eram tres, como já dissemos, as creaturinhas. A terceira (caprichos da natureza!) não tinha nem a delicadeza de fórmas, nem o orgulho scintillante das outras. Fatalmente, uma desastrada coincidencia veio afrouxar o favor paternal no coração do monsenhor. Fizeram-lhe indiscretos amigos acreditar que um espadaúdo capitão de cavallaria foi visto saír de madrugada pela porta trázeira da casa da snr.ª Anacleta. D. Theotonio, apaixonado amante, mas philosopho reflectido, espreitou umas poucas de madrugadas, e nada viu. O aspide da suspeita, ainda assim, tinha-o mordido. A farpa ficára-lhe na alma, e só o tempo poderia desencravar-lh'a. É justamente o que elle esperava, quando nasceu a terceira menina, que se não parecia com seu pae.

O prebendadô curtiu silencioso a affronta, que poderia, comtudo, não ser affronta. Fallou aos medicos, consultou a sciencia no seu gabinete, interrogou o phenomeno da geração, e quando viu que as respostas eram equivocas, e que os mais celebres medicos lhe davam como possivel a geração sem rigorosa semelhança de traços corporeos, o importuno accommodou-se. Ora, D. Theotonio, entre as virtudes que tinha, avultava na da imbecilidade moral, virtude austera mantida sempre na longa serie de seus avós.

Como quer que seja, não podia ser inteiramente superior ao dente do ciume. Com bons olhos nunca elle olhou para Maria Amalia, que a extremosa Anacleta lhe fazia dar pulinhos nos joelhos, e dizer *papá*, *chi chi*, e outras muitas meiguices, que o celibatario — o peior de todos os homens (isto é, o celibatario mais celibatario que o proprio padre) não sabe comprehender.

Maria tinha nove annos, e não fora ainda perfilhada. A snr.ª Anacleta, como boa mãe e solicita curadora do futuro de suas filhas, fallou pela primeira vez em perfilhação ao pae das suas fidalguinhas, como ella intitulava o monsenhor da Patriarchal.

A resposta não lhe quadrou. Aquelle sorriso, seguido do silencio peior ainda, irritou-a a ponto de pedir á sua memoria reminiscencias de uns certos discursos com que ella costumava conter em respeito as suas vizinhas, e os seus impertinentes freguezes do bacalháu.

— Então que celebreira é essa?— perguntou ella, cruzando os braços, e afastando uma perna da outra em postura graciosa, mas nada honesta. — Temos asneira? Fina vae ella!... Então esta é menos que as outras? Não queres ser o pae d'esta?

Este interrogatorio vinha perfumado de um recheio de palavras escolhidas, as quaes antes queremos que o leitor não as usurpe aos ouvidos exclusivos de D. Theotonio, visto que foram propriedade d'elle.

O fidalgo, enxovalhado pela franca Anacleta, retirou-se calado, como prudente inimigo de escandalos, na presença de suas filhas, a mais velha das quaes tinha quatorze annos, e a outra treze.

Desde esse dia, infausto para a tranquillidade, que reinára ao menos apparente, durante quinze annos, n'aquella casa, Anacleta retirou os seus carinhos ás duas filhas perfilhadas, e desvelou-se em mostrar ao monsenhor que a escolhida do seu coração era a mais nova.

Retirados os carinhos, vieram as violencias. As pobres meninas, educadas em mestra fóra de casa até aos onze annos,

não conheciam sua mãe, nas feições mais salientes do seu caracter. Descaídas da graça materna, viram-se a luctar com a antiga regateira. Aterraram-se, não ousavam queixar-se. O pae, supposto que palerma, era pae, e comprehendeu-as. Lembrou-se de as afastar da influencia da mãe; receiou, porém, perder o amor de Anacleta, paixão verdadeira que se enraizára n'aquelle coração fraco, humilde e incapaz de se revoltar contra a fascinação, que o agrilhoava á vergonha. Mas — pergunta a logica — por que não perfilhava elle a terceira filha? Por que não restabelecia a paz domestica, se não tinha provas bastantes da deslealdade da mãe?

Pobre homem! as provas vieram depois. Dois annos antes tinha morrido no hospital dos militares um major de cavallaria, que mandára restituir pelo seu confessor a D. Theotonio de Mascarenhas cem peças que lhe foram dadas por Anacleta, dinheiro que elle conscienciosamente sabia que era d'elle monsenhor.

Era nescio ou não era? Tinha ou não tinha razões para engeitar a bonitinha moçoila que se lhe apresentava como sua filha?

D. Antonia dos Prazeres, a filha segunda, exhausta de paciencia, queixou-se ao pae. O bemaventurado ouviu-a, e disse-lhe que se resignasse, porque a desobediencia era uma tremenda culpa no juizo de Deus. A pobre menina pediu forças ao Deus dos tremendos juizos, e esperou.

Qualquer das duas podia disputar a belleza de sua mãe. O que a mãe não podia disputar-lhes era a doçura suave das maneiras, o ar aristocrata, as elevadas inclinações d'aquellas duas almas, que se identificavam nas mesmas lagrimas, no mesmo conforto e nas mesmas esperanças.

Anacleta era uma furia. A entrada de D. Theotonio era sempre saudada com uma estrondosa salva de epithetos sonoros desde *pelitrão* até *patife*. O illustre descendente dos Mascarenhas, algumas vezes chorou, e muitas outras fugiu. Triste cousa era para as filhas a fuga do pae! A mãe procurava-as, cuspia-lhe na cara o fel que lhe sobejava, e entre as lisongeiras ameaças que lhe fazia, a mais suave era annunciar-lhes que haviam de vender peixe na Ribeira, como ella o vendera antes de se entregar a um monstro. Em honra da snr.ª Anacleta, seja dito que não confessou ás filhas que passára pelos braços de um conego antes de se entregar ao monstro, com a bagagem do conego, segundo diziam, e é provavel.

Deu-se um facto, que apressou o desfecho desgraçado que se annunciava n'aquella familia. D. Theotonio recolheu-se um dia ao seu quarto, abriu as suas gavetas, vasou sobre uma banca alguns sacos de cruzados novos, contou os rolos de

peças que tinha melhor acondicionados em um cacifro de charão, recolheu tudo, fechou tudo, e principiou a escrever.

Anacleta espreitava-o anciosamente. Se o espirito do clerigo não estivesse tão absorvido n'aquella operação, poderia ouvir as pulsações do coração da bacalhoeira. A mulher suava de afflicção. Duas idéas terriveis a dilaceravam... «Virá elle, movido por alguma nova suspeita, contar o dinheiro, de que eu tirei as peças para o capitão?... Mas o capitão morreu ha dois annos... É impossivel!... Então que é isto? Quererá tirar-me de casa o dinheiro, e as filhas que são d'elle... Então a minha querida Maria fica desgraçada... Não quero... não ha de ficar desgraçada... não ha de...

Aqui está o que fazia contorcer-se á porta do quarto a soberana do coração do monsenhor.

Passados quinze minutos, D. Theotonio dobrou o papel em que escrevera, collocou-o na gaveta do seu dinheiro, fechou-a, meditou alguns segundos, e saiu. Ao passar por Anacleta estendeu-lhe a mão, e disse-lhe suavemente: — Venho hoje ceiar comtigo.

— Como quizer... a panella não se augmenta — respondeu ella, sacudindo as saias, como quem se levanta da costura.

Mal o padre voltára para a rua dos Fanqueiros, Anacleta entrou no gabinete, e fechou-se por dentro. Abriu com chave falsa a gaveta, não tocou no dinheiro, e leu sofregamente o papel, que continha o seguinte:

«Apontamentos para o meu testamento.

«Tenho em dinheiro cento e oito mil cruzados, que serão assim divididos: quarenta mil cruzados para cada uma de minhas filhas Emilia e Antonia, que perfilhei por mercê régia de 16 de agosto de 1792, e 5 de setembro de 1804. Restam vinte e oito mil cruzados, que serão empregados em uma propriedade de casas, cujo usufruto deixo á snr.ª Anacleta dos Remedios, mãe de minhas filhas, e a estas por morte d'ella...» Seguiam-se apontamentos sobre suffragios, que a snr.ª Anacleta não leu.

Ai! pobre D. Theotonio de Mascarenhas!

A gorgona saiu com meia cara livida, e outra meia escarlate. O papel tremia-lhe nas mãos, e duas vezes fez uma careta horrivel, e ameaças de rasgal-o. O anjo máu susteve-a, e inspirou-lhe uma pouca de philosophia e reflexão.

Anacleta entrou no seu quarto. Atirou-se a chorar de raiva para cima da cama, mordeu o travesseiro, rasgou a coberta, e arrancou punhados de cabellos. A filha, a chorar ao pé d'ella, nem essa a distrahia. Depois de furia tornou a ser philosopha. Meditou, e o quer que foi lhe veio á cabeça, que lhe fez saltar pelos olhos faiscas de alegria feroz. Entrou cautelosamente

no gabinete do monsenhor, collocou o papel onde o acharam, fechou a gaveta e a porta, e veio sentar-se onde o beneficiado a deixára.

As duas meninas maravilharam-se, na sua agua-furtada, onde trabalhavam, quando sua mãe lhes mandou dizer que lhe viessem fazer um bocadinho de companhia.

Vieram a tremer da maldade que se mascarava, e encontraram-a risonha e affavel, como nos primeiros tempos da sua volta do collegio.

— Sentem-se, meninas. Vejo-as a fugirem de sua mãe como se foge de uma madrasta sem entranhas!

— Nós não fugimos...— balbuciou Antonia.

Maria, a mais nova, ia abraçar-se em suas irmãs, quando a mãe lhe disse colericamente:

— Venha para alli... não vá onde não é chamada...

— Deixe-a vir, minha mãe!...— disse Emilia — Que mal fazemos a nossa irmã, ou que mal nos faz ella?

Anacleta conheceu a sua impetuosa indiscrição, e disse á pequena:

— Vae, vae... eu estava a sondar se eram amigas de sua irmã mais nova.

— Por que o não seremos?!...— disseram ambas: e abraçaram-a com sincera ternura.

— Pois, filhas, bem mal nos tem feito a tqdas a desconfiança que eu tinha a seu respeito...

— Qual, minha mãe?— interrompeu meigamente Antonia.

— Pareceu-me que olhavam como de mais n'esta casa esta menina...

— Santo nome de Jesus!— disse Emilia — A nossa irmã, que beijavamos com tanto amor, quando vinhamos do collegio, anciosas por abraçal-a!... Não se lembra das guerras que eu tinha com a mana Antonia a ver qual de nós andaria com ella ao collo mais tempo?... A mãe é injusta no seu silencio... responda-me pelo amor de Deus... não se lembra?

A consciencia estava atormentando Anacleta. Aquella alma de tigre, na sua forçada atribulação, principiava a arrepender-se de ter chamado suas filhas, na vespera de um attentado horroroso. Para aquelles olhos não haviam lagrimas; mas, se podessem ver-lh'o, o coração estava negro. O resto de sensibilidade, da pouca com que viera a este mundo, doia-lhe de morte.

— Não fallemos n'isso, filhas... Contae-me as historias dos vossos livros, que eu não tenho tempo de aprender... Deveis saber cousas muito alegres...

— E muito tristes, tambem — atalhou Emilia.— Ainda ha

pouco estavamos lendo uma novella bem triste... A mana chorou bastante, e eu nem pude ler tudo.

— Que era? conta lá, Emilia... alguns amantes infelizes... ha tantos casos d'esses...

— Olhe, mãe... Havia um fidalgo de uma terra... como era, Antonia?...

— Não sei... é assim a modo de... não sei... é um nome de uma terra franceza, muito máu de dizer...

— Isso não importa...— tornou Emilia — era um fidalgo que encontrou uma rapariga de vinte annos muito bonita, mas muito pobre. Apaixonou-se por ella, e deu-lhe palacios, e brilhantes, e o coração, que valia mais que tudo...

— Quem te ensinou a dizer essas cousas?! — interrompeu Anacleta com azedume.

— É como ellas lá vem no livro... Se a mãe quer, não conto mais nada.

— Conta, conta... e depois?

— Depois, a ingrata esqueceu todos os favores que devia ao gentil-homem, escarnecia-o na sua ausencia, e demais a mais dava o seu coração a outro homem... Vê que maldade, mãe?

— E depois? — disse a mãe, alinhavando um lenço, sem levantar a cabeça.

— A tal Paulina... era Paulina, não era, Antoninha?

— Era, era.

— A tal Paulina tirava tudo que podia ao gentil-homem, e guardava-o... aqui é que nós não entendemos as palavras da novella.

— Como eram? — perguntou a mãe.

— Eu vou buscar o livro.

Emilia voltou com o livro aberto.

— Ora escute, mãe... é assim; eu leio: *A perjura sacrificava a fortuna do cego amante, que a arrancára do abysmo da penuria, em proveito do fruto da sua desleal perversidade, que viera á luz do mundo, durante um anno de viagens do gentil-homem.*

— Que quer isto dizer, mãe?

Anacleta estremeceu, e disse:

— Tambem não entendo.

— Que pena! — disse innocentemente Antonia.

— E vae depois...— interrompeu a mãe.

— O fidalgo voltou, e sabendo que sua amante era ingrata, reprehendeu-a, e lembrou-lhe a vil condição de que a levantára na cegueira do seu amor... Ai que tristeza, mãe!... Que horror!... n'essa mesma noite, estando elle a dormir, ella... cravou-lhe um punhal no coração...

— Cala-te, cala-te — bradou Anacleta, e fugiu como espa-

vorida de suas filhas. As meninas quizeram seguil-a, e ella fechou a porta do corredor, por onde ellas deviam passar.

Voltaram, olhando-se espantadas.

— Que seria? — perguntou Emilia.

— Talvez compaixão do desgraçado fidalgo — respondeu Antonia, que era um anno mais nova.

Emilia quiz sorrir-se como quem duvida, e ficou absorta no pasmo de sua irmã.

Pouco depois voltava a mãe com um castiçal. Não tinha um symptoma de lagrimas. Sentou-se tranquillamente a costurar. Emilia, com timidez, perguntou-lhe se estava incommodada.

— Não vês que estou boa? — respondeu ella.

Ouviram-se passos na escada, e na Conceição o toque das Avè-Marias. As duas meninas beijavam a mão de sua mãe, depois da oração, quando seu pae entrou.

## IX

D. Theotonio recebeu uma tão grata como inesperada impressão, quando viu as filhas ao pé da mãe. Desde muito que não as vira trocar uma palavra. Se acontecia jantar ou ceiar o prebendado em casa de Anacleta, as meninas corriam á mesa, mas não ousavam levantar os olhos do prato, para não encontrarem os terriveis olhos de sua mãe. Na ausencia do pae, nunca ellas foram chamadas. Recebiam os alimentos no seu quarto, e deviam a uma velha creada não sentirem fome e sêde.

O pasmo do monsenhor augmentou razoavelmente, quando viu a affabilidade com que Anacleta instava com suas filhas para se servirem de um appetitoso guisado de carneiro, que estava fazendo as delicias corporaes e espirituaes do illustre Mascarenhas. A doçura da snr.ª Anacleta, n'esta noite, chegava a todos. O proprio rival infeliz do capitão de cavallaria quinhoou dos raros afagos com que a reforçada e galharda bacalhoeira lhe fazia lembrar os saborosos dias da sua peccaminosa lua de mel.

Finda a ceia, retiraram-se as meninas a commentar a meiguice extraordinaria de sua mãe, e ficaram á mesa os paes, conversando em frivolidades proprias de ambos.

O venturoso fidalgo, no auge de gôso intimo em que se

embalava a sua alma não menos repleta de delicias que o seu estomago do chorudo carneiro, depurou o seu coração de um resto de fézes que lá o nauseavam desde o infausto dia em que a deslealdade de Anacleta era facto consummado. Era uma boa alma D. Theotonio. Sobejava-lhe em coração o que lhe minguava em intelligencia, isso sim; mas o coração era bom, e, sem elle, o dignitario da Patriarchal seria um santo, menos equivoco que S. Domingos de Gusmão e Gregorio VII. Quando as Dalilas são garbosas e bem lançadas como aquella decantada Anacleta, não ha Salomões virtuosos. D. Theotonio de Mascarenhas apaixonára-se em uma idade perigosa. Amores aos quarenta e quatro annos, são amores de toda a vida, e ludibriam o coração, que remoça com a cabelleira postiça e dentes emprestados.

As palpebras do monsenhor caíam voluptuosamente sobre os olhos piscos, quando Anacleta, recapitulando a ceia com o oitavo copo de vinho, o despertou da beatitude somnorifera.

— Aqui não se dorme, Theotonio... Estás como os caixeiros da loja?

— Tens razão, cruel, tens razão, vamos lá...

O bom homem levantava-se, esfregando os olhos rebeldes, e espreguiçando-se com sonoros bocejos, quando a bacalhoeira lhe atalhou a pacifica resolução, mandando-o ouvir.

D. Theotonio fixou-a com um olho, e pouco depois abria o outro, e pôz os cotovêlos sobre a mesa.

Anacleta fallou assim:

— Meu caro Theotonio, vamos conversar a respeito das nossas queridas filhas Emilia e Antonia. Não fizeste bem, mandando-as vir para casa, vae em dois annos. O que ellas sabem pouco é. Para coser, bordar e ler, isso aprendiam-o ellas em casa. Quando te disse que as mandasses para o collegio, sempre pensei que as mandarias aprender a tocar, como ha muitas raparigas por ahi, que não chegam aos calcanhares das nossas filhas. Eu não as quero para bacalhoeiras. São tuas filhas, perfilhaste-as, e quero que a sua educação condiga com o seu nascimento... Tu dormes?

— Se durmo!... Estou a ouvir-te, minha querida... e gósto de te ouvir fallar assim... Vejo que estás arrependida de as tratares asperamente, ha certo tempo para cá.

— É verdade... mas... mal remediado, mal passado... A este respeito é melhor dar um ponto na bôca, de parte a parte... Com aguas passadas não móe o moinho...

— Pois sim, Anacleta, o que foi, foi. Eu tenho feito o que faria um bom pae de familia para a paz e boá harmonia de sua casa. Tens-me tratado mal, tens sido má commigo, ingrata sem razão, e, não bastava ser infiel amante, foste má

mãe... Tenho calado commigo tudo isto; mas Deus sabe o desgosto que trago commigo, e que dará cabo de mim...

A snr.ª Anacleta baixára humildemente a cabeça, e parecia contar as migalhas de pão com o palito. O pacifico amante continuou:

— Calei-me, e morreria sem nada te dizer, se te não visse hoje arrependida. Anacleta, tu és a minha paixão, a minha familia, e tudo... Perdoei-te uma infidelidade como perdoaria um erro a uma de nossas filhas... Bem vês como sou teu amigo... O que eu mal podia perdoar-te era a impertinencia com que tratavas essas meninas, que nenhuma culpa tinham de ser minhas filhas... Hoje, ou eu me engano, ou o teu coração é outro. É por isso que te accuso para te perdoar. Sê minha amiga, não me faças amargar na velhice as imprudencias de rapaz. Pouco poderei viver; mas esse pouco queria-o viver á tua sombra, e com os teus carinhos. Agora diz o que quizeres, Anacleta.

A corajosa mulher ouviu impassivel as queixas do reconciliado amante. Cumpria-lhe, porém, o fingimento, e soube dar-se uns ares de pungida, que lhe não ficavam bem n'aquelle rosto de bronze. Passados os momentos de silencio, que o artificio exigia, respondeu:

— O que eu peço, Theotonio, é que as nossas filhas entrem em um collegio, onde aprendam a tocar piano, e outras prendas que são muito proprias em meninas do seu nascimento.

— Pois que vão. Graças a Deus, não lhes faltarão os meios, que os ha de sobra... bem o sabes... Agora, Anacleta, fallemos de outra cousa. Eu quero que essa menina, chamada Maria, e que eu não posso desgraçadamente chamar minha filha, entre no mesmo collegio, e receba a educação das outras...

— Não vae, não quero que ella vá... — atalhou Anacleta, accusando na voz e nos olhares a cólera que lhe não cabia no coração.

— Por quê?... não me dirás?

— Porque não. Maria, já o disseste tu, não é tua filha, não a perfilhaste, e eu não quero que ella tenha a agradecer favores ao pae de suas irmãs. O que eu tinha quando vim para a tua companhia, pouco é, mas esse pouco é d'ella. Será bacalhoeira como sua mãe, e não saberá que tem irmãs fidalgas. Não as quero juntas; é preciso que se não vejam, para se não invejarem depois... Cada qual siga o destino que lhe dá o seu nascimento....

O monsenhor julgou o arrazoado da illustrada peixeira como um heroismo digno dos tempos classicos da mãe dos Gracchos, unica mulher que elle conhecia da historia antiga. Na gran-

deza d'aquelle sacrificio viu o cândido Theotonio a expiação a que a contrita mulher se sentenciava na pessoa de sua filha, fruto amaldiçoado da deslealdade. Nunca tão fervorosa lhe fascinou a idolatria a snr.ª Anacleta dos Remedios! Á vista de tal abnegação, D. Theotonio lembrou-se da progenie dos Mascarenhas, cuja tradição era abundante em repentes heroicos e lances imprevistos. D. Theotonio ergueu-se, como se o hombro de um gigante o lançasse fóra da cadeira. Estendeu o braço como S. Vicente Ferrer, que elle admirava no côro da Patriarchal, e exclamou:

— Anacleta, a tua filha, depois da minha morte, terá igual quinhão de fortuna com as minhas filhas!

O dramatico Mascarenhas deu no raso da comedia humana, quando a fula Anacleta, tambem de pé, lhe agradeceu assim a magnanimidade:.

— Não aceito semelhantes esmolas. Já te disse que minha filha não aceita favores. Pobre ha de sel-o; mas agradecida ao pae de suas irmãs, isso não... E não fallemos mais de Maria! Emilia e Antonia quero que vão ámanhã para o collegio. A minha ha de ir para onde a mandar sua mãe. Não é filha de fidalgo, mas... seu pae não consentiria que ella recebesse esmolas...

D. Theotonio perdeu a cabeça, e interrompeu:

— Mas elle precisava d'ellas...

— Elle!... elle!...— bradou Anacleta, estremecendo na sezão da raiva.— Responda, su biltre!... quem precisava de esmolas?... o pae de minha filha?!

O monsenhor estava aterrado. Seccou-se-lhe a saliva na lingua, e não pôde responder. Entre as variadas sensações que experimentou, predominava a do mêdo. Diante d'elle estava uma cara transfigurada pela cólera. Saltavam uns olhos, que pareciam duas ginjas garrafaes. Era a primeira vez que elle via arquejarem como dois folles as azas do nariz da snr.ª Anacleta; e não só arquejavam, fumegavam, que é mais extraordinario ainda. Pobre homem! se se não senta, cáe apopletico e desastradamente aos pés da Margarida de Borgonha da Ribeira Nova!

Anacleta retirou-se precipitadamente, quando ouviu os passos das duas creadas, que acudiam aos gritos desentoados de sua ama.

Encontraram no pasmo da sua dor o infeliz quinquagenario. Perguntaram-lhe o que acontecera, e elle, arrancado ao seu torpor, pegou do chapéo, e saíu com as lagrimas nos olhos.

Se a demasiada imbecilidade excita a compaixão D. Theotonio de Mascarenhas era digno d'ella.

## X

Em casa da snr.ª Anacleta dos Remedios, á meia noite, duas horas depois que o beneficiado saíra, adormecera tudo, menos ella. Chorava de remorsos? Não. Vexava-se da indole rancorosa com que a educação a dotára? Longe d'isso: assoberbava-se.

Abrindo cautelosamente a porta do seu quarto, escutou. Certificada do silencio, apenas alterado pela gata impaciente fóra da cama de sua dona, saiu ás escuras, desceu as escadas, bateu de mansinho na porta interior que se abria para a loja do bacalháu, e esperou. Momentos depois, abriu-se a porta, e a pessoa que, tão depressa, veio ao chamamento, seguiu, escada acima, a snr.ª Anacleta.

Á luz do quarto, onde entraram, podemos ver a nova personagem. Era o caixeiro mais antigo da loja: um rapazola de trinta annos, cara avinagrada, olhos pequenos e piscos, nariz quadrado, queixo inferior rombo e vermelho como o bordo de uma pingadeira. No resto era estupidamente regular. A snr.ª Anacleta, fechada subtilmente a porta, sentou-se na cama, ao lado do caixeiro, e disse affavelmente:

— Joaquim, vamos fallar do nosso futuro. Nunca te fallei n'isso, mas o que ha de fazer-se ao tarde faça-se ao cêdo.

— Vamos a isso — disse o snr. Joaquim, arregalando os olhos, e botando a lingua de fóra, costume pessimo que já a snr.ª Anacleta quizera inutilmente corrigir-lhe.

— Se eu quizesse casar comtigo...

— Era logo... — atalhou o alvar, dando uma palmada na perna da patrôa.

— Olha que a perna é minha... Escuta, meu grosseirão...

— Então que é?

— Quero casar comtigo...

— É o fidalgo?

— O fidalgo... — balbuciou a bacalhoeira — o fidalgo...

— Sim... a patrôa quer deixal-o?

— Por ti, deixo...

— Essa é boa! Então, pelos modos, isto é dito e feito!

— Espera.

Anacleta pensou um momento. Levantou-se... Tirou do fundo do bahú tres chaves, pegou no castiçal, e disse a Joaquim que a seguisse muito de vagar.

Foram. Anacleta abriu a porta do gabinete do monsenhor;

abriu, em seguida, a gaveta do dinheiro, chamou Joaquim, disse-lhe que tirasse o cofre de charão, abriu-o com a terceira chave, reparou no pasmo soez e brutal do caixeiro, e disse-lhe quasi ao ouvido:

— Sabes que dinheiro aqui está?... Cento e oito mil cruzados.

— Ui! — exclamou o caixeiro, abrindo os olhos e alongando os beiços no prolongado som d'aquella syllaba — Isto é seu, patrôa?

— Não. Isto é do fidalgo... mas póde ser nosso, se quizeres ser meu marido...

— Póde?! então como?!

— Fechemos isto, que ainda não é nosso...

— Deixe-me ver mais um bocado... — dizia o idiota, fascinado sobre os cylindros das peças.

— Já viste... levanta... põe aqui... bem... agora fechemos tudo... anda... de vagar... vamos para o meu quarto.

— Joaquim, — disse a snr.ª Anacleta — sabes que d'aqui a dias o dono d'aquelle dinheiro abandona esta casa, levando o dinheiro para a d'elle?

— Oh!... isso é o diabo!...

— E, se elle o faz, acaba o meu estabelecimento, fico pobre, e o nosso casamento não se faz. Que achas tu que devemos fazer?

— Eu sei cá?... É não casarmos... Mas isto do dinheiro sair para não tornar, sempre lhe digo que é má obra, patrôa! Cento e oito mil cruzados já é dinheiro... Então o homem desarranjou-se, pelo que vejo, cá em casa.

— É verdade... E foi por tua causa...

— Essa é muita boa!...

— Suspeitou das nossas relações, e quiz que eu te despedisse. Zanguei-me, bati-lhe o pé, berramos a bom berrar esta noite, e elle retirou-se, dizendo que de quarta feira em diante nada tinha a fazer n'esta casa. Hoje é segunda, ámanhã ou depois vem elle buscar o dinheiro, e depois, Joaquim, eu fecho a loja, porque tenho dívidas, e não posso pagal-as, se me falta a protecção d'esse monstro.

— A fallar a verdade, não sei o que se ha de fazer...

— Que miseravel resposta me dás, ingrato!... Vou ficar desgraçada por tua causa, e a paga que me dás é dizer que não sabes o que se ha de fazer... Valha-te o diabo, papalvo, nem ao menos sabes ser bom para ti!

— Então que quer, patrôa? Diga lá o que se ha de fazer, que eu da minha parte não sou homem de... sim, quando é necessario ser homem vou com a cara p'ra diante.

Anacleta, reanimada pelos eloquentes brios do snr. Joaquim,

aventurou-se a apresentar o programma do seu plano, concebido em poucos minutos.

— Eu vou dizer-te uma cousa, Joaquim. Se estiveres pelo que te disser, muito bem; se não estiveres, mal servido estás commigo. Todo o amor que te tenho, muda-se em raiva!...

— Se Deus quizer não ha de ser assim, patrôa. Falle com toda a franqueza, e conte com a minha affeição.

— Escuta. Só temos um meio de sermos ricos, casados, e felizes para toda a vida. É necessario matar este homem.

Joaquim parecia atacado subitamente de cólera! Eriçaram-se-lhe os cabellos. Secaram-se-lhe os beiços, e suava da testa um liquido semelhante a gema de ovo. Anacleta viu n'aquella cara a reprovação do crime premeditado. Olhou-o, e sentiu-se, um momento, horrorisada tambem. A idéa sanguinaria estava no seu desfecho; a realidade não podia escapar-se quarenta e oito horas, e a hyena, farejando o sangue, comprehendeu de um relance que era tardio o arrependimento. O segredo fora revelado a um covarde. O caixeiro era indigno de figurar no plano faccinoroso. Tudo isto ella viu e conheceu; mas para tudo era impossivel o remedio. Que recursos, n'aquelle aperto, lhe segredaria o demonio? Os extremos.

Anacleta avançou para o caixeiro um passo, e murmurou-lhe ao ouvido estas palavras:

— Olha... que elle ha de morrer... isso ha de. Se me não auxiliares, não importa... eu sou capaz de o esganar a elle com um braço e a ti com outro... Se disseres uma palavra a tal respeito, nem no inferno escaparás. Com cento e oito mil cruzados sou capaz de comprar a tua ultima gotta de sangue... entendes-me, Joaquim?

Cada vez mais brutificado pelo susto, o livido caixeiro não tinha já esperanças de saír inteiro d'aquelle quarto. Anacleta contorcia-se em esgares diante de um homem de gêlo, que não reprovava nem aceitava as condições do homicidio. Era preciso tentar outra brecha.

— Joaquim,— disse ella com menos fogo — ouve-me. Eu não quero que tu o mates, não. Quero ser eu sósinha, eu só, a que me vingue, e te vingue a ti, homem de lama, que não tens alma para nada. O que tu has de fazer é muito pouco, para tudo ganhares; escuta-me...

A bacalhoeira foi interrompida por tres pancadas fortes na porta da rua, e tres menores seguidas á ultima. Era o signal de D. Theotonio de Mascarenhas. Anacleta alvoroçou-se, empurrou o caixeiro, fechou-se por dentro, recolheu-se á cama, e apagou a luz.

Bateram de novo. As creadas acordaram; reconheceram o signal, e foram abrir a porta.

O monsenhor subiu até ao quarto de Anacleta. Bateu mansamente; a porta foi-lhe aberta.

— A esta hora?! — perguntou suavemente Anacleta.

— A esta hora, minha amiga. Accende-me uma luz: quero que vejas no meu rosto quanto tenho soffrido.

— Soffrido?! É boa essa!... E por quê?

— Porque te magoei, Anacleta... Venho pedir-te perdão... Eu não devia lembrar-te cousas passadas. Tiveste um erro, mas em bom panno cáe uma nôdoa. O teu coração é bom; e eu é que fui cruel em mortificar-te... Anacleta, perdoas-me?

O prebendado caiu de joelhos ao pé da cama da bemfeitora do capitão de cavallaria, e soluçava aos cincoenta e oito annos, como aos dezoito a sensibilidade costuma fazer chorar aos pés de uma mulher aquelles que lhe dão um immerecido soffrimento.

A cara bronzeada da bacalhoeira viu tudo aquillo serenamente. O monsenhor, finda a apostrophe lacrimosa, levantou-se, como perdoando-se a si proprio, e teve o inesperado desembaraço de sellar o novo pacto de alliança com um beijo, que a snr.ª Anacleta recebeu immovel e silenciosa.

— Conto com o teu perdão, minha querida? — replicou D. Theotonio.

— Faz favor de me deixar?— disse ella, virando-se para a parede — Isto são horas de dormir... ámanhã fallaremos em perdões...

— Adeus, Anacleta... é uma hora... desde as dez não tive um minuto de repouso... vou mais socegado. Dorme em paz, minha amiga, e até ámanhã... Virei almoçar comtigo, sim?

—Venha quando quizer... esta casa é sua...

D. Theotonio apagou a luz, e saíu. Levava outro semblante, e alliviára o coração do peso do remorso.

Seguras as portas, Anacleta levantou-se. Desceu as escadas que descera ha pouco, entrou no quarto do caixeiro, e fechou-se por dentro.

Era necessario não abandonar a si proprio o «homem de lama». A vinda do monsenhor tolhera o relatorio do programma, em que Joaquim era isento de perpetrar o homicidio directamente. Iam ser feitas novas propostas. Receiosa do resultado, Anacleta desceu com um punhal no cós da saia branca.

## XI

Ás dez horas da manhã do dia seguinte, recolhia de fóra Anacleta, e dizia a suas filhas que arranjassem os seus bahús

para entrarem em um collegio, depois de jantar. Ao mesmo tempo mandava preparar as duas creadas para acompanhal-as e ficarem com ellas, visto que não queria suas filhas menos respeitadas que as dos condes e marquezes, que as mandavam entregues aos cuidados das suas aias. Esta nova foi recebida com immenso prazer pelas meninas e pelas creadas. D. Theotonio, que se achava presente, esperando Anacleta desde as oito horas, compartia do geral contentamento.

As meninas abraçaram seu pae, chorando, e fizeram valer as mesmas lagrimas para sua mãe, que não seria capaz de merecer-lh'as. Habituadas a temel-a, odiavam-a, por fim, e envergonhavam-se de terem nascido de tal mulher.

O contrito Mascarenhas, n'esse dia, acarinhava Anacleta como nunca. No sorriso d'ella, carinhoso tambem, traduzira o prebendado litteralmente o seu perdão. Não só almoçou, mas jantou com as filhas, e, distrahido com os jubilos da sua reconciliação, nem tempo teve de sentir a ausencia das pequenas.

O que mais cuidado lhe dava era ver Anacleta fazendo o serviço da casa, porque as suas creadas não tinham sido logo substituidas. Elle mesmo quiz procural-as; mas não lh'o consentiu a energica bacalhoeira, que parecia rejuvenescer no seu elemento, quando na banca da cozinha escamava uma pescada.

Na ausencia de D. Theotonio, que principiava a importunal-a com os seus beijos á traição, Anacleta saiu, e demorou-se uma hora. Voltando, deslacrou uma garrafa de vinho, desarrolhou-a, vasou-lhe dentro um pequeno vidro de liquido pardacento, vascolejou a garrafa por muito tempo, lacrou-a outra vez, enfileirou-a na garrafeira, contando as que lhe ficavam antes, para evitar um engano.

O que aquella garrafa continha, além do vinho, eram duas onças de morphina.

Ao anoitecer, Anacleta desceu á loja, fallou com o caixeiro alguns minutos, e subiu a fazer a ceia, cantarolando a *Maria Cachucha*, cançoneta valída, em que a garbosa moça *pimpára* na Ribeira Nova.

Ao mesmo tempo, Joaquim, industriado pela ultima entrevista que tivera com a patrôa, chamou dois gallegos da esquina proxima, aos quaes disse:

— Estejam promptos ás onze horas da noite para levarem alli ao Tejo uma barrica de bacalháu pôdre.

D. Theotonio de Mascarenhas, mais anafado que nunca, appareceu de subito na cozinha, quando Anacleta frigia a ultima posta de pescada. Ria-se jubilosamente a physionomia do monsenhor, quando a bacalhoeira assustada, ao volver o rosto, encontrou os labios emboscados do carinhoso amante.

— Ai... que graça tão tola!... — resmungou ella, entornando a certã no fogão, e limpando a face ao avental — Já podia ter juizo! — continuou, com esgares e arremessos, que deixaram o pobre homem como paralytico, encostado á capoeira.

— Que coração tu tens, Anacleta!... — murmurou o lastimavel fidalgo — Quem te viu, e quem te vê!... Achas-me velho, sem juizo, sem graça, tolo, emfim nada valho para ti!... Ora, pois... Deus te não castigue, assim como eu te perdôo...

— Deixemo-nos de lagrimas... Leve o diabo paixões, e quem com ellas medra... Vamos ceiar, e estão as pazes feitas.

Dito isto, a snr.ª Anacleta conduziu para a mesa uma travessa de peixe frito, e uma terrina de alface, emquanto a vergontea do venerando tronco dos Mascarenhas ia adiante com o candieiro de quatro bicos.

O beneficiado tinha uma excellente organisação, e a melhor das almas para viver n'este mundo. Comia com famelico appetite, e poucos segundos roubava á deglutição para responder ás meigas graças de Anacleta.

— Abre uma garrafa d'aquelle que nós sabemos — disse o monsenhor, piscando o olho profanissimo á gentil conviva, que lhe estava tocando na perna, ao que deve colligir-se das caretas um pouco lubricas do grande dignitario da Igreja.

Anacleta abriu a quinta garrafa, encheu o copo de D. Theotonio, e tambem o seu.

O folgado velho virou o copo, como saboreando a ultima gotta.

— De velho está azedo! — disse elle, franzindo o nariz.

— Já notei isso... — disse Anacleta — Este vinho parece-me que está estragado.

— Enganas-te. O vinho é excellente; o meu paladar é que não está bom. Vamos ver se o segundo se dá melhor commigo que o primeiro.

Vasou segundo copo. Embuchou a quarta posta de pescada, e preparava-se para aggredir terceira vez a garrafa, quando a mão lhe caiu insensivelmente sobre o copo.

— Que é? — perguntou Anacleta.

— Não sei... estou bebedo... parece-me que vou dormir...

A criminosa sentiu o primeiro abalo de remorso, quando viu sensiveis os primeiros effeitos do veneno. Fugiu do quarto e entrou no de sua filha, que dormia desde as Avè-Marias. Como se precisasse de um ente vivo que a protegesse do terror que a desalentava, abraçou-se á menina de onze annos, que abrira para sua mãe os olhos pávidos.

Apenas separada por um repartimento de tabique, passava-se na saleta proxima uma scena horrivel.

D. Theotonio ergueu-se da cadeira com os olhos anuviados, e estendeu os braços sobre a mesa, procurando Anacleta para o conduzir á cama. Chamou-a com voz rouca, arrancada violentamente ao torpor geral, que o fez caír de bruços sobre a mesa. As pupillas, opiladas, saíam-lhe fóra das orbitas. Um suor repentino inundou-lhe a face, contrahida em todos os musculos de um amarello côr de ocre. As ancias eram dilacerantes, mas não vomitava. Corriam-lhe convulsões por todo o corpo, e nas orelhas, que tremiam, em titilações significativas de congestão, estavam visiveis os symptomas de morte apoplética.

Esta penosa lucta, sem um grito, sem esperança de soccorro, durou vinte e cinco minutos. Anacleta escutava; ouviu um como rugido suffocado na garganta por uma corda, e esperou meia hora. Nem mais um gemido.

Trémula e pallida, abriu vagarosamente a porta, onde acabava de expirar o pae de suas filhas. Viu um cadaver estendido de bruços, ao longo da mesa, com as mãos fincadas nas costas da cadeira em que Anacleta estivera sentada.

Recuou, e desceu á loja.

Eram nove horas e meia.

O caixeiro esperava-a ao fundo da escada.

— Joaquim,— disse ella com a voz espavorida — vae lá acima... Se és meu amigo, não me faças entrar mais onde elle está.

— Pois elle... já morreu? — perguntou o caixeiro maravilhado.

— Já...

— Então isso foi dito e feito!... Eu não ouvi tugir nem mugir!... Estará elle a dormir?!

— Não está, não. Vae tu lá... anda, Joaquim... Tu disseste-me que fazias tudo, depois que elle morresse...

— E faço... A minha palavra não torna atraz...

— Mandaste o rapaz para fóra?

— Disse-lhe que fosse ver a mãe ao Campo Grande. Estamos sós... Não ha que temer.

— Então vae, que eu vou para o quarto da pequena, que está a chamar-me.

O caixeiro entrou na casa de jantar. Tomou-o um terror estupido, quando viu a postura de D. Theotonio. Fez passar diante da sua imaginação cento e oito mil cruzados para reanimar-se. Esteve com o ouvido quasi collado aos beiços do cadaver. Certo de que não respirava, sacudiu-o tres vezes, e encontrou sempre uns braços hirtos, e uma cara salpicada de manchas côr de violeta. Pegou no morto, atirou-o sobre o hombro direito, e desceu ao seu quarto. No meio da escada,

sentiu o que quer que foi, deixou caír dos hombros o cadaver, que rolou até ao patamar, abrindo com a cabeça a porta do quarto de Joaquim. Anacleta soltou um grito, quando ouviu este ruido. Quiz correr á escada, mas não teve coragem... «Estaria vivo?!»—disse ella comsigo, ferrando os dentes freneticamente no beiço inferior.

O futuro marido da bacalhoeira veio á casa de jantar buscar uma luz. Desceu até onde o cadaver continuava na sua immobilidade, e acreditou facilmente que se aterrára sem motivo. E tinha razão. O que o assustára fora a derradeira contracção da materia, que é, para assim dizer, os ultimos vinculos da organisação a estalarem. Animado por um novo olhar da imaginação sobre o cofre dos cento e oito mil cruzados, arrastou para dentro do seu quarto o cadaver. Estava alli uma barrica, e ao pé uma rima de bacalháu. Tomou ao alto o morto, e fel-o caír sobre a bôca da barrica. Contra as suas esperanças, o cadaver ficou encalhado sobre as bordas da barrica, e não se dobrava aos esforços do musculoso caixeiro. Meditou instantes, coçando a cabeça. Como felizmente inspirado, correu á loja, veio com uma grossa tranca de ferro, deixou-a caír de alto com toda a força sobre os joelhos do cadaver, e reconheceu que o seu expediente foi bom. Quebradas as pernas, o tronco resvalou no fundo da barrica, e os pés ficaram de fóra. O habil Joaquim, pela segunda vez pensador, venceu a difficuldade, forçando os pés a cruzarem-se debaixo do pescoço, deixando na barrica dois palmos livres, para encher com bacalháu.

Feito isto com inesperada perfeição e rapidez, Joaquim subiu ao quarto onde Anacleta conversava com sua filha a respeito de Emilia e Antonia. A pequena chorava de saudade por ellas, e pedia a sua mãe que a deixasse ir visital-as no dia seguinte.

Anacleta viu o caixeiro, que lhe acenava da porta, foi a tremer, e esperava alguma nova aterradora, quando elle lhe disse com a mais revoltante serenidade:

— Está prompto tudo, e ficou como se quer. Que horas são?

— Quasi onze.

— Então, Tejo com elle, sim?

— Está visto... Depois, Joaquim, has de vir para ao pé de mim, que tenho mêdo de estar aqui sósinha, sim?

— Mêdo de quê? Quem vae não torna... Tenha cá uma garrafa do chôco, e até já.

Entraram os gallegos no quarto do caixeiro, e levantaram a barrica. O caes está defronte, a trinta passos. Joaquim acompanhava-os. O guarda do fisco, que estanceia n'este caes,

vira abrir a porta da rica bacalhoeira, e saír a barrica. Não fez reparo; apenas disse ao caixeiro que não havía ordem para deixar despejar alli á beira do Tejo as barricas do bacalháu pôdre: que fretassem um barco, e a levassem ao meio do rio. Um barqueiro, que ouvira do bote, em que se deitava, esta ordem, offereceu-se para levar a barrica á corrente. Entrou a barrica e o caixeiro no barco. Os gallegos ficaram em terra, esperando Joaquim para lhes pagar.

— É aqui — disse o barqueiro.

— Então, ajuda-me a levar a barrica.

— A barrica tambem vae ao fundo?

— Tambem... que me importa a mim a barrica? Tenho lá muitas, e a patrôa não dá pela falta.

— Assim a cousa vae mais depressa, — disse o barqueiro, pegando de um lado da barrica — upa!... arriba... Vá... agora vira... bem... deixa caír...

— Espera... espera... — gritou o caixeiro.

Era tarde para esperar. Um arco da barrica estalára quando descaíra para o rio. A extremidade do arco quebrado mettera-se entre o colête e a camisa do caixeiro, de modo que a barrica precipitada não lhe deu tempo a desencravar-se do arco, e levou-o comsigo.

O barqueiro gritou por soccorro, e esperou que á tona da agua apparecesse o afogado. A superficie da corrente fechára-se, e apenas em redor alguns peixes alvoroçados saltavam á flor da agua.

Anacleta ouvira grande ruido na rua. Corria de quarto para quarto com os cabellos arripiados, e o delirio do terror a chammejar-lhe nos olhos.

— Estou perdida!... Joaquim não vem... Está já preso... Esta bulha na rua a tal hora quer dizer que encontraram o morto na barrica...

Augmentou o pavor, quando bateram á porta com força.

— Que farei? Se não appareço, denuncio-me!... Ah!... já sei o que hei de fazer!... Se me quizerem prender... envéneno-me... antes a morte...

Continuavam as pancadas na porta. Anacleta alentou-se de um desafogo artificial, que mais a denunciaria, se viessem alli procurar o rasto do crime. Abriu a janella, e perguntou:

— Quem é?

— Snr.ª D. Anacleta, — disse uma voz — saberá que o snr. Joaquim morreu afogado...

— Afogado! — bradou ella.

— É verdade. Quando atirava com a barrica á agua, embelinhou-se n'ella, e foi p'ra diante, sem o barqueiro lhe poder valer... Agora se faz favor de nos mandar pagar...

— Pagar o quê?

— Os carretos. São quatro vintens; nós somos os gallegos que levamos a barrica; bem podia dar mais um pataquinho, que o demo da barrica parece que levava dentro o diabo, Deus nos perdoe. .

Ás lamentações succedera uma gargalhada geral nos grupos, que se ajuntavam a syndicar o acontecimento.

— Vinde ámanhã — disse Anacleta mais tranquilla.

— Pelas suas alminhas — tornou o gallego — mande-nos pagar agora, que não temos um chavo para pagar a cama.

A bacalhoeira embrulhou em um papel dinheiro em cobre, atirou-o á rua, e fechou a janella.

Umas vizinhas beatas, antigas inimigas de Anacleta, ficaram resmungando:

— Sempre foi peixeira...

Dizia outra:

— Olha que mulher, que amizade tinha ao caixeiro, que nem manda procurar-lhe o corpo, para lhe fazer suffragios pela sua alminha, que Deus tenha na sua divina presença. *Padre nosso, que estaes nos céos...*

E outra:

— *Requiescat in pace, amen*... Que berzebum de feitiço terá aquelle mostrengo p'ra trazer em peccado aquelle senhor fidalgo da Patriarchal, que traz mesmo cara de condemnado por ella?... Eu te arrenego!... Sempre é mulher que tem bigode!... Pobre caixeiro... coitadinho!... mais um Padre-nosso por sua alma, ó tia Thereza!... *Padre nosso, que estaes nos céos...*

— E outro ao Menino Jesus dos atribulados, que sempre tem a novena mais bonita, que eu comprei por um pataquinho... Nunca as mãos dôam a quem te fez, minha querida novena do meu Menino Jesus dos atribulados...

— Ora, fique-se com Deus, snr.ª Rosinha... Aquelle já lá está; cada qual faça por estar com as suas côntas preparadas para o dia final, que cêdo virá... É verdade, ó snr.ª Rosinha, e que me diz aos jacobinos?

— Eu os arrenego em nome da Santissima Trindade, e de Santo Agostinho, advogado contra os hereges...

— Dizem que estão por esses mundos de Christo esses desalmados, que comem gatos e cães...

— E meninos, não sabia esta?

— Credo, credo, Santo Nome de Jesus, minha Mãe Maria Santissima, e todos os santos e santas da côrte celestial, que me diz, snr.ª Thereza?

— É como lhe digo... Ouvi-o dizer com estes ouvidos, que a terra ha de comer, ao meu confessor, que é aquelle santo

franciscano, que faz prophecias e milagres, e vê tudo quanto se passa nas Europas.

—Ó mulher, eu estou banzadinha!... Santo Breve da Marca! Até tenho arripios no meu corpo, salvo seja! Adeus, adeus, fechemos as janellas... *Minha alma magnifica e engrandece ao Senhor...*

## XII

A noite de Anacleta foi infinita. Não era a contrição, nem o pavor da justiça divina, que a atormentava. Eram-os espectros de duas victimas. Era o lampejo da luz, que pintava phantasmas nas paredes; o ruido dos ratos nos fórros, que se lhe afigurava o arrastar-se de um moribundo. Era tudo que a alma da mulher, excepção amaldiçoada á mansidão com que Deus a dotou, póde sentir, acordada de uma embriaguez de sangue.

Anciava pelo dia, e o dia veio. A maldita esperava socego, quando a luz viesse, e não o tinha. Durante a noite, quando Maria fechava os olhos para dormir, Anacleta despertava-a; não podia ver-se só. Aquella criança era-lhe um refugio: a vibora assustada escondia-se no seio da innocencia.

Dia claro, a criança dormia, e sua mãe escondia os vestigios do crime, e lavava o sangue que o cadaver espirrára, na quéda, sobre a porta do caixeiro.. Depois abria a secretária do seu amante de dezeseis annos, e transportava o dinheiro para um falso desconhecido, aberto por detraz do seu leito. Queimava o testamento, fechava a gaveta e o quarto, lançando as chaves, já agora inuteis, ao mais escondido dos fórros.

Principiaram os vizinhos a visital-a, lamentando como ella o fatal successo. Anacleta, reanimada, porque era impossivel succumbir ao terror uma alma assim, mostrava-se vivamente pezarosa, e, pelo desfigurado das feições, de boa fé a acreditavam, e muitos vieram, que retiraram compadecidos da sensibilidade da pobre senhora, que tão outra era do que devia esperar-se de seus principios.

Vieram creadas novas para casa, e, como se duas não bastassem a entretel-a nos seus tremores da noite, tomou quatro, que se olhavam pasmadas, como se perguntassem umas ás outras se sua ama seria douda.

De casa do marquez do Val veio um lacaio perguntar, na tarde d'esse dia, se o snr. D. Theotonio estava alli. Anacleta respondeu que não; e o creado disse que havia perto de qua-

renta e oito horas o fidalgo não fora a casa de seu irmão. Continuaram de quatro em quatro horas as perguntas, sendo sempre as respostas confirmativas do boato que corria do desapparecimento do monsenhor da Patriarchal.

Movia-se a curiosidade e a justiça, procurando novas do fidalgo. Deu-se, por ordem do corregedor do bairro, uma vistoria á casa de Anacleta dos Remedios. Encontraram-a carpindo-se da perda do seu bemfeitor, do pae de tres meninas, que ficavam orphãs, e pobres. Foram ao gabinete de D. Theotonio, arrombaram as gavetas, acharam papeis inuteis, e retiraram sem o mais leve indicio, que os esclarecesse do destino que tivera.

Por affectar pobreza, a bacalhoeira, restabelecida a plena tranquillidade do seu raciocinio, despediu tres creadas, e ficou com uma. Desceu a pesar bacalháu, o que não fizera desde muitos annos; continuou a alimentar no collegio suas filhas, mas privou-as das creadas, que não podia sustentar.

Mezes depois, esquecera D. Theotonio de Mascarenhas, e Anacleta, por não ser mais constante que a sociedade, esqueceu-o tambem, não obstante trajar, com descarada impudencia, sempre luto. Como se a concorrencia á sua loja augmentasse, a bacalhoeira, que não vivia já no mesmo predio e bem sabia ella por quê, recebeu um caixeiro e tornou a viver como senhora.

Maria entrava nos tres annos. Tinha mestres de musica e canto, que vinham a casa. Tinha de mais a mais uma aia, que, por alto preço, viera do seio de sua familia nobre, mas decadente, amestrar a menina na arte de bem fallar, e airosamente apresentar-se na sociedade.

Os invejosos admiravam o muito que a bacalhoeira podia; mas a sua loja revelava grande commercio, e recebia carregações de bacalháu exclusivamente suas, e d'alli muitos bacalhoeiros de segunda ordem eram fornecidos. Os prudentes não se maravilharam dos lucros que a snr.ª D. Anacleta empregava na opulenta educação de suas filhas.

Antonia e Emilia, nas poucas vezes que vinham a casa, retiravam-se admiradas do luxo de moveis com que sua mãe decorava as salas, e das numerosas relações que contrahira.

Anacleta, n'este tempo, teria quarenta annos. Em certas organisações, esta idade não póde chamar-se o occaso da belleza. Vêem-se, mais cêdo ainda, cabellos brancos, e rugas profundas; mas, para tanto, é necessario que o coração tenha envelhecido, e que a rajada do infortunio, aos vinte e cinco annos, tenha esfolhado as rosas todas da juventude atribulada.

Estas raras excepções não se entendiam com a opulenta bacalhoeira. Os seus cabellos lustrosos eram negros como os de

sua filha. O azeviche das pupillas tinha todo o verniz das paixões, cheias de força. A pelle grossa, mas alvissima, com os toques rubros da saude e do sangue irrequieto, não tinha um signal que denunciasse mais de trinta annos, e outros trinta para ser bella. Juntae a isto uma haste elegante, braços musculosos, artisticamente roliços do cotovêlo para cima, e pyramidaes para baixo; um pé grande, mas desculpavel como alicerce de tão grandiosa estatua, um vasto peito, branco de neve, e arfando de cheio, fareis uma idéa, remota, mas a unica da snr.ª D. Anacleta dos Remedios, qual póde dar-vol-a o espelho reflexivo da imaginação.

Sua filha mais nova era uma organisação mais franzina, mais apurada, mas representando a miniatura de bellos contornos de sua mãe.

Entre as familias que frequentavam a casa da bacalhoeira, mais querida e com mais carinhos recebida era a de um judeu da rua dos Fanqueiros, chamado Moysés Pereira.

O filho de Moysés Pereira, por quem D. Anacleta se sentia apaixonada, era um gentil moço, de vinte e cinco annos, com todos os traços, não degenerados, da formosa raça judaica. Captivo da sua indole depravada, Azarias raras vezes acompanhava sua familia a casa de Anacleta. O que elle sentia por ella eram desejos; mas não suppunha realisaveis os seus planos licenciosos; e outros, mais honestos, como o casamento, eram impossiveis.

Azarias era um dissipador. Consumia a avultada somma que seu pae lhe concedia, e anticipava creditos, que o bondoso pae pagou, até ao momento que se viu em risco de soffrer um abalo na sua fortuna. O joven judeu perdera em poucos dias trinta contos de réis em jogo. Moysés pagou-os honradamente, como severo respeitador da lei do Sinay; mas retirou da vista de seu filho os ultimos cobres da sua gaveta.

Deu-se uma occorrencia agradavel para Moysés. Os seus amigos de Amsterdam mandavam-o immediatamente partir para Hollanda, com a sua familia, onde fallecera seu irmão, e lhe legára uma fortuna de dez milhões.

Moysés aviou os seus negocios, e partiu. Quando esperava encontrar seu filho Azarias no hiate, não o viu. Mandou-o procurar, ninguem o encontrou. O ancião verteu duas lagrimas, e murmurou:—Senhor capitão, levante ferro! Meu filho, não é meu filho!... Partamos... Seja feita a vontade de Deus.

E partiram.

A essas horas, Azarias estava em casa de Anacleta dos Remedios. Era ella que o retinha em Lisboa, e fazia abjurar a obediencia a seu pae? Não.

Azarias amava até ao delirio outra mulher, inaccessivel pela elevação do seu nascimento, e quasi indifferente á fogosa paixão do mancebo. Não podia abandonal-a; mas não tinha subsistencia para quatro dias. Lembrou-se do ultimo esforço, e tentou-o, sem demorar-se a discutir-lhe a indecencia. Procurou Anacleta na vespera da sua premeditada saída. Surprendeu-a, chorando, como se as lagrimas ternas fossem caracteristicas n'aquella face de bronze.

Para ella foi encantadora a surpreza.

—Vem despedir-se de mim?—perguntou ella, soluçando.

—Venho cumprir esse desgraçado dever... Quero experimentar se tenho coragem para este lance...

— Que lance? Eu não o entendo bem.

— Assim devia responder-me... É o que eu esperava, Anacleta... é o que eu devia esperar da sua alma fria...

— Snr. Azarias!...—disse a civilisada bacalhoeira, com um trémulo de voz, semelhante ao das organisações delicadas — ou se engana commigo, ou eu estou muito enganada comsigo... Seja franco: por que me diz que a minha alma é fria?

— Porque em dois annos de convivencia, não fui capaz de lhe fazer comprehender que a amava.

— Eu!... que provas me tem dado d'esse amor?

— Que provas?...

— Sim... pois admira-se que eu lh'o pergunte? Quantas vezes acompanhava aqui a sua familia, e apenas me cumprimentava, fugia, se não tinha um pretexto para se retirar com delicadeza!

— Como foi leviana em julgar-me, Anacleta! a que distancia não estava o seu coração do meu! E pede-me provas!... As provas, senhora, são esse meu procedimento, que injustamente calumnia. Reputei-a sempre uma mulher perigosa. Tremia de mim quando pensava nos lances a que me conduzia uma paixão, á qual eu não podia ser superior. Fugia-lhe, sim... empregou a phrase propria, Anacleta, fugia-lhe, porque não podia encaral-a sem me sentir apertado na alma, e delirante no coração...

Azarias principiava a recordar-se de todas as palavras de estalo, e phrases fulminantes, quando Anacleta, mulher que peccava mais por obras, que por palavras e pensamentos, levantou-se do canapé, e foi sentar-se na cadeira proxima a Azarias. Tinha os olhos aguados, e as palpebras descaíam languecidas, como o pescoço, em uma postura inequivoca para o adestrado hebreu.

— Que quer de mim?— perguntou ella a meia voz, com requebrada e terna morbidez — uma confissão de amor, como nunca o senti por alguem n'esta vida? Eu amo-o, amei-o

desde que o vi, tenho soffrido, Azarias, sem esperança até este momento.

O mancebo, appellando para os inexhaustos recursos do theatro, ajoelhou-lhe de improviso aos pés, e levou aos labios sôfregos a mão volumosa da consternada bacalhoeira.

— Minha adorada! — disse elle, comprimindo ao seio a mão nada equivoca — agora partirei menos desgraçado...

— Partir!... para onde?

— Pois não sabe que a minha familia partirá ámanhã? — disse elle a custo, sentando-se, porque estava incommodado de joelhos, e deixando pender a cabeça para o seio — Partirei, Anacleta, já que os impios fados assim o decretam... Meu pae o quer!... Barbaro pae, cruenta guerra eu protesto fazer-te!... *(Eram reminiscencias da tragedia de Baptista Gomes, que vira dias antes representar na rua dos Condes.)* Deixar-te, Anacleta!... deixar-te no momento afortunado em que teus labios me vaticinavam uma ditosa signa!... Oh! mil vezes desgraçado! que melhor te fora a morte, se tão negra te é a vida!...

— Azarias!... — interrompeu Anacleta, levantando-lhe a cabeça do mergulho sentimental, em que o judeu algumas vezes escondia o riso de si proprio — Azarias, se eu fosse verdadeiramente amada...

— Se fosses verdadeiramente amada!... perdão... *se fosses*, disse eu!... excedi-me... perdoe-me, snr.ª D. Anacleta... este *tu* foi o muito amor... a muita allucinação...

— Trate-me como quizer... Esse *tu* chegou-me ao coração... Gósto que assim me trates, Azarias... Vês como êu te recompenso?

—És uma divindade! — exclamou elle, beijando-lhe a testa, sem que o resto da face perdesse a sua côr natural...

—Vou exigir de ti uma prova do teu amor — disse ella com intimativa.

— Exige, minha encantadora!

— Dás-m'a?

— Não m'o perguntes... A minha honra? o meu sangue? a minha vida? pede...

— Não é tanto... é o teu coração...

— Arrancado do peito?— disse elle, dando-se á postura ridicula de Catão, arrancando as entranhas.

— Não! quero-te com o peito, com todo o vigor, com todos os dotes com que a natureza liberalmente te dotou, meu Azarias... Sabes o que eu quero? Não vás com tua familia...

Nos olhos do israelita brilhou um raio de alegria, mas o artificio pesou-lhe na cabeça, e deu-lhe a curva beatifica de penitente de procissão.

— Vês?— disse ella, commovida — ahi está como tu me amas... Dávas-me honra, sangue e vida, e não és capaz de trocar por mim a tua familia...

— Não sou?... como és cruel!... Anacleta... Ha franquezas terriveis, que fazem córar as faces de vergonha... Mas ha momentos criticos em que a reserva seria um crime entre duas pessoas que se adoram... Queres que eu seja franco?

— Sim, sim.

— Perdôas-me a dolorosa expansão em que vou rasgar-te as entranhas da minha consciencia, para revelar-te uma verdade fatal?

— Diz, Azarias, depressa, que me tens em uma afflicção...

— Olha... meu pae... aquelle barbaro... privou-me... da... minha mezada... Oh!... que vergonha.

Azarias levava comicamente as mãos á cara, e escondia o impudente sorriso, emquanto a bacalhoeira soltava uma gargalhada.

— O que teu pae quizer, meu Azarias. Pois tu não sabes que o amor vence todas as difficuldades? E consomes-te!... Muito pequena tens a alma!... É só isso que te faz partir?

— Todos os deveres de filho esqueço por ti... sacrifico-t'os; mas sem meios não ficarei em uma terra, onde das minhas mãos correram ondas de ouro.

— Pois não irás... ou então desde já te digo que me não amas...

— Não irei?

— Não... digo-te que não... Sou rica... quero dar a minha riqueza a quem der o meu coração... Nada te faltará em Lisboa, meu querido Azarias...

— Anacleta! pede-me a vida, mas não me obrigues a viver á sombra de tua riqueza... Nas minhas veias gira o sangue hebreu... Meus avós morreram n'esta terra maldita para não abjurarem a sua crença; eu morrerei para não abjurar a honra.

Azarias, se lhe não faltasse o fôlego, tinha muito que dizer ácerca da sua honra. Felizmente Anacleta cortou-lhe o discurso, lançando-lhe o braço de fino alabastro, e bem fornecidos musculos, um pouco melhores que o alabastro, em redor do pescoço. Como envergonhada d'esta liberdade, retirou-o rapidamente, e foi comica por sua vez, levando as mãos á face para velar o pudor, rebelde em vir á luz do dia.

Tudo aquillo era bonito, e delicioso de ridiculo; mas, se é necessario adoptar uma aberração, um quasi absurdo na indole d'esta mulher, é certo que Anacleta amava sôfregamente o judeu, e sentia pela primeira vez, em alguma fibra intacta da lepra d'aquelle coração, os assomos juvenis de um amor capaz de sacrificios.

O mancebo, encartado no exercicio de todas as torpezas sociaes, e farto de estudar mulheres, sabia que tinha mulher e dinheiro, e que pouco mais ficaria valendo fazendo-se melindroso em aceitar a suspirada offerta.

— Azarias! não me amas!... — dizia ella, amuada, quando retirou o braço.

— Que queres de mim?

Esta exclamação fez effeito pela postura de victima voluntaria, que o devasso se deu.

— Que fiques em Lisboa.

— Ficarei.

— Que consideres tua esta casa.

— Que te considere minha... minha adorada Anacleta!

Estas palavras foram a vanguarda de um beijo menos pudibundo que o primeiro. Da testa descera aos labios.

— Sim, tua, tua... toda a vida — disse ella, arquejando, e pagando-lhe com usura o atrevido osculo.

N'este momento entrava na sala o mestre de piano, acompanhando a menina, que vinha dar a sua lição. Anacleta, involuntariamente, franziu a sobrancelha. No fundo do seu coração detestou a musica. A innocente Julieta, n'esses momentos, querer-se-ia sósinha com o seu Romeu, em uma alcatifa de folhagem, bem escondida dos olhos do mundo, em um bosque impenetravel. Os singelos amores são sempre assim... Quem os deturpa são os homens, que fazem romances, estes impios que arregaçam as cortinas do sagrado asylo das vestaes, rasgam-lhes a ellas as tunicas alvas, como a candida pombinha, e ousam atiral-as nuas á sociedade, que quasi sempre tem o impudor de apontal-as, e dizer: «Conhecemos assim umas poucas».

## XIII

O hiate partira.

Azarias estabelecera a sua residencia apparente na rua Nova da Palma; mas a sua morada habitual em todas as noites do primeiro mez, e durante a maior parte dos dias, era em casa da bacalhoeira. Nem elle nem ella faltaram aos seus compromissos. Azarias dava sensiveis provas de um exuberante amor. Anacleta não consentia que elle saísse de sua casa sem muito dinheiro para casos imprevistos. O israelita volvera á sua antiga opulencia. N'aquelles tempos, uma sege e uma parelha de machos era privilegio de poucos. Azarias, muito a contento da bacalhoeira, cegava os seus inimigos com

esse luxo miraculoso. Era geralmente sabido, na classe commercial, que o hebreu não tinha de casa de seu pae algum subsidio.

Entretanto, o homem não estava inteiramente gasto. Já sabemos que amava, como doudo, uma menina de alto nascimento, e pouco accessivel. Sem ella, Azarias não tivera desenvolvido tanta habilidade na scena que presenciamos. Por ella é que se venderia, não a uma mulher ainda bella como Anacleta, mas á primeira serpe calva e desdentada de Lisboa, que lhe custeasse as despezas da conquista.

No fim de quatro mezes a bacalhoeira deu balanço á sua fortuna, e viu, sem pezar, que a sua paixão lhe tinha custado dez mil cruzados. Restavam-lhe oitenta, porque oito, e os lucros do seu acreditado estabelecimento tinha elle consumido em regalias proprias. Era, e julgava-se verdadeiramente feliz. Recordações de Theotonio de Mascarenhas, se, alta noite lhe alvoroçavam o sangue, o calmante era Azarias, e o sangue entrava placido no giro regular das suas funcções.

A este tempo, o hebreu tinha feito grandes progressos na difficil empreza da esquiva dama. Fascinada pela gentileza do opulento moço, deixou-se abordar tanto quanto era preciso para dizer-lhe que o amava; que se animava a ser sua esposa, ainda que seus paes lh'o prohibissem. Azarias, conscio do resultado que teve, pediu-a e negaram-lh'a. Aproveitou a resolução da allucinada donzella, e marcou-lhe uma noite para a fuga. Estavam em terra todos os estorvos: faltava um, e porventura o mais respeitavel: dinheiro.

Anacleta, em uma das muitas horas de intimidade com Azarias, chamou-o ao seu quarto, e mostrou-lhe o seu thesouro. O mancebo affectou uma desplicencia, quasi desprezo, áquella revelação. Não perguntou a somma do capital, nem desperdiçou, a tal respeito, duas palavras. Anacleta poderia resentir-se na sua vaidade, se Azarias não a indemnisasse com alguns beijos, sem enthusiasmo, mas valiosos pela quantidade, o que na qualidade não podiam valer.

A noite da fuga era justamente aquella em que Anacleta estava ceiando com Azarias e sua filha. Finda a ceia, Maria recolheu-se ao seu quarto, e a bacalhoeira, encostada ao hombro do amante, entrava no seu.

— Estou mal do estomago — disse elle.

— Que queres, meu filho?

— Café.

Pouco depois, entrava a cafeteira e duas chavenas. Anacleta encheu-as, e offereceu uma a Azarias.

— Dás-me o meu cachimbo?— disse elle.

— Onde está?

— Na sala do jantar sobre a mesa.

— Vou buscal-o.

Anacleta voltava as costas, quando o israelita lhe lançava na chavena um pó esbranquiçado, que diluiu com a colhér.

— Aqui tens, meu anjo.

A carinhosa amante bebia o seu café, emquanto o impassivel hebreu saboreava os sorvos do tabaco opiado. Aproximava-se a hora da partida. Trocando-se brandas ternuras, Anacleta deitou-se, emquanto o judeu contemplava os rolos azulados do fumo do seu cachimbo. Apenas ella pousou a cabeça na almofada do travesseiro, disse que tinha um somno extraordinario, quando o café lh'o despertava de costume. Passou-lhe de relance pela memoria uma scena horrivel. Não se demorou a afugental-a. Adormeceu contra sua vontade. Quiz chamar Azarias, e não pôde. Quiz tocar-lhe, e não tinha braços que obedecessem á sua vontade. Era a immobilidade do cadaver; mas vivia.

O judeu operava tranquillamente. Abriu uma gavetinha do toucador, tirou uma chave com que abriu a quarta gaveta de uma commoda, despejou sobre os vestidos de Anacleta, amassados em fórma de trouxa, o dinheiro em ouro, buscou em roda de si alguma cousa que tivesse um fundo, pegou das meias da estremecida amante, improvisou duas saquinhas de peças, distribuiu grande porção pelas algibeiras, e tomou debaixo de cada braço um grande saco de cruzados novos.

Atravessou ás escuras as salas, que conhecia a palmos, desceu as escadas subtilmente, abriu a porta da rua com desembaraço, como quem sáe de sua casa, para não causar suspeitas ás patrulhas, e foi direito ao caes das Columnas, onde o esperava uma lancha. Entrou no hiate ancorado a pouca distancia, entrou em um beliche, abriu e fechou um bahú, e tornou para terra.

Quando passava entre a maruja, todos se descobriram. O capitão, acurvando a cabeça, onde alvejavam as cans, perguntou:

— A que horas nos fazemos ao mar?

— D'aqui a meia hora.

E meia hora depois, a mesma lancha conduzia o israelita, e uma dama, que chorava com a face apoiada no coração do mancebo.

Içaram-se as velas, o vento era de servir, e o hiate, ao dar a meia noite no convento dos Jeronymos, avistava, lá em baixo, o pharol na torre de S. Julião.

Segue o teu roteiro, instrumento de Deus!

## XIV

Ás onze horas do dia seguinte, com grande espanto dos domesticos, não havia rumor de vida no quarto de D. Anacleta.

As creadas não ousavam chamal-a, porque lhes era defeso não só pela ama, mas pelo seu proprio pudor, bater a uma porta de um quarto, onde existia um homem que não era marido da senhora.

A filha, menos respeitadora d'essas considerações, ou mais innocente, bateu á porta, mais de uma vez, e não ouvindo sequer um ai, animou-se do amor de filha, e abriu a porta. Assustada, correu ao leito de sua mãe, chamou-a, agitou-a, e deitou-se a par com ella, chorando, a altos gritos. Anacleta abriu os olhos espantadiços. Sentou-se na cama, e não podia suster a cabeça atordoada. Perguntou que horas eram, responderam-lhe que não tardava o meio dia. Olhou em redor, como quem procura alguem...

— Meio dia! — exclamou ella.

Saltou abaixo da cama, e não podia sustentar-se de pé, olhou para os vestidos entrouxados, e viu duas peças a luzirem em uma dobra; levantou os olhos aterrados para a gaveta, vê, duvida, affirma-se... era a chave que nunca alli deixára... vae, cambaleando, e encostada á filha, vê o cofre vazio!... Sustém-se um momento, como fulminada, leva as mãos á cabeça, que se lhe parte com dolorosos latejos, solta um grito pávido como o guincho de uma ave nocturna, e cáe como morta, exclamando:

— Roubada!...

Quando tornou a si, achou-se rodeada de caixeiros, de facultativos, de creadas e de vizinhos.

— Quem a roubou? — era a pergunta de todos; mas Anacleta não respondia a ninguem. A sua dor não se differençava do idiotismo. Tudo aquillo parecia-lhe um sonho. Roubada por Azarias!... isto era incrivel, impossivel! Seria uma cruel brincadeira? Tambem não...

Era quasi noite, e ninguem vinha decifrar o enigma do roubo. A justiça interveio immediatamente nos dissabores domesticos da bacalhoeira. Pediam-se-lhe esclarecimentos sobre pessoas, nas quaes podessem caír suspeitas. Perguntavam-lhe a quantia roubada; nem a isso respondia. Por mais que a surpreza afflictiva a embrutecesse, Anacleta ainda tinha a finura necessaria para conhecer a inconveniencia de confes-

sar o dinheiro que tinha... Não podia ninguem lembrar-se do capital que attribuiam ao monsenhor da Patriarchal.

Anacleta estava febril; mas fingia-se mais doente, para evitar perguntas. Ás onze horas da noite retiraram as numerosas amigas da enferma, e ficou o cirurgião assistente com Maria Amalia, que era inseparavel do leito de sua mãe.

O facultativo ignorava as intimidades de Anacleta com o filho de Moysés Pereira, supposto não ignorasse que se visitavam as familias. A doente parecia supitada nos pasmos, que succedem á febre, quando o cirurgião perguntou a meia voz a Maria:

— Então já sabe o que se diz a respeito do snr. Azarias, que aqui vi algumas vezes?

Anacleta estremeceu, e Maria, córando, respondeu:

— Não sei.

— Pois eu conto a v. s.ª O tal judeu, para não desmentir a raça especuladora á qual pertence, namorava uma rica herdeira, filha unica do morgado de Alpedrinha. Ninguem suppunha que elle fosse capaz de a fascinar; mas o caso é que a tal menina gostou do judeu, e fugiu com elle esta manhã.

Anacleta sentou-se na cama, vociferando um grito, que aterrou o proprio cirurgião.

— Minha mãe... que é?— exclamou anciada a pobre menina.

— É verdade o que acabo de ouvir?— perguntou Anacleta, lançando um olhar, que affectava cruelmente os nervos do facultativo — Isso é verdade?

— O quê, minha senhora?

— A fuga d'esse homem com uma mulher?

— É, sim, minha senhora.

— Quando?

— A noite passada.

— É impossivel... querem que eu endoudeça!... É mentira!

— Se eu soubesse que a molestava, snr.ª D. Anacleta, não daria tal noticia... mas não minto por cousa nenhuma. Azarias fugiu com a filha do morgado de Alpedrinha, d'isso é que ninguem duvida em Lisboa.

Anacleta, que fizera mais do que devera esperar-se da sua indole, não pôde por mais tempo suster os bridões á sua natureza.

— Esse homem roubou-me! — exclamou ella, desgrenhando-se como possessa — Esse homem é um ladrão, que me levou todo o meu dinheiro... Prendam-o, enforquem-o... Aqui, de el-rei, contra Azarias, que me roubou!

A antiga regateira estava no uso plenissimo das suas fun-

cções intellectuaes. A mulher natural era aquella! A mascara caíu, na presença dos que vieram da vizinhança aos gritos da enferma, e á choradeira da filha e da creada.

A medicina era impotente diante do desespêro de Anacleta. Temiam-a, e não houve braços nem consolações que a aquietassem até ás nove horas da manhã, em que a justiça veio aproveitar a maré cheia dos esclarecimentos. Era o juiz que interrogava Anacleta, fechado com ella no seu quarto:

— Quem a roubou?

— Azarias Pereira, judeu, filho de Moysés Pereira, e de Rachel Pereira.

— Quando a roubou?

— Na noite de quarta feira.

— Violentou-a?

— Deu-me opio para eu dormir.

— Como sabe que lhe deu opio?

— Porque se deitou commigo ás dez horas, adormeci logo, e acordei hontem ao meio dia.

— Então esse homem...

— Era meu amante.

— Quanto lhe roubou?

— Oitenta mil cruzados.

— Em que especie?

— Ouro e prata.

— Onde os tinha?

— N'aquelle cofre — apontando para o que estava sobre uma commoda.

O juiz entregou o cofre ao meirinho geral, que o esperava na antecamara, e os apontamentos ao escrivão.

O boato correu em Lisboa com a rapidez de todos os boatos que desacreditam, e foi bem recebido, como todas as infamias que dão margem aos commentarios. Admiravam o cabedal que a bacalhoeira accumulára, e vieram logo as suspeitas de dente envenenado morder a reputação da amante do monsenhor da Patriarchal, cujo fim e cujo dinheiro ninguem farejára.

O marquez do Val, irmão do beneficiado, quiz ver o cofre em que se achavam os oitenta mil cruzados. Reconheceu-o. Era uma preciosidade, que trouxera da India seu visavô, governador. Instaurou immediatamente um processo contra Anacleta dos Remedios.

A desgraçada, conduzida aos tribunaes para novas revelações, ouviu com estranha coragem a imputação que se lhe fazia de ter ficado com o dinheiro de D. Theotonio de Mascarenhas. Respondeu que a calumniavam: que aquelle cofre lhe fora dado por elle, para ella guardar as joias de suas filhas.

As probabilidades depunham contra a bacalhoeira; mas não houve uma só testemunha que a condemnasse, e não chegou a ser pronunciada.

Continuou o processo-crime contra o israelita. Pediram-se revelações para os reinos vizinhos ácerca da sua paragem. Não se alcançaram. Ao cabo de alguns mezes, dormia o processo, e a maledicencia tambem. Anacleta pagou as custas, e esperou novos esclarecimentos.

O estabelecimento da bacalhoeira poucos dias depois estava desmantelado. Quando ella tratava de dar balanço ao commercio, que, nos ultimos tres annos, deixára a cargo de caixeiros, viu que tinha sido roubada pelo guarda-livros, que, dois mezes antes, embarcára para o Brazil. Havia creditos; mas as dividas a pagar, supposto que apparecessem riscadas nos livros do caixeiro ausente, eram superiores aos creditos. Anacleta reconheceu que estava absolutamente pobre; antes, porém, que o ella soubesse, já as suas numerosas visitas o sabiam. Abandonaram-a.

A baixela, e moveis com que adornava faustosamente a sua casa, foram arrematados em leilão para pagamento de dividas. Despedida do predio que occupava, achou-se em uma pequena casa da rua da Rosa das Partilhas, com sua filha Maria Amalia, e uma velha creada, que a acompanhou, porque não teria quem n'aquella idade a tomasse pelo sustento.

Anacleta calculou as suas posses, e achou-se com tres cordões de ouro, alguns pares de brincos, anneis, fivelas, e insignificancias que lhe dera o conego, seu primeiro possuidor.

Suas filhas, Emilia e Antonia, terminavam n'esse mez o anno de collegio, cujo pagamento fora adiantado. Mandadas recolher a casa por sua mãe, não vieram. Queridas no collegio pelas suas prendas e virtudes, foram recebidas como mestras. Antonia ensinava todas as prendas de costura, Emilia auxiliava as educandas, na ausencia do mestre, a comprehenderem as suas lições de musica.

Eram felizes.

## XV

Sigamos, embora com repugnancia, os vestigios da desgraçada, que se arrasta sobre os espinhos da expiação, a que a Providencia da eterna Justiça a condemnou.

Anacleta dos Remedios, seis mezes depois que mostrára a Azarias o cofre, em que não via o sangue de Theotonio de Mascarenhas, teve fome. Os mediocres valores que o atrai-

çoado conego lhe dera, não existiam. Os abundantes bragaes, que podera salvar do sequestro, vendera-os. As pessoas, que lhe tomavam o seu chá, e comiam os seus jantares, responderam com uma esmola á sua primeira carta, com uma desculpa á segunda, e devolveram-lhe fechada a terceira. Tinha fome!

O suicidio occupou-lhe a imaginação algumas horas. Communicou a idéa a sua filha, e a infeliz menina abraçou sua mãe, soluçando: — Pois sim, morrâmos juntas, antes que a fome nos mate!...

Anacleta não tinha coragem para tanto. A allucinação foi passageira. Subira de peixeira para senhora de sala; descera de senhora de sala para uma baixa condição, que já conhecera... emfim, a fome não lhe era estranha, e a vergonha não a atormentava. De sua filha não póde julgar-se o mesmo. A sensação da fome sentiu-a pela primeira vez; a vergonha da indigencia queimava-lhe a face virgem dos calores do opprobrio.

N'esse dia, em que o suicidio fora adiado, Anacleta viu-se a um espelho, e murmurou: — Ainda não estou velha! No dia seguinte penteou-se, e vestiu-se o melhor que pôde. Encostou-se ao parapeito da janella, sorriu ao primeiro homem que passava, respondeu com um aceno a uma pergunta, e recolhendo-se para dentro, mandou retirar a filha para a cozinha.

Maria Amalia perguntava, depois, a sua mãe que homem era aquelle.

— É o procurador que trata da minha causa contra Azarias.

D'alli em diante a menina foi mandada recolher á cozinha muitas vezes, porque o procurador era certo todos os dias, e em todos elles deixava por conta do que havia de receber-se de Azarias alguns cruzados novos. A explicação satisfez Maria Amalia; mas como lhe acontecesse encontrar algumas vezes, de relance, variadas caras, sua mãe dizia que eram variadas pessoas encarregadas de averiguarem a residencia de Azarias para o capturarem. Como quer que fosse, o lume accendia-se todas as manhãs, e o jantar, se não abundante de iguarias, era frugal, e abençoado pela menina.

E os procuradores continuavam.

Aconteceu entrar um dos elegantes do tempo em casa de Anacleta. Como ignorante dos precedentes d'esta mulher, inquiriu-lhe a sua vida passada. Ouviu um contexto de mentiras, que o fizeram sorrir de compaixão. Anacleta, desmemoriada pela devassidão, ou entretida com outras emoções na época da sua gloriosa opulencia, não se lembrou que esse homem fora apresentado em uma das suas assembléas, que então se não chamavam bailes. O desconhecido fallou-lhe em

virtude, em honra, e temor de Deus. A meretriz soltou impudentes gargalhadas. O austero mancebo retirou-se triste: mas desde esse dia, Anacleta recebeu mysteriosamente uma mezada, que nunca tratou de averiguar d'onde lhe vinha. Lembrou-se de alguma restituição, e não achou merito na generosidade. Lembrava-se, porém, do moralista, que nunca mais apparecera.

Entre os concorrentes destacava-se pelas exterioridades um que ninguem diria ser procurador de causas... perdidas, como a da snr.ª Anacleta dos Remedios. Quem quer que era, apeava da sua carruagem no largo do Calhariz, e subia a pé a rua da Rosa das Partilhas, cosendo-se com as paredes, até se coar na humilde casa da fallida bacalhoeira.

N'aquelle tempo (1800) certos homens, mais hypocritas que os de hoje, e mais devassos talvez, envergonhavam-se de serem surprendidos em flagrante entrada ou saída por portas de casas, onde a virtude tinha fugido pelas janellas.

O cavalheiro, que visitava com mais frequencia a snr.ª Anacleta, era um d'esses benemeritos da opinião publica.

Recapitulando os dialogos que fallaram, aproveitaremos o ultimo, que deixa ver o dedo do gigante, que nos aponta todos os outros.

— Então, Anacleta, fallaste com a Maricas?

— Não, meu senhor... nem me atrevo a fallar-lhe...

— Forte tola!... por quê?

— Não sei como hei de principiar... Pega-se-me a lingua ao céo da bôca, quando vou a dizer-lhe o seu recado...

— O meu recado? Não lhe digas isso como recado meu... diz-lh'o como cousa tua; do contrario nada feito...

— Não sei que lhe faça, snr. duque...

— Cala-te... não me chames duque... já t'o disse...

— É verdade... tinha-me esquecido... perdoará...

— O que tu has de fazer é aconselhal-a...

— Não sei como, palavra de honra...

— Isso é facil... Ora olha; aprende este recado... «Maria, nós somos desgraçadas, e podemos ser felizes... Ha uma pessoa das primeiras pessoas de Portugal, que te quer muito, e que daria tudo para que tu fosses d'elle. Na infeliz situação em que estamos, tu não podes esperar um casamento, que te tire da miseria. Mais hoje ou mais ámanhã, has de ser de algum homem, que não tenha um vestido que te dê, nem te assegure um futuro melhor do que o que tens. Parecia-me que era uma fortuna para nós ambas tu quereres tomar amizade a este senhor, que muito em segredo te digo que é um duque.» Se vires que a pequena principia a fazer caretas de beata, diz-lhe logo isto: «Olha, Maria, tu já sabes o que é o mundo,

e o pouco que vale sacrificar-se a gente a uma palavra vã, que diz *virtude*. Logo que empobrecemos, fomos desamparadas por toda essa canalha que admirava o teu genio de pomba, e o teu coração de anjo. Deixa-te de honradez, porque a honra, se fosse uma offerta muito bem recebida por Deus, Deus não permittiria que as virgens, forçadas pela fome, se perdessem.» Ora repete lá isto que eu te disse.

Anaçleta, convencida das razões philosophicas do duque, repetiu o recado a seu modo, engasgou-se muitas vezes; mas o generoso fidalgo teve a amabilidade de repetir-lhe quatro ou cinco discursos, que por fim a bacalhoeira aposentada repetiu excellentemente.

Na ausencia do duque, Anacleta, com as idéas frescas, cobrou forças da philosophia e da miseria, fechou-se com sua filha, e repetiu, com poucas variantes, o texto do eloquente fidalgo. Maria Amalia ouviu pasmada o revoltante convite. Não pestanejava, não respirava, sentia rasgar-se-lhe o coração a cada palavra nova, que lhe feria os ouvidos, arfava como quem difficilmente reprime o choro, que vae rebentar dos olhos... Que sublime lance! que grandiosa lucta a do anjo com o demonio! Como seria expressivo da vontade de Deus o raio que n'aquelle instante descesse do céo a fulminar a serpente que se enroscava na pomba!

Maria, terminado o discurso, balbuciou:

— Não entendi, minha mãe... É impossivel que seja verdade o que eu suppuz!...

— Que suppozeste, Maria?

— Não me atrevo a dizel-o...

— Diz...

— Não posso... desengane-me... que é o que me quer, minha querida mãe?

— O que te quero, Maria?... fazer-te feliz...

— Quem me dera sel-o, meu Deus!... Mas de que maneira?

— Escolhendo-te um homem que te dê tudo que precisares...

— Um homem!... que homem?... Não temos parentes nenhuns...

— Parentes!... quaes parentes!... Um homem rico, capaz de te estimar, de te trazer no galarim, com bons vestidos, bem servida, e invejada das outras...

— Onde está esse homem, que me estima, sem me conhecer, sem eu o conhecer a elle, que, sem mais nem menos, me queira tirar d'esta infeliz situação que a desgraça nos deu? Que tenho eu para merecer tanto?

— A tua formosura...

— Ah!... — exclamou Maria, erguendo-se com as mãos

apertadas na cabeça — comprehendi tudo, santo Deus! Tenho dezeseis annos, e minha mãe manda-me ser má mulher! Oh! que vergonha...

Com a face cheia de lagrimas, e as mãos erguidas, Maria Amalia fugiu de ao pé de sua mãe, e debruçou-se em soluços na janella do saguão, onde aquella dor não tinha testemunhas.

Anacleta vacillava entre a compaixão e a raiva. Os instinctos perversos da peixeira regeneraram-se, como se bastantes annos de outra vida lhe não tivessem modificado a vocação. Abafados pela felicidade, á custa de infamias, resurgiram robustos no momento em que a penuria corroeu os vinculos que prendiam aquella mulher á sociedade.

Na alternativa, venceu a raiva. Anacleta bateu o pé no chão. Aquella reminiscencia da Ribeira Nova era significativa. Maria Amalia tinha de ceder.

A pobre menina, quando chorava, com meio corpo pendido sobre o saguão, sentiu a attracção do abysmo, e quiz precipitar-se. Conteve-a a memoria da sua amiga e mestra, a filha de nobres decadentes, que lhe dera lições de virtude e religião, apresentando-se, como exemplo, na sua posição de creada, nascendo senhora. «Se me não mato hoje — dizia ella na sua alma — terei de fazel-o ámanhã... pois ámanhã será...

Quando anoiteceu, os procuradores da causa de Anacleta revezavam-se. Maria, por amarga intuição, relampago de luz sinistra que lhe alumiou ignoradas torpezas, comprehendeu, n'essa noite, a vida de sua mãe. Lançou-se nos hraços da velha creada, e choraram ambas.

O duque, depois que ouviu devotamente com a sua familia a missa do capellão, veio, por travessas e bêcos, procurar á rua da Rosa o *ultimatum* das suas negociações. Anacleta, antes que elle lhe perguntasse o effeito do discurso, ergueu os hombros, como quem diz: «nada feito».

— Resiste? — perguntou o fidalgo.

— Eu não lh'o disse a v. exc.ª?!

— Ora, deixemo-nos d'isso, Anacleta... Eu não engulo araras... O que tu queres é que eu suba o preço... pois bem, subirei... Até aqui eram cincoenta... agora são cem moedas... serve-te?

— Quer v. exc.ª uma cousa? — disse Anacleta, com os olhos abrazados de cupidez, e a ancia das cem moedas no coração.

— Diz lá.

— O que não se faz por geito...

— Póde fazel-o a força... é o que queres dizer?

— Bem visto.

— Tambem póde ser... Que te parece?... gritará?...

— Que importa?... a creada saíu... e eu... serei surda, e cega...

— Mas, se a resistencia for invencivel... já se sabe que as cem moedas... é um contrato nullo... percebes?

— Percebo...

— Então, quando?

— Ella está no quarto da creada, ao pé da cozinha, á esquerda.

— Que faz ella?

— Eu sei çá?... parece-me que está a rezar as contas...

— Ah! ella reza?!

— Sempre... como não tem que fazer...

— Então parece-me que não ganharás as cem moedas, Anacleta!

— Quem se não aventurou, nem perdeu nem ganhou...

— Achas? Então... viva o anexim... Cá vou...

Anacleta teve um momento de terror. Perguntou a si mesma se aquella menina, que vendia, era aquella filha querida que a fizera perpetrar um homicidio... se era aquella que entregára aos desvelos de uma piedosa mestra, e aos extremos de uma apurada educação. Devia ser bem amargurada aquella intuscepção do passado! Quem poderá conceber a perdição de uma mulher, que póde assim recordar-se um instante, e em outro applicar o ouvido para escutar o motim da revoltante scena, que devia passar-se tão perto d'ella!

O duque, pé ante pé, entrou no pobre quarto, em que Maria Amalia, sentada sobre a cama, com a barba apoiada nas mãos entrelaçadas, e os olhos fixos em um registo de Maria Santissima, parecia pedir como quem pede a morte.

Ao ranger da porta, estremeceu. Quando viu um homem estranho, soltou um grito, e saltou abaixo da cama.

— Que é isso, menina? — disse o duque, recuando para a porta — Eu não a offendo...

Maria encostou-se a uma commoda com as mãos erguidas.

— Não tema, Mariquinhas... Eu não sou nenhum jacobino, que me divirta a devorar meninas galantes... Quiz vel-a de perto, já que de longe tão linda me parecia, e tenho a satisfação de lhe dizer que me não enganei... tanto melhor para a minha querida ingrata... Ora venha cá... conversemos aqui como o rôlo saudoso conversa no bosque ameno com a rôla saudosa...

Maria Amalia, sem descer as mãos da postura afflictiva de quem implora compaixão, recuava para o fundo do quarto.

— Entendamo-nos — disse elle, sem avançar um passo para ella — sabe quem sou?

— Não, senhor.

— Eu lhe digo... em primeiro logar sou um homem bem creado e attencioso, como vê. Em segundo logar, tenho um coração que já não é meu, porque desde o momento em que a vi, tive o desgosto de me achar sem elle. Em terceiro logar, sou um dos mais ricos de Portugal. Em quarto logar, sou duque. E em quinto logar, finalmente, faço tudo quanto quero.

Amalia sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, e susteve-se difficilmente em pé.

— Offereço-lhe o meu coração, a minha riqueza, os meus carinhos... se m'os não aceita... estamos mal... penso eu... Ora chegue-se aqui, Maricas... Uma menina bonita não deve chorar, que se faz feia... Venha cá... sente-se no meu collo, que lhe quero enxugar essas lagrimas...

Maria teve um pensamento, que lhe fez dizer no fundo do seu coração: Estou salva!

Caminhou para o duque, sem hesitação, e quando elle, com os olhos abrazados, lhe estendia os braços, a desgraçada corre á porta, que apenas estava cerrada, atravessa a cozinha, chega á janella do saguão, e precipita-se, exclamando:—Meu Deus, perdoae-me!

Anacleta, que ouvira o brado, vem á cozinha, e encontra o duque pallido e firme, no batente da porta do quarto, como assombrado de um raio.

— Minha filha?—perguntou ella.

O duque apontou a janella. A mãe correu, debruçou-se, e viu-a alvejando sobre as lages negras, com a face voltada para cima, e os regos de sangue a cruzarem-se.

Que foi o que ella sentiu? Não o saberão decifrar os profundos conhecedores do coração humano. A sciencia da dor é quasi uma arte que estabelece regras nos seus juizos; mas Anacleta era uma excepção monstruosa.

É certo, porém, que a malfadada, ao levantar os olhos do cadaver de sua filha, fixou-os no céo, perdeu a luz, e caiu aos pés do duque.

Tornando a si, Anacleta encontrou a seu lado a velha creada, que lhe perguntou:

— Fugiu a menina?

— Pergunta-me se fugiu!... sonharia eu?

— Como vim encontral-a n'este estado, cuidei que dera pela falta d'ella, e desmaiára.

Anacleta olhava, como ébria, para a creada. Depois apertou a cabeça, como quem precisa segurar uma idéa salvadora, que quer fugir-lhe. Pegou do braço da creada, chegou á janella, mostrou-lhe a filha, e murmurou em som de indefinivel terror:

— Está alli... morta... matei-a eu... Não me accuse... dei-

xe-me fugir... depois diga que foi sua mãe que a matou... Venda o pouco que tem n'esta casa para que lhe dêem uma sepultura... Adeus.

Anacleta desappareceu. Na noite d'esse dia a tumba da Misericordia levantava de sobre duas cadeiras um cadaver fracturado.

## XVI

Nove annos depois, Sebastião de Mello, em uma das suas excursões por paizes estranhos, entrava em Portugal pela fronteira do norte. Por esse tempo, um estranho, na provincia de Traz-os-Montes, corria perigo de ser arcabusado, apenas a voz «jacobino» fosse proferida, e um dedo apontasse a victima.

Sebastião de Mello, por desvios tortuosos procurava ganhar as alturas do Alvão, para descer á ponte de Cavez, onde as tropas portuguezas lhe garantiam segurança.

Perdido por serras agras e intransitaveis, anoiteceu-lhe no descampado de um vasto ermo, e fragas negras, de tojos e sargaços, entre os quaes se levantava uma pinha de cabanas colmadas, quasi imperceptiveis, se as columnas de fumo, açoutadas pelo vento da noite, não denunciassem que debaixo d'aquelle céo era possivel a existencia.

Á entrada da aldeia estava uma capella meio derrocada com as sete cruzes da via-sacra em redor. Na occasião em que o perdido caminheiro ahi passava, ás Avè-Marias, chegou um vulto á porta da capella, e por tres vezes tocou tres badaladas, tiradas por uma corda. Sebastião de Mello descobriu-se, e orou. N'aquella situação, a piedade fallava-lhe mais n'aquelles sons, perdidos na amplidão da cordilheira de montanhas, que toda a philosophia christã dos doutores da Igreja.

O passageiro parou para saber do ermitão da capellinha que terra era aquella, e quem lhe daria alli um bocado de pão, e umas palhas para o cavallo.

Viu caminhar na sua direcção um vulto, e conheceu uma mulher coberta de farrapos, que lhe perguntou:

— Quer alguma cousa, senhor, ou espera alguem? Deus lhe dê boa noite.

— Deus lhe dê a mesma. Não espero ninguem... Queria saber como se chama este povo...

— *Viduedo.* É uma terra muito desgraçada, não é?

— Pelo que parece... Mas não será tão desgraçada, que não dê gasalhado a um passageiro que se perdeu?

— Deus permittirá que o senhor não fique na rua. Eu vou ensinar-lhe a melhor casa do povo, onde ninguem bateu que não achasse agasalho.

Sebastião de Mello, que conhecia a pronúncia das provincias, fizera reparo na correcção com que a sua andrajosa guia se exprimia.

— O senhor vae para longe?— perguntou ella, arrancando da face um espinho de silva, que lhe abrira um rego de sangue.

— Feriu-se?— disse o passageiro, curvando-se para vel-a.

— Não é nada... A gente está afeita a isto...

— Perguntou-me se ia para longe?

— É verdade, mas arrependi-me... não faça caso da minha curiosidade... defeito de mulher velha...

— Vou para Lisboa...

— Sim! — disse a velha, escondendo o sobresalto —.Ainda tem que andar!... É muito longe, segundo dizem...

— Setenta e tantas leguas...

— Ora pois, Deus o leve a salvamento... A casa é esta... procure pelo snr. capitão, e terá uma noite de boa companhia... Passe muito bem, senhor.

— Espere... aceite esta lembrança da minha gratidão.

Sebastião de Mello dava-lhe algum dinheiro em prata. A mulher recusou-o com delicadeza.

— Muito agradecida... não lhe faltará occasião de o empregar melhor... Eu não preciso...

Sebastião de Mello batia á porta do caritativo capitão de Viduedo, quando a sua celebre conductora se sentára em uma pedra, soluçando suffocada em gemidos.

O capitão de Viduedo era realmente o homem que se pintára ao cavalleiro. A sua larga porta de carro foi aberta pelo proprio capitão, que vestia um avental de saragoça atado no pescoço, e umas polainas da mesma fazenda assertoadas até á cintura. A primeira entrada do hospede foi na córte das cavalgaduras, onde o snr. capitão tinha uma egua, segundo elle, o primor das eguas, que comprára por seis moedas e um quartinho na feira do S. Miguel. Acondicionado o cavallo com abundante milho e fêno, o passageiro subiu para a cozinha, onde encontrou, sentada em escabellos, a numerosa familia do snr. capitão, que tinha o prazer de ver assentados ao seu lar quatro avós, dois paternos, e dois maternos, o mais novo dos quaes tinha oitenta e cinco annos.

Sebastião de Mello foi acolhido com uma salva de estouros de castanhas, que saltavam na ampla assadeira, pendente do caniço sobre a labareda dos grossos tóros de carvalho.

O hospede sentou-se no melhor logar, que era ao pé do avô paterno do snr. capitão. Este velho, realmente, tinha no rosto sulcado o que n'aquellas terras se chama *musgo*.

— Que annos tem este seu avô?— perguntou Sebastião de Mello.

— Noventa e dois, feitos pelas bessadas, para o servir.

— Como aqui são longas as vidas! — disse o passageiro, fixando attentamente as cans venerandas d'aquelle seculo.

— Pois ahi onde o vê — disse o capitão — é rijo como as armas... Elle que lhe conte a vossemecê...

— A vossemecê?! — atalhou o velho — dobra a lingua... tu não sabes com quem fallas... Se fosses á capital do reino como eu, terias aprendido a ser cortez...

— Snr. capitão, trate-me como amigo, e deixe fallar seu avô... Então já foi a Lisboa?

— Já, sim senhor... Ha setenta e oito annos, feitos pelo S. Miguel.

— Conte lá essa historia cá ao senhor, que ha de gostar.

— Pois lá vae... O fidalgo não viu ahi na porta do carro uma pedra de armas, com quatro cabras por escudo, e um tambor por timbre?

— Como entrei de noite...

— Pois eu lhe conto... (1) Tinha eu treze annos... era assim um cachopo como aquelle meu bisneto que alli está a assar as castanhas. Andavam as guerras do snr. rei D. Pedro II com o rei de Hespanha. Os pêrros dos hespanhoes tinham entrado por Chaves, e estavam ahi acampados no Val de Aguiar, d'aqui legua e meia. Eu, quando o soube, estava-me cozendo cá por dentro, e disse a meu pae, Deus lhe perdôe:—Vou fazer fugir aquelles diabos.— Pozeram-se a rir de mim, e vae eu que faço? Vou pelo *povo*, e por outro que ahi está ao fundo da serra, que se chama Povoa, e pedi as lanternas de andar de noite á rega. Ao lusco-fusco, accendi-as, e botei fóra a rêz (2). Puz-lhe, com sua licença, nos galhos as lanternas, e disse ao pegureiro: — Anda lá p'ra diante co'esse gado. Havia cá em casa um tambor de andar c'os entremezes do entrudo, botei-o p'ro cachaço, e fui, fui, até avistar o acampamento dos pêrros. Apenas cheguei ao alto, comecei a tocar o tambor, e as cabras a descer com as lanternas, com sua licença, nos galhos. N'este comenos, ouvimos tocar tambores e cornetas, que parecia um inferno. E eu a descer pela montanha com a rêz... Não lhe digo nada... Os hespanhoes não pararam senão em Chaves, e levaram tapona de crear bicho,

(1) É verdadeiro e notorio este facto.
(2) Rebanho de gado lanigero.

porque foram encurralados na praça pelas tropas que vinham lá de por ahi abaixo de Guimarães. Ora ahi está. Depois veio aqui um governo de chapéo de bicos, e disse-me que o senhor rei me mandava ir a Lisboa. Atirei-me p'ra riba da minha egua, e preguei commigo no palacio real. Veio o senhor rei fallar commigo a uma cousa assim a modo de andor, onde estavam muitos figurões, que me diziam muitas cousas e tal et cetera. E vae depois, veio um governo, que ajoelhou ao senhor rei, e eu ajoelhei tambem; e elle pôz-se a rir, e os outros riram-se todos. Lembrou-me se era de obrigação rir-se a gente quando o rei se ria, e eu puz-me a rir tambem, e assim me Deus salve se eu sei do que era! E vae depois, meu amiguinho, o rei metteu-me um papel nas unhas, e mandou-me ao erario, onde me deram duzentas amarellas, e me disseram que eu era fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, para mim e p'ros meus descendentes, e que mandasse fazer o meu brazão pelo que vinha no diploma, que tenho lá em cima na arca. Ora ahi está a historia... agora vamos á ceia, que está na mesa.

Sebastião de Mello, maravilhado da obscura grandeza d'aquelle homem, nem por isso deixou de prestar homenagem a uma gorda gallinha, escoltada de nacos de presunto, que lhe pozeram diante. Comeu e viu comer admiravelmente. Deu graças a Deus, que eram entoadas pelo fidalgo da casa real, e ouviu fallar por essa occasião, de santos e santas que não eram do seu conhecimento. Dadas as boas noites, beijadas as mãos de tios, mães, paes, avós e visavós, sentaram-se á lareira, onde as raparigas do povo, com as rocas á cinta e as estrigas no aventaL, vinham fazer serão.

Sebastião de Mello estava pensando na velha, que tocava ás Avè-Marias, quando ouviu uma badalada, que fez largar o trabalho, e erguer as mãos áquella gente. Logo depois, como de um outeiro eminente, veio este pregão: (1)

— Rezae um *Padre-nosso* e uma *Avè-Maria* por todos aquelles que pedem á misericordia infinita o perdão dos seus crimes.

Rezaram.

— Rezae um *Padre-nosso* pelos que morreram sem poder pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Momentos depois:

— Rezae um *Padre-nosso* pela desgraçada penitente, que não ousa pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Deu-se um profundo silencio; e, rezada a oração, disseram todos:

---

(1) Em algumas aldeias do norte são usuaes estes pregoeiros nocturnos, que *encommendam as almas:* é a phrase popular.

— Coitadinha... és uma santa!

— Isto é costume cá da terra?— perguntou o hospede.

— Ha oito annos é todas as noites — respondeu á snr.ª Anna, digna esposa do capitão, limpando as lagrimas ao seu avental de serguilha.

— É alguma devota cá da aldeia?— disse Sebastião de Mello.

— Não, senhor. É uma penitente, que ninguem sabe de onde veio, ha oito annos.

— Eu, quando entrei no povo, encontrei uma mulher esfarrapada tocando a sineta da capella...

— É a mesma... é a santa...— disseram umas poucas de vozes.

— Pois durante uns poucos de annos — disse o hospede — não tem sido possivel saber de onde veio esta mulher?

— Não, senhor — disse a snr.ª Anna, fazendo zumbir o fuso, e salivando o fiado.— Esta creaturinha de Deus appareceu aqui toda esfarrapadinha, a tremer de frio, descalça, com as pernas enterradas na neve até ao joelho, que fazia mesmo doer o coração. Bateu á nossa porta, e pediu um bocadinho de brôa e uma tigela de agua. Mandamol-a entrar, disse que não entrava; quizemos dar-lhe uma aguinha de unto, não quiz bebel-a. Comeu o pãozinho, bebeu a agua, disse-nos muitas palavras de agradecimento, e foi-se embora. Mandei o meu João atraz d'ella, que não fosse a creaturinha morrer estatelada em algum barranco de neve, e elle foi topal-a ajoelhada no coberto da capella, a chorar e a gemer, que o meu João veio a chorar para casa, e fez-nos chorar a todos. Fui eu lá onde a ella, e mais aquelle avô do meu João, que sabe dizer as cousas com mais aquella, pedimos e tornamos a pedir, mas não houve trazel-a p'rá fogueira. Á noite fomos lá outra vez, e ella pediu-nos uma mantinha velha, e mais nada. Dormiu no coberto da capella, que é assim a modo de um alpendre. Pela manhã fomos a ver se ella estaria morta, e topamol-a a vir com a mantinha para nol-a dar. Dissemos-lhe que viesse comer um caldinho, não quiz. Demos-lhe o bocado de brôa, não o aceitou, e disse que ia bater a outra parte.

«Foi a casa de uma pobre, que mora aqui nas costas da nossa casa, e achou-a na cama a tremer maleitas, que andavam n'esse anno muito atreitas por cá. Sentou-se ao pé da mulherzinha, agasalhou-a, tratou d'ella nas tremuras, e no fim comeu um migalho de brôa, e bebeu agua. Começou a gente a tel-a por santa, e ella dizia que era a maior peccadora que Deus botára ao mundo. Onde houvesse um doente, ella lá estava de dia a tratal-o, mas de noite vinha dormir ao alpendre da capella. Quando, ao domingo, o snr. padre Janua-

rio da Povoa vinha dizer missa, a pobrezinha não entrava na capella, ficava sempre cá fóra no alpendre, sempre com a cara na pedra estreme. Assim que tinha o fatinho roto, que se lhe visse a carne, aceitava um, mas havia de ser de serguilha, que trazia mesmo sobre a pelle de verão e de inverno. Dizia o snr. padre Januario que era uma penitente, e um frade varatojano, que veio ás missões, disse que era uma santa.

— Mas agora, snr. fidalgo,— disse o capitão — sempre lhe vou fazer uma pergunta, que me tem dado que congeminar cá com a familia. Por que será que ella se não confessa, nem quer dizer o seu nome?

— Deus o sabe! — respondeu o passageiro, profundamente reconcentrado n'aquelle grandioso segredo.

— Ora ahi está,— disse triumphantemente o cavalleiro da ordem de Christo — é o que eu tenho dito a estes lapuzes, que querem saber tudo, que nem os homens que têem andado terras, como nós, se atrevem a dizer... Deus o sabe... é o que é.

Finda a historia, as raparigas principiaram a entoar a ladainha de nossa Senhora, com admiravel accorde de vozes, que entristeciam, e, ao mesmo tempo, suavisavam as máguas occultas de Sebastião de Mello. Á meia noite, cada qual das que vieram ao serão, pegou no seu tanchão accêso, e despediu-se com a phrase usual: «Com bem passem a noite.»

O capitão foi guiar ao quarto o hospede, e tratava de metter o gancho da candeia em uma fisga da parede, quando Sebastião de Mello, sentado em uma caixa, com o coração preoccupado por tudo que era mysterioso e extraordinario, disse ao capitão:

— Meu amigo, ha de fazer-me um importante favor.

— Não tem mais que pedir, snr. fidalgo.

— Ha de mostrar-me a capella, em cujo alpendre dorme a santa, porque me parece que, se eu for sósinho, não atinarei.

— Vamos lá, meu senhor... é já.

— Tem de me fazer outro favor... Logo que me mostrar a capella, ha de me deixar sósinho com essa mulher.

— O que o fidalgo quizer.

Saíram. Eram profundas as trevas. O vento, arrastando-se sobre a vegetação d'aquelle ingrato solo, soava um rugido abafado. Os mórros de fragas, negrejando na escuridade, pareciam as entranhas da terra, que rebentavam em um eterno cháos. A sineta da capella, sacudida pelos furacões, vibrava uns sons amortecidos, como as ultimas badaladas de um dobre a finados.

O capitão, afeito áquella scena, não reparava no extase,

mixto de terror e admiração, em que Sebastião de Mello se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso.

O lavrador mostrou a capella ao seu hospede, e retirou-se dizendo-lhe que acharia o portão de casa aberto, quando quizesse entrar.

## XVII

Sebastião de Mello parou no limiar do coberto, e viu um vulto immovel, embrulho indecifravel, chegado á fachada da capella. Caminhou para elle. Ouviam-se apenas as areias estalarem-lhe debaixo dos pés. A penitente dormia, com a face encostada no degráu da ermida. Mello cruzou os braços, e mergulhou os olhos em um quadro de soffrimento, novo para elle.

D'ahi a pouco, rajadas de chuva fria, fustigadas pelo norte, entravam no alpendre, e batiam na face do filho de frei Balthazar da Encarnação. Occulto por detraz de um pilar, que sustentava um coberto, esperou, gelando-se de frio, compenetrar-se do que seria aquella pobre mulher, soffrendo assim oito annos.

Pensava, e pedia á phantasia a revelação d'aquelle mysterio, quando a penitente soltou um gemido trémulo e prolongado. A infeliz tiritava, e limpava com a manta a face borrifada pela chuva.

— Que frio, meu Deus! — exclamou ella. Houve um quarto de hora de silencio.

— Adormeceria outra vez? — perguntava-se Sebastião de Mello — Como será possivel? A dor petrificará o corpo como a alma?

Uma segunda exclamação da mulher sem nome, quebrou as reflexões do passageiro:

— Maria Santissima! quando os meus dias estiverem contados, dae-me uma agonia menos atormentada que este viver!

Esta linguagem augmentou as suspeitas de Mello, que, desde as primeiras palavras, proferidas por esta mulher, imaginára, que debaixo d'aquelles farrapos não estava um soffrimento ordinario, e uma mulher commum.

— Senhor Deus!... — continuou, com intervallos, a penitente — Eu não me queixo. A minha alma acolhe com prazer os soffrimentos; mas o corpo é fraco... Não vos peço, Deus de misericordia, um dia menos no meu praso de expiação! Senhor, o que vos pede a peccadora é, á hora da morte, um signal do vosso perdão.

A penitente, quando proferiu esta ultima oração, estava de joelhos, com os olhos cravados na lampada do altar, através do ventilador, lateral á porta. O som convulso da sua voz soava no pequeno ambito da capellinha.

— Jesus crucificado, não me deixeis morrer sem que eu ouça o perdão de minha filha, do meu anjo, da minha victima, da minha desgraçada filha...

Suffocaram-a os soluços, que pareciam os gritos surdos de uma garganta, comprimida pela violencia da asphyxia. Sebastião de Mello, com toda a sua valentia moral, sentia mêdo, este mêdo supersticioso, que as almas pequenas nunca sentiram, e que nos povôa a escuridão de phantasmas.

A penitente continuou:

— Se eu fiz victimas, Senhor... se não pesam sobre a minha alma tres cadaveres sómente... se as minhas duas filhas, que deixei no mundo, ganham o pão com a deshonra, fazei que eu reconheça o seu infortunio, porque é preciso que sobre a minha cabeça cáia mais sangue!... Mandae, meu Deus, mandae uma voz, que me diga o numero de victimas que amaldiçoaram o seu algoz...

— Não sou a voz enviada de Deus; mas posso dizer-lhe, senhora, que a minha voz nunca blasphemou contra a misericordia divina! — disse Sebastião de Mello, caminhando um passo para ella. A penitente levantou-se de um salto, como acordando de um sonho. Fitava no homem que tinha diante de si o olhar espavorido da demencia; recuava, com os braços em postura de quem afasta um espectro; parecia querer fugir-lhe, quando o passageiro, apressando-se em impedir-lhe a saída do alpendre, lhe tomou a mão:

— Repare que sou um homem, senhora. Não se aterre, que eu não venho perturbar o segredo das suas tribulações, para amargurar-lh'as mais do que ellas são. Não conhece o cavalheiro, que ha poucas horas conduziu a casa do capitão? Já vê que sou um homem...

— Conhece-me?— perguntou ella, retirando a mão de Sebastião de Mello.

— Não a conheço melhor que esta pobre gente, que a vê soffrer... Não poderei dar-lhe mais doces consolações do que esta gente lhe dá... Mas eu tenho o que elles não têem... um coração experimentado de amarguras proprias, e uma intelligencia apurada pela dor, capaz de conceber as alheias.

— Diga-me, senhor...— disse ella, lançando-se-lhe aos pés — diga-me.. foi Deus que o mandou aqui?... foi um acaso que o trouxe a esta terra ignorada de todo o mundo, ou foi um toque divino que o encaminhou para estes sitios?

— Os designios de Deus operam-se por meios occultos.

Não tive nunca tenção de aqui vir; e comtudo acho-me aqui, no momento em que uma desgraçada pedia a Deus uma voz, que lhe revelasse...

— Pois sabe?... sabe o que eu pedia a Deus? póde responder-me, senhor!?

— Não posso, mas quem sabe se poderei em breves dias?... quem sabe se poderei já n'este momento? Como poderei eu, sem a inspiração do céo, conhecer a infeliz que me occulta a sua vida?

— A minha vida!— exclamou ella — A minha vida!... póde ella contar-se?... Não, ninguem m'a ouviria, sem sacudir os vestidos manchados do sangue que escorre gotta a gotta dos meus... Oh! senhor!... vá... vá... fuja d'esta mulher... se alguem me ouvir... se essa gente, que me dá um bocadinho de pão, soubesse quem eu sou... apedrejava-me... Contar a minha vida!... Para quê?... A Deus, sim... Só a Elle... E conto-lh'a todos os dias, porque é preciso que eu me vá despedaçando com as recordações sempre vivas dos meus crimes.

— Senhora! Em nome de Deus, que nos ouve, em nome de Deus, que a escuta todas as horas, abra o seu coração a um homem, que póde fazer-lhe algum serviço n'este mundo... Ajoelhe outra vez n'aquelle degráu... É impossivel que Deus não a ouça... eu orarei tambem... peça-lhe que lhe dê um toque no coração, se eu devo ouvil-a; eu pedirei que me gele na alma o fervor com que vou pedir-lhe, se não sou digno da sua confiança, pobre senhora.

— Eu! ouvida de Deus!... eu, que não me atrevo a passar d'este degráu com mêdo de attrahir o raio da vingança sobre os innocentes, que me chamam santa!

Emquanto ella caía de joelhos, exclamando surdamente estas palavras, Sebastião de Mello, tocado pela faisca do enthusiasmo religioso, tinha ajoelhado. Ao ajoelhar-se viu atraz de si a penitente com as mãos erguidas, em um extase, que augmentou o terror religioso do futuro ministro do altar.

— Sois um homem bom, senhor!... — disse ella, levantando-se, e tomando-lhe a mão — Não tive, não devia esperal-o, nenhum toque no coração; mas de repente vejo-me attrahida para um homem, cujas feições mal vi ainda... É impossivel que não sejaes um justo...

— Não sou, se o fosse, teria adivinhado que n'estes ermos existia uma infeliz ignorada de todos os que vivem, como eu, no tumulto das paixões mundanas... Sinto-a tremer... cubra esta capa.

— Não aceito, senhor. Tenha cuidado da minha alma, que o corpo não me dóe.

— Falle... Que é o que a prende ao mundo?

— A punição...
— Tem crimes?...
— Immensos.
— Perseguem-a?...
— Os espectros das minhas victimas... São muitos...
— Matou?...
— Matei...
— Com desgostos, talvez, involuntariamente?...
— Com veneno, com a cumplicidade, com a deshonra...
— Basta... Eu não sou confessor... Os que morreram estão na presença do Juiz; mas se o sangue cáe sobre os que ficaram, procuremos salval-os. Ouvi-lhe dizer que deixára no mundo...
— Duas filhas...
— Onde?
— Em Lisboa...
— Lisboa!?...
— Sim... conhece-me... já sabe a amaldiçoada que tem diante dos seus olhos?
— Não posso responder-lhe já... — disse Sebastião de Mello, limpando da testa gelada um suor cálido — O neu nome?
— Que importa o meu nome?... Sou a condemnada!
— O seu nome, senhora!...
— Se me conhece, não precisa que eu lh'o diga... criminosa como eu, sou eu só... Se me não conhece, não importa que o não saiba...
— Ouça... eu vivo ha annos em Lisboa...
— Ha nove annos?
— Ha doze...
— Conhece-me, não é assim?
— Não sei... Ouvi fallar de uma fatalidade...
— Qual?
— Conheci um homem chamado Theotonio de Mascarenhas.

A penitente soltou um grito, correu para Sebastião de Mello, com impetuosa vehemencia, e levou-lhe a mão á bôca.

— Não pronuncie esse nome, que me mata, por piedade... Oh! senhor! Se me conhece, tenha compaixão de mim...

— Conheço-a, senhora... Sei a sua vida... foi estrondosa de mais, para que o ruido dos seus infortunios não chegasse aos ouvidos de um homem, que estuda a sociedade no mais asqueroso das suas pustulas... Conheço-a... Anacleta...

A infeliz deixou caír os braços e a cabeça. Não havia n'aquella machina de dores, já combalida, forças para a exaltação. O instante mais atormentado da sua penitencia foi de certo aquelle. Depois de nove annos era aquella a primeira

voz humana, que lhe dizia: «As tuas infamias não as esqueceu a sociedade.»

— Anacleta, — continuou Sebastião de Mello, tomando-lhe as mãos — seria Deus que me enviou aqui?... Pronunciei-lhe um nome que a encheu de mêdo... Olhe... se eu tivesse uma vida immaculada, se podesse julgar-me illuminado no que se passa sobre os juizos humanos, dir-lhe-ia que Theotonio de Mascarenhas já lhe perdoou...

— E minha filha? — gritou ella, caíndo de joelhos aos pés do desconhecido, que lhe apontava os crimes.

— Sua filha foi um anjo na vida... é um anjo na presença de Deus, e ao pé de Deus não ha odios nem vinganças.

— Mas eu matei-a...

— Vendeu-a...

— Que infamia, meu Deus!

— Ha tres annos que morreu um duque, que, á hora da morte, pedia que lhe afastassem de entre os damascos do seu leito a face ensanguentada de uma infeliz menina que elle fizera precipitar de uma janella, fugindo á deshonra.

— Tudo se soube, justo Deus!

— Tudo... A mãe d'essa infeliz foi procurada nas margens do Tejo... A população de Lisboa queria conhecer a mãe que lançára sua filha a um saguão...

— E fui eu, misericordia divina, fui eu que a matei!... E amaldiçoavam-me todos, não é assim?

— Todos, não. Alguem escreveu as paginas da vida d'essa *desgraçada*, e não lhe dava senão este nome...

— Poupe-me, senhor, por compaixão... Sem que eu lh'o pergunte, diga-me tudo o que sabe da minha vida...

— Anacleta tinha duas filhas...

— Sim... sim... duas filhas... em um collegio.

— Emilia casou com um pobre mestre de musica, cujas lições ella ajudava no collegio. Vivia com muita honra, e muita pobreza. Lamentava sua irmã; mas não ousava polluir-se com nódoas, que sua irmã, involuntariamente, recebera na sua reputação...

— Pobre Emilia!... coitadinha! A minha filha, pobre... e tão rica tinha nascido... Outra victima, Deus inexoravel!

— Não blaspheme, Anacleta...

— Perdão, perdão, Senhor!...

E caíu com as faces sobre a lage, murmurando:

— E Antonia?...

— Antonia, quatro annos depois que sua mãe desapparecera, forçada por uma paixão invencivel, entregou-se a um homem, que mudou de nome e desfigurou a sua posição social, para, a titulo de casamento, a arrebatar dos braços da

honra e do trabalho... Esse homem era um general, chamava-se Gervasio Faria; foi fuzilado ha um anno, não sei o que é feito d'ella...

— Desgraçada filha... Outra victima, meu Deus... não ha perdão para mim!...

— Levante-se, Anacleta... Quer seguir os passos que, n'este mundo, caminha o anjo invisivel da punição? Duas meninas pobres, a mãe prostituida aos que passavam, uma virgem com a face partida em uma pedra... tudo isto foi feito por um homem, que roubava a uma amante o dinheiro que ella roubára ao pae de suas filhas, matando-o. Mas Deus serviu-se do instrumento, e quebrou-o depois. Azarias saíra de Lisboa, com o ouro da fraca mulher, que devia ser punida. Vagou tres dias com feliz jornada para um remoto clima. Ao quarto, uma tempestade atirou com o hiate para mares desconhecidos. Ao quinto dia, o ouro roubado estava no fundo do abysmo, e trinta vidas assoldadas a esse ouro. Ao sexto, brincavam as ondas com uma pequena lancha em que se viram primeiro tres vultos, e, ao setimo dia, dois. Ao oitavo dia de viagem, essa lancha partira-se entre uns rochedos. Saíram dois homens com um cadaver. Um dos homens caiu desfallecido em terra, e nunca mais se levantou. Azarias encontraram-o nas praias de Tanger, cavando com as unhas um fôsso para sepultar uma menina, que roubára de casa de seu pae, que morreu dois mezes depois.

— Oh! justiça de Deus!... E elle?

— Não sei... Quando ia ferir-se com um punhal, caiu-lhe o ferro das mãos, ajoelhou, e pediu ao Deus de Moysés, que é o Deus de todo o mundo, que o punisse. Se o visse, Anacleta, perdoava-lhe?

— Oh! sim, sim, perdoava!...

— Essa resposta exprime o estado da sua alma! Mulher... é impossivel que Deus lhe não tenha perdoado... Diga-me... Qual é o seu futuro?.

— Isto que vê... estou ajoelhada sobre a minha sepultura...

— Em toda a parte está Deus para abençoar a morte, que lava as iniquidades da vida... Venha para Lisboa... dar-lhe-hei um quarto e um crucifixo, e um leito onde morra...

— Nunca, sem que a voz de Deus me mande.

— Não posso fazer nada em seu beneficio?

— Fez tudo o que podia...

— Nada, absolutamente nada?

— Muito ainda... Venha commigo... Ajoelhe aqui... Faça um juramento... Diga... Nunca direi a pessoa alguma do mundo, emquanto Anacleta for viva, que vi esta mulher.

Depois de morta, dil-o-hei, para que o mundo perdoe á sua memoria.

Sebastião de Mello jurou.

— Agora... deixe-me... preciso chorar... Vá... diga a todo o mundo que peça a Deus pela maior das peccadoras... Vae para Lisboa?

— Vou.

— É rico?

— Tenho para valer a pobres...

— Se encontrar minhas filhas com fome, dê-lhé um bocado de pão... o bocado que me daria a mim se lh'o pedisse... Adeus.

A ultima palavra disse-a com os olhos já cravados na imagem do Christo, cuja alampada ia apagar-se.

Sebastião de Mello, como alheado de si, febricitante e extenuado, retirou machinalmente.

D'alli, a um tiro de bala, viu um vulto. Era o capitão de Viduedo.

— Homem,— disse elle — eu estive á espera duas horas, e quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe aconteceria alguma desgraça. Os lobos ainda hontem foram á córte da tia Thereza do Quinchoso, e comeram-lhe, salvo seja, tres cabras. Estava a ver se os lobos teriam dado c'o fidalgo. Tirei-me dos meus cuidados, peguei na caçadeira, e vim por ahi fóra. Quando aqui cheguei ouvi um zum-zum, e logo me pareceu que o fidalgo estava a fallar com a santa...

— Ouviu o que dissemos?

— Nem palavra... eu cá não sou d'esses homens... Então é santa ou não é?

— Deus o sabe.

— É o que diz o meu avô... Quem tem andado terras, é uma cousa bem ao invéz da gente do matto.

— Que horas são, snr. capitão?

— O sete-estrello vae alto... Isto, por mais que me digam, vae lá p'rás quatro horas. Agora toca a dormir... e com bem passe a noite, fidalgo. O cavallo está a comer até dizer *basta*.

Sebastião de Mello não cerrou os olhos.

Tomára chá em casa de D. Anacleta na época da sua opulencia, fallára-lhe em virtude em casa da meretriz na rua da Rosa das Partilhas, dera-lhe mysteriosamente uma mezada com que mataria a fome a duas familias numerosas, encontrára a penitente, finalmente, debaixo do alpendre da ermida de Viduedo. Que tres reflexos da mesma imagem! Que tumulto de sensações para uma imaginação apaixonada!.....

.....

Devia ter nascido o sol, quando o hospede se despediu do

fidalgo de Viduedo, que tão solícito gasalhado lhe dera; mas o céo estava negro, as fragas coroavam-se de castellos de nuvens, que pareciam, impellidas pelo vento, rodarem na esplanada, e despenharem-se nos abysmos.

Sebastião de Mello levava comsigo um prático, com quem se entretinha fallando na santa, e nos milagres que já lhe eram attribuidos. A um quarto de legua de Viduedo, na descida dos precipicios que prendem as pittorescas varzeas da ribeira aos alcantis d'aquelles sêrros amaldiçoados, o prático parou, e exclamou com grande pasmo e devoção:

— Ella lá está!

— Quem?

— A santa.

— Onde?

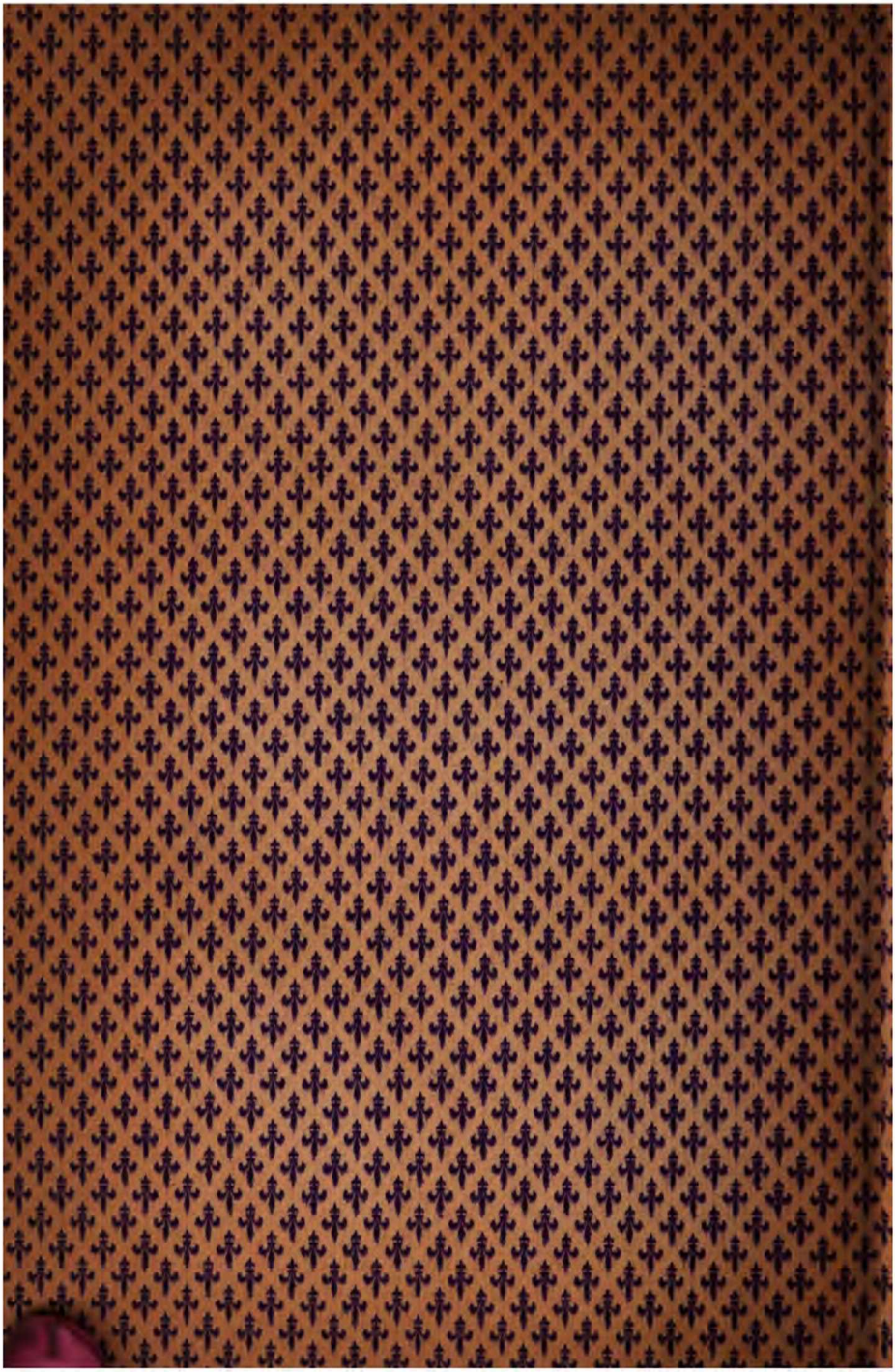
— Olhe aqui n'este direito, por entre estes dois cabeços de fragas; não vê no alto um choupello assim a modo de uma touça, e um calháu mais alto?

— Não vejo.

— É porque a nevoa se prantou diante... Deixe-a passar... Olhe, lá está, não a vê acenar-lhe com o avental?

— Vejo...

Sebastião de Mello, com os olhos cheios de lagrimas, parado em um angustioso extase, dizia-lhe adeus com a mão. Os cabellos da infeliz voavam, sacudidos pelo vento. O passageiro acenou-lhe que viesse ao caminho; e ella, immovel como a fraga que tinha diante dos pés, parecia petrificada. Mello, concebendo a vontade de Anacleta, seguiu o seu caminho. Ao voltar de uma encosta, em que a perdia de vista, olhou, pela derradeira vez, e lá a viu agitando o seu avental. Era o ultimo adeus.

O prático não ouviu uma palavra mais do cavalleiro.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME